



UNIVERSIDADE
LUSÓFONA
DO PORTO

Miguel Ângelo Da Silva Ferreira

**Olhar sem ver: O impacto social da
narrativa de Viagens e a
indiferença.
Um estudo sobre o grupo *Facebook*
“*Amantes de Viagens*”.**

Trabalho realizado sob orientação do
**Professor Doutor Rui Alberto Mateus
Pereira**

Dissertação de Mestrado
Comunicação, Redes e Tecnologias

Junho 2019



UNIVERSIDADE
LUSÓFONA
DO PORTO

Miguel Ângelo Da Silva Ferreira

Olhar sem ver: O impacto social da narrativa de Viagens e a indiferença.

Um estudo sobre o grupo *Facebook* “*Amantes de Viagens*”.

Dissertação de Mestrado
Comunicação, Redes e Tecnologias

Dissertação defendida em provas públicas na Universidade Lusófona do Porto no dia 18/06/2019, perante o júri seguinte:
Presidente: Prof. Doutor Luís Miguel Nunes da Silva Loureiro.
Arguente: Prof^a. Doutora Carla Preciosa Braga Cerqueira Pereira (Prof. Auxiliar da Universidade Lusófona do Porto).
Orientador: Prof. Doutor Rui Alberto Mateus Pereira.

Junho 2019

É autorizada a reprodução integral desta tese/dissertação apenas para efeitos de investigação, mediante declaração escrita do interessado, que a tal se compromete.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as pessoas que contribuíram para a realização da presente dissertação. Agradeço e dedico em especial:

À minha família e amigos.

Ao grupo “Amantes de Viagens”, em especial ao administrador e fundador João Almeida, pela possibilidade e aprovação de estudar o grupo nesta investigação.

Ao meu orientador, Prof.º Doutor Rui Alberto Mateus Pereira pela dedicação e plena disponibilidade na compreensão, apoio e partilha de conhecimentos.

RESUMO

Numa época em que impera o digital, a questão mais importante é o tema relacional Eu/Outro; Nós/Outros. O individualismo de hoje substitui os laços sociais de outrora, deixando as pessoas presas na sua própria bolha. Numa tentativa de compreender o atual comportamento humano, o estudo sobre o indivíduo tem sido um dos assuntos que mais tem motivado diversos e célebres autores.

Verificam-se notórias mudanças ao nível comportamental do ser humano, deixando por vezes a impressão de que o indivíduo deixa de ser o animal racional para passar a ser o animal selvagem, que se movimenta agressivamente num espaço onde reina a indiferença e o distanciamento. Um exemplo desta modificação é o aumento das viagens e dos viajantes chegando e partindo, mais conhecido como Turismo, um fenómeno que se tem traduzido, simultaneamente, numa compressão territorial e numa visão mais consumista do mundo.

Esta dissertação tem como propósito contribuir para a investigação sobre a atual indiferença relacional na sociedade e explorar os tópicos de comunicação mediada, em particular digital, com aqueles relacionados, tais sejam a Internet e o indivíduo. O ângulo adotado é o representado pela viagem e pela sua literatura; assim como as questões da cegueira moral e do sofrimento. De modo a mostrar o impacto desta questão foi analisado um grupo de *Facebook* sobre viagens, com destaque para a análise das suas publicações e do seu conteúdo.

Uma investigação de cariz probabilístico, qualitativo e quantitativamente controlada foi conduzida com o propósito de conhecer opiniões, testemunhos e observações dos turistas acerca das suas viagens realizadas ou projetadas. A amostra consiste em n=176 sucedendo-se-lhe uma análise a 11 unidades selecionadas por permitirem uma observação mais pertinente da relação Nós/Outros, concretamente entre viajante e lugar de viagem, bem como entre aquele e a população autóctone/nativa desse mesmo lugar. Esta análise minuciosa confirma a extrema indiferença dos turistas em relação aos nativos e ao novo território. Eles apenas olham, não veem. Os seus relatos relacionais sugerem observações banais, vulgares e mostram conhecimentos mínimos sobre os nativos. O conteúdo das suas observações evidencia a indiferença para com os nativos e a falta de cuidado e interesse por parte dos turistas acerca das pessoas que habitam os destinos para onde viajam.

A linguagem usada pelos turistas é normalmente egocêntrica, focada apenas nas suas próprias experiências e sentimentos.

Palavras chave: Indivíduo, Viagem, Rede, Sofrimento, Indiferença

ABSTRACT

In a time in which the digital sphere rules all aspects of our lives, the most important issue is the “I/Other; We/Others” relational theme: the individualism of today replaces the social bonds of yesterday, leaving people trapped in their own personal bubble. In an attempt to help grasp the current human behavior, the study of the individual has been one of the main subjects that has motivated many famous authors.

There has been great changes in people’s behavior, leaving the feeling that the individual has stopped being the rational animal to become the wild animal that aggressively moves in place where the indifference and the detachment reigns. An example of this modification is the increase of travels and travelers coming and going, better known as Tourism, a phenomenon that has been translated simultaneously into a territorial compression and a more consumerist view of the world.

This essay intends to investigate the current relational indifference in society and to explore its topics of mediated communication, in particular digital, with those related, such as the Internet and the individual. The angle adopted is that represented by the journey and its literature; as well as the issues of moral blindness and suffering. In order to show the impact of this issue a Facebook group about travels was analyzed, specifically its posts and its content.

An investigation of probabilistic, qualitative nature and quantitatively controlled has been conducted with the purpose of knowing opinions, testimonies and observations of the tourists about their made or planned travels. The sample consists of n=176 and was followed by an analysis of 11 selected units for allowing a more pertinent observation of the relationship We/Others, essentially between traveler and place of travel as well as between the former and the native/native population of that same place. This thorough analysis confirms the extreme indifference of tourists regarding the natives and the new territory. They only look but do not see. Their relational reports suggest trivial observations and show minimum knowledge of the natives. The content of their observations highlights the indifference towards the natives and the lack of care and interest of the tourists regarding the people that inhabit the places they travel to.

The language used by the tourists is usually self-centered, focusing solely on their own experiences and feelings.

Keywords: Individual, Travel, Network, Suffering, Indifference

ÍNDICE

| | |
|---|------|
| AGRADECIMENTOS | v |
| RESUMO | vii |
| ABSTRACT | viii |
| ÍNDICE | ix |
| LISTA DE SIGLAS | xi |
| LISTA DE TABELAS | xii |
| LISTA DE FIGURAS | xii |
| INTRODUÇÃO | 1 |
| | |
| PARTE I: | |
| A ERA DIGITAL- A REDE SOCIAL <i>FACEBOOK</i> | 5 |
| 1.1. <i>A Internet</i> | 7 |
| 1.2. Uma nova sociedade- A população virtual | 10 |
| 1.2.1. O novo indivíduo digital | 12 |
| 1.2.2. As relações sociais na era digital | 14 |
| 1.3. Redes Sociais | 20 |
| 1.3.1. Sites de Redes Sociais | 22 |
| 1.3.2. <i>Facebook</i> | 22 |
| 1.4. A obscuridade digital | 26 |
| | |
| PARTE II: | |
| A EXPLORAÇÃO DA LITERATURA ODEPÓRICA E A CRÍTICA PALACIANA NA VISÃO DE PETER SLOTERDIJK | 33 |
| 2.1. Literatura de Viagens: O género literário renegado | 35 |
| 2.2. A primeira vaga da Literatura de Viagens (Tradicional) | 38 |
| 2.2.1. Era dos Descobrimentos: Grandes feitos numa época histórica | 42 |
| 2.3. A segunda vaga da Literatura de Viagens (Nova e Novíssima) | 49 |
| 2.3.1. A nova visão de viagem | 52 |
| 2.4. “ <i>Palácio de Cristal</i> ”. A(s) estufa(s) habitacional(ais) | 64 |
| | |
| PARTE III: | |
| SOFRIMENTO DISTANTE- A PERDA MORAL NUM OLHAR INDIFERENTE | 71 |

| | | |
|--|--|-----|
| 3.1. | O problema humanitário: O espectador do sofrimento e a sua capacidade de insensibilidade | 73 |
| 3.1.1. | Os tópicos do sofrimento- Denúncia; Sentimento; Estético | 80 |
| 3.2. | A perda moral da humanidade (A “Cegueira moral”) | 83 |
| 3.3. | Primeiro lugar eu, segundo eu e em terceiro eu- O amor Próprio: Uma visão oposta | 88 |
| | | |
| PARTE IV: | | |
| ESTUDO DE CASO: ANÁLISE DO GRUPO DE <i>FACEBOOK</i> “AMANTES DE VIAGENS” | | |
| 4.1. | Problemática e objetivo de estudo | 93 |
| 4.2. | Hipóteses | 95 |
| 4.3. | Métodos de investigação | 96 |
| 4.3.1. | Análise Crítica do Discurso | 97 |
| 4.4. | Amostra | 99 |
| 4.4.1. | Caraterização do Grupo “Amantes de Viagens” | 102 |
| 4.5. | Análise e discussão dos resultados | 103 |
| 4.5.1. | Amostra: Manhã-Tarde-Noite | 105 |
| 4.5.2. | Amostra: Palavras-chave | 105 |
| | | |
| CONCLUSÃO | | 122 |
| BIBLIOGRAFIA | | 133 |
| ÍNDICE DE ANEXOS | | 140 |
| ANEXO A1- UREA | | 141 |

LISTA DE SIGLAS

ARPANET- Advanced Research Projects Agency Network

ARPA- Advanced Research Projects Agency

NSF- National Science Foundation

CSNET- Computer Science Network

TCP/IP- Transmission Control Protocol/ *Internet* Protocol

EUA- Estados Unidos da América

NSFNET- National Science Foundation Network

W.W.W- World Wide Web

CMC- Comunicação Mediada pelo Computador

MIT- Massachusetts Institute of Technology

VMC- Viagens Mediadas por Computador

ONG- Organização Não Governamental

ACD- Análise Crítica do Discurso

UREA- Unidades de Relevância Específica para Análise

CAT- Categoria

P.C.- Palavras Chave

FB- *Facebook*

TV- Televisão

LISTA DE TABELAS

| | |
|--|-----|
| Tabela 1. Média de comentários..... | 105 |
| Tabela 2. Média de “Gostos” (“reações”)..... | 105 |
| Tabela 3. Distribuição das unidades por categorias..... | 107 |
| Tabela 4. Total de “Gostos” (“reações”) por categorias | 109 |
| Tabela 5. Total de comentários por categorias..... | 109 |
| Tabela 6. Unidades com comentários ≥ 90 | 111 |
| Tabela 7. Unidades com “Gostos” (“reações”) ≥ 90 | 111 |
| Tabela 8. Categorias com “Gostos” (“reações”) ≥ 1.000 | 112 |
| Tabela 9. Palavras (e número de ocorrências) centradas nos visitados e viajantes | 123 |
| Tabela 10. (Exemplo 1) Resultado da nuvem de palavras | 124 |
| Tabela 11. (Exemplo 2) Resultado da nuvem de palavras | 125 |

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|-----|
| Figura 1. Print-screen da principal vista do grupo FB "Amantes de Viagens"..... | 104 |
|---|-----|

INTRODUÇÃO

Perante a popularização dos dispositivos mediáticos tais como o computador, os telemóveis, tablets, e, por acréscimo, o aumento do acesso à *Internet*, o uso das redes sociais tornou-se uma prática cada vez mais comum, para uma população que se mostra cada vez mais aberta ao mundo digital, movendo-se e interagindo no interior destes avanços tecnológicos na dimensão virtual.

O mundo na sua própria essência, bem como todos os seres vivos que nele coabitam têm delineado e permitido uma constante (r)evolução ao possibilitar que nada possa perdurar para além da instantaneidade ou do prazo curto. Se pensarmos no futuro, deparamo-nos com promessas, mas também com certas incógnitas. Apenas a certeza de um “admirável mundo novo” nos é prometida, sob a forma de um período emocionante e mais rápido do que em qualquer geração anterior no progresso da história (Schmidt & Cohen, 2013, p. 305).

Contudo, se analisarmos as ferramentas que temos hoje ao nosso dispor e as confrontarmos com a ideia de novo mundo de que falam Schmidt & Cohen (2013, p. 305), o futuro será prometido e modificado “impulsionado em parte pelos dispositivos que temos em mãos” e “mais pessoal e participativo do que podemos imaginar”.

A palavra-chave “imaginação”, em particular, enquanto perscrutação do futuro torna-se um exercício cada vez mais difícil de realizar. Se já hoje possuímos e realizamos tudo quanto pudemos pensar, só nos resta a questão: o que reservará o futuro? - Uma questão tão mais difícil quanto mais curta e breve vai sendo essa aproximação do futuro ao nosso encontro.

O contexto da *Internet*, por sua vez, abriu no quotidiano das pessoas um conjunto de novas formas de entretenimento e de comunicação. Como refere Coelho (2015, p. 8), “veio a alterar a forma como milhões de pessoas comunicam e interagem”, ou seja, resultou numa transformação do modo como a sociedade comunica, com eventuais reflexos sobre as suas perceções e os seus princípios sociais.

Nos últimos anos tem-se assistido a uma grande evolução nos usos da *Internet*, onde as redes sociais acabam por ter um papel fundamental. Dentro destas emerge o *Facebook*, onde é disponibilizado um conjunto de ferramentas tecnológicas atrativas e interativas, constituindo-a como um objeto preferencial de indagação académica.

Este meio cada vez mais em voga tem tido um crescimento globalizado, com evidentes e notórias alterações, que para alguns se mostram positivas mas que, para outros, são

prejudiciais e nocivas, como uma praga que alastra e atinge os indivíduos. Esta rede global, no seu conceito, mostra intimamente este dualismo, que pode, por vezes, fazer as pessoas duvidarem da sua utilidade social.

Um princípio é certo: o advento da *Internet* mostra-se como sendo um dos acontecimentos mais importantes e de maior impacto que atingiu a humanidade, quer este seja considerado negativo ou positivo.

Os meios digitais tecnológicos e respetivas plataformas podem ser considerados um dos grandes avanços que conseguimos realizar. O mundo conseguiu ser compactado, transformado numa aldeia global, cujo acesso se encontra a um clique de distância. A facilidade com que adquirimos informações nunca se mostrou tão plena.

Hoje usamos o meio digital como o nosso meio de ação.

Frequentemente, as nossas ações no meio físico são primeiramente pensadas no meio digital para nos inspirar uma maior sensação de segurança. A preparação relativa a uma viagem tem sido um dos consequentes exemplos dessa segurança que os indivíduos tentam obter nas suas vidas. Plataformas são utilizadas para escolher e reservar hotéis variados, escolher o destino ou definir o trajeto a seguir e os locais a visitar. Acrescenta-se a possibilidade de visualizar os trajetos a realizar fisicamente sobre a forma digital, sem haver nenhum esforço físico por parte do requisitante.

Viajar traduz-se na possibilidade de “explorar” um local distinto daqueles que estamos habituados a percorrer e quanto mais longe for a viagem, maior o significado que lhe associamos, menos deixamos de vê-la como algo de banal. Perante tal, o que de facto esperam esses indivíduos dos seus destinos? Terão os mesmos pressupostos que os viajantes de outrora? Propenderão a aventurar-se por lugares indefinidos?

Alguns destes aspetos, assim como muitos outros possíveis de identificar têm possibilitado o conhecimento acerca da trajetória do ser humano e as suas variadíssimas oscilações ao longo do período histórico e cronológico, ao nível estrutural do comportamento e do relacionamento com o Outro.

A relação com o Outro tem sido estudada por diversos autores, que apresentam visões diferentes acerca desta questão. Um facto parece notório: o que havia sido proposto como uma relação saudável entre indivíduos numa época não muito distante, em nada se pode igualar ao que atualmente é conhecido.

Os tempos mudaram e também moldaram os indivíduos à sua imagem. Esses, que primeiramente não possuíam os meios para uma permanente comunicação com terceiros

estão hoje dotados de meios que jamais poderiam imaginar. Resta pensar as consequências dessas mudanças para o indivíduo a nível pessoal e relacional.

É sobre a ideia de um mundo compacto e a conseqüente facilidade com que as viagens são realizadas que a relação com o Outro revela uma nova problematização humanitária. Para tentar compreender este processo foi criada uma investigação com o objetivo primeiro de analisar o que os viajantes atuais, em especial um grupo específico de viagens no *Facebook*, observam, *postam* e declaram nesse meio, principalmente a relação desses viajantes para com aqueles que habitam os lugares visitados, os ditos “nativos”.

Neste sentido, o presente estudo está estruturado em quatro partes, sendo as três primeiras relativas à revisão da literatura.

Relativamente ao estudo teórico serão abordadas as variáveis em análise. A primeira parte contribui para o estudo sobre o indivíduo e a era digital, na qual as redes sociais são as mais impactantes, em especial o *Facebook*. A segunda parte vai analisar a evolução que a Literatura de Viagens tem vindo a sofrer ao longo dos tempos. Daí parte, em consonância com a ideia do atual mundo globalizado, a observação crítica e fundamental de Peter Sloterdijk sobre a vida ocidental. É na terceira parte, que dedicamos um estudo aprofundado ao relacionamento do Eu com o Outro. Se por um lado temos a perda moral, que Bauman e Donskis apelidam de “cegueira moral”, por outro, há um sofrimento que é observado, onde a (in)ação do observador se torna um dilema, a que Boltanski chama de “sofrimento distante”. Por oposição, ainda é abordada a visão de Ayn Rand e da sua teoria do egoísmo ético, através da qual converte um conceito supostamente negativo num princípio moral legítimo.

É na última parte que se concentra toda a análise empírica, desde um breve enquadramento metodológico e das técnicas utilizadas até à caracterização do grupo de *Facebook* “Amantes de Viagens”. Mas é especialmente com a análise da amostra e respetivos resultados, que se atinge o resultado demonstrativo buscado pelo estudo aqui proposto.

Estaremos de facto num mundo compacto, de olhares que nada veem, onde a indiferença assume o topo da cadeia relacional?

PARTE I:
A ERA DIGITAL- A REDE SOCIAL *FACEBOOK*

“O futuro deveria preocupar-nos a todos
porque é lá que teremos de viver o resto
das nossas vidas”

Charles Kettering¹

¹ Apud Schmidt & Cohen (2013, p. 9)

1.1. *A Internet*

Podemos pensar sobre os tempos anteriores e chegar à conclusão que o mundo como hoje o conhecemos não possui grandes diferenças. Este é um pensamento frequente da população mais jovem que desde tenra idade já se pode ligar imediatamente ao mundo digital.

Para os autores Schmidt & Cohen (2013, p. 13), a *Internet* é considerada uma das “raras criações dos seres humanos que eles não compreendem verdadeiramente”. Esta mostra ser uma perspetiva importante devido à complexa abordagem que o meio digital acarreta, tanto pela sua mutação constante ao longo do tempo a níveis estruturais como dos utilizadores (existem cada vez mais aderentes).

O início de uma nova era começou por ser designada por *ARPANET* na década de 60 (séc. XX), designando uma rede informatizada e limitada apenas para uso militar e académico. Criada a 1 de dezembro de 1969 pela empresa *ARPA* (*Advanced Research Projects Agency*), com o objetivo primário de permitir “aos vários centros de computadores e grupos de pesquisa o compartilhamento online”, começou por assumir a mesma finalidade que hoje atribuímos, por exemplo, ao *e-mail*. Por motivos de divergência de poder (unicamente na posse militar), em 1975 desenvolveu-se a *NSF* (*National Science Foundation*), a qual veio a denominar-se por *CSNET* (*Computer Science Network*) “com o objetivo de conectar todos os laboratórios de Informática” dos EUA. Foi precisamente com esta maior abertura de acesso e do facto de não estar apenas envolvida no uso militar que surgiu o interesse pela comercialização desta tecnologia (Sousa, 2014, p. 5).

Passados dois anos, Vinton Cerf e Robert Kahn realizaram uma apresentação do protocolo *TCP/IP*, composta pela triangulação das redes *ARPANET* – *RPNET* – *STATNET* “considerado que foi nessa mesma demonstração que nasceu a *Internet*”. Pouco tempo depois, em 1990, o departamento de defesa dos *EUA* desmantela a *ARPANET* “substituindo-a pela rede da *NSF*, que passa a chamar-se *NSFNET*”, o que tornou o termo *Internet* popular a nível mundial (Sousa, 2014, p. 5).

Em apenas 30 anos a *Internet* estende-se assim, para além das suas fronteiras privadas, amplificando-se ao ser comercializada a nível mundial, período de tempo que deixou em destaque uma evolução a uma velocidade nunca antes alcançada.

É precisamente por esta prontidão que se obtém um aspeto importante e revolucionário na *Internet* ao introduzir o Hipertexto: a origem da designação de *World Wide Web* ou *WWW*, equivalente em português de “rede de alcance mundial” (Sousa, 2014, p. 6).

Segundo Moutinho (2007, s.p., apud Sousa, 2014, p. 6):

“Através deste sistema (www), rede de alcance mundial, a visualização da informação e a navegação passaram a efetuar-se usando uma aplicação específica, ou seja, o navegador (*browser*). Navegar na *Internet* permitia sobretudo procurar uma palavra no Altavista ou no Netscape e entrar nos sítios, sendo ainda uma ferramenta bastante limitada. O seu acesso era privilegiado em universidades e algumas empresas. Nessa época navegar era considerado uma distração ou uma curiosidade, e só algumas pessoas conseguiam aproveitar grande parte das suas vantagens”.

Por consequência da comercialização e o seu próprio impacto, a *Internet* estabeleceu a visão de um negócio promissor, objeto de grandes investimentos que se traduziram, em 1997 e posteriormente, pela criação de milhares de sites, atingindo assim a “importância [de] um novo conceito” (Sousa, 2014, p. 6).

A *Internet* mostra-se como a “maior experiência histórica do âmbito da anarquia”. Sousa (2014, p. 6) citando Silva (1999, s.p.), a menciona como a geração de um novo espaço antropológico. Completando esta ideia associada por Sousa, simultaneamente intangível e em constante mutuação, este tipo de meio a cada milésimo de segundo que passa torna-se cada vez maior e mais complexo, ou seja, os seus limites estruturais são constantemente expandidos.

A esta expansão associa-se uma mudança na compreensão das “facetas da vida, desde as minudências do quotidiano às questões mais fundamentais da entidade das relações e até da nossa própria segurança” (Schmidt & Cohen 2013, pp. 13-14).

Com as suas fronteiras a serem pressionadas cada vez mais para além dos limites estabelecidos, este “novo mundo” tem albergado uma quantidade incalculável de centenas de milhões de pessoas. Cada um de nós, por sua vez, cria e consome conteúdo digital através do “número de websites que alguma vez visitou, os emails todos que já enviou e todos os artigos que já leu online, todos os factos de que soube e todas as ficções que encontrou e descartou” (Schmidt & Cohen 2013, p. 13).

Não mencionamos a junção da palavra “novo” à de “mundo” sem fundamento. Os autores acima citados formulam um breve comentário acerca do paralelismo de dois mundos/espacos a influenciar a vida do ser humano. “No mundo virtual, todos experimentaremos algum tipo de conetividade, rapidamente e através de uma variedade de meios e dispositivos. No mundo físico, teremos ainda de nos conformar à geografia, à arbitrariedade do nascimento... lados bons e maus da natureza humana”. Este paralelismo não só terá influência no ser humano, como também o mundo dito “digital-online” poderá influenciar o “físico”: “constranger-se-ão reciprocamente; por vezes, entrarão em confrontos;

outras vezes, intensificarão, acelerarão e exacerbarão fenômenos no outro mundo” (Schmidt & Cohen, 2013, pp. 16-17).

O meio, apelidado de *Internet*, consegue abranger, sem sombra de dúvidas, o peso e a importância que este novo conceito de espaço desponta:

“Considere todas as relações estabelecidas, todas as viagens planejadas, todos os trabalhos que encontrou e todos os sonhos nascidos, alimentados e concretizados através desta plataforma. Considere também o que a ausência de controle hierárquico permite, as vigarices online, as campanhas de intimidação, os *websites* de grupos de ódio e os *chat-rooms* de terroristas. É assim a *internet*: o maior espaço sem lei do Mundo.” (Schmidt & Cohen 2013, pp. 13-14).

Por mais que esta plataforma esteja em constante mutação a todos os seus níveis conhecidos e imaginários, há uma força incógnita que alicia um deslumbramento humano cada vez mais significativo. E talvez seja esse mesmo descobrimento e a sua constante evolução as causas de tal fascinação, na medida em que a mudança pode ser consumida sem aborrecimento.

Estamos perante uma abertura mediada pela adoção tecnológica resultante “num escoadouro omnipresente e infinitamente multifacetado da expressão e da energia humana”, que veio dar origem “à rica paisagem virtual que hoje conhecemos”. Esta propulsionou uma das mais importantes e “emocionantes transformações sociais, culturais e políticas da história...”, com efeitos “plenamente globais”. E “embora esta revolução tecnológica não possa ser considerada a primeira da História, ela é a primeira que permitirá a quase todos possuir, desenvolver e disseminar conteúdos em tempo real...” (Schmidt & Cohen 2013, pp. 13-14).

Tais razões podem ser sustentadas pelos números que Schmidt & Cohen (2013, p. 14) mencionam no seu livro. Na primeira década do séc. XXI o número de pessoas com acesso à *Internet* aumentou de 350 milhões para mais de 2 mil milhões de indivíduos. Com registo de uma tendência igualmente crescente foi o número de telemóveis, de 750 milhões para mais de 5 mil milhões. Este crescimento não só reflete uma abertura em pontos tidos como “mais remotos” do mundo como também a previsão para o ano 2025 de que “a maioria da população mundial terá passado, numa só geração, da ausência de qualquer acesso de informação não filtrada ao acesso a toda a informação mundial mediante um dispositivo que caberá na palma de uma mão”.

Os mesmos autores (2013, p. 23) referem ainda, que “em breve, toda a gente à face da Terra estará conectada”. Mas hoje, em 2019, a mesma frase acima transcrita poderá estar bastante desatualizada, podendo mesmo ser considerada falaciosa pois todas as pessoas já estão conectadas.

1.2. Uma nova sociedade- A população virtual

Encontramo-nos perante um progresso tecnológico, com a promessa de um crescimento potencial, um desenvolvimento no domínio do grafismo e da realidade virtual, com possibilidade de alegadamente tornar a experiência online tão ou mais autêntica quanto a real. Estes, tais como muitos outros desenvolvimentos, “não só se combinarão como darão maior relevo a vários elementos do nosso mundo natural”, na mistura de dois mundos, numa combinação perfeita, com a possibilidade de o mundo virtual se constituir numa ferramenta essencial para que os mecanismos do mundo físico se tornem mais eficientes (Schmidt & Cohen 2013, pp. 15-24).

De acordo com Sousa (2014, p. 7), a *Internet* contribui e continuará a contribuir para diversas mudanças e definições no mundo, e em particular nos seus indivíduos, pois a informação está ao passo de um clique.

Através dos vários aparelhos eletrónicos mais conhecidos de hoje tais como a televisão, o computador, o *tablet*, o mais recente *Smartwatch* e o telemóvel, os dispositivos móveis possuem uma relevância específica na interação com os outros, pela sua fácil mobilidade. Para Schmidt & Cohen (2013, pp. 16:35) hoje é “difícil conceber uma vida sem dispositivos móveis”, ao ponto de se associar a inteligência ao próprio nome atribuído ao telemóvel inteligente “*smart*” “*phone*”. É através da proliferação “omnipresente” deste tipo de dispositivos que nos tornamos imunes ao esquecimento. Nesta visão, ao podermos aceder a qualquer tipo de informação, estaremos a eliminar os tempos mortos, centrando a atenção num mundo dito pequeno o qual, para além dos adereços “proporcionarão entretenimento, distrações voluntárias, enriquecimento intelectual e cultural, descontração e oportunidades de partilhar coisas com os outros”.

O “ataque” tecnológico deste tipo de aparelhos em todo o lado desencadeou “diversas mudanças” significativas numa sociedade que teve necessidade de adaptar-se para sobreviver. Esta adaptação, por seu turno, não só compreendeu o modo como o indivíduo vê

o espaço mas também afetou o modo como ele se deve posicionar num espaço totalmente em mutação (Recuero, 2009, p. 24).

Uma dessas mudanças é designada por Schmidt & Cohen como “emancipação digital” (2013, p. 17). Este aspeto está intimamente ligado com o uso dos mais diversos dispositivos digitais que, por sua vez, proporciona ao seu utilizador ser “ouvido, levado em conta e considerado”, referindo ainda que esta possa ser “a primeira experiência de emancipação das suas vidas”.

Com o desenvolvimento tecnológico da *Internet* a ideia de “aldeia global”² proposta por McLuhan mostra-se ultrapassada pois já não nos encontramos numa “aldeia global”. Devido à passagem para a web 2.0³, uma web dinâmica e de conversação em que o utilizador tem a liberdade de criar e publicar a sua própria informação, o seu termo foi substituído pela “sociedade em rede” de Manuel Castells, uma rede assente numa dimensão virtual, possível e impulsionada pelas novas tecnologias, que ultrapassa o tempo e o espaço, onde “as pessoas moldam a tecnologia para adaptá-la a[s] suas necessidades” (Castells, 1999, p. 449).

Segundo Lévy (1997, p. 127) a “conexão é sempre preferível ao isolamento”, sendo uma das principais ferramentas e causas para a interação atual e atratividade da rede, em que o contato físico já não é a base para a ligação pois torna a presença física (interação física) mínima ou até desnecessária.

É através desta própria ideia de evitar o isolamento que se desenvolveram radicalizações nos processos comunicacionais, onde a comunicação de massas sustenta um processo de um para muitos indivíduos (transmissão de conteúdo para muitos indivíduos - remetente e recetores). Este modelo, com as variações estabelecidas pelo passar do tempo e especialmente motivado pelo digital, modificou-se e tornou-se num novo modelo, em que o ambiente é mediado por um computador, ou seja, um modelo de comunicação de muitos para muitos. Recuero (2009, p. 24), uma das autoras que aborda o tema das relações no mundo virtual, designa genericamente este processo por CMC (Comunicação Mediada pelo Computador). As mudanças mais significativas “proporcionaram, assim, que atores pudessem construir-se, interagir e comunicar com outros atores, deixando, na rede de computadores, rastros que permitem o reconhecimento dos padrões de suas conexões e a visualização de suas redes sociais através desses rastros”.

² Conceito desenvolvido pelo autor Marshall McLuhan em 1960, relacionado com o termo globalização, para explicar os efeitos da comunicação em massa sobre a sociedade contemporânea, que se assemelha a uma aldeia, visto que a tecnologia faz com que, de certo modo, estejamos todos interligados.

³ Conceito introduzido e definido por Tim O'Reilly em 2005 em: <http://www.oreilly.com/pub/a/web2/archive/what-is-web20.html>

Outra mudança percebida e motivada pela era digital foi o surgimento de um novo indivíduo informado cuja gênese surge suportada pelo consumismo e pelo produtivismo digital.

1.2.1. O novo indivíduo digital

Não só o meio teve as suas alterações galopantes mas também o indivíduo foi alvo de transformações notórias e especialmente marcantes.

De certo modo, os processos comunicacionais que se realizam em rede sucedem-se a partir de motivações, saberes anteriores e experiências de vida, pela necessidade ou dever que os indivíduos sentem em adquirir ou partilhar informações com vista a interagir com novos conhecimentos para gerar novas informações e significados singulares da realidade (para o próprio alerta ou de terceiros).

Segundo Amaral e Sousa (2010, p. 1), com o novo modelo de comunicação, o que era tido como conceito de utilizador digital alterou-se para “consumidor 2.0” (ou “*prosumer*”) e criou a “possibilidade de o recetor ser produtor para uma audiência global”. Neste sentido, a *Internet* passa de um simples motor de busca de informação para uma ferramenta de comunicação, onde o indivíduo possui a função simultânea de consumidor e produtor.

Para Amaral, foi através da definição de Tim O’Reilly em 2005 sobre a *web* 2.0, (na qual “definiu como uma nova geração de aplicações e serviços de *Internet* centrados no utilizador”, consistindo em interações complexas, baseadas no conteúdo e metadados, e ainda permitindo a “publicação fácil, a partilha social e a classificação dos conteúdos”) que veio a promover-se o conceito de “*prosumers*” (Amaral, 2012, pp. 133-134).

O “*prosumer*”, segundo Fonseca et al. (2008, s.p.) surgiu em 1980 por Alvin Toffler⁴ com vista a identificar o consumidor do futuro “envolvido no desenho e na manufatura de produtos para torná-los mais personalizados e individualizados”.

Ainda, para Fonseca et al. (2008, s.p., citando Kozinets (2007, s.p.)), “*prosumers*” é uma definição de “consumidores que se identificam como membros de determinado grupo e que coletivamente usam uma cultura de consumo- e esse uso inclui a construção individual e coletiva de práticas, identidades e significados e também textos, imagens...”.

⁴ Escritor americano (1928-2016), destacou-se por discutir nos seus trabalhos a revolução digital, a revolução das comunicações, a revolução das organizações e a singularidade tecnológica.

O fenómeno “*prosumer*” tem o seu aparecimento num consumidor que se torna produtor, visto que a sociedade contemporânea está a tornar mais ténue a distinção entre consumidores e produtores, “o que levou ao aparecimento do conceito do *prosumer*...” (Amaral, 2016, p. 178).

Para Amaral (2016, p. 177), esta mudança para “consumidor 2.0”, ainda é definida como uma das consequências da geração C, ou seja, de uma sociedade “que gera Conteúdos, maximiza a Colaboração e está Conectada em permanência”.

Neste sentido, o aspeto central desta mudança é apontado à *web 2.0*, onde existe uma ligação permanente em rede. Através desta ferramenta os indivíduos possuem maior facilidade de acesso a recursos interativos, para além do facto de que ela ainda se torna uma fonte informativa do público (Amaral, 2012, p. 136).

No seu livro acerca da nova era digital, Schmidt & Cohen (2013, p. 63) abordam um tópico referente à “crise das notícias”. No fundo, é abordado o surgimento deste tipo de produtor, o que faz com que todos acabemos por ser repórteres e difusores de informações, em resultado da multiplicação das redes “que facilitam a partilha de informação instantânea”.

A *web social* e as suas ferramentas, como é o caso de plataformas de redes sociais (*Facebook, Youtube, Instagram, Twitter*), têm possibilitado o aumento de comunidades de “*prosumers*” que “desafiam os tradicionais papéis de consumidores e produtores”, onde não-especialistas gerem e publicam conteúdo para uma audiência potencialmente global (Amaral, 2012, pp. 132;137).

Amaral (2012, p. 137) menciona no seu estudo um caso específico, que torna bastante elucidativo o conceito de consumidor-produtor e a força que possui atualmente. Em 2011, a empresa Zon, como forma de publicitar o lançamento de um novo serviço (Iris), assente na interatividade do utilizador que deixa de lado o papel de espetador, lançou um anúncio televisivo, com referência à banda Bon Jovi. Ao proclamar a mensagem “o que ontem era fixe e hoje é foleiro” veio a despoletar uma imensidade de reações por estar em causa a menção do cantor como sendo “foleiro”. Na onda do descontentamento generalizado foi criada uma página de *Facebook* para protestar contra o anúncio. Posteriormente, a própria empresa anunciou a alteração do anúncio, através da sua página oficial:

“O spot IRIS by ZON Fibra mostra a vantagem da personalização do novo interface IRIS, que adequa os conteúdos ao gosto de cada utilizador... Continuamos atentos ao que diz a comunidade e agradecemos a todos o interesse manifestado pelo novo software” (Amaral, 2012, p. 137).

Com este exemplo é possível compreender a força que os indivíduos da *web* social possuem atualmente, em que os mesmos deixam de ser apenas consumidores e passam a ser também produtores, sem medo de expressar a sua opinião nas diversas redes sociais.

Associado a esta ideia está relacionado o “progresso-chave que nos espera...a PERSONALIZAÇÃO” (Schmidt & Cohen 2013, p. 35). Apesar de este aspeto já estar mais do que enraizado nas nossas vidas, o seu progresso permite-nos “personalizar os nossos dispositivos - como, aliás, a maior parte da tecnologia que nos rodeia - de forma a corresponderem às nossas necessidades, de forma a que os nossos ambientes reflitam as nossas preferências”.

Contudo, não existe apenas a personalização dos dispositivos. É considerado muito mais importante a personalização da informação e, conseqüentemente, a sua disseminação praticada por esta nova geração de “*prosumers*”.

É através deste novo tipo de indivíduos que poderá afluir o desenvolvimento do cargo de papel social possível a cada indivíduo. Segundo Maia (2002, p. 276, apud Amaral (2016, p. 81)) papel social compreende “um conjunto de deveres, direitos e funções inerentes a todo o indivíduo que, numa sociedade ou num grupo a que pertence, são conformes à posição que ocupa”, “...que se associam à noção de status”. Com isto, o aspeto mais importante neste conceito deriva na possibilidade destes indivíduos desempenharem funções ativas, visto que cada um tem a oportunidade de criar para os outros consumirem, o que possivelmente resultará num estatuto social (“o desempenho de um papel social significa, por isso, corresponder às expectativas que a sociedade ou grupos têm dos indivíduos”) (2016, p. 81).

Atualmente, a servir de exemplo, é comum verificar a atribuição de “status” a indivíduos que disseminam conteúdos (escritos ou audiovisuais, em *Blogs* ou outras páginas online). Os produtores que possuem um elevado número de acessos, a área de Marketing classifica-os como “líderes de opinião”.

1.2.2. As relações sociais na era digital

Desde os nossos antecedentes mais solitários nas suas cavernas, o indivíduo teve necessidade de viver em sociedade e de se relacionar com outros, para sobreviver, mas também para ser considerado pelos demais. Contudo, este paradigma, tido como base para qualquer sociedade e ser social, poderá despoletar outra visão com a época digital.

Segundo alguns críticos tais como o sociólogo Bauman (posteriormente abordado), a comunicação mediada pelo computador altera as relações humanas e torna-as de certo modo desumanas num meio em que a solidão aumenta. Porém, segundo Castells (1999, pp. 445-446):

“As comunidades virtuais não seguem os mesmos modelos de comunicação e interação das comunidades físicas... não são “irreais”, funcionam em outro plano da realidade. São redes sociais interpessoais, em sua maioria baseadas em laços fracos, diversificadíssimas e especializadíssimas, também capazes de gerar reciprocidade e apoio por intermédio da dinâmica da interação sustentada”.

É através deste pensamento de Manuel Castells que se revela um aspeto interessante para o estudo das relações humanas. Hoje em dia temos uma dualidade de relações que se estabelecem num nível físico e num nível digital. Apesar de se compreenderem as diferenças nos distintos níveis de interação, ambos se relacionam mutuamente, principalmente pela compreensão da dimensão física em constante penetração no meio digital, de onde surge um aspeto relevante e aprofundado no estudo de Recuero: os laços sociais.

Para Recuero (2009, p. 36), antes mesmo de se solidificar uma relação social e, posteriormente um laço social, a base de uma relação social tem por suporte a interação, quer seja a dita física ou online (mediada pelo computador), designando-a “matéria-prima”.

Esta interação, implica elementos a que Parsons e Shill (1975, apud Recuero 2009, p. 30-31) mencionam como o “outro” e o “eu”, ou seja, o “alter e o ego”. Esses constituem a ação para o estabelecimento de um processo comunicativo, em que “a ação de um depende da reação do outro”, envolvendo sempre a “satisfação entre os envolvidos... de suas percepções do universo que os rodeia, influenciadas por elas e pelas motivações particulares desses atores”.

Por meio da definição de interação, Recuero afirma que “estudar a interação social compreende, deste modo, estudar a comunicação entre os atores. Estudar as relações entre suas trocas de mensagens e o sentido das mesmas, estudar como as trocas sociais dependem, essencialmente, das trocas comunicativas” (2009, p. 31).

Nesta linha, para Recuero, a interação mediada pelo computador apresenta algumas “particularidades a respeito dos processos de interação” (2009, p. 31).

A primeira consiste na dita relação impessoal, em que é possível a falta de conhecimento dos seus sujeitos, ou seja, existe um anonimato relativo. A segunda consiste na particularidade de que o meio possibilita conservar a interação, em face mesmo da

desconexão de um ou ambos os pontos de ligação. É neste último ponto que a autora sublinha uma diferenciação entre interação “síncrona ou assíncrona, segundo Reid (1991)”. A interação síncrona é aquela que estabelece um diálogo no momento, durante o qual “os agentes envolvidos têm uma expectativa de resposta imediata ou quase imediata”, por meio de ferramentas de primeira instância (por exemplo, os *chats* de conversação); enquanto a interação assíncrona recorre a ferramentas de segunda instância, onde o tempo de resposta pode não ser momentâneo (2009, pp. 31-32).

É pelo conjunto das interações que se estabelecem as relações sociais. Estas, por sua vez, tendem a variar pela especificidade da *Internet* “pois há troca de diferentes tipos de informação em diferentes sistemas, como por exemplo, trocas relacionadas ao trabalho, à esfera pessoal e mesmo a outros assuntos” (Recuero, 2009, p. 36).

Para a mesma autora, a relação é a unidade mais relevante na análise de uma rede social, que compreende uma quantidade considerável de interações. Contudo, o seu conteúdo é independente da construção de uma relação, embora possa ajudar a defini-la pois, “o conteúdo constitui-se naquilo que é trocado através das trocas de mensagens e auxilia a definir a relação” (Recuero, 2009, p. 37).

Através das relações sociais estabelecem-se laços sociais, onde “o laço é a efetiva conexão entre os atores que estão envolvidos nas interações. Ele é resultado, deste modo, da sedimentação das relações estabelecidas entre agentes” (Garton, Haythornthwaite & Wellman, 1997, apud Recuero, 2009, p. 38). Nesta ordem de ideias, o laço social resulta da interação solidificada de uma relação, entre pares ou um conjunto de indivíduos, que poderá desenvolver laços relacionais ou laços associativos.

Recuero (2009, pp. 38-41), no seu estudo sobre os laços sociais, aborda autores como Breiger e Goffman, que distinguem diferentes tipos de laços. Mas é especialmente para o autor Granovetter (1973) que é dado destaque, pela definição de dois tipos de laços: o laço forte e o laço fraco.

A definição estabelece-se pela distinção:

“Laços fortes são aqueles que se caracterizam pela intimidade, pela proximidade e pela intencionalidade em criar e manter uma conexão entre duas pessoas. Os laços fracos, por outro lado, caracterizam-se por relações esparsas, que não traduzem proximidade e intimidade. Laços fortes constituem-se em vias mais amplas e concretas para as trocas sociais, enquanto os fracos possuem trocas mais difusas” (Recuero, 2009, p. 41).

A reciprocidade é um aspeto relevante associado ao estudo dos laços fortes e fracos pois para um indivíduo (A) o laço estabelecido com outra pessoa (B) poderá ser considerado como forte. Em contrapartida, o laço que a outra pessoa (B) apresenta para com o indivíduo (A) poderá não apresentar a mesma força. Neste desenho, A possui um laço forte com a pessoa B, enquanto B tem apenas um laço de menor intensidade para com A (Recuero, 2009, pp. 41-42).

Pela própria especificidade na qual se estabelecem as relações sociais, resultantes em laços fortes ou fracos, uma obra com interesse e representativa de valor pelo tema que aborda demonstra ser a obra de Zygmunt Bauman, intitulada de “Amor Líquido”, um estudo sobre a fragilidade dos laços humanos.

Neste estudo o autor indaga o relacionamento humano heroico que hoje está apenas enraizado numa história escrita num livro que raramente é aberto. Os vínculos humanos estabelecem-se misteriosamente, mapeados de forma insegura e compilados por desejos contraditórios, com destino a uma fragilidade sem precedentes.

O relacionamento “é o assunto mais quente do momento e, aparentemente, o único jogo que vale a pena, apesar dos seus óbvios riscos”. O seu sucesso é uma bênção para os contemporâneos individualizados e “desesperados por terem sido abandonados aos seus próprios sentidos e sentimentos facilmente descartáveis, ansiando pela segurança do convívio e pela mão amiga com que possam contar...”, em que se associa uma ambiguidade de satisfação como o preço a ser cobrado (Bauman, 2003, pp. 10-11).

Para o mesmo autor (2003, p. 12) é preciso desvalorizar ideias depreciativas de especialistas que associam o menor compromisso como uma vantagem num relacionamento pois segundo esses “ao se comprometerem, ainda que sem entusiasmo, lembrem-se que possivelmente estarão a fechar a porta a outras possibilidades românticas talvez mais satisfatórias e completas”. Valorizar tal pensamento mostra-se neste caso um gesto contrário ao bom senso.

Por mais negativas que sejam este tipo de ideias, não são totalmente desconfiguradas da nossa realidade e, nomeadamente, dos “habitantes do nosso líquido mundo moderno” (2003, p. 13).

Bauman, um autor de especial relevo para o estudo da nossa sociedade contemporânea que vive em rede, chama a atenção para as relações humanas agora vividas e que são caracterizadas pela constante mutação, visando o progresso, mas sem possuírem um centro. Ao seu estudo (em geral), o uso do termo “liquidez” caminha em paralelo com as suas convicções filosóficas, na medida em que estamos numa realidade ambígua e multiforme e,

como a própria analogia ao termo líquido pretende associar, a forma de procedermos é a de um constante movimento. Esta sociedade, que não mantém uma só forma por um longo período de tempo, elimina a garantia do que o que quer que tenhamos hoje amanhã ainda seja nosso. Nesta ideia institui-se uma sociedade sem estruturas e padrões fixos com liberdades próprias, em que a individualidade é utilizada como mote.

O título que atribui à sua obra, “Amor líquido”, revela desde logo um certo paradoxo pela associação de palavras -amor e -líquido. Enquanto que o primeiro compreende uma duração temporal e um sentimento solidificado como conceção central, o segundo, por sua vez, como o significado da própria palavra sugere, transmite a ausência de uma forma específica (a existência de fluidez).

Compreende-se assim, nesta perspetiva, um sentimento de propriedades flexíveis, partindo para uma ideia retórica colocada por Bauman: “estão mesmo à procura de relacionamentos duradouros... ou o seu maior desejo é que eles sejam leves e frouxos”? (2003, p. 13).

Para uma sociedade consumista o consumismo “não é acumular bens... mas usá-los e descartá-los em seguida a fim de abrir espaço para outros bens e usos”. Os relacionamentos equiparam-se a qualquer outro tipo de investimento, onde o amor é comercializado como um produto de “uso imediato, [de] prazer passageiro [e] satisfação instantânea” (Bauman, 2003, pp. 72;31;24).

Hoje em dia, “amar”, com suas limitações consumistas e pela conseqüente expansão da palavra “amor”, em que um grande número de indivíduos atinge facilmente os seus padrões cada vez mais baixos, alia-se a um ato relacional, ilusório, vulgarizado e sem poder categórico, que atribui como resultado à sua significação, uma mera noção de experiência ou consolidação de habilidades. Por isso, “atingir a capacidade de amar será sempre, necessariamente, uma rara conquista” (Bauman, 2003, pp. 21-23).

As pessoas tendem a falar cada vez mais de conexões em vez de relacionamentos e isso é facilmente identificado pela virtualização, que “em vez de parceiros, preferem falar de redes”. Os ditos “relacionamentos virtuais” originam as possíveis “relações de bolso”, facilitadas pelo uso dos dispositivos eletrónicos, e assim chamadas “porque se guardam no bolso de modo a se lhes poder lançar mão quando for preciso”, expondo dessa forma os frágeis envolvimento (Bauman. 2003, pp. 14;39).

Dispositivos eletrónicos, com destaque para o telemóvel, apresentam um relevo importante no estudo de Bauman. Estes aparelhos híbridos do *Eu* fazem com que nos posicionemos simultaneamente em liberdade, num mundo facilitado e rodeado de indivíduos,

e também num enclausuramento, presos à luz artificial de um aparelho que nos consome e que nós próprios alimentamos.

Bauman ainda acrescenta que os ambientes públicos se tornaram nulos e vazios. Mesmo no seio familiar já não se constroem “ilhas de intimidade no meio dos mares” porque apesar de seus membros viverem no mesmo espaço, eles estão completamente separados e distantes, numa “solidão” que “por detrás da porta fechada de um quarto com um telemóvel à mão...” torna-se a condição “menos arriscada e mais segura do que compartilhar o terreno doméstico comum” (2003, p. 88).

Também Loureiro contempla no seu estudo acerca do espaço público, evidenciando uma proposta crítica da nossa relação com os ecrãs, sobre a qual vem a ganhar espaço a atual falta na socialização:

“Ao suburbano resta a identificação das faces do elevador do prédio, que não serão mais próximas do que esse outro vizinho que àquela hora espera para entrar na mesma carruagem do metro, ou do comboio que, pelo menos durante um tempo, nos há-de levar ao mesmo destino. Como o vizinho do andar do lado, também o vizinho do metro, ou aquela face rasgada pelo sono no comboio da manhã, todos eles são incómodos quando o seu olhar invade o ínfimo espaço individual, mas todos eles hão-de desaparecer mais cedo ou mais tarde da vista cansada dos dias, dessa repetição imagética que *identifica* mas não conta mais nenhuma estória, simplesmente porque não há mais estória para contar” (2011, p. 54).

Não só a falta de socialização nos conduz a um isolamento como também as “relações instáveis, ambivalentes, no e com o espaço... cerca o indivíduo de solidões sucessivas e partilhas fugazes” (Loureiro, 2011, pp. 54-55), ou seja, emerge um Olhar sem ver, onde a atenção se dispersa por milhares de partículas sem ser praticada, num espaço atenuado e mesmo carente de sentimento e relacionamento.

O autor ainda refere que:

“A antiga e perene identificação com este ou aquele vizinho, as raras mas duradouras identificações que solidificavam identidades e contavam longas histórias de vida, rarefizeram-se ainda mais dando lugar a múltiplas erupções identificativas, um vaivém efémero de ligações fundadas no instante, tolhidas no vórtice dessa velocidade acelerada dos dias. Nestes mesmos dias em que a outra identificação, a que isola o indivíduo do tempo comum, o faz tornando-o imediatamente mais só, assumindo nele e no tempo uma vizinhança em perda” (Loureiro, 2011, pp. 54-55).

“Aos que se mantêm à parte, os telemóveis permitem permanecer em contacto. Aos que permanecem em contacto, os telemóveis permitem manter-se à parte” (Bauman, 2003, p. 84). Apesar da lista telefónica compatibilizar inumeráveis contatos ou o ilimitado volume de mensagens a partilhar, “cada conexão pode ter vida curta, mas o seu excesso é indestrutível” (2003, p. 83). É como nós permanecemos no espaço, inundados por tudo mas secos por dentro.

Assim, para Bauman (2003, p. 86), “o advento da proximidade virtual torna as conexões humanas simultaneamente mais frequentes e mais banais, mais intensas e mais breves” e “as conexões tendem a ser demasiado breves e banais para poderem condensar-se em laços”, o que resulta na nova facilidade e visão para o fim de relações.

Este tipo de facilidade pode ser demonstrado através do namoro pela *Internet* que está a florescer. Como sustenta Louise France (apud Bauman, 2003, p. 89), os lugares que eram tidos como referências para a sociabilidade (bares e discotecas) são agora “uma recordação distante”, em que “pode-se sempre premir a tecla delete...”. O namoro virtual, em especial, configura-se com as vantagens de uma existência igualada à escolha por catálogo, onde a compra não é obrigatória e há a possível “garantia de devolução caso não fique satisfeito”.

Por consequência, os laços amorosos são cada vez mais voláteis. Como refere Recuero (2009, pp. 37-38), a facilidade em “iniciar e terminar relações”, que “não envolvem o “eu” físico do ator” e para “além do mais, barreiras como sexualidade, cor, limitações físicas e outras não são imediatamente dadas a conhecer”, proporciona “uma maior liberdade aos atores envolvidos” sem que estas acarretem injúrias.

1.3. Redes Sociais

As trocas sociais que se realizam diariamente através das redes assumem cada vez mais relevo na forma como nos relacionamos. Para Recuero (2009, p. 36), as relações na *Internet* são diversificadas pelos diferentes tipos de informações e diferentes sistemas.

Com o surgimento e apreciação da *web 2.0* desenvolveram-se e cresceram em paralelo os *Social Media* como forma de simular o preenchimento da lacuna social física da antiga Pólis, que vem a propor potenciar a mediação individual e coletiva “através de processos de comunicação, cooperação e conflito que se materializam através da utilização social das tecnologias” (Amaral, 2016, p. 97).

Foi precisamente nos primeiros anos do novo milénio que “participatory culture” se mostrou a palavra-chave “to nurture connections, build communities, and advance democracy” (Dijck, 2013, p. 4).

Para Recuero (2009, p. 24), as redes sociais, definidas como “um conjunto de dois elementos: atores (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e as suas conexões (interações ou laços sociais) (Wasserman e Faust, 1994; Degenne e Forse, 1999)” possuem como foco as “estruturas sociais” e são compreendidas como metáforas “para observar os padrões de conexão de um grupo social, a partir das conexões estabelecidas entre os diversos atores”.

De acordo com Amaral (2016, pp. 98-101), as redes sociais são definidas como “redes de comunicação que interligam indivíduos com laços comuns e potenciam uma estrutura dinâmica de relações interpessoais sem que todos os indivíduos estejam diretamente ligados mas antes associados em rede”. De onde, a “questão geográfica esbate-se e a construção social partilhada torna-se um elemento de destaque” favorecido também pelas “dinâmicas sociais que ocorrem no ciberespaço [as quais] remetem para interações que se desenvolvem via CMC, geram fluxos de trocas e sustentam estruturas sociais (Recuero, 2009 [s.p.])”.

Recuero ainda elucida um aspeto relevante que pode passar despercebido quanto ao estudo do tema das redes sociais. As redes sociais são de certo modo apenas ferramentas ou capas ilustrativas compostas por conteúdos mais importantes e completos, que são as comunidades. “As comunidades são grupos (clusters) dentro das redes, revelando núcleos com laços mais estreitos do que a rede geral” e o seu surgimento deve-se ao facto de as “novas tecnologias se terem implementado na sociedade e à diminuição dos espaços públicos “reais”” (2016, pp. 100-101).

A compreensão das redes sociais e a sua consequente análise pressupõe o argumento de que “as relações se sobrepõem às características individuais” pela existência de diferentes forças que regulam a sua estruturação, tais como: “proximidade geográfica, homofilia (a tendência para nos relacionarmos com os parecidos), contágio/influência, reciprocidade e transitividade (“os amigos dos meus amigos, meus amigos são”)” (Amaral, 2016, pp. 106-107).

Recuero (2009, p. 25) refere que os primeiros elementos constituintes de uma rede social são os “atores” e estes “atuam de forma a moldar as estruturas sociais, através da interação e da constituição de laços sociais”.

Nesta perspetiva, os ditos “atores” não só se mostram como constituintes essenciais de uma rede como também criam consequentemente uma rica diversidade de conteúdos e informações, o que torna essas redes extensos mundos virtuais de grande relevo e alcance.

Deste modo, hoje em dia existem diversas redes sociais que operam a diferentes níveis, desde as redes de relacionamento às redes profissionais, com agrupamentos de milhões de comunidades de utilizadores que estão a modificar a forma como as pessoas percecionam a noção de espaço, tempo, comunicação e privacidade.

1.3.1. Sites de Redes Sociais

Na obra de Recuero (2009, p. 102) temos superficialmente as já referenciadas redes sociais mas o autor ainda aborda outro aspeto que é “mais popular”: “Sites de redes sociais”, e que, nomeadamente, se mostra mais relevante e relacionado com o caso estudado na presente investigação.

A autora afirma que “sites de redes sociais são os espaços utilizados para a expressão das redes sociais na *Internet*”, enquanto Boyd e Ellison (2007 [s.p.], apud Recuero) definem estes sites como “sistemas que permitem i) a construção de uma persona através de um perfil ou página pessoal; ii) a interação através de comentários; e iii) a exposição pública da rede social de cada ator” (2009, p. 102).

Dijck (2013, p. 8) observa este tipo de “sites” como: “primarily promote interpersonal contact, whether between individual or groups; they forge personal, professional, or geographical connections and encourage weak ties”.

Popularmente referimo-nos a estes sites apenas por “redes sociais” mas estes espaços designados como “Sites de redes sociais” suscitaram uma especial atenção a partir do momento, em que se tornaram espaços compostos por elevados números de indivíduos a conectar-se e, em casos especiais, a tornar esses espaços extensões das próprias vidas.

São fenómenos exemplificativos o *Facebook*, *Youtube*, *Instagram*, *LinkedIn* e *Twitter*, que tornam o fenómeno (sites) “redes sociais” popular, palcos visíveis de um “novo paradigma em que o indivíduo está no centro da comunicação e é, simultaneamente, receptor e emissor” (Amaral, 2016, p. 149).

1.3.2. Facebook

Na visão de Dijck, “the widespread presence of platforms drives people to move many of their social, cultural, and professional activities to these online environments” (2013, p. 4).

De acordo com Loureiro (2011, pp. 107-108), novas formas de socialização estão a emergir, as quais são citadas pertinentemente pela autora Lídia Loureiro da Silva, que indica que “as trocas simbólicas no âmbito dos serviços telemáticos em rede parecem recriar a comunicação onde ela parece estar moribunda, ou seja, a nível interpessoal e a nível da geração de laços sociais potenciadores do surgimento do sentimento de comunidade (2002, p. 25)”. Ainda mais sucintamente, apresenta-se a ideia de José Mourão (2002, p. 80 (apud Loureiro, 2011, p. 108) no qual “o Eu moderno vive numa ilha, mas não abandonou a ideia de comunidade”. É através desta pertinente frase, a qual também vai ao encontro das “ilhas” mencionadas por Bauman, que nos permite refletir: por mais duradouro que seja o conceito e sentido de comunidade no tempo e espaço, novas significações foram absorvidas pelo espaço, agora penetrado de isolamento e individualismo, na prática de novas formas de sociabilidade nada iguais às que existiam.

É nestas ilhas iluminadas pelos diversos ecrãs que se edificam novos centros multiusos, onde indivíduos estão dispostos a fazer parte de um conjunto de vizinhos estranhos.

O *Facebook* (*Youtube*, *Instagram*, entre outros) é hoje exemplo real destes centros que se assemelham a autênticos buracos negros, onde as funções multiplicadas dão vida a uma realidade virtual pelo simples toque de um dedo.

Criado em fevereiro de 2004, o *Facebook* é considerado a “maior e mais popular rede social do mundo”, com mais de 1,6 mil milhões de utilizadores e possui perspectivas de crescimento ainda maiores na sequência da adesão ao projeto “*internet.org*”, “que tem disseminado a *Internet* gratuitamente a milhões de pessoas em todo o mundo” (Marques, 2016, pp. 170-171).

Tal perspetiva é confirmada pelos dados avançados por Machado (2018, s.p.), num artigo noticiado pelo jornal Observador, segundo o qual 10,32 milhões de habitantes em Portugal, cerca de 6 milhões de pessoas utilizam a rede social, o que contribui para um número mundial de utilizadores total de 2,13 mil milhões (um aumento considerável comparado com a contabilização de Marques em 2016).

Segundo Sousa (2014, p. 18), que faz referência a Santana (s.d, s.p.), a rede social foi criada por Mark Zuckerberg, Dustin Moskovitz, Chris Hughes e Eduardo Saverin, com o intuito de o seu uso ser primeiramente restrito a alunos de *Harvard*, onde os seus fundadores exerciam, tendo como finalidade uma melhor integração dos alunos. Só mais tarde, cerca de um ano depois, é que se expandiu a universidades de outros países, abrindo portas para posteriormente se tornar uma rede livre à escala mundial, remodelando-se de modo a proporcionar uma experiência ao utilizador cada vez mais eficiente e intuitiva.

Ainda de acordo com Marques (2016, p. 170), o *Facebook* possui diversos pontos diferenciativos, considerando-se desde logo a “grande diversidade de tipo de conteúdos” disseminados, como o “texto, imagem, vídeo, *GIF*, *links*, carrossel, canvas, *live*, conteúdos 360”.

Esta rede revela ser uma das principais formas de estabelecer as atuais relações pelo acesso das diversas ferramentas e aplicações, as quais permitem comunicar e partilhar informações. Devido à sua especificidade enquanto rede e pela apropriação que os utilizadores fazem dela, a diversidade impera, como refletem os seus conteúdos, que focalizam várias áreas (como o pessoal, o noticioso, comercial, entretenimento, entre muitos outros).

Este tipo de rede permite ao utilizador adicionar “amigos” (conhecidos ou desconhecidos) e criar um perfil identitário com informações e fotografias que o identifique.

Segundo Marques (2016, p. 172), o perfil deve ser “autêntico”. Este é um recurso bastante comum na rede, em que terceiros podem aceder às diversas informações da pessoa escolhida, quer faça parte ou não da sua rede de amigos.

É de realçar que estas informações referentes ao perfil, mas também outras informações como as publicações, podem ter acesso restrito, dependendo da privacidade definida, a qual é configurada pelo utilizador: Público; Amigos; Amigos, exceto...; Amigos específicos; Apenas eu. O perfil é um dos aspetos mais importantes, na medida em que é constituído por diversas informações pessoais (e até relacionais com terceiros), onde o “Eu” (utilizador) se identifica. Equivale como o cartão de identificação a ser apresentado a terceiros, sugerindo uma “identificação instantânea” (Loureiro, 2011, p. 54). Apresenta também toda a atividade efetuada cronologicamente. Possui secções como: “sobre” -informações a nível pessoal podem ser visualizadas; “amigos” -pessoas adicionadas; “fotos” -do indivíduo; e ainda “mais” -onde outras opções podem ser visualizadas referentes à pessoa (vídeos, visitas, “gostos”, eventos, etc.).

De modo a promover a comunicação na rede social *Facebook*, esta possui um sistema de mensagens, ou seja, um *chat* que permite conversas privadas (individuais ou em grupo). Especificamente, esta característica pode ser considerada o elemento mais interativo pois reproduz e substitui a interação “face-a-face”. Em termos conceptuais, pode hipoteticamente ser e ser adotada em detrimento da dita ligação pessoal. O *chat*, também possui a possibilidade de vídeo chamada, em que se associa o vídeo à voz.

Com o *Facebook*, o utilizador ainda tem possibilidade de criar qualquer tipo de informação, quer seja sobre si ou sobre outros, para além de publicar nos perfis de terceiros.

Quer isto dizer que um indivíduo pode fazer publicações sobre e quem quiser, quer seja na sua página de perfil ou numa página de contacto adicionado como amigo ou numa página de perfil público (figura pública ou empresa).

O utilizador tem também acesso a outras ferramentas, como forma de expressão e interação, que é o caso da partilha das diversas publicações na rede, as quais são adicionadas à sua cronologia.

Também é possível reagir a uma publicação que aprecie, através de um *click* em “*gosto-Like*”. Este elemento específico desencadeou internamente algum entusiasmo tumultuoso entre os utilizadores, que atingiu os administradores da rede que viriam a adicionar, posteriormente, outras “reações”- *emojis* “Adoro; Riso; Surpresa; Tristeza e Ira”.

Tendo em conta as redes sociais digitais existentes, o *Facebook* torna-se a mais completa, na medida em que incorpora, de certo modo, toda a concorrência que tem as suas atividades delimitadas com maior fixidez (exemplo, *Youtube* (vídeo)). É possível adicionar vídeos na própria rede e identificar especialmente quem gosta, operação realizável através do botão de reação, que pode ser carregado através do surgimento de uma caixa (o *Youtube* apenas conta os “gostos”, não possibilita diferentes reações e a identificação). O *Instagram*, apesar de ser praticamente igual ao *Facebook*, possui ferramentas mais limitadas (exemplo, duração de vídeo).

O *Facebook* agrega ainda recursos que possibilitam ações interativas tais como a criação de eventos virtuais e reais; a criação de grupos, por meio da qual o próprio individualismo pode ser canalizado para um objetivo maior, que é o conhecimento coletivo.

Recentemente uma nova ferramenta está disponível para usar e abusar, a transmissão em direto. Com este elemento, o utilizador pode fazer um *live* quando pretender, com o intuito de tornar esta rede social ainda mais interativa. Ainda através da transmissão ao vivo é possível interagir com outros indivíduos pelo campo de comentários e reações (visualizados em paralelo), que podem ser respondidos e/ou comentados em tempo real no próprio vídeo em direto pelo autor.

Estas ferramentas não visam apenas ser praticáveis para uso doméstico. A rede social, também pode ser utilizada com intuito comercial, ou seja, a um nível empresarial. Curiosamente, os recursos abordados podem ser de uso doméstico e empresarial, mas outros recursos, não mencionados e mais direcionados, estão disponíveis.

É este tipo de rede que favorece atualmente a sociabilidade num mundo cada vez mais digital, onde acaba por convergir o deambulismo populacional. Para além disso, também contribui para períodos perturbadores tanto em universos pessoais como comunitários.

1.4. A obscuridade digital

O meio digital não só permite como tem contribuído para que um campo vasto de dados esteja ao alcance de um número considerável de indivíduos. Por isso, como uma moeda de duas faces, o fácil acesso tem o seu lado positivo, por outro lado, indivíduos e até empresas veem uma oportunidade de caminhar por caminhos obscuros com subsequentes efeitos a níveis pessoais e mundiais.

O meio digital no seu todo, e em especial as redes sociais, acarretam problemas. Um dos principais pontos a considerar no cuidado a adquirir é a validação-falsificação da informação observada. Como é possível qualquer pessoa aceder livremente ao meio digital, também é possível qualquer indivíduo alojar informação livremente pelo e no meio. Neste sentido a disponibilização de uma informação de âmbito universal (por exemplo o tratamento de um tema) pode ser disponibilizado digitalmente ao serviço de quaisquer motivações de quem o disponibiliza, seja no plano pessoal ou organizacional. Daí levanta-se a incerteza do que pode ser tido como verdadeiro-falso ou mais correto e menos correto. Um dos exemplos mais ilustrativos é o caso da *Wikipédia*, pois na visualização de um tema, as informações disponíveis podem ser editadas por qualquer indivíduo.

Peculiarmente, as redes sociais também possuem características similares. Os seus utilizadores poderão transmitir qualquer tipo de informações sem a verificação de sua veracidade. Podem ser notadas tanto nas publicações como nos próprios perfis de *Facebook*. Os perfis talvez possam ser vistos com uma maior preocupação pois são tidos como cartões de identidade. Quem visualiza e pesquisa por um perfil de um utilizador pressupõe que o seu conteúdo é verídico. Contudo, existem perfis falsos, quer seja o nome, imagens ou outras informações pessoais falsas.

Acerca deste aspeto, Loureiro (2011, p. 100) identifica como que uma fragmentação da identidade ou a “identidade em fuga”, a qual expõe, por intermédio de Turkle (1997, p. 13) escrevendo: “enquanto anónimos, somos capazes não só de brincar com a nossa própria identidade como com muitas outras que dificilmente assumiríamos no mundo real- homens tornam-se mulheres, pobres tornam-se ricos”.

Ainda existe a possibilidade de apropriação de identidades. Quer isto dizer, que um indivíduo pode criar um perfil “falso” com informações verdadeiras de terceiros, que por vezes são identificados e denunciados.

A elucidação do que é considerado “público” e “privado” no digital suscita um conjunto de discussões. Esbatem-se as linhas diferenciadoras entre essas esferas, onde informações consideradas privadas para uns não passam de conteúdos banais para outros, sem qualquer invasão de privacidade. Isto está plenamente relacionado, por exemplo, com todas as informações identitárias que são disponibilizadas na rede social *Facebook*, mas também pelo tipo de publicações que os indivíduos inserem nos seus perfis de acesso público: por meio de fotografias de momentos de lazer, almoços-jantares realizados, pensamentos, posições relativas a algo, afazeres, etc.

Schmidt & Cohen (2013, pp. 50;73) consideram as tecnologias de comunicação, que fazem parte do nosso quotidiano, “evasivas por natureza”, na medida em que agregam grandes quantidades de dados, desde fotos, comentários e amigos em “gigantescas bases de dados que podem ser alvo de buscas...”. Os mesmos autores ainda referem que o ideal seria que todos tivessem bom senso e acompanhassem/gerissem suas identidades online mas infelizmente “isso é, obviamente impossível”.

É precisamente esta exposição que leva as pessoas, segundo Schmidt & Cohen, futuramente (ou já no atual), a ficarem “dominadas por uma preocupação obsessiva com o paradeiro da sua informação pessoal” (2013, p. 73).

Schmidt & Cohen (2013, p. 102) questionam-se o porquê do nervosismo das pessoas (associado ao uso da *Internet*), respondendo: “...o que deixa os cidadãos nervosos são as incógnitas, são os perigos e crises que resultam de entrelaçar as próprias vidas numa teia de estranhos interconectados”.

A esta preocupação junta-se um outro aspeto, também relevante no estudo da permanência de indivíduos em meios digitais: a vigilância, não consentida, nem sequer percebida pelos navegadores digitais que dela sejam alvo.

A agenda cinematográfica tem vindo a refletir algumas questões associadas ao meio digital, como o filme “*The circle*” realizado por James Ponsoldt, baseado no romance de Dave Eggers.

Este filme, especificamente, trata questões relacionadas com a total transparência informativa e a partilha (equacionada segundo a dualidade privado versus público), numa rede designada por “*Circle*”. O seu propósito consiste na acumulação de riqueza e no controlo de forma a que as experiências de uns possam ser vivenciadas por outros como suas próprias experiências. Uma nova ferramenta apresentada é a camara “*Seechange*”, que possibilita o processamento analítico em tempo real e os seus criadores veem-na como uma possibilidade

para um mundo melhor, onde “sharing is caring” e “we will see it all, because knowing is good. But knowing everything is better” (The circle, 2017).

Em certo momento do filme é dito o seguinte:

“I am a believer in the perfectibility of human beings. When we are our best selves, the possibilities are endless. There isn't a problem that we cannot solve. We can cure any disease and we can end hunger, and.... Without secrets, without the hoarding of knowledge and information, we can finally realize our potential” (The Circle, 2017).

Quando os desenvolvedores da câmara, Eamon Baily e o seu parceiro Tom Stenton, interpretados por Tom Hanks e Patton Oswalt, são confrontados e alvos de tal transparência que tanto tentam difundir para a sociedade, ambos ficam reticentes e desconfortáveis com a situação. É este enredo final que, apesar de ser embelezado pelo meio ficcional cinematográfico, nos pode e deverá suscitar desconfianças.

Outra obra audiovisual com relevância no tema da falta de privacidade, anonimato e excesso de informação acedida é o filme de ficção científica “*Anon*”, lançado em 2018. O enredo abordado, apesar de na sua essência se mostrar irregular e confuso dispersando-se por vezes sem a profundidade necessária, contextualiza-se no tempo atual por meio de vários escândalos de vazamento de dados e ataque à privacidade. Literalmente na sensação de “os olhos que tudo veem”, o mundo ficcionado na obra pode e é observado pela própria retina que tudo o que vê informa, mas também grava (memória).

O poder alia-se a uma vulnerabilidade. E, por consequência, alia-se a uma invasão de privacidade, num mundo sem anonimato nem crime, onde tudo está conectado e tudo é vulnerável. A protagonista Amanda Seyfried, considerada um “Fantasma” por não estar inserida no grande “*Big Data*”, é uma personagem que ameaça a segurança, pois consegue penetrar na complexa codificação e manipular segredos da rotina gravada. O órgão responsável pela segurança acaba por tentar eliminar tal ameaça mas o mesmo poder aplica a mesma ação (tão censurada) ao invadir a privacidade de qualquer um para tomar novamente as rédeas.

No momento final é diferido pela atriz que contracena com o ator Clive Owen:

“(Amanda) -You invade my privacy it's nothing. I try is a back it's a crime.

(Clive) - Don't you get it? The more you try to hide, the more attention you attract. Why is it so important that nobody knows you? You get rid of other people's secrets. What's yours?

(Amanda) - Does there have to be one?
(Clive) - Everyone has something to hide.
(Amanda) - That's what you do. What you look for every day of your life. Why you'll never understand. It's not that I have something to hide.... I have nothing I want you to see" (Anon, 2018).

Gary T. Marx (2008, p. 92, apud Loureiro, 2011, p. 58), especialista do *MIT* em vigilância e controlo social de fronteiras, menciona a existência de uma vigilância “soft, não invasiva, com consideração que “as novas tecnologias ocultas ou pouco visíveis possibilitam cada vez mais que passem despercebidas, eliminando assim por completo a necessidade de obter consentimento directo ou de serem sujeitas a qualquer outro tipo de supervisão””.

Como defendem Schmidt & Cohen (2013, p. 71), pressupõe-se que haja uma responsabilidade social por parte das empresas, utilizadores e instituições na salvaguarda dos dados pela segurança e privacidade.

De acordo com Dijck (2013, pp. 46-47), o *Facebook* tem interesse em promover o “share information” através da “connectedness” e, por outro lado, desviar atenção do “sharing user data” relacionado com a “connectivity” com terceiros pois, “...the more users know about what happens to their personal data, the more inclined they are to raise objections”.

Infelizmente, uma vez mais, este site foi visto a atender primeiramente seus interesses, em vez dos seus utilizadores, em que o seu “unique selling point over the years has been its rapidly growing user base” (Dijck, 2013, pp. 48-50).

Recentemente, a empresa *Facebook* foi alvo de um debate público, a nível planetário, na polémica que envolve a quebra de privacidade e partilha de dados de mais de 50 milhões de utilizadores, com a empresa “*Cambridge Analytica*”, por uma aplicação alojada na rede para fins eleitorais de Donald Trump (Dias, 2018).

Um dos infimos debates foi levado a cabo pelo Fórum TSF, onde intervenientes pertinentes se pronunciaram sobre a pergunta base “O *Facebook* é uma ameaça à democracia” (TSF, 2018).

Na conversa, o jornalista Diogo Queiroz de Andrade, diretor adjunto no jornal “Público”, rotula o *Facebook* como a “perfeita máquina da manipulação”. Isto, porque “mexe com os sentimentos, as emoções dos utilizadores”, em que estes mesmos utilizadores fornecem diversas informações, onde os algoritmos incluídos no *Facebook* trabalham “de forma a estar informados daquilo que nos desperta interesse e que, nos ativa” (com o intuito de nos direccionar publicidade para sensibilizar-nos). Por isso o *Facebook* é uma ameaça à democracia. Não só esta manipulação é “gravíssima”, ao nível de sua publicidade, mas

também nas notícias relacionadas, que são adaptadas automaticamente, como exemplo, na campanha eleitoral de Donald Trump, onde o seu gestor de campanha digital não só referiu como afirmou que ganhou as eleições graças ao *Facebook* (TSF, 2018).

Outro participante, o professor Carlos Jalali, coordenador na Universidade de Aveiro, acaba por partilhar da mesma ideia, por alusão a uma tríade de poder, “que leva a que os riscos de manipulação e de propaganda sejam a uma escala sem precedentes”. Estes são compostos, num primeiro vértice, pelo facto de as redes sociais facilitarem a partilha de informações de forma voluntária. A este liga-se o seguinte vértice na capacidade com que as organizações usam essa quantidade de dados para terem conhecimento dos indivíduos, quer seja através das redes sociais como de outros sites (compras, por exemplo). O último vértice deste triângulo consiste na forma como a informação pode ser utilizada na interação político-cidadão (TSF, 2018).

Outros participantes tiveram opiniões contrárias, não considerando negativamente a plataforma *Facebook*, como o professor e sociólogo Gustavo Cardoso.

Numa época em que tudo está aos olhos de todos, os ciberataques, nomeadamente, “a espionagem digital, a sabotagem, a infiltração e outras ofensas”, constituem-se um dos aspetos mais temidos e debatidos entre os estados. Apesar do seu conceito ainda ser relativamente novo e os seus parâmetros indefinidos, possuem potência para “provocar danos graves” (Schmidt & Cohen, 2013, pp. 129-130).

É um facto de que não estamos completamente informados acerca dos seus aspetos negativos mas qualquer ser racional tem consciência de que a utilização destas plataformas, como a simples navegação na *Internet*, pressupõe uma rutura da privacidade, até uma possível vigilância a cada clique/passos/pegada digital. Então porque submetemos a nossa integridade a tais violações?

Schmidt & Cohen (2013, p. 50) podem ter uma resposta plausível, na medida em que “os incentivos à partilha sempre se hão-de sobrepor aos vagos e remotos riscos de exposição”, pois “se estamos na web, estamos a publicar e corremos o risco de nos tornarmos figuras públicas”. E isto é talvez mais importante para todo o sucesso das redes do que todos os riscos associados.

Neste aspeto, surge a ideia de um constante exibicionismo por parte de indivíduos com necessidade de aparecer, sendo um dos conceitos mais figurados na era atual. As redes sociais têm ganho espaço para esta ideia, no sentido em que os utilizadores, talvez por carências emocionais e/ou afetivas, tentam aumentar a própria autoestima pela aprovação em número

de “gostos” ou comentários, ou numa ideia de excitação egocêntrica de superioridade pelos demais indivíduos. Nada mais que a satisfação pessoal (cf. Buonocore, s.d, s.p.).

Ao mencionar o exibicionismo emerge uma obra relevante do autor Erving Goffman de um título, que por si só não precisa de explicações adicionais: “A representação do eu na vida de todos os dias”. Colocar em comparação a vida a um palco, onde a representação impera e a necessidade de auto evidenciar-se está presente. A ideia base deste livro, no que ao presente trabalho diz respeito, consiste em “quando se encontra na presença de outros, o indivíduo recheia de modo característico a sua atividade com sinais que põem em evidência e configuram factos confirmatórios que de outro modo permaneceriam ignorados ou obscuros”. O autor aborda a representação dos indivíduos perante os outros em situações mais banais, desde profissionalmente ao seio familiar (Goffman, 1993, p. 43).

Daqui podemos concluir, tendo em conta alguns aspetos já abordados de práticas a pensar em termos de redes sociais e com base na ideia da obra de Goffman, que a vida é um palco. Os indivíduos, em todos os passos que dão, estão em constante exercício de papéis e o digital, que não obriga a existência física do Eu, mostra ser o palco perfeito para a criação de impressões que esses mesmos atores querem representar.

“Por vezes o indivíduo agirá de modo inteiramente calculado, expressando-se de uma determinada maneira apenas no intento de causar aos outros o tipo de impressão susceptível de provocar neles a resposta particular em que o indivíduo em questão está interessado. Por vezes o indivíduo continuará a calcular os seus actos mas permanecendo relativamente inconsciente de o estar a fazer” (Goffman, 1993, p. 17).

Em conclusão, haverá necessidade de um possível investimento mais intransigente em recursos na área da segurança digital, solucionado pelo emergir de “uma vaga de empresas e *start-ups* a promover soluções...” (Schmidt & Cohen, 2013, p. 73). Outrora, uma conversa obrigatória sobre sexo dá hoje lugar à importante conversa sobre a privacidade e segurança de estar online. (Schmidt & Cohen, 2013, p. 51).

PARTE II:

A EXPLORAÇÃO DA LITERATURA ODEPÓRICA E A CRÍTICA PALACIANA NA VISÃO DE PETER SLOTERDIJK

“Não são as pessoas que fazem as viagens
mas sim as viagens que fazem as pessoas.”

John Steinbeck ⁵

⁵ Apud Cadilhe (2016, p. 7)

2.1. Literatura de Viagens: O género literário renegado

A contextualização distintiva na associação classificatória de géneros literários das mais diversas obras existentes remonta aos estágios temporais da Antiguidade.

De acordo com Rovira e Arquero (2009, s.p.), Aristóteles foi o consagrado pioneiro no século IV a.C. no concernente à distinção denominativa dos principais géneros: Lírico, Épico e Drama “según la diferencia entre medios, objeto y modo de la imitación”. Só no século XIX, por parte do filósofo alemão Hegel (1832), que um novo paradigma foi investido na adaptação dos “preceptos clásicos a la realidad literaria de su época”. Nesta ideia, a tríade aristotélica foi redefinida para uma base com “clasificación dialéctica de los modos de representación literaria de la realidad: subjetiva (tesis lírica), objetiva (antítesis épica) y mixta (síntesis dramática)”. Na opinião dos autores não só é necessária como imprescindível uma atenção na adaptação da teoria dos géneros às realidades temporais em surgimento. É o caso da Literatura de Viagens, que “por unas u otras razones, no han sido consideradas con la debida apreciación” e muito menos deixado “espacio a novedades creativas en cuanto a los géneros”, motivo pelo qual não tende a ser considerado um género próprio mas sim um “subgrupo temático”.

Contudo, é constatado que apesar da sua valorização atenuada a chamada Literatura de Viagens é integrada popularmente como elemento nos principais géneros literários (Almarcegui, 2008, p. 26).

Enquanto tema a ser abordado academicamente, o seu estudo torna-se complexo na medida em que a bibliografia em termos de tema é bastante diversificada mas em contrapartida no aspeto teórico não é encontrada tão ampliada profusamente, como bem aprecia Almarcegui (2008, p. 25) “quizá porque desde sus orígenes, al no formar parte de la literatura, permanece ajena a los debates teórico”.

Neves (2002, s.p.) refere-se à Literatura de Viagens como:

“um extenso conjunto de obras que, longe de ser homogéneo, encerra os mais diversos aspectos directamente relacionados com as navegações portuguesas do século XV até às primeiras décadas do século XVII, bem como a apreensão dos novos espaços, gentes e culturas contactados.”

Na conceção de Boetsch (2006, p. 49), a Literatura de Viagens desdobra-se num nível dual de carácter, contemplando o descritivo e o narrativo que se mesclam em doses variadas de predominância. A Literatura de Viagens aparece, deste modo, definida por este autor:

“un género de frontera. No sólo porque obtiene su híbrida definición de los límites que comparte con otros géneros afines, sino porque su tema mismo suele ser ese "espacio de contacto" intercultural que se ha conocido tradicionalmente como "frontera geográfica” (Boetsch, 2006, p. 49).

Soledad Castro, reportando-se ao trabalho de outros autores, apresenta um tipo de definição que procura sintetizar um conjunto de noções mais ou menos vagas num conceito:

“Muchos son los autores que han intentado definir el concepto de literatura de viaje. Caroline Von Wolzogen en su novela *Cordelia*, 1840, define este tipo de literatura como “transformación de la vida cotidiana”. Ida Hann viaja para vivir, ya que “todo viaje es una búsqueda de intensidad”. Dacia Maraini cree que viajar es, de una parte, descubrir lo nuevo, de otra un encuentro con el pasado” (Castro, 1995, p. 182).

Num outro tipo de registo, Fernando Cristóvão (2010, p. 9) opta pela sua definição como sendo “...um subgénero compósito, em que a Literatura, a História e a Antropologia, em especial, se dão as mãos para narrar acontecimentos diversos relativos a viagens”.

Na sua essência, este tipo de literatura aborda relatos de viagens que “se relaciona[m] durante siglos con un género perteneciente a la historia ..., lo que significa descripción de una experiencia”. Existe, por outro lado, algum tipo de regularidades estáveis, na chamada Literatura de Viagens, na medida em que “desde la Antigüedad hasta nuestros días los textos de los viajeros se caracterizan por ser unos relatos subjetivos que revisten un carácter testimonial” (Almarcegui, 2008, pp. 25-26). A Literatura de Viagens continua, na atualidade, a ser um género ou sub-género amplamente cultivado, como se verá adiante, evidenciando, contudo, nas suas enunciações fundamentais, elementos distintos dos da Antiguidade.

Como principais particularidades que este tipo de literatura demonstra possuir, Rovira e Arquero (2009, s.p.) realçam que:

“podemos apreciar con claridad que existen motivos más que suficientes para considerar a la literatura de viajes como un género literario propio, sin necesidad de englobarla dentro de cualquier otro grupo o subgrupo, dígase narrativa o similares. Las diferencias existentes entre los libros de viajes con respecto a los de cualquier otro género, convierten a este tipo de literatura en una modalidad bien diferenciada” (Rovira e Arquero, 2009, s.p.).

Os livros desta inicial (pré) literatura expressaram-se pelas experiências dos seus atores com intenções de dar a conhecer descritivamente os territórios e culturas (reais ou

imaginárias) “de las vivencias de un viajero en tierras extrañas” (Rovira e Arquero, 2009, s.p.).

A Literatura de Viagens reúne, pois, neste entendimento, pela sua especificidade própria, um conjunto bem demarcado de características, como sejam “la intención del autor, el tratamiento del tema, la exposición del argumento, la construcción de las imágenes” e “cualquier otra modalidad novelística no ofrece las cualidades descriptivas de gentes y paisajes”, é apresentada como um género “diferenciado” (Rovira e Arquero, 2009, s.p.).

Segundo Castro (1995, p. 181) “la nostalgia de lo lejano, de lo desconocido, impulsa a la humanidad a ponerse en contacto con otras gentes, otras culturas, otros comportamientos”.

Os termos “viagens” e “viajar” agem sobre nós, remetendo-nos até a eventos mais primitivos de um período longo, onde há uma associação a um período histórico factual de que hoje podemos ter conhecimento.

Para compreender a viagem, segundo Craveiro (2010, p. 205), é necessário compreender os critérios que a fazem iniciar “com o apresentar do objetivo que conduziu à partida do viajante, a referência às motivações que o levaram a deixar o seu círculo habitual para ir à descoberta do (des)conhecido..., e também com a descrição dos necessários pertences e instrumentos...”.

Contudo, é de notar que compreender tais impulsos requer não apenas identificá-los, mas também o espaço temporal em causa, na medida em que a humanidade teve suas evoluções nos mais diversos aspetos, entre eles, as suas mentalidades e modos de estar. Em especial, um autor que se sobressai pela sua abordagem ao tema literário é Cristóvão (2010), que congrega esforços com outros autores, para produzir uma compreensão do tema em termos significativos.

Nesse seguimento, o autor observa uma distinção identificativo-temporal de três etapas assimiladas, quando a abordagem é Literatura de Viagens, nas quais podem encontrar-se ““marcas” textuais que definem o perfil do tempo a que pertencem e o estilo próprio” (Cristóvão, 2010, p. 10).

A primeira ““LITERATURA DE VIAGENS TRADICIONAL”, iniciada por volta do século XV, reconhecendo e integrando textos anteriores tais como as obras de Egéria, Marco Pólo, Piano Carpino e outros”. Segue-se em segundo a ““NOVA LITERATURA DE VIAGENS”, iniciada no século XIX como advento do turismo e do seu *modus operandi* na escrita...”. A terceira etapa “parece estar a afirmar-se nos nossos dias, a da “NOVÍSSIMA LITERATURA DE VIAGENS”, mediada pelos computadores, pelos telemóveis e outros meios de comunicação rápida de escrita, som e imagem” (Cristóvão, 2010, pp. 9-10).

Por outro lado, Sloterdijk, de um modo menos rigoroso e num aspeto relacional sobre o seu estudo acerca da Globalização, também lamina a Literatura de Viagens referenciada por Cristóvão. É através da recapitulação temporal e na distinção das várias Globalizações datadas, desde o tempo mais antigo até ao nosso mais recente período histórico, que o autor reconcilia o aspeto em causa numa visão menos meticulosa. Nisso, Sloterdijk (2010, p. 18) determina a existência de três possíveis Globalizações do ser humano.

Sloterdijk confere à primeira Globalização a época Cosmológica, na medida em que “a representação de uma bola que serve de continente à vida biológica e reflexiva, era para os Gregos, constitutiva de uma interpretação filosófica do Universo”. Esta consistiu essencialmente na medição do “céu pelo pensamento” e obtém o seu verdadeiro começo na compreensão da “estrutura do mundo” numa estreita ligação com os conceitos metafísicos, ontológicos e teológicos, ou seja, o “pensamento das esferas”. Segue-se a Globalização Terrestre “realizada praticamente pelas descobertas marítimas”, onde depois de uma atração e elevação do humano aos céus, esses descem à terra, ou melhor, ao mar. Com a duração de quinhentos anos (1492-1945) “entrou nos livros de história como “a época da expansão europeia””, terminada mais especificamente em 1944 pelo sistema monetário internacional de Bretton Woods ao instalar “uma atmosfera eletrónica e uma envolvimento de satélites na órbita terrestre”. Daí aparece a última, uma era “que se distingue claramente das anteriores pelo seu modo de produção de mundo” a Globalização Eletrónica, “com a qual têm a ver os contemporâneos e os seus herdeiros”. Nesta era, a sua característica principal estabelece-se na “crescente prioridade das inibições em relação às iniciativas” (Sloterdijk, 2010, pp. 18-21).

Como podemos notar, encontramos uma relação equivalente de temáticas e termos teóricos em autores distintos: por um lado Cristóvão identifica as três diferentes etapas da Literatura de Viagens, enquanto Sloterdijk cartografa as três épocas do fenómeno de Globalização.

2.2. A primeira vaga da Literatura de Viagens (Tradicional)

De modo mais explanativo, a etapa “Literatura Tradicional de Viagens” caracteriza-se por ser o tipo de literatura “mais conhecido, divulgado e editado, traduzindo a cultura tradicional europeia, e que, mesmo até aos nossos dias, tem merecido a atenção geral” (Cristóvão, 2010, p. 10).

De acordo com Cristóvão (2010, p. 10), as “marcas” distribuem-se em funções dos mais diversificados textos “pois são diferentes as dinâmicas das viagens de peregrinação, de comércio, de expansão (política, religiosa e científica), erudita, de formação e serviço, imaginária”. Uma das marcas é a descrição do “*de situ*”, ou seja, o espaço que se mostra como o “elemento macroestrutural de enquadramento de toda a narração/descrição” e define “o que se entende por viagens”.

Exposto o dito “*situ*”, as restantes estruturas da narrativa dão conta da “viagem e do que ocorre por ocasião dela, antes, durante ou depois”. Estas, por sua vez, podem apresentar-se em forma de “estereótipos simples (*leitmotiv* ou emblema)”, ou pela narração de “acontecimentos históricos”, onde estes últimos podem obedecer por um lado, a “modelos de “viagem”, “diário”, “itinerário”, “jornada”, relativos a deslocações por terra ou mar” ou, por outro, “dando corpo a figuras retóricas... como as metáforas... como as dos tópicos que louvam a terra e enumeram as suas riquezas” (Cristóvão, 2010, p. 11).

É através deste último conjunto de aspetos tidos em conta pelo autor, na referenciação a “viagem”, “diário”, “itinerário”, “jornada”, que nos é realçado um conceito intimamente ligado, a saber o dos “acontecimentos históricos”, ou seja, os Descobrimentos, o que nos leva a estabelecer relações com a definição de Neves (2002, s.p.) quando este relaciona a literatura com a era dos descobrimentos. E, que por si só, faz todo o sentido o ser, na medida em que tem início no séc. XV (o mesmo período que Cristóvão data a Literatura tradicional de Viagens) e se articula a uma era de desvendamentos e conhecimentos com necessários registos sobre o “novo”.

Como refere Castro (2004, s.p., apud Rovira e Arquero, 2009, s.p), de modo convincente, “podemos afirmar sin miedo a equivocarnos que el ser humano ha sentido la necesidad de viajar, e igualmente ha sentido la necesidad de dejar constancia de haber realizado el viaje”. Por isso mesmo, estas narrativas revelaram-se uma fonte de conhecimento diversificado e como completa Suárez-Japón (2002, p. 133, apud, Rovira e Arquero, 2009, s.p.) “la lectura de textos literarios es una vía posible de conocimiento geográfico...”.

É a partir do século XV que o homem reconhece que o mundo ainda se mostra uma incógnita e em compartimentação, e, por isso desenvolve uma “necesidad de conectar con otras realidades” (Castro, 1995, p. 184). O indivíduo na sua génese é um ser interessado e fascinado pelo mundo (apelidado de Terra) e pelo universo. Assim, ele tem realizado viagens para que tal conhecimento seja alcançado e partilhado.

Mas tal conhecimento, diz-nos Almarcegui (2008, p. 26):

“implica el uso de una serie de elementos enfáticos que postulan una economía de lo real representada en términos de observación, testimonio y verdad. En este sentido, coincide con otros discursos, por lo que pasa a convertirse en lugar de recepción de textos de orígenes diversos, que se articulan en su interior, como el del geógrafo, naturalista, etnólogo, administrador, militar, misionero, comerciante, economista, arqueólogo... cada uno provisto de sus propios elementos poéticos y retóricos”.

A escrita nessa época renascentista “surge como um suporte de fixação, organização e divulgação das novas realidades experimentadas e vividas pelos viajantes portugueses”, onde a “observação, classificação e acumulação sistemáticas de informação” deu origem a uma riqueza cultural “concorrendo para a criação de um “planetário banco de dados” e, em última análise, para o desenvolvimento de uma “cultura-mundo”” (Neves, 2002, s.p.).

De acordo com Neves (2002, s.p.), o “caracter empírico-pragmático é um elemento caracterizador da Literatura de Viagens”. Quer isto dizer que houve uma reformulação no pensamento “do conhecimento herdado da Antiguidade Clássica e do saber dogmático da Medievalidade”. O que doravante se chamará conhecimento, depende cada vez mais de “critérios objetivos assentes na razão e experiência vivencial, e não do tradicional critério da “autoridade” incontestada”. Aqui o conceito de experiência vem a tornar-se um aspeto fundamental, apesar de não ser novo como um critério elementar para a verdade mas sim na sua “concepção de que é através da experiência que o conhecimento deve ser primordialmente adquirido” (Onésio Teotónio Almeida, sd., s.p., apud Neves, 2002, s.p.).

Em conformidade com a experiência estão também duas “categorias organizadoras do conhecimento adquirido”, o “tempo e o espaço”. Por um lado, associado ao “tempo” encontram-se por exemplo as “crónicas... sendo “reconstituições históricas” feitas a partir de relatos de navegadores ou de documentos lidos e interpretados pelo autor”. Quanto ao “espaço” (relação com o “*situ*” de Cristóvão) estão as “descrições de terras..., num discurso descritivo, onde predomina o carácter quantitativo, em benefício de um maior grau de precisão e de exatidão” (Neves, 2002, s.p.). É neste sentido que

“terá sido essa evolução caracterizada pela mentalidade quantitativa patente nas “descrições” que, aliada às dificuldades no campo prático emergentes das navegações, terá levado ao acelerado desenvolvimento da produção de obras técnicas ao nível da astronomia náutica, cartografia, geografia e outras áreas do saber científico da época” (Neves, 2002, s.p.).

Prosseguindo, o autor citado (Neves, 2002, s.p.) ainda distingue duas tipologias categóricas, em que a primeira entra essencialmente no aspeto do espaço, enquanto que a segunda entra no saber prático:

“as **obras narrativas**, que assentam nas descrições quantitativas e qualitativas da nova realidade mundial, e as **obras técnicas**, que tentam dar resposta a problemas práticos, mas que apresentam já algumas incursões no campo teórico e, se assim podermos chamar, na “crítica científica”” (Neves, 2002, s.p).

Na primeira estão as crónicas que “relatam os “trabalhos náuticos” dos portugueses, em que é dada particular atenção à forma e aos recursos estilísticos utilizados, numa narrativa marcadamente qualitativa”. Ainda “também as “descrições”, narrativas essencialmente quantitativas” do espaço geográfico “(e da diversidade fitomórfica e zoomórfica)”, etnográficas e socioeconómicas. Os diários de viagens e de navegação e livros de armadas, no campo das navegações, também se mostram essenciais nas importantes obras narrativas (Neves, 2002, s.p.).

As obras técnicas, “no campo do saber prático”, desenvolvem-se nos livros de Marinharia, “compostos essencialmente por duas partes - uma primeira de regras de astronomia náutica e de pilotagem e uma segunda de descrições roteirísticas – sendo o resultado da compilação, por parte dos pilotos, de todas as informações de interesse náutico”. Ainda se constituem os Guias Náuticos, os Tratados de Construção Naval, os livros de armação e ainda “obras relacionadas com a cartografia, a qual é cada vez menos figurativa, fornecendo importantes informações como as escalas de latitudes e o registo de sondas” (Neves, 2002). Outro tipo de obra designa-se “Roteiros”, cuja importância radica na definição de “como se devem percorrer determinadas rotas ou caminhos do mar, já anteriormente rasgados por outros que, efectivamente, os descobriram tendo o cuidado de tomar notas sobre a navegação efectuada... com avisos sobre perigos e múltiplas informações” (Matos, 2002-2006, s.p.):

“Estão neste caso, no séc. XVI, o Esmeraldo de Situ Orbis, de Duarte Pacheco Pereira, e o Roteiro do Mar Roxo, de D. João de Castro; mas a primeira obra de interesse decisivo, e importante, é, neste capítulo, o Roteiro da Primeira Viagem de Vasco da Gama, atribuído a Álvaro Velho, que permanece como um dos textos fundamentais de toda a Literatura de Viagens, seguido da Carta a D. Manuel sobre o Descobrimento do Brasil, de Pero Vaz de Caminha” (Instituto de Camões, 2001, s.p.).

2.2.1. Era dos Descobrimentos: Grandes feitos numa época histórica

Pelo estudo dos autores abordados, o tema da Literatura Odepórica⁶ leva-nos a considerar a era dos Descobrimentos como um momento basilar da primeira vaga da Literatura de Viagens referenciada por Cristóvão e da segunda globalização, de que fala Sloterdijk. Da época dos descobrimentos datam grandes feitos históricos de Portugal e de outros reinos europeus da época, entre os quais novas perceções e explicações do mundo, constituindo, no seu conjunto, uma grande narrativa, no sentido de Lyotard (1979, s.p., Apud Pereira, 2018, p. 61).

Maques (2010, p. 87), ao abordar o sentido da viagem na relação que com ela o Homem estabelece, refere que:

“só o homem se interroga sobre o sentido dos seus dias e dos seus passos...conhecer o fito e o fatum da sua jornada terrena explorando o espaço que o rodeia, demarcando territórios de posse e conhecimento..., entre partidas e chegadas... por inspiração, aventura ou pura necessidade, o mais além”.

O mesmo autor, por citação a José Manuel Massari (s.d, pp. 641;651) menciona as narrativas dessa época da “abertura do mundo do século XV” sublinhando que as suas bases assentam na “função iminentemente informativa- pense-se nos textos do Manuscrito de Valentim Fernandes para o caso português, nas cartas de Colombo ou relato da volta ao mundo para as viagens espanholas – ou cronística, e uma intencionalidade política”. É por isso vasta a literatura nos séculos compreendidos, “em que abundam os autores e sobre a qual se tem produzido copiosa matéria explicativa e crítica”, sublinhando a “posição de topo” que, entre ela ocupam “as crónicas, as descrições de naufrágios e os relatos de viagens-marítimas na sua maioria” (Marques, 2010, pp. 88-90).

As explorações marítimas possuem a maior ênfase na época dos descobrimentos, protagonizadas pelos mais diversos exploradores portugueses no século XV, “pilotos, homens com grande experiência de navegação no alto mar e cientes das mais avançadas técnicas náuticas...” fundamentais para as representações cartográficas em falta (Domingues, 2003, s.p.).

⁶ (Odepórico: termo oriundo do grego “hodós”, caminho, e “poreuo”, viagem cunhado pelo investigador italiano Luigi Monga)

Por maior que seja a lista de indivíduos que estejam relacionados com a época das descobertas, alguns heróis ressaltam à vista, em especial os líderes das grandes navegações que eram “conduzidos por sonhos utópicos e sinais de significação” (Cristóvão, 2010, p. 11).

Um dos nomes mais emblemáticos foi Pedro Álvares de Cabral, um homem sem precedentes em experiência náutica e consagra-se por volta de 1500 capitão da “maior expedição naval organizada por Portugal”, num total de treze velas com destino à Índia. Com uma missão político-diplomática a estabelecer na Índia, é por eventualidade da sorte ou quicá dos céus que a 22 de abril a viagem intencionalmente ou não desvia-se (certos autores creem no desvio secreto planeado como forma de “reconhecimento oficial”), para revelar o descobrimento de terra em pleno Atlântico. Seria “Porto Seguro”, no atual Brasil. Infelizmente, por falsa fortuna, é no seguimento para a Índia que a frota é reduzida na passagem do Cabo Achado. Na chegada ao destino, Cabral depara-se com uma realidade que não estava à espera e entra em confronto com o domínio muçulmano episódio em que se dá o “assalto à feitoria portuguesa e à morte dos seus ocupantes, incluindo o feitor e escrivães (entre os quais Pero Vaz de Caminha, o autor do mais conhecido e impressionante documento relativo à Descoberta do Brasil...)” (Rocha, 2002-2004, s.p.). Por mais contratempos que estejam ligados a esta expedição, a descoberta do Brasil foi o ponto alto.

Cristóvão Colombo, apesar de ter nascido em Génova, viveu longos períodos em Portugal, sendo “conhecido por ter sido o primeiro homem a trazer notícias consistentes sobre as terras existentes na parte ocidental do Atlântico, a América”. Com propostas para atingir o Oriente a navegar pelo Oeste a serem refutadas, pelo Príncipe Perfeito e pelos Reis Católicos, só consegue o suporte que procurava na Rainha Isabel. A 3 de agosto de 1492, ao comando de três naus, os marinheiros partem em viagem e avistam terra a 12 de outubro do mesmo ano, uma das ilhas das Bahamas e, posteriormente Cuba e Haiti. Apesar de se encontrar na Costa leste da América, Colombo estava convicto de que se encontrava “nas costas do Extremo-Oriente”. Morre abandonado em 1506 “certamente porque teriam percebido que Colombo não atingira o Oriente como se tinha proposto”, tendo deixado contributivos para o conhecimento da América pelos europeus de que o próprio não teria noção (Canas, 2002, s.p.).

Duarte Pacheco Pereira é outra figura de “herói militar, navegador e cosmógrafo”, condição que simultaneamente acumula com o facto de ser um dos nomes mais representativos da denominada “Literatura de Viagens”. Intimamente ligado ao Estado pelas suas funções militares e administrativas, os seus feitos ficam mais claros na única e relevante obra escrita conhecida por “Esmeraldo de *Situ Orbis*”. Possui um “papel activo como

navegador e roteirista, fundamentalmente, nos “rios da Guiné” e um pouco por todo o ocidente africano”. Teve principal importância nas problemáticas questões da viagem de Colombo, na medida em que punha em questão o tratado diplomático de Alcáçovas, e por tal associação, há quem suponha pela passagem que fala no seu livro de ““uma tão grande terra firme””, que tivesse pré-descoberto o Brasil. É no regresso da viagem de 1505 à Índia, comandada por Afonso de Albuquerque, de que fez parte, que começa a redigir o livro que pretendia que fosse ““um livro de cosmografia e marinharia””. Mas:

“Ultrapassando na verdade esse âmbito, o livro mais não é que um relato das suas viagens, um roteiro náutico, uma "memória" escrita de um navegador e homem de armas, ao serviço de um Estado em expansão, onde predominam os dados autobiográficos e uma avultada experiência pessoal no campo das navegações portuguesas” (Valentim, 2002, s.p.).

O mundo como era até então “conhecido” e a sua essencial cartografia náutica medieval era “bastante condicionada por factores de ordem religiosa”. As representações mostravam-se “essencialmente simbólicas” pelos mapas invocados T-O, nos quais, “O” indicava o mundo conhecido como um círculo e ao centro o “T” aludia ao Mar mediterrâneo e aos rios Nilo e Don (Canas, 2002, s.p.).

Este tipo de mapa por si só não apresentava “qualquer utilidade prática” (Canas, 2002, s.p.) pois foi possível provar “uma verdadeira revolução geográfica”, ao ser constatado com a dobragem do Cabo da Boa Esperança por Bartolomeu Dias (viagem de 1487-1488), que com a “intercomunicabilidade do Atlântico e do Índico”, ficava “claro que o mundo não era como Ptolomeu tinha pensado (ou a Europa do tempo julgava que ele tinha pensado)” (Domingues, 2002-2005, s.p.).

Só as “cartas-portulano” (guias de navegação descritivas das direcções portuárias) mostravam ter alguma utilidade pelas suas “representações gráficas de informação náutica que circularia numa forma descritiva”, dando alento a futuros aperfeiçoamentos. Como diz Canas (2002, s.p.):

“Além da sua principal função que seria a marcação das posições dos navios no mar, as cartas teriam outro tipo de utilidade. Nelas eram representadas informações diversas, com intuídos decorativos ou com um interesse prático bastante acentuado. Serviam, por exemplo, como suporte para representação de imagens dos habitantes, da fauna e da flora das terras que iam sendo descobertas. Ou seja, as cartas eram uma das formas possíveis de representação do exótico, desses mundos novos, tão ao gosto do homem do Renascimento. Por outro lado, nas cartas eram inseridos muitos dos elementos que serviam para a condução da navegação, tais como

representações gráficas ou tabelares dos regimentos e das regras práticas de que os pilotos se serviam para determinação de elementos de interesse náutico.”

Foi especificamente através destas cartas que os mais diversos pilotos que levavam avante as navegações ajudaram na “compreensão e racionalização” (Neves, 2002, s.p.) dos lugares em constante conhecimento e aportando informações sucessivamente renovadas acerca das “condições náuticas”, as quais contribuíram para o “sucesso dos descobrimentos portugueses” nas mais “diversas viagens regulares para esses mesmos locais” (Canas, 2002, s.p.).

Para que tal valor de segurança mínima pudesse ser posteriormente garantido, os primeiros heróis tiveram de se arrojar numa aventura em que nada tinham de valor (palpável) para um possível sucesso na ida e na volta. Dominava assim, uma incógnita em vários sentidos. São nomeadamente esses indivíduos nos seus “*Ekstaseis* Náuticos”, que tiveram de “pagar com amargas asceses o acesso às costas longínquas” para um possível avanço no progresso (Sloterdijk, 2008, p. 86).

Pela lógica compreende-se que as primeiras viagens tiveram as suas complicações mais nítidas e impactantes, na medida em que ainda não havia conhecimento do que pudesse advir. Mesmo com conhecimento de relatos de alguns viajantes acerca do que poderiam esperar e já preparados mentalmente para as difíceis circunstâncias a ultrapassar, a vida a bordo sempre se mostrou um “duro quotidiano...afetado por um conjunto de factores, naturais e humanos” (Roque, 2006, s.p.).

Regra geral, estas almas eram alvos de dificuldades e privações. As viagens, que poderiam alargar-se por vários dias, meses ou mais tempo ainda em alto mar, não estabeleciam como prioridade o bem-estar da tripulação aquando da construção dos navios. Como na carreira da Índia (Lisboa ao Oriente), “submetidas consecutivamente à meteorologia primaveril da partida, às tórridas temperaturas das calmarias equatoriais e ao rigor da invernia austral que anunciava a aproximação ao Cabo da Boa Esperança”. Tais problemas poderiam ser ilustrados pelo racionamento dos alimentos (levava à fome), a falta de água potável, a falta de higiene (onde doenças se desenvolveriam com maior facilidade) e, por consequência, “o crescente número de doentes chegava a provocar a redução significativa de braços disponíveis para a manobra e a afectar a prontidão bélica defensiva” (Roque, 2006, s.p.).

Sloterdijk (2008, p. 86) acaba por ir ao encontro destes problemas associados às viagens marítimas de tempos anteriores, ao falar dos

“...períodos de jejum involuntário quando de travessias prolongadas pelo mau tempo, ou então a tortura do tédio durante as bonanças e as lentas viagens marítimas. A privação do sono provocada frequentemente pelo calor, pelo frio, pelos maus cheiros, pela exiguidade, pelo ruído e o medo no alto-mar atazanava também permanentemente tripulações irritáveis e dadas à loucura” (Sloterdijk, 2008, p. 86).

Em muitos casos isso não ficava apenas pela doença mas certamente mostrava uma entrada para uma morte certa. Por isso, “as viagens registavam níveis de mortalidade bastante variáveis, alternando-se perdas humanas reduzidas com ocorrências em que cerca de metade do número de embarcados encontrava no oceano a sua última morada”. Não só os níveis físicos dos tripulantes teriam sido afectados, mas igualmente os níveis “psicológicos e emocionais” refletiriam abalos (Roque, 2006, s.p.).

Pela aquisição de novos conhecimentos, “o encontro com o outro” significava “um contacto com a ameaça, evocando o mito estrangeiro- sinónimo de desconfiança receio e fascínio” (Mendes, 2013, p. 88). O mar, como uma área imensa e em grande parte incógnita, proporcionava um local atrativo para formulações de histórias hipotéticas. Antes mesmo de embarcar, os pensamentos dos navegantes eram assombrados por ideias e histórias do que poderiam encontrar mesmo que fossem apenas lendas populares. O cabo Bojador tornou-se um dos exemplos, pelas dificuldades em ser atravessado e do que encontrar para além dele.

De acordo com Gomes Eanes de Zurara (1989 apud, Domingues (2002-2007, s.p.)):

“O obstáculo que se erguia perante os navegadores era um cabo para lá do qual havia fama de a navegação ser muito difícil, se não impossível, pondo em risco a vida de quem a tentava: “Isto é claro – diziam os mareantes -, que, depois deste cabo, não há aí gente nem povoação alguma; a terra não é menos arenosa que os desertos da Líbia, onde não há água, nem árvore, nem erva verde; e o mar é tão baixo que, a uma légua de terra, não há de fundo mais que uma braça. As correntes são tamanhas que navio que lá passe jamais poderá tornar” (Crónica dos Feitos da Guiné, cap. VIII).”

Tais presunções materializavam-se em pensamentos tenebrosos, que poderiam abalar a confiança, ou por outro lado, dar mais alento em descobrir o desconhecido.

Tal papel foi representado por Gil Eanes na sua missão de 1434. A ousadia não só se destacou na “verificação de que as condições de navegação para além do Bojador permitiam a continuação das viagens... ao contrário do que a crença comum dizia”, mas também pela “facilidade do feito” pois “a dificuldade que os navegadores enfrentavam era de carácter

psicológico, e não do ponto de vista da navegação, justamente porque as coisas não eram como se pensava” (Domingues, 2002-2007, s.p.).

Por isso era importante manter a mente ocupada e as possibilidades encontravam-se “tanto ao âmbito do profano”, onde a quebra da monotonia “servia de pretexto para festejar”, “como do religioso” (Roque, 2006, s.p.). Este último tem a sua parte imprescindível quando se aborda o próprio ser humano e nos descobrimentos, onde a fé se apresenta como um aspeto intimamente relacionado, na medida em que nos lembra das grandes cruzadas, em especial nas “orações” que “sobem mais alto em momentos difíceis de tempestade ameaçadora e de morte” (Pinheiro, 2010, p. 280).

Como refere Pinheiro (2010, pp. 279-280), o aspeto da religiosidade está bastante presente na Literatura de Viagens, nas formas de “gratidão a Deus, testemunhos de oração, exigências de ordem moral, algumas peregrinações e finalmente a fixação em nomes que perduram”. É relativamente ao aspeto da “gratidão” que recai “o maior sentimento expresso pela fé dos descobrimentos”.

Um exemplo expressivo confirma-se no afundamento do “galeão São João” pois apesar das várias mortes que daí resultaram, os sobreviventes estavam convictos espiritualmente que ““Nosso senhor foi servido”” e ““deram mesmo graças a Nosso Senhor””, manifestando assim a plena confiança na fé e a convicção de que até alcançar o destino “é bom “pôr tudo nas mãos de Deus”” (Simões, 1985, p. 80, apud, Pinheiro, 2010, p. 280). O mesmo aspeto veio a ser igualmente expresso “na narrativa da primeira viagem de Cristóvão Colombo” pois pelo seu sucesso “se diz que ao verem terra o almirante deu graças a Deus, de joelhos” (Pinheiro, 2010, p. 280).

Para Sloterdijk, associar o fator religioso e “um capelão a bordo” nas grandes expedições não se mostrava “apenas uma convenção religiosa nem uma concessão às pretensões da igreja” mas uma obrigatoriedade, como um “segundo mecanismo, esférico e todo-poderoso” onde a incerteza imperava. Seria este aspeto “um motor e um refúgio”, com o propósito de “oferecer garantias simbólicas” que alimentavam os tripulantes para êxito das expedições e, por outro lado, como “o barco implica o perigo do naufrágio e das tormentas” e possíveis “situações-limites” seria necessário “ter sempre a bordo peritos do extremo” (2008, pp. 135-136).

Mas foram alguns desses atos de privação, de heroísmo e o sentimento de progresso que contribuíram para a “elaboração de sistemas de demência que justificassem como atos racionais tais saltos no indistinto e no desconhecido”. Colombo foi um dos mais promissores a demonstrar uma “loucura bem sistematizada”, tendo esta como principal objetivo saber

transmitir-se a terceiros “sob as vestes do projecto plausível”. Para Sloterdijk, Colombo, nos seus tempos finais, não se contentava com os feitos de “marinheiro, conquistador de um mundo novo e cartógrafo”. Por isso, estava convicto de “ser um apóstolo chamado por vontade de Deus a levar a salvação por cima das águas”, exibindo-se como o “Messias náutico” (Sloterdijk, 2008, p. 62).

É precisamente no texto de Pinheiro (2010, p. 280), com passagens de Martin Dugard (2005, p. 209), que tal comportamento de Colombo pode ser exemplificado:

“Na última viagem de Colombo assustados por uma tromba de água rezaram em grupo pela sua salvação. “Os marinheiros entoavam o Evangelho de São João em unísono” quando Colombo aparece e disse: “erguendo a espada na mão direita e a Bíblia na esquerda: Não temais”. O capitão quer transmitir a confiança que Cristo quis transmitir aos apóstolos em idênticas circunstâncias de angústia e ansiedade” (Pinheiro, 2010, p. 280).

Sloterdijk, nas ideias e apreciações a Colombo, tenta enfatizar e aprovar uma loucura que parte da própria individualidade, ou seja, “um entusiasmo por si próprio”, “mania autógena”, ao declarar que “sem a loucura do êxito, não há projecto; sem projecto, não há nenhuma oportunidade de contaminar outras pessoas com a sua própria febre. Nisso, Colombo foi o agente de uma propensão para a loucura...” (Sloterdijk, 2008, p. 62). E essa mesma ideia de auto-motivação, se bem nos relembramos como atrás apontado, Colombo já a demonstrara em anteriores situações, tanto que apesar de ter visto por várias vezes rejeitado o seu projeto, não desistiu, e com essa persistência “contaminou com a sua febre” a Rainha Isabel.

Talvez Colombo seja o herói e o pai desta história de “loucura” mas com certeza poderemos detetar na corrente sanguínea de todos os indivíduos que tem no seu cerne o poder e a curiosidade, a vaidade e abnegação, a coragem e o pânico, tudo isto organizado em torno da “viagem” (relacionados com esta época tão grandiosa) valores desta poção mágica de “Loucura”. E as suas ações, por mais loucas que possam ser consideradas, contribuíram para “mudar a forma de olhar o mundo” (Gersão, 2011, p. 49, apud, Mendes, 2013, p. 87), numa progressão no saber coletivo de aspetos fundamentais catalogados nas mais diversas obras a nível narrativo e técnico.

Tal plenitude literária deve-se na sua essência a capítulos históricos que tornaram a base sólida num futuro poço em armazenamento.

Quer isto dizer que é a constituição das mais variadas narrativas de uma época dita tradicional ou histórica ou até “ultrapassada”, que tornou a Literatura de Viagens um tema distinto e distintivo, passível de estabelecer um traçado evolutivo que vai tornando irreconhecíveis as suas origens face às formas futuras que lhes sucederão. Nomeadamente, a chamada Novíssima Literatura de Viagens.

2.3. A segunda vaga da Literatura de Viagens (Nova e Novíssima)

De acordo com Sloterdijk, a distância geográfica tendeu a funcionar como “papel de cobertura dissimuladora” mas com a autorização dos “novos meios de transporte e a implementação de sistemas de transporte que franqueiam os oceanos” a época permitiu que essa mesma cobertura fosse descoberta “com consequências duradouras”. Sublinha o filósofo alemão, como foi precisamente com o final dos descobrimentos, no século XVI, que a palavra “descobrir” “tenha passado a designar o facto de encontrar algo desconhecido”. Pois, até então, a sua relação significava apenas “desocultar o que era conhecido”, ou seja, a “captação” (2008, p. 109).

É com o advento de uma nova mentalidade saída das Luzes e do Positivismo (Cristóvão, 2010, p. 13) que a ideia de que as “reservas secretas da Terra são como que esgotáveis” ganha extremo relevo, igualmente como a tese de Colombo, que indiciava que “o planeta navegável era “pequeno””. Nesta perspetiva, se no seu início o mundo em descobrimento parecia descortinar-se numa amplitude sem fim, ao final ele contrai-se “até se tornar uma pequena bola” (Sloterdijk, 2008, p. 109).

Por meio de um esgotamento “temático e formal”, a Literatura Tradicional chega ao fim com o “progresso da ciência, a evolução da sociedade e, sobretudo, o advento do Turismo”, que vem alimentar o aparecimento de um novo mundo assente em novas regras para viajar e há de ser “por outros textos [que] se simbolizam as novas errâncias”. O modo de “Voyeurismo de passagem”, caracterizado pela época anterior, dá lugar a uma “programação de textos”, de onde surgem registos, quantificações e classificações de um novo mapeamento de “viagens filosóficas” ... segundo as boas tábuas e taxinomias de Bacon, Lineu, Buffon, Curvier, Darwin” (Cristóvão, 2010, p. 13).

O culminar de uma nova vaga associada às viagens veio também a ser alterada pela industrialização massificada dos meios de transporte. Eles “passaram a ser rápidos e

frequentes” (-tanto em terra: a circulação de automóveis, em especial o *Fardier* a vapor (1769) e o motor de explosão, ou ainda as locomotivas a vapor, *Rocket* de 1822; - como no mar: por navios a vapor mais “resistentes e mais rápidos” cujos cascos de ferro lavravam o mar, *Savannah* 1819 (Cristóvão, 2010, pp. 13-14)). Estes avanços tiveram as suas consequências a níveis técnicos mas também trouxeram avanços nas distâncias, tornando-as cada vez mais curtas.

Com as mudanças de comportamentos sociais causadas pela industrialização na produção em série, trouxeram à superfície os primeiros passos do Turismo, pelas “novas necessidades de descanso” ajustado ao “sistema de férias pagas e uma nova modalidade de dinheiro, protagonizada principalmente pelos *travel-cheks*”. Como sublinha Cristóvão (op.cit.) o “suspense” caracterizador das narrativas de viagens dos descobrimentos deu lugar à “calma adjetivação bucólica” de tipo diferente, “em geral ligeiras, pouco semelhantes no espírito e na letra às anteriores Relações e Itinerários” intensificando-se:

“a informação de carácter menor, o gosto da novidade que se comunica imediatamente, o culto do efémero, a coloquialidade, a menção dos pequenos factos, a multiplicidade de encontros, a factualidade da vida quotidiana, a evocação de encontros, o encadeado dos afetos e das lembranças” (Cristóvão, 2010, pp. 14-17).

Pelas suas diversas “marcas”, onde impera “uma maior liberdade e variedade” é possível a diversidade das narrativas na nova literatura, da qual Cristóvão lista as diferentes tipologias: Viagens de conhecimento do país; Viagens de exploração colonial; Viagens exóticas; Viagens de aventura; Viagens de grande reportagem jornalística; Viagens de repórter de guerra; Viagens culturais; Viagens de reconstituição histórica. Viagens de turismo religioso (Cristóvão, 2010, pp. 15-16).

No seguimento da abordagem classificatória da nova literatura pode ser o momento certo para abordar juntamente a ramificação da nova literatura, a “Novíssima literatura”. É precisamente com a massificação dos meios digitais, na anunciada Globalização eletrónica, que a Nova literatura pode fazer *refresh* ou, dito de outro modo, transmutar-se para uma “Novíssima Literatura de Viagens”, apesar de os seus pressupostos se manterem.

“Se a linguagem da anterior é rápida, a desta é ainda mais veloz”. As possíveis tipologias da nova época possuem os seus textos aliados à “tecnologia dos aparelhos” e a mensagem “muito condicionada pelo computador, pelo telemóvel e pela aparelhagem fotográfica e de som” torna-se “simplificada na sua formação vocabular, o uso do inglês, os ícones ideográficos, as abreviaturas, os ideogramas, os símbolos” (Cristóvão, 2010, p. 17).

Benedito (2010, pp. 377-378) diz que:

“O viajante quando se desloca a um lugar diferente quer captar tudo..., faz uma devassa do território do outro, visitando igrejas, conventos, mosteiros, museus, falando com alguns habitantes locais, lendo os folhetos informativos, consultando mapas, saboreando os seus pratos típicos, assistindo aos seus espetáculos, enfim tudo o que o tempo e dinheiro lhe proporcionam”.

A representação pela imagem, “para guardar a memória desses momentos de visita”, ganha uma extrema relevância como forma de “adquirir recordações” (Benedito, 2010, p. 378).

De certo modo, para os pós-modernos a mais nova literatura, nomeada de Novíssima, em nada se distingue da dita Nova, isto se pensarmos na viagem física como meio de ligação, que, de um certo ponto de vista, apenas conheceu como adição o meio tecnológico. Uma viagem real, palpável em termos físicos pode ser “inserida” no meio digital-tecnológico, por meio de fotografia, vídeo, *review*, etc. (pois este meio tem a possibilidade de transmutar de um meio dito “físico” para o “digital”).

Contudo, Benedito vai ainda mais longe, num pensamento apreciativo desta Novíssima Literatura. Apesar da possibilidade de transmitir a viagem realizada a nível físico pelo meio digital, esta literatura também consegue ser compreendida pelas e nas viagens realizadas digitalmente, ou seja, a navegação digital.

A autora diz que esta vertente tem o seu aparecimento no final do século XX e tem ganhado força por meio da velocidade e evolução dos sistemas tecnológicos. A sua essência remete a navegação para a “grande rede planetária que é a *Web*”, realizando-se uma viagem que é virtual, sem sair do “quarto com um telemóvel à mão” (Bauman, 2003, p. 88), num passeio por uma vasta paisagem de conteúdos “percorrendo as suas estradas de informação e viajar dentro das viagens dos ficheiros”. Não só a Comunicação é Mediada pelo Computador (CMC) como diz Recuero, mas também as viagens são Viagens Mediadas por Computador (VMC) (Benedito, 2010, pp. 378-379).

Com este aspeto particular, associado à nova literatura de Viagens por Benedito, poderemos relacionar o conceito de modernidade líquida de Bauman pois a literatura “Nova” relacionada com o meio digital dá origem a um novo termo hiperbolizado (-íssima), que possibilita integrar duas linhas possíveis sobre a sua abordagem, destacando-lhe a elasticidade que pode absorver e a falta de “forma”.

Através desta velocidade e evolução da Literatura de Viagens, é já num tempo moderno e conseqüentemente “líquido” na metáfora de Bauman, que se tem instalado desde o fim da época tradicional dos descobrimentos, a advertência para uma crise (se já não a perda) onde a queda das grandes narrativas é tida como certa. Como afirma Pereira (2018, p. 61) “o tempo é, nas descrições que podem recolher-se nos chamados “pós-modernos”, uma época em que se perdem as “grandes narrativas (Lyotard, 1979 [s.p.])”. Da mesma opinião serve-se Sloterdijk (2008, p. 171), que defende a tese de que “a época da globalização terrestre é a única que pode ser qualificada de “história do mundo” ou de “história” sem qualificativo”.

2.3.1. A nova visão de viagem

“...Nos nossos tempos a “liquidação da viagem” (Virilio, 2000, p. 38s) e, por conseguinte, a morte da narrativa de viagem, podemos, em suma, constatar que não só nunca tanto se viajou como também nunca tanto se narrou as experiências de viagem como hoje” (Matos, 2013, p. 32).

Os longos oceanos de outrora que tornaram o conhecimento possível pelas embarcações deram lugar à *Internet*, que se tornou por excelência um oceano de dados. Como acrescenta Sloterdijk (2008, p. 152) “por intermédio dos antigos e novos media, a “globalização” informa permanentemente que acontece e prossegue, desprezando todo o tipo de alternativas”.

A época atual tornou o Turismo a causa mais elucidativa de uma problematização associada à transformação da Literatura de Viagens recenseada, com uma distinção completamente notória. “Afirmamos que a Terra e a sua abundância foram transmitidas à geração actual para que esta dela tenha o usufruto”. Por mais que a afirmação de Thomas Jefferson date os finais do século XVIII (apud, Sloterdijk, 2008, p. 127), o seu pressuposto reflete-se intensamente no estudo desta nova literatura e da sua atualização.

A Terra, enquanto sistema habitacional do ser humano, tem sido exposta como um simples recurso à mercê do indivíduo. Apesar de já o ser na época das descobertas marítimas, é com o exercício do turismo que foram observados contornos ampliativos numa escala sem precedentes, em que todo o espaço é agora um destino turístico, como refere Sloterdijk “todo o local empírico na superfície da Terra passa a ser potencialmente um endereço...” (2008, p. 39).

O pós-moderno da nova era tornou-se um jogador do mais febril jogo “das idas e vindas banalizadas”. Viria a ser com o “desenvolvimento da rotina e da otimização na técnica marítima”, que o “aventureirismo” (caraterístico da provocação de grandes efeitos de *ekstasis* na forma de um serviço prestado à verdade) mostrava os seus últimos passos com a aproximação do tráfico rotineiro: “sob a forma de programa, as viagens ao longe apresentam-se como expedições” (Sloterdijk, 2008, p. 104).

Assim, com o conhecimento do mundo, as viagens deixam de ter um “objetivo procurado” tornando-se um “itinerário de ida e volta”, onde se “enquadram experiências humanas de dor e prazer, de desejo e frustração...” (Marques, 2010, p. 89).

Estas expedições, que emergiram do fim da época passada, tiveram os seus primeiros passos sob a denominação de “*grand tour*” (de onde posteriormente derivará o termo turismo), praticado por “jovens aristocratas ingleses”, cuja “viagem era marcada pelo horizonte cultural”, que relatavam com detalhe e “complementada pelas pranchas de ilustração (mapas e gravuras)”. Surgiu assim, nesse sentido, uma publicação crescente de guias de viagens “para atender a necessidade daqueles que procuravam referências sobre os locais a serem visitados”, como forma de “convite àqueles que desejassem conhecer o novo”. Assunção ainda menciona que este novo género “ganhou contornos definidos”, sendo “marcado pelo registo e caraterização da beleza natural, do património histórico e cultural, pelas tradições e costumes, pelos hábitos dos povos” (2010, pp. 59-60).

Daqui se afere uma diferença substancial. Se comparamos com a época dos Descobrimientos em que, por mais atrativo que se mostrasse o desconhecido/novo, os viajantes de outrora tinham de possuir iniciativa própria sem saber nada sobre a viagem em si e muito menos o destino, agora, pelo contrário, os indivíduos são literalmente convidados a ir conhecer um destino que já está descrito e à mão de qualquer um.

Não só o tempo de duração das viagens se transforma, como o tempo epocal se transmuta também. “Ao saborear as narrativas das viagens notamos que o tempo é marcado pela tradição vivida nas terras onde nasceram os descobrimientos”, comenta Pinheiro. A viagem de Colombo serve de exemplo, na medida em que o tempo era “determinado por processos usuais” ao uso de ampulhetas “com referência aos dias dos mês e da semana”. Hoje a mesma viagem de Portugal ao Brasil “não é medida em léguas, mas em tempo gasto para ir e voltar” (Pinheiro, 2010, pp. 261-262).

As pessoas de hoje já não são da mesma “raça” que as da época de Colombo. Quer isto dizer que a determinação e auto-valorização que caraterizou Colombo como o “pai da loucura” mas também a todos os que empregaram a loucura do e pelo êxito das suas

navegações para o desvendamento do desconhecido, em muito ficou nessa antiga história. Como afirma Sloterdijk (2008, p. 167) “acabou a voga dos seus grandes homens, esses indivíduos que englobam tudo e parecem capazes de unir em si a sua época e o seu colectivo”. Para acrescentar ainda que “a essa era sucede o ciclo individualista em que cada um se escolhe a si próprio como domínio de especialidade”.

Por sua vez, a loucura deu lugar às depressões causadas em muito pela monotonia do dia-a-dia e pelo afastamento característico da sociedade atual, onde é preferível estar a “conviver” com o computador ou telemóvel do que com os amigos ou até os elementos com quem se partilha a mesma casa ou a mesma divisão. O problema pode não ser de todo dos indivíduos. Talvez a causa para a falta de “loucura do êxito” esteja mesmo na falta de projetos pois que projeto se irá desenvolver num mundo em que tudo já está aos olhos e à mão de todos? Como se costuma ouvir, nada se cria, tudo se copia.

A aptidão insegura de arriscar ao nível pessoal e de viagem deixou assim de fazer sentido seja pela falta de loucura, seja pela emergência de novas formas de enlouquecimento. Por essa via, alastrou uma vontade de segurança garantida em todos os aspetos. Para todos os assuntos, as pessoas tendem cada vez mais a “jogar pelo seguro”, a precaver-se pela tomada de decisões informadas, informações essas que podem ser disponibilizadas em todo o lado, e isso reflete-se claramente nas viagens que realizam.

Para Craveiro (2010, p. 205) uma verdadeira e atrativa viagem não é aquela à qual “se pudessem eliminar as dúvidas e incertezas”. O autor ainda afirma que “em qualquer viagem, o assumir dos potenciais riscos que ela envolve é facto inevitável e inultrapassável”.

Curiosamente, o comentário de Craveiro acaba por se mostrar um curioso tipo de engano verdadeiro. O facto é que os potenciais riscos por definição inerentes à viagem em si não são assumidos mas sim contornados, senão totalmente eliminados. Com mais regularidade, as viagens são previamente delineadas ao milímetro, desde o caminho a escolher, ao restaurante a ir, ao melhor hotel, entre muitos outros aspetos. O próprio indivíduo pode fazer esse estudo em casa, pelo acesso aos mais diversificados conteúdos disponíveis, através dos quais pode obter informações e opiniões online sobre algo ou até, se preferir pode conhecer previamente as ruas que percorrerá para não se perder. Para isso poderá utilizar, para o primeiro aspeto, as ferramentas das redes sociais ou fóruns de páginas e para o segundo, o *Google Maps*. Assim, sem haver preocupações desnecessárias, muitas das atuais viagens são seguras e asseguradas deste modo mas outras infinitas possibilidades podem ser utilizadas. Se, por um lado, o viajante não quiser submeter-se a este trabalho, existem diversas agências de viagens que propõem os seus pacotes convidativos de destinos

ou se pretender uma viagem a gosto e sonho, através do trabalho dos profissionais dessas agências tudo é possível.

“Rezar é bom, o seguro é melhor”. A espiritualidade que estava intimamente ligada às viagens e que tornava Deus o zelador do destino, pouco a pouco foi sendo substituída pelas “imunizações” modernas tais como a “segurança social”, as “instituições médico-higienistas” ou pelo notório desenvolvimento dos meios de transporte. Os seguros que podem cobrir todos os aspetos possíveis acabam por anular qualquer dúvida. É nesta imunidade que “renunciam pouco a pouco a ter um destino, isto é, uma relação directa com o absoluto como perigo irreduzível” (Sloterdijk, 2008, p. 96).

O elemento espiritual deu origem ao Turismo religioso, pela reformulação de “rendosas paragens”, onde em detrimento da religião sobressai a supremacia cultural de uma monumentalidade patrimonial com a perda do seu verdadeiro significado de crença. “A religião que as imagens da igreja de Mafra exibem é uma religião de devotos, não de crentes” (Saramago, 2016, pp. 355;392).

Muito deste perigo deixou de fazer sentido quando os movimentos de tráfico se vulgarizaram a uma “escala mundial”. A visão crítica no livro de “A volta ao mundo em oitenta dias” de Júlio Verne (1874), que também teve sua conhecida adaptação cinematográfica em 2004 por Frank Coraci, mostra-se para Sloterdijk uma das ilustrações do “tráfico globalizado”. *Phileas Fogg* é o herói do livro que, com a ajuda do seu criado *Passepartout*, tenta realizar essa proeza. Contudo, a viagem não será na sua essência uma viagem com possíveis perigos pois assenta num estudo de coordenadas. É sobre essas coordenadas, as quais *Fogg* estabeleceu (“tudo incluído”) para a sua viagem calculada que Sloterdijk afirma que “só um espaço de coordenadas permite organizar as novas necessidades de mobilidade que pretendem assentar em rotinas tranquilas tanto o transporte de pessoas como o tráfico de mercadorias”. É perante um “viajante em trânsito”, numa “encarnação dos movimentos reversíveis” que deixa de haver a aventura sem a qual se “escapa à necessidade de testemunhar respeito pelo local”. Por fim, “só resta o risco de chegar atrasado”. Tanto Verne com o seu romance como Sloterdijk ao recuperá-lo tentam transmitir a ideia de que *Fogg* “é o antípoda dos seus predecessores tipológicos, os navegadores e os geógrafos dos séculos XV, XVII, XVIII, para os quais cada percurso estava ligado a esperanças de descobrimentos de conquistas e de enriquecimentos” (2008, pp. 44-47). Poderemos pensar que *Fogg* de certo modo tem em vista um projeto mas na sua essência em que consiste esse projeto e suas consequências? - A possibilidade de dar a volta ao mundo em 80 dias? De facto,

conhecimento nenhum é tido em vista e em nada enriquece a sociedade. Talvez o seu interesse esteja mesmo apenas em confirmar a volta ao mundo em 80 dias, nada mais.

“Num tempo em que a volta ao mundo se tornou um desporto de elite (*globe trotting*)” e não uma “lição filosófica”, o viajante abdicou do “seu ofício de documentalista” e “tornou-se puro passageiro”, “cujo único laço com as paisagens que desfilam diante dele reside no seu interesse pela travessia” (Sloterdijk, 2008, pp. 46-48).

Tércio, na relação entre viagem e paisagem, tece uma ideia interessante por intermédio do texto de Cláudia, em forma de “metáfora crítica da atitude portuguesa que sublinha a grandiloquência das viagens passadas a partir do lugar imóvel do presente”. Acerca dela diz que antes o viajante deambulava pela paisagem mas agora é a “sequência da paisagem no corpo do viajante”, ou seja, “quem viaja pode ser a paisagem e não o viajante que, em última análise, permanece estático e expectante anulando a sua condição móvel” (2013, p. 242).

Saramago faz, por seu lado, uma crítica direta aos museus e à ideia de museu, como sendo a “mais desleal instituição” porque “exige que o visitemos..., e quando lá nos apanha, como discípulos que vão ao mestre, em vez de nos ensinar com moderação e critério, atira-nos com duzentas obras-primas, duas mil obras de mérito, outras tantas de aceitável mérito” (2016, p. 437). Tendo em conta a crítica que Saramago faz aos museus podemos de facto alcançar pelo exemplo, a metáfora de Cláudia, de que os visitantes se tornam a paisagem ou a “coisa” móvel diante as obras estáticas.

O mesmo se estabelece relativamente a outros locais abertos e visitados. Como narra Saramago na viagem a Portugal na visita a Rio de Onor:

“Mas o viajante traz uma ideia fixa: ir a Rio de Onor. Não é que da visita espere mundos e maravilhas, afinal Rio de Onor não passa duma pequena aldeia... O viajante não veio fazer trabalho de etnólogo ou de sociólogo, dele ninguém esperará supremas descobertas nem sequer outras menores: tem apenas o legítimo e humaníssimo desejo de ver o que outras pessoas viram, de assentar os pés onde outros pés deixaram marcas... É essa terra que o viajante quer ver com os seus próprios olhos. Nada mais” (2016, pp. 35-36).

Através dessa passagem narrativa, muito se pode destacar. Pelo que já abordámos compreende-se que não só realça o tráfico vulgarizado mas também a ideia de paisagem que o indivíduo se tem vindo a tornar, para além de um outro aspeto relevante, a falta de projeto ou objetivo, que contribuirá para o incremento subtil da desimportância dada ao ato de ver e sentir.

Na medida em que a própria viagem tem vindo a ter a sua evolução, o indivíduo que realiza a viagem, como seria de esperar, também se modificou. Apesar de já se ter previamente atingido este cariz pois os seus fundamentos estão interligados, a distinção direta ainda se encontra por estabelecer.

Saramago tece algumas considerações a este respeito. Apesar de distinguir o verdadeiro e o “falso” viajante no seu livro “Viagem a Portugal”, Saramago percorreu e visitou de facto os lugares descritos e tece a sua opinião acerca deles. Terminada a leitura do seu livro, o leitor pode ficar com a dúvida de qual a sua posição enquanto viajante pois em certas passagens do texto se mostra como um verdadeiro viajante (“deve-se passear neste jardim, sem nenhuma pressa” (2016, p. 55)), mas em outras parece confundir-se e pisar o solo do falso viajante (“há risco de falhar qualquer dos lugares seletos...” (2016, p. 380)). Este estudo não tem como objetivo investigar a veracidade do autor enquanto viajante mas sim os seus pressupostos sobre o tema.

Para Saramago (2016, p. 396) “todo o viajante tem o direito de inventar as suas próprias geografias”, mas “se o não fizer, considere-se mero aprendiz de viagens”. Talvez ser viajante pudesse ser considerada uma “profissão”, pois é necessária “muita vocação” e “muito se engana quem julgar que seria trabalho de pequena responsabilidade”. Para ser viajante tem de ser obrigatoriamente curioso (p. 87) e se há coisa que um tal viajante genuíno aprecia é “saber o porquê do nome das coisas” (p. 164). “Olhar e passar, passar e olhar... viajar não é isto, mas sim estar e ficar” (p. 307).

Este tipo de estatuto tem sido o dos “turistas da experiência”, que “preferem viajar de janelas fechadas; na sua qualidade de gentleman, reivindica[ndo] o direito de não considerar nada digno de ser visto; na qualidade de apático, recusa[ndo] fazer descobertas” (Sloterdijk, 2008, pp. 46-47).

Mendes também distingue viajante de turista, expondo: “os turistas vão à procura de lugares para fugirem de si próprios e logo os trocam por outros e fogem para mais longe” enquanto que “os viajantes vão à procura de si noutros lugares, e nenhum esforço lhes parece demasiado e nenhum passo excessivo, tão grande é o desejo de se encontrarem” (2013, p. 79).

O turista apresenta-se como fugaz e toma como garantida a experiência total.

Este, tal como “tantos outros milhões de ocidentais a viajar regularmente pelo simples motivo de saberem que têm direito a isso”, banalizam as experiências, homologam os destinos, chantageiam as características “de cada lugar com a ameaça velada de o trocar por outros” (Cadilhe, 2016, p. 150).

“Há ocasiões em que o viajante tem de aceitar o mundo tal qual é” (Saramago, 2016, p. 222) em vez de o fazer agradar a si próprio. Os viajantes entranham-se na cidade e olham com olhos de ver, com o intuito de compreender e de fazer parte do que está à sua volta.

“O turista ouve sobre o país...; o viajante experimenta-o” (Nery, 2010, p. 144). Assim, “o viajante não mata a curiosidade na torre mais alta nem na igreja mais visitada, mas sim na descoberta de diferentes culturas e experiências. Acumular sensações é o seu vício” (2010, p. 130).

“Ninguém repara sequer que existes, és um entre tantos todos iguais”. Considerado o livro “mais sereno e envolvente até à data” na sua apresentação, “Um lugar dentro de nós” do autor literário de viagens, Gonçalo Cadilhe, este pretende ser “bem diferente” dos já publicados no seu currículo. (Cadilhe, 2016, pp. 12;148)

Para Cadilhe, a definição de turista e viajante é praticamente “a mesma coisa” e para pensar que faz algum sentido “como se ainda estivéssemos nos anos cinquenta com o Kerouac acabadinho de ser editado e a malta toda a descobrir o fascínio do Greyhound pela *Route 66* ou antes do Napoleão ter virado a Europa de pernas para o ar...” é “preciso não ter saído destas fronteiras de mitos”. Esta opinião faz sentido, na medida em que o seu reportório literário tanto possui facetas de turista como de viajante. Não se sentindo bem em fazer tal distinção, auxilia o leitor ao dizer o seguinte:

“quando te perguntarem o que distingue os viajantes dos turistas, responde: “Nada, todos os turistas são viajantes.” E acrescentas que a pergunta que deve ser feita é: “O que distingue o viajante turista dos outros viajantes?” E respondes: “A curiosidade...” e ficas bem na fotografia” (Cadilhe, 2016, pp. 153;170).

Mas sem meios termos, Saramago, irreduzível, afirma que “O viajante não é turista, é viajante. Há grande diferença. Viajar é descobrir, o resto é simples encontrar” (2016, p. 366).

Em alguns dos seus livros, como, por exemplo, “Planisfério pessoal” e “África acima e nos passos de Magalhães”, Cadilhe admite ser turista, ou segundo os seus pressupostos, “viajante turista” pois “havia um objetivo declarado de partilha e cumplicidade... eu perseguia um itinerário predefinido...e não me desviava um quilómetro do objetivo traçado... com pouca liberdade de transgressão do seu *leitmotiv*” (2016, p. 11).

Mas “viajar não é marcar cruzes numa lista- viajar é criar a própria viagem” (Cadilhe, 2016, p. 158).

Viajar não é seguir a viagem dos outros, é “procurar que a tua viagem surja dentro de ti”. É nesse sentido que o seu livro (“Um lugar dentro de nós”), num culminar de passagens da sua vida, pretende “inspirar” o leitor a cumprir a sua própria viagem (Cadilhe, 2016, p. 12). Nery (2010, p. 130), por citação a Urbano Rodrigues (2007, s.p.), vai ao encontro da ideia principal do livro de Cadilhe ao declarar:

“a viagem é a procura do outro mas, simultaneamente, sendo a procura do outro, acaba por ser muitas vezes a nossa própria descoberta, porque é na viagem que, comparando o outro mundo com o nosso, descobrimos as diferenças, as similitudes profundas e os traços mais marcantes”.

Cadilhe, apesar de ser um viajante, é também um autor literário de viagens e, por isso, possui uma posição (*status*) relevante enquanto indivíduo. Muitas vezes, como refere, recebe “mails” de “gente com uns projectos malucos de viagem”. Pela menção dos projetos “malucos” de um indivíduo que “quer dar a volta ao Mediterrâneo a cavalo... e perguntava-me se eu sabia o que era preciso para...; e outro que queria ir para Kalahari trabalhar... e se eu sabia onde podia arranjar emprego lá...”, o autor observa que: “o que eu acho mesmo é que faltam mais projectos malucos neste país de mitos que persistem- e com mais viagens malucas assim até era mais fácil acreditar nesse mito do português trazer nos genes a febre da viagem” (Cadilhe, 2016, p. 156).

É notório através deste excerto a falta de projetos “malucos” já referenciados mas também é perceptível que esses indivíduos não têm o sentido de aventura, de auto-motivação pois a loucura de outrora levava a que esses indivíduos realizassem mesmo o projeto mais louco. Os indivíduos da atualidade demonstram que necessitam de aprovação de um terceiro, uma certa motivação externa para que a possibilidade de auto-motivação seja perceptível.

Por paradoxo, se pensarmos nos recursos de que hoje dispomos, os projetos individuais deviam estar a surgir por todos os cantos pois hoje possuímos muitos mais meios que facilitam os “projectos loucos” de que nos tempos em que eles tiveram seu maior triunfo.

O próprio Cadilhe (2015, p. 12;13) bem e acertadamente intitula seu livro “O MUNDO É FACIL” reafirmando, por outro lado, a ideia da vulgarização do tráfico. “Nunca foi tão fácil viajar como agora, mas paradoxalmente nunca a viagem foi tão mal aproveitada como agora”. Neste livro que se destina “aos que viajam pela curiosidade de ver”, o autor delinea considerações pessoais abrangendo largos assuntos relacionados e esperados numa viagem, de forma a demonstrar que o mundo é, de facto, “fácil”. Para Cadilhe, o importante não é ser intitulado turista ou viajante (“a mesma coisa”) mas sim viajar em sentido lato, pois na sua

opinião “não faz parte dos nossos hábitos quotidianos. Somos sedentários...” (2015, p. 13). Assim, já que o mundo é fácil, viajar também o é, mas para que a viagem possa ter o mínimo de sentido tem de haver “curiosidade sobre o outro lado” (Cadilhe, 2015, p. 17).

Se viajar é ter o itinerário pré-definido sem qualquer possibilidade de dar um passo em falso, qual é a possibilidade de se poder maravilhar? Encontrar o que ainda não foi encontrado. Por isso perder-se é o melhor remédio. “É a melhor maneira de conhecer o bairro”. Assim o mostra Saramago ao aventurar-se em Alfama “não para[r] de dar voltas, de subir e descer, e quando enfim se acha no largo do chafariz de Dentro, depois de se ter perdido... vem-lhe a vontade de penetrar outra vez nas sombrias travessas...” (2016, pp. 380-381).

Mesmo que a viagem chegue ao fim, não é o fim dela:

“A VIAGEM NÃO ACABA NUNCA. SÓ OS VIAJANTES ACABAM”. “É preciso ver o que não foi visto, ver outra vez o que se viu já, ver na primavera o que se vira no verão, ver de dia o que se viu de noite, com sol onde primeiramente a cuva caía... É preciso voltar aos passos que foram dados, para os repetir, e para traçar caminhos novos ao lado deles. É preciso recomeçar a viagem. Sempre. O viajante volta já” (Saramago, 2016, pp. 492-493).

Os turistas no sentido negativo que nestas apreciações se lhes aponta, têm o mundo ao seu dispor, preferindo assim percorrer todos os cantos do mundo em vez de visitarem o que visitaram ou olharem de novo o que já olharam. O despertar de sensações estabelece-se pelo começar de novas situações e não por repetições. O turista da Novíssima viagem, parece-se como o colecionador que tenta completar uma caderneta de cromos. As cartas são as fotografias das viagens realizadas. O seu objetivo primário é adquirir as cartas que lhe faltam e quando a carta é repetida o colecionador tenta trocar por outra mas se não conseguir, esta de nada lhe vale.

Numa notícia publicada pelo Jornal de Negócios, as viagens e a pretensão de viajar têm tido uma maior valorização pelos portugueses, que preferem poupar para uma viagem momentânea (56%) em vez de poupar para a reforma (40%). Sendo a reforma uma fase da vida onde possivelmente o rendimento obtido pode estar abaixo do esperado e necessário, talvez viajar pudesse ficar num nível hierárquico menor. No entanto “pagar as férias... ainda é mais importante para os portugueses”, que colocam esse objetivo em relevância (Abreu, 2018, s.p.).

Se como diz Conde (2001, p. 11) o “ocidente aprendera, entretanto, a reservar um lugar e um olhar para o valor da intenção estética”, a viagem e a imagem ganham assim premência sobre a conjectura de um futuro que se vai tornando incapaz de ser pensado. A imagem de uma ausência, do lugar da viagem, a imagem de passado que se guarda para recordar, acaba por ser mais tentadora do que o futuro que não se consegue ou não se deseja imaginar.

A imagem tornou-se, aliás, o meio para “adquirir recordações” (Benedito, 2010, p. 378). Já no decorrer do século XIX “as imagens foram aperfeiçoadas, constituindo, então elementos decorativos importantes das obras ilustradas... como informações geográficas e históricas permitindo aos leitores compreenderem os itinerários descritos com mais precisão” (Assunção, 2010, p. 60).

Como refere Sloterdijk “a essência da época Moderna é a conquista do mundo como figura. A palavra figura significa aqui o configurado pela produção representante”, em representações por “globos e cartas europeus” pelo alcance da “visão do mundo” (2008, pp. 36-37).

“Aquilo que o século XVI pôs em marcha”, em especial a cartografia, “o século XX aperfeiçoou-o” pelo “aparecimento das fotografias por satélite”. É precisamente com a ideia de Heidegger, ao tornar “o mundo imagem” que a “totalidade do ente é compreendida...” pois “ao haver imagem do mundo, consoma-se uma decisão essencial sobre o ente no seu todo” (Sloterdijk, 2008, pp. 36;105;151).

A “massificação do turismo, a televisão e o cinema” e, ainda a *Internet*, vieram a contribuir para essa realidade, em que “o que é descrito passou a poder ser, muitas vezes verificado, desejado por quem lê” (Nery, 2010, p. 129).

Matos indica (2013, p. 32) que “narrar a viagem não se restringe à encenação textual/literária da mesma. As imagens, sejam elas gráficas ou filmicas, analógicas ou digitais, também narram”. A ilustração tem assim a função de demonstrar e o propósito de seduzir, de modo a transladar o Eu para o que é visualizado.

A nível televisivo é possível encontrar canais temáticos, com exclusividade “a “telé-relatar” experiências de viagens, tais como o *Travel Channel* ou o canal *Odisseia*” (Matos, 2013, p. 27).

O cinema, por sua vez, também tem sido um meio de abordar a temática das viagens, “para além dos clássicos *road movies*”, outros “caraterizam-se por abordagens mais existencialistas e discursos de índole mais crítica” (Matos, 2013, p. 27). Neste registo, inscrevem-se entre incontáveis outros, como “A cidade perdida de Z” (2016) de *James Gray*,

uma obra que narra a exploração cartográfica de *Percy Fawcett* com o projeto de descobrir na Amazônia uma cidade perdida, denominada de “Z”.

Relativamente ao meio digital que é a *Internet*, a representação da narrativa de viagens tem “assumido uma crescente importância”. Para Matos, a intensificação das narrativas difusas por este meio é:

“um sinal inequívoco de que há uma crescente vontade coletiva para narrar verbal e visualmente as experiências da viagem, vontade essa que se manifesta progressivamente por parte de autores privados que já não se contentam com escrever algumas lacônicas palavras em postais turísticos enviados dos seus destinos de viagem ou com uma *soirée* de apresentação dos álbuns de fotografias ou slides dos seus périplos a um número muito restrito de familiares e amigos... encontra agora a sua forma de expressão pública em relatos de viagens digitais colocados, aos milhares, em linha no meio global *Internet*, quer sob a forma de *homepages* pessoais, quer em sítios digitais de índole comercial ou empresarial” (Matos, 2013, p. 28).

O turista, que representa a grande parte do atual indivíduo viajante, direciona as suas representações e apreciações das viagens que realiza para as redes de sites sociais da sua preferência. Apesar de o *Youtube*, permanecer como *site* escolhido para a partilha de vídeos caseiros, talvez pela sua maior completude são o *Facebook* e o *Instagram* que se posicionam, neste particular, em maior vantagem.

O papel da fotografia na viagem do Turista tem vindo a revelar-se uma das características mais marcantes mas também a maior contribuição para o estabelecimento da diferenciação entre viajante e turista. O exemplo de Ambrósio e Santos (2010, p. 296) sintetiza esta distinção: “o peregrino pisa suavemente o solo sagrado e o turista atravessa estes lugares e fotografa-os; o primeiro viaja com humildade e paciência, enquanto o segundo o faz com arrogância e pressa”.

O turista e a fotografia desencadeiam uma relação intimamente desconectável. A disseminação e partilha dessas imagens tem ganhado força com publicações em perfis nas redes sociais. Esta relação, tem constituído, em diversos sentidos um nutriente primordial do que muitos consideram ser uma ligação entre exibicionismo (ostentação de quem publica) e *voyeurismo* (curiosidade de quem procura ver), centrada na viagem enquanto ingrediente de ostentação de uma intimidade que já não quer permanecer íntima. Deste modo “há quem viaje por moda ou até para manter o status social” (Nery, 2010, p. 130). No entanto também é uma forma de demonstrar a sua constante mobilidade.

Para Joly (1994, pp. 43-44), uma imagem é um ícone perfeito que tem como principal característica “imitar com tanta perfeição que elas se podem tornar virtuais e dar a ilusão da própria realidade, sem todavia o serem”, como é o caso das fotografias ou vídeos.

Segundo Jorge (2008, p. 29), um dos temas mais atuais e complexos mostra ser o da imagem, visto que vivemos num regime escópico, ou seja, “num regime que privilegia a visão sobre todos os outros sentidos e modos de conhecimento”. É através da nossa própria imagem refletida no espelho que se inicia “o processo de construção do eu”. A própria imagem em si “chama o olhar”. Instala-se assim um “*voyeurismo*”, pois:

“eu sei que olhando uma imagem estou a espreitar, estou a emoldurar uma pequena parcela do campo escópico, em que concentro a minha atenção. Ao fixar essa atenção na imagem assim delimitada pela moldura (ver é instalar molduras), eu entro necessariamente num regime fetichista, ... pelo desejo de conhecer, de compreender, de absorver, de me ver refletido, enfim, de re-conhecer o que se me apresenta como antes não visto, ou como surpreendente. Todo o conhecimento é um re-conhecimento, é um voltar a um lugar que não está em lado nenhum, que vai de espelho em espelho, de procura em procura” (Jorge, 2008, p.29).

Nesse sentido, por meio de operações de consumo “a vida é um correr atrás de imagens” num sofrimento constante, onde a fixação desse desejo só levará ao “princípio da desilusão”. O autor, em apreciação à imagem no cinema, diz que a imagem em vídeo consegue produzir no espectador “o ilusório, a fantasia”, mas, e ainda mais interessante, “transporta o espectador para dentro da fantasia absoluta”, num passar iludente para “o lado de lá do espelho”. Quer isto dizer que a imagem consegue, através do espelho do olhar, envolver-nos, transportar-nos e conduzir-nos imaginariamente por uma viagem mental e num envolvimento passivo (Jorge, 2008, pp. 29;45).

As imagens constituem-se assim com um carater “erótico, excitante”, em que os indivíduos encontram no seu meio um “curto-circuito subtil”, que “permite ver no olhar do outro o desejo em mim, que satisfaz momentaneamente o meu narcisismo”. Por isso o autor relaciona o Turismo com a pornografia no sentido em que ambos são “negócios em incrível expansão” dados os modos em que “nós queremos ver, queremos compreender, queremos saber, queremos gozar, queremos possuir” (Jorge, 2008, p. 45).

Deste modo, para que a fotografia-imagem não caia numa dinâmica de pura e simples banalização, Cadilhe acredita que “ser fotógrafo de viagens requer um talento inequívoco e um investimento sincero e delicado..., para marcar a diferença contra milhares de diletantes à solta pelo mundo...” (2016, pp. 135-136).

Em modo conclusivo, a Globalização encontra-se assim “saturada” em todos os aspetos e sentidos:

- “No sentido moral do termo, desde que as vítimas dos fatores divulgaram a todo o mundo as consequências desses feitos – tal assinala o cerne da situação pós-imperial, pós-colonial”.
- “No seu sentido técnico, desde que os transportes rápidos e os media ultra-rápidos superaram o lento intercâmbio mundial da época das viagens marítimas... Uma pessoa quase pode regressar a casa no mesmo dia de uma volta ao mundo em avião e, em regra sabe dos grandes acontecimentos políticos, dos grandes crimes e das inundações que ocorrem do outro lado do globo praticamente passados poucos minutos”.
- “No sentido sistémico, desde que os portadores da incursão no espaço aberto são forçados a entender que todas as iniciativas estão sujeitas ao princípio da interacção e que, na sua maioria, após um certo tempo de elaboração, as ofensivas regressam às fontes por um acoplamento retroativo”.

(Sloterdijk, 2008, pp. 20-21)

2.4. “*Palácio de Cristal*”. A(s) estufa(s) habitacional(ais)

É com base na compreensão da terceira globalização (tecnológica) e todos os aspetos abordados que se origina um bloco crítico de importância para este estudo. Sloterdijk é nesse sentido um dos autores fundamentais para a compreensão deste processo que caracteriza o atual mundo globalizado. Importante pelo seu conteúdo crítico, o autor estabelece no seu estudo teórico-filosófico uma relação com Dostoiévski de “Cadernos do Subterrâneo”, uma obra de 1864. Para Sloterdijk (2008, p. 208) curiosamente “o curso actual das coisas confirmou as antecipações de Dostoiévski”.

Na visita que efetuou a Londres, um dos locais que captou a atenção de Dostoiévski foi o palácio da Exposição Universal, “cujas dimensões ultrapassariam as do *Crystal-Palace* de 1851”. Assim lhe chamou o romancista russo, “*Palácio de Cristal*” (Sloterdijk, 2008, p. 184).

Nesse edifício começou uma “nova estética da imersão” numa “marcha triunfal através da modernidade”. Nele “desmaterializado e artificialmente climatizado” já se respirava o que Sloterdijk designa por “capitalismo psicadélico”, dotado da particularidade de transpor o seu “princípio interior” para “transpor o mundo exterior enquanto todo, para uma imanência mágica, transfigurada pelo luxo e o cosmopolitismo”. Simultaneamente, adaptado ao estatuto de “grande estufa” e de “parque de lazeres”, a edificação revelava a tendência da época para transformar a natureza e a cultura... em assuntos de interior” (Sloterdijk, 2008, p. 185). Só

mais tarde Dostoiévski relacionava as impressões negativas que inferiu da sua visita ao Palácio na leitura realizada ao romance “Que fazer” de 1863 de Tchernichevsky, onde anuncia a chegada de um homem novo que:

“uma vez consumada a solução técnica da questão social, viveria entre os seus semelhantes num palácio coletivo de vidro e de metal... concebido como um edifício de luxo com ar condicionado no qual deveria reinar uma eterna Primavera do consenso. O sol das boas intenções brilharia nele noite e dia, a coexistência pacífica de todos com todos seria automática. Uma sentimentalidade sem limites determinaria o clima interior e uma moral doméstica humanitária e abrangente haveria de levar a uma participação espontânea de todos no destino de todos” (Sloterdijk, 2008, p. 185).

Foi a “imagem de entrada” da totalidade da sociedade no edifício razão pela qual Dostoiévski o batizou de “*Palácio de Cristal*”, como representação da “vontade de concluir num relaxamento pós-histórico a iniciativa que lançou com vista à felicidade do mundo e do entendimento entre povos” (2008, p. 185).

Isto mostrou ser a “marcha triunfal” para a representação do “fim da história combatente”, onde a vida social “só poderia desenvolver-se num interior alargado, num espaço interno ordenado como uma casa e dotado de um clima artificial”. É nesse sentido que se percebe “nesta gigantesca estufa do relaxamento” a compacta inexistência de qualquer “acontecimento histórico” mas também uma supremacia “hedonista” no interior do seu mundo consumista, onde o conforto universal irá sempre “fluir” e “crescer” (2008, p. 186).

Daqui só se poderá atingir o “patamar de cristalização”, fenómeno este que visa passar “com base no existente [...] a renovações adaptações e reconstruções” pois, “quando já não se pode construir muita coisa nova, há que passar à exploração intensificada do que existe” (2008, p. 171).

Este palácio foi para o Dostoiévski o reconhecimento de uma estrutura “devoradora de homens”. É, inclusive, o “moderno Baal” que se equipara à divindade consumista, onde a sociedade assenta na veneração aos “demónios do Ocidente: o poder do dinheiro, do puro movimento e dos prazeres excitantes-anestésiantes”. O interesse por esta estrutura vem de certo modo a afirmar que a impressão tida para “mercado mundial” se mostra desenquadrada, para “caraterizar a modelação da vida sob o fascínio” do consumo monetário. Assim, “o espaço-interno-do-mundo do capital não é uma ágora nem uma feira ao ar livre, mas uma estufa que arrastou tudo o que antes era exterior para o seu interior” (Sloterdijk, 2008, p. 22).

A impressão de liberdade, num espectro ilusório, encontra-se desse modo confinada pelo palácio, onde “a questão de poder de compra” é dada pela supremacia ao “ser-se

humano”, manifestando-se na “capacidade de escolher entre produtos destinados ao mercado- ou produzir autonomamente esses produtos” (2008, p. 22). Quer isto dizer que a ideia passa por todo um conjunto de sistemas artificiais, para que quem viva dentro desta grande estufa habitacional esteja assente num “conforto universal” (Sloterdijk, 2008, p. 187) onde reinam a paz e o prazer.

Instala-se assim, num sistema fortemente marcado pela “desoneração”, um “conceito de mimo”, que subdivide os habitantes do “*Palácio de Cristal*”. A sua divisão está composta pela seguinte forma (2008, pp. 228-236): –“Primeiro piso, entram e saem os que conseguiram realizar em todo ou em parte o sonho de terem rendimentos sem prestações”, associado neste caso ao poder de compra; –“Segundo piso é frequentado por um público de cidadãos descontraídos que usufruem da segurança política sem estarem ele próprios em condições de se baterem”, ou seja, é um “descontraído na vida civil”; –“Terceiro piso, encontram-se os que participam nas prestações imunitárias gerais sem disporem da sua própria história de sofrimento”: Neste piso os indivíduos estão seguros contra possíveis sofrimentos por um sistema imunitário pragmático; –“no Quarto, espalham-se os consumidores de um saber para cuja aquisição nenhuma experiência é necessária”, estando em evidência os novos media que tornam os leitores em consumidores de uma diversidade imensa de conteúdos; Por último, no –“Quinto, encontram-se os que, na sequência da publicitação imediata da sua pessoa, conseguiram tornar-se célebres sem terem de brandir uma prestação ou publicitar uma obra”. Intimamente relacionável com o anterior piso, neste, os media facultam um considerado número de pódios para a notoriedade de indivíduos “conhecidos” por nenhuma razão aparente, sendo precisamente essa uma das razões pelas quais se explica o constante sucesso e a crescente utilização dos sites de redes sociais como o *Facebook*. A ocupação de um desses pódios, talvez seja um motivo suficientemente claro para explicar os exercícios de publicitação fotográfica, praticados pelos turistas nos e acerca dos lugares visitados: ser-se conhecido (influenciador) pelas imagens de belos locais visitados.

Contudo, é pelos autores Negri e Hardt que a ideia de edifício, que abriga toda a população, ganha novos contornos. Através da exploração direcionada ao “palácio capitalista do mundo” Hardt e Negri, os autores de “*Multitude*” e “*Império*”, constataram que este não constituía uma “estrutura arquitetónica coerente” mas na verdade “uma instalação de conforto com a qualidade de uma estufa, ou um rizoma composto de enclaves pretensiosos e de cápsulas acolchoadas que formam um único continente” (Sloterdijk, 2008, p. 208).

Sloterdijk, neste sentido, alude à existência de possíveis outras estufas palacianas, ou como ele o diz “estruturas arquitetónicas elaboradas com mais ou menos arte”, “como um

emaranho de corredores de conforto contruídos junto de pontos nodais vitais, do ponto de vista estratégico e cultural, sob a forma de oásis densos de trabalho e de consumo”. Destaca-se com maior frequência, para além da grande cidade e dos subúrbios, as “casas de campo, estâncias de férias, *e-villages* e *gated communities*” (2008, p. 210).

É no grande edifício e nesse emaranho de “corredores” possíveis de alcançar que se estabelece uma frenética mobilidade Ocidental (2008, p. 210), onde “o habitar e a viagem entram em simbiose”. Estes movimentos que ocorrem no “espaço pacificado” ocidental tornam o Turismo um fenómeno de “*way of life* capitalista”. Por onde quer que os seus indivíduos passem nunca desagregam esse conforto, dispondo de “numerosos animadores, cantores e massagistas” que os acompanham em todo o seu trajeto “em direção à vida fluidificada” (Sloterdijk, 2008, p. 30).

Estes novos viajantes, atrás intitulados de Turistas, movem-se então num constante meio de conforto, onde o exterior da própria “bolha” em nada os toca ou afeta. É através destes movimentos que a formação de “teatros longínquos” delineia uma representação para onde o desconforto não figure e o turista pague por troca de “experiências” (Sloterdijk, 2008, p. 30).

Possivelmente será por este modo de conforto assegurado em que a viagem se realiza que os indivíduos despreocupados na sua totalidade, dão privilégio à visão, ao olhar. Ao exercer mais uma vez, implicitamente, o seu poder de compra, pelo facto de fotografar o que é visto, do espetro do objeto (animal ou não) fotografado, como se tudo tivesse valor monetário e fosse possível comprar e levar para casa. E contudo, que veem eles, de facto? Antes tinham olhares sobre terras nunca vistas, horizontes nunca alcançados. Hoje muito possivelmente, em viagem, veem um novo mundo (acesso à *Internet* móvel) sobre os vários ecrãs de dispositivos (telemóvel), estátuas e quadros em locais destinados ao efeito, e na maior parte do tempo uma árvore exótica que enquadram a paisagem de repouso, numa piscina de hotel ou *resort*.

Não só em terra mas também em mar que o “capitalismo pós-modernizado” prova que “não falta energia para ostentar o seu próprio prestígio”. Grandiosas construções flutuam sobre a água dos oceanos como “palácios de cristal [ais] flutuantes”, que resumem a absoluta energia simbólica (Sloterdijk, 2008, p. 211).

A “*Crystal Experience*” (Cystal, 2018, s.p.) vendida pela empresa de cruzeiros *Crystal Cruises*, como a experiência proposta e havida pelos seus clientes, pode em larga medida considerar-se como uma síntese representativa desta existência palaciana em terra e sobre a água.

Um exemplo também figurativo do conforto é ilustrado pela publicidade da empresa de cruzeiros fluviais e oceânicos “Viking”, fundada em 1997 e sediada nos EUA e em Basel-Suíça, que opera em vários países, inclusive em Portugal, a partir do Porto. Com o conforto explícito no seu *slogan* “Exploring the World in confort”, cada viagem

“includes a shore excursion in every port, and an exclusive Viking Culture Curriculum program that provides deep immersion in the destination through performances of music and art, cooking demonstrations, informative port talks and carefully selected guest lecturers” (Viking, 2018, s.p.).

Agora sair do país é o mesmo que “ir para fora ca dentro” (Nery, 2010, p. 129). Esses mesmos turistas que ao viajar levitam no caprichoso conforto de quem não saiu da sua estufa, sustenta Cadilhe estão a por “em risco a funcionalidade, a identidade, a própria sobrevivência desses lugares” (Cadilhe, 2015, p. 12). Para este autor, os nativos visitados “mudam tudo o que for preciso, costumes, ingredientes como o picante, paisagem, a música, valores culturais, até o idioma eles mudam, se for mesmo preciso, para que o próximo... já goste” (Cadilhe, 2016, p. 151). Isso nada mais é do que o poder de compra que os habitantes palacianos podem exercer.

Pela ideia de habitação num palácio e movimentação almofadada, a compreensão da falta de projetos e atos de loucura (como outrora) torna-se mais clara. Não só o Turista-viajante mas também o próprio ser humano enquanto tal, por mais que queira inspirar ousadias e desenvolvê-las, é presa da vivência neste(s) palácio(s) cujo limite, o do seu “telhado de vidro” (Sloterdijk, 2008, p. 208), emerge como o maior entrave, que simultaneamente lhe confina pensamento e ousadia. Talvez a missão adequada a uma boa filosofia fosse a de “então fazer explodir o teto de vidro de cima da própria cabeça” (ibid., p. 187), ocasião em que porventura algum alento pudesse despontar.

Importa, contudo, destacar que a exclusividade é relativa e interior ao próprio projeto palaciano e, por isso, destaca-se um dos problemas mais graves que esta ideia de estufa(s) acarreta: Nem todos os seres estão a respirar o ar confortável e controlado do grande edifício.

Mesmo havendo um número considerável de seres no mundo apenas “um escasso terço dos espécimes” estão abrigados “nem num décimo das superfícies terrestres”. Deparam-se, assim, todos, conforme observa Sloterdijk, com a “impossibilidade sistémica de organizar materialmente uma integração de todos os membros do género humano num sistema de prosperidade homogénea, nas condições actuais da técnica, da política energética e da

economia”. Apesar de este edifício não precisar de “concretizar as suas fronteiras num material duro” (apenas em casos excepcionais), as suas divisões mais eficazes regem-se pelas instalações de conforto “sob a forma de discriminações”, por “muros constituídos pela possibilidade de acesso à capacidade financeira que separam os possuidores e os não possuidores...”. Dá-se então um visto de residência para os que têm poder de compra, mesmo os da semiperiferia, tornando-se bem em conta a sua proveniência, de “regiões urbanas relativamente prósperas” (exemplo, China, Índia e Turquia). Em contrapartida, ameaçados de “exclusão social”, “banidos de situações interiores privilegiadas do contexto de conforto”, estão os próprios membros “geograficamente incluídos”, ou seja, “as maiorias mais ou menos esquecidas”, que “tentam sobreviver em meio às suas tradições e improvisações” (2008, pp. 209-211).

Precisamente com a impossibilidade de poder fazer parte desse núcleo próspero, evidencia-se um conceito comparativo ao *Apartheid*, extinto na África do Sul mas agora renascido nas parcelares particularidades do “espaço capitalista”. E é no “*modus operandi* do *apartheid* universal”, que encontramos “o facto de tornar invisível a pobreza nas zonas de prosperidade” e “a segregação dos ricos nas zonas de esperança zero” (2008, p. 209). É nesse sentido que Sloterdijk (2008, p. 211) afirma que “a sua existência pressupõe um exterior sobre que possamos descarregar o ónus e que provisoriamente, possamos ignorar mais ou menos”.

Com uma notória discriminação dos impossibilitados, a “crítica” (como a *Internet* e a televisão) transfere a um nível mundial os “critérios da condenação da miséria”, mas infelizmente não assinala os meios para a sua resolução (2008, p. 210).

Assim, é por via da separação dos seus vizinhos discriminados, que estes meios refletem uma sociedade que, enquanto tal, “é um objeto de exposição de si própria” (Sloterdijk, 2008, p. 190).

PARTE III:

SOFRIMENTO DISTANTE- A PERDA MORAL NUM OLHAR INDIFERENTE

“Compreendo que viaje quem é incapaz de sentir
Por isso são tão pobres sempre como livros de experiência
os livros de viagens”

*Fernando Pessoa*⁷

⁷ Livro do desassossego (pp. 144 – 145)

3.1. O problema humanitário: O espectador do sofrimento e a sua capacidade de insensibilidade

Estamos a subcarregar o que já está em excesso. Estudos exploratórios noutros planetas, como a recente descoberta de um lago em Marte, já estão a ser realizadas, talvez para poder aliviar a carga com que o planeta Terra se encontra.

Contudo, enquanto não é possível transferir uma parte da população para outro planeta, para que esta o consuma em meia dúzia de anos, temos de olhar para o que temos em mãos.

Suspeitas de que os recursos naturais disponíveis se encontram em fase de extinção estão a surgir. E é um facto que ninguém pode negar, que a Terra como hoje a conhecemos encontra-se sobrelotada e híper-utilizada, como bem aprecia Sloterdijk “como um corpo anichado num denso tecido de movimentos de tráfico e de rotinas telecomunicativas” (2008, p. 151).

O poder de compra, detido por um pequeno fragmento populacional poderá tornar-se na mais devastadora arma de extermínio quando a limitação de recursos atingir maior pico.

A lei da selva nunca fez tanto sentido como agora. A Terra (a nova selva), que teve suas fronteiras e distâncias eliminadas, tornou o “todo” numa vasta área de campo aberto selvagem. Nesse sentido, somos os mais recentes selvagens, impulsionados pela falta ou fragilidade dos laços originados pelas redes. Laços esses que desenvolvem “sintomas de misantropia” sem precedentes, entre um aglomerado de vizinhos, mesmo separados por um ilusório “*Palácio de Cristal*”. E convém não esquecer que os “termos alemães para “vizinho” e “inimigo” eram praticamente sinónimos” (Sloterdijk, 2008, p. 153).

Por maior equilíbrio que se tente aplicar, o lado da balança irá sempre pender mais para o lado de maior poder em oposição aos de menor. E obviamente não é necessário identificar qual o lado mais poderoso.

Percebe-se que não se pode contar com mais nada senão com uma “diferenciação do espaço infinito e homogéneo” (Sloterdijk, 2008, p. 32). São esses habitantes, seguros e capacitados de um conforto imunológico, que se tornam espectadores de possíveis batalhas dos vizinhos exteriores, a uma distância relativamente curta, já que as distâncias são agora relativamente inexistentes. Mesmo quando disponíveis “pacotes turísticos” que possibilitam viajar para locais onde possíveis crises estejam a acontecer esses “nada dizem aos turistas” (Nery, 2010, p. 130).

Agem assim, como estrangeiros “desenfreados” que já não encontram em nenhum sítio “motivos para respeitar uma ordem doméstica”, por uma “misteriosa facilidade” de exterminarem “uns aos outros sob pretextos fugazes”. O “outro” “não é coabitante de uma esfera comum de ordem do mundo da vida, não é o co-portador de um corpo de ressonância sensorial e moral, de uma “cultura” ou de uma vida partilhada” mas é considerado o elemento externo, “um elemento indiferenciado de circunstâncias exteriores mal ou bem-vindas” (Soterdijk, 2008, p. 121).

Estamos perante um mundo de indivíduos ambulantes e adormecidos que se movimentam tanto na vida real como na existência digital. Loureiro (2011, p. 232) refere-se-lhes enquanto figura do

“espectador passivo pretendido e elaborado pela dominação, configurado pelo espetáculo da modernidade eufemística. Chamemos-lhe o consumidor, o utilizador, o homo faber totalmente vencido pelo animal laborans: um espectador mergulhado e diluído no espetáculo da interface mundo, onde apenas trabalha em nome da satisfação...”.

Apesar dos perigos e graves falhas que o mundo apresenta, uma das grandes vantagens é o poder informativo, em que todos podem saber tudo acerca de tudo (Boltanski, 2004, s.p.).

Schmidt & Cohen (2013, p. 64) referem que a massificação da utilização dos telemóveis e o desmoronamento das barreiras linguísticas constituem um aspeto bastante positivo, na medida em que “deixará de haver limite para o número de vozes, potenciais fontes noticiosas, cidadãos-jornalistas e fotógrafos amadores desejosos de participar”. Para além disso, “um maior leque de tópicos e pontos de vista” pode beneficiar de exposição pública.

Na televisão, e nesta era particularmente das redes sociais, os mais variados confrontos e movimentações em tais territórios são transmitidos praticamente em tempo real. Nos últimos anos habituámo-nos a acompanhar ao vivo, as mortes, as explosões, a destruição. No entanto, por mais imersivas que sejam as experiências proporcionadas pelas novas tecnologias, a realidade é sempre mais dura e cruel. Como diz Benedito (2010, p. 382) acerca do digital: “podem visualizar-se todos os lugares geográficos do planeta com tudo o que esses lugares comportam...”, porém o seu espetador “vê a virtualização da realidade que é, por vezes, mais perfeita que a própria realidade”.

É através de uma suposta ação comunitária, ao demonstrar tais acontecimentos, que se prevê o surgimento de um movimento humanitário. No entanto, para Boltanski (2004, pp. xiii a xv), esse movimento está no centro de duas tensões das sociedades ocidentais de hoje.

A primeira destas tensões encontra-se entre o “abstract universalism” e “narrow communitarianism”. É nestes termos antagônicos que “promoters and opponents of humanitarian action confront each other”, onde por um lado “siding with global solidarity against national particularisms and preferences” enquanto que por outro lado “unmasks the hypocrisy or, at best, naive eirenic idealism which ignores the primacy of interests and ties forged by history”. A segunda tensão tem os seus pressupostos, no que Charles Taylor denomina por “Culture of authenticity”, que “clearly shows that the culture of authenticity cannot be reduced either to a hyper-individualism or to a soft relativism”. No entanto, qual é a forma de que esse compromisso humanitário poderá revestir-se, quando os chamados a agir, enquanto espetadores instalados confortavelmente em casa à frente da sua televisão e rodeados pelas suas famílias na sala de estar, estão a milhares de milhas da pessoa que está a sofrer? É essa questão que Boltanski se propõe a examinar no seu livro “Distant Suffering” (cf, 2004, pp. xiii a xv).

Temos assim dois cenários possíveis quando observada a miséria dos infelizes⁸.

Num primeiro cenário:

“The misery of the unfortunate may simply be ignored and thus inspire no pity”, [no que] “the fortunate and unfortunate can live in the same country without the former seeing the latter, either as the result of a kind of physical blindness arising from a subtle separation of the spaces within which they each move, that is of their social networks...” (Boltanski, 2004, p. 5).

Por outro lado, e essencialmente abordado no estudo de Boltanski, o segundo cenário possível reflete-se em “those who are more fortunate may show a benevolent concern for the unfortunate...” (2004, p. 5).

Um dos aspetos que se mostra relevante é a posição que os indivíduos escolhem quando confrontados com um sofrimento. É por meio desse confronto entre o sofrimento e o indivíduo que olha, que se revela a problemática a que Boltanski designa por “Spectacle of suffering”. Um dos seus exemplos referentes a este último é demonstrado pela narrativa bíblica dos três viajantes de Jerusalém com destino a Jericho, onde veem, um após o outro, um infeliz que foi deixado “half-dead” após um roubo. Os dois primeiros continuam sua jornada independentemente do que encontram diante si. O terceiro, por sua vez, exerce

⁸ “Infelizes” é a tradução literal do termo usado por Boltanski no original francês “malheureux”, traduzido para “unfortunate”, pela edição em inglês utilizada neste trabalho. Usar-se-ão, aqui, em português, com a mesma significação, os termos “infelizes” ou “sofredores”.

“charity” para com o sofredor, tratando-lhe as feridas, dando-lhe óleo e vinho, e transportando-o sobre o seu cavalo, para em seguida fornecer dinheiro ao proprietário (de um alojamento) que lhe trate, permitindo-lhe retornar à sua viagem. Aqui, “fortunate and unfortunate travellers find themselves face to face so that what is within the range of eyesight is also within reach of the hand” (2004, p. 8).

Este exemplo de sofrimento encontra-se de facto perto do observador, que decide ajudá-lo. Contudo, o paradigma da “souffrance à distance” tratada por Luc Boltanski caracteriza-se, justamente, pelo inverso, isto é, pelo carácter longínquo, afastado, na relação entre sofredor e observador. Neste caso, como exemplo, temos um indivíduo que ocupa a posição de espectador, em sentido lato, na contemplação de um sofrimento a uma distância considerável. O infeliz observado em nada se relaciona com quem está a vê-lo. É um autêntico desconhecido (2004, p. 20). Então nesta projeção, como é que o observador pode efetivar a relação de assistência (caridade, solidariedade, piedade, de momento, tanto faz) para com o sofredor? Esta questão poderá ser o grande problema capaz de colocar um dilema especificamente moral para alguém que lhe esteja exposto.

A novidade associada à “política de piedade”, referenciada por Hannah Arendt na questão social sobre a revolução francesa, encontra-se na interposição da distância no elo de sofredor e observador (2004, p. 3).

Antes mesmo do seu desenvolvimento temático é extremamente necessário ter em vista um requisito. Apesar da política de piedade considerar os infelizes juntos “en masse”, para que a piedade seja ressaltada, as desgraças devem ser separadas em casos particulares (2004, p. 4) pois “for Arendt the principal characteristic of compassion is that it is directed towards particular individuals, particular suffering beings, without seeking to develop any “capacity for generalisation”” (2004, p. 6).

Uma matéria noticiosa incluída numa emissão do jornal televisivo da SIC Notícias pode vir ao encontro deste pressuposto. Um dos assuntos que teve grande exposição mediática foi a preocupação com os “12 rapazes tailandeses e o seu treinador de futebol presos numa gruta durante 18 dias”. Este acontecimento teve um impacto nos meios noticiosos e no público em geral (“o mundo rejubilou”), que foi acompanhando durante dias a evolução das técnicas de resgate dos cativos. A questão pertinente que este artigo expõe encontra-se no facto questionável de este acontecimento ter as proporções que teve e o porquê de o mesmo não acontecer com “tantas outras crises que as crianças atravessam em várias partes do globo”. Dos mais variados exemplos que podem ser apontados, “os dramas são incontáveis” e os “conflitos são prolongados”. As “mais de 1,2 mil milhões de crianças que estão ameaçadas

por guerras, pobreza extrema e discriminação”, as “crianças Sírias que fogem da guerra”, a “fome que ameaça mais de um milhão de crianças do Líbano”, passam de certo modo despercebidos, sem a legitimidade que a crise dos rapazes resgatados obteve num período de tempo consideravelmente pequeno.

É nomeadamente o período de tempo um dos motivos apontados para tal situação. Como é referido por Christy Deladield da *ONG Mercy Corps*, os “conflitos que se prolongam no tempo são mais difíceis de motivar as pessoas”. Perdem assim “a novidade”. Por outro lado, e indo ao encontro dos autores Boltanski e, a partir dele, Hannah Arendt, um outro motivo é descortinável. Como afirma Christy, “quando mais pessoas estão a sofrer numa crise, mais difícil é para os outros envolverem-se na sua história”, ou seja, quanto maior o número de sofredores numa tragédia menor será a atenção prestada à crise (Sic Notícias, 2018, s.p.).

A esta questão humanitária estabelece-se o conceito da parábola e da lei francesa do “bom samaritano” na “obligation to assist someone in danger”. É esta conjugação de conhecimento e de atuação que oferece a possibilidade de envolvimento, ou seja, o estabelecimento de um compromisso (Boltanski, 2004, pp. 7-8).

Mas essa obrigação pode ser considerada “good” sem que seja tratada como uma obrigação, ou seja, é “liable to sanction when there is a failure to perform it”. Caso esta obrigação seja sancionada judicialmente, o sacrifício geralmente em causa diz respeito a bens materiais. O facto de colocar a “own life or health at risk” revela-se precisamente a distinção de uma dita obrigação normal (que pode ser esperada por todos), de um “heroism” (que distingue apenas algumas pessoas) (ibid., 2004, pp. 13-15).

Apesar da imagem de espectador “distante”, este por sua vez não pode abolir a obrigação de agir pois, enquanto membro de uma nação cuja riqueza coletiva é resultante da exploração das nações mais pobres, os que não conseguem e que nada fazem para agir e amenizar tal sofrimento são “causally responsible for an evil he could have prevented... but he does nothing because he has an interest in averting his gaze”. Neste aspeto, o espectador “distant and passive” pode ser compreendido como um “active accomplice” de quem causou diretamente o sofrimento (Boltanski, 2004, p. 17).

Como afirma Boltanski, “it is action above all that is the problem”. Compreende-se que assim como o espetáculo do sofrimento é transmitido para o espectador, também as medidas exercidas pela testemunha devem ser transmitidas para o que sofre. No entanto, os “instruments” que transmitem a representação não são os mesmos que transmitem a ação. Sem dúvida que “no one ever suggests, for example, that the spectator should drop everything

and take himself to the unfortunate's side" (vale lembrar que se tal acontecesse poderia ter-se em vista um ato de loucura que deixou de existir nesta época). Tendo em vista um alívio, "those who attempt to ground the obligation to provide aid to those suffering far away on the basis of face-to-face situations" existem duas possibilidades para ação: "paying" e "speaking". Ambas, por sua vez, precisam de um agente intermédio e são de certo modo vistas como "quasi-action". A primeira necessita apenas de um sistema bancário e de uma instituição. E como é óbvio é a ação mais fácil de ser realizada pois consiste apenas no despender de uma quantia monetária, o que torna "the sacrifice made to benefit the unfortunate clearer and more easily calculable". No entanto, apresenta certas desvantagens, na medida em que o dinheiro não compra tudo, ou seja, é impessoal e com um laço relacional praticamente nulo (2004, pp. 17-18):

"On the one hand, it has the disadvantage of being realised by means of a general equivalent which, as such, obliterates the singularity of both the donor and the recipient. In sending a cheque, nothing remains of the singular suffering of a particular unfortunate. But we have seen that in one form or another the memory of the singularity of the person who suffers is indispensable to the existence and expression of pity. Similarly, the commitment of the donor is somehow hidden by the impersonal character of a medium which could be used for any other kind of purpose – buying a cooker or going on holiday for instance – so that giving money is often accused of being a 'way out', of being precisely a way to rid oneself of the burden of guilt, and of obligation itself, cheaply and without genuine involvement in the situation of the unfortunate's suffering. The money goes far away; but the donor does not follow it. The bond created between the donor and the unfortunate is therefore minimal and abstract (which is why organisations which collect money for children in the Third World, or in countries at war, often endeavour to organise a reciprocal arrangement, such as letters sent by the children to the donor)" (Boltanski, 2004, p. 18).

A segunda, apenas concretizada por meio de um interlocutor, pode ser possível para abrandar o sofrimento do infeliz pelo meio do discurso. No entanto, para que esta seja vista como uma forma de ação, no modo "speaking is acting", é necessário um novo instrumento: "public opinion engaging directly with political institutions" (2004, p. 18). Como ainda aponta Boltanski:

"It is insofar as speakers are also citizens of a republic that they can express an opinion through elections or revolts and thus put pressure on governments reputedly inclined to intervene on behalf of the unfortunate, by laws or even by force, when those whose suffering is conveyed from afar are of another nation. To take the claim that speech is effective seriously, that is to say speech which, whatever the status of the person uttering it and the place or form of its expression, can be causally connected to the

actions of others whose effect is felt at a distance, the first being in some sense the authors of the actions taken by actors to borrow the Hobbesian metaphor, we need the support of the complicated political construction of the City” (2004, p. 18).

Igualmente comparável ao pagamento, esta também se estabelece desvinculada da ação e sem real clarificação (“not reveal what it costs”). Mostra-se insuficiente, na medida em que não é apenas ao enviar uma mensagem encorajadora ou sentimental (“the good word”) que vai ajudar ou eliminar o sofrimento do infeliz. Para a mensagem não ser considerada insuficiente e revelar a existência e significado de sacrifício o “speech must come up against opposition and thereby introduce an uncertainty, a risk, which enables it to be described as “courageous”” (2004, pp. 17-19).

Ao estarmos perante um espetáculo e o facto de o espectador ter a opção viável de desviar o olhar, ao não o fazer ele já se encontra a assumir uma posição, onde se apresenta “the least unacceptable option open to him”. Por mais pequena que seja a contribuição da ação pela fala, no apaziguamento do infeliz, é através dela que ele pode manter a sua integridade quando confrontado com o sofrimento pois, caso não “levante um dedo” pode recair numa possível acusação de motivação pessoal ou interesse em ver o sofrimento e isso é que torna possível distinguir uma forma de olhar, caracterizada como desinteressada ou altruísta (2004, pp. 20-21).

Como referido anteriormente, a ação do bom samaritano deve ser imediatamente exercida quando atingido pelo espetáculo do sofrimento do infeliz. Aponta Luc Boltanski, estabelecendo a sua análise a partir da obra de Adam Smith “The theory of moral sentiments”, se essa ação não é concretizada de imediato, um espaço transitório é libertado, onde o espectador amplia o seu estado emocional orientado para a própria satisfação de necessidades e a consideração de um estado que é tido em conta as necessidades da outra pessoa, ou seja, deve por isso assumir uma postura em que indique “in words, but also by the way in which the emotion is expressed, how he will act when he can (or how he would act if he could)”. Portanto, “he must therefore enter into emotional states which are more specific than pity, in the sense that the type of action indicated is itself more specific” (2004, pp. 46-48).

3.1.1. Os tópicos do sofrimento- Denúncia; Sentimento; Estético

Segundo Boltanski, o sofrimento associado a uma “política da piedade” pode ser de dois tipos. O primeiro refere-se a um sofrimento dito inevitável, como a morte de um ente querido por velhice. O segundo, por sua vez, torna-se o relevante na medida em que há um sofrimento considerado evitável, “like the death of a previously healthy child due to famine”, para o qual é legítimo procurar e identificar o seu responsável (2004, p. 67).

Até então, os aspetos abordados relacionavam-se intimamente com o tema do observador, ou seja, o espectador. Alternativamente, as atenções de uma reação perante o sofrimento, tanto podem centrar-se na figura do que sofre, quanto na figura do que vê e reage. Nesta circunstância, Boltanski aponta dois grandes esquemas de reação: a “indignação” -que procurará uma causa e um culpado -singular ou coletivo- ou a sentimentalidade -que buscará uma boa ação e cuja figura central passa a ser o respetivo “benfeitor”.

É nesse seguimento de inação (por enquanto) que o espectador moralmente recetivo, ao ser confrontado com o espetáculo do sofrimento distante, pode ficar “indignant”. Através do modelo de Adam Smith, ao sentir pena, o espectador simpatiza com o infeliz, em que o seu “resentment” dá lugar a uma indignação onde o discurso terá o seu deslocamento da atenção numa acusação, na procura de um “persecutor on whom to focus” (2004, p. 57).

Neste tópico associado à denúncia, onde por um lado temos o sofredor e noutro o observador, um dos pontos desta nova tríade tem ainda de ser identificado para que a acusação tenha o seu destino. Boltanski coloca assim três possíveis identidades de acusados. Em primeiro encontra-se “a persecutor may be proposed to the spectator”. Em segundo, um “spectator may identify the persecutor or select him from among several possible candidates”. A terceira identidade de acusado, “emerges when this process fails and it is said that a clearly identified agent cannot be established for a sufficient length of time in the place of the persecutor” (cf. Boltanski, 2004, p. 65).

Torna-se ainda relevante considerar que esta identificação acusatória deve estar isenta de pré considerações e que o seu compromisso não deve ter um ponto de vista previamente comprometido “by personal or group interests”. A distância entre a vítima e o causador torna-se neste caso um dos aspetos mais delicados, sendo que um dos pressupostos associados a este específico aspeto, o estabelecimento de um nexos causal entre a situação do sofredor e do culpado (indivíduo ou sistema) acaba invariavelmente por requerer reflexões que recaem no

âmbito de uma “theory of power”. Com vista a uma cadeia causal, esta teoria deve ser capaz de explicar o modo pela qual o suposto culpado (prosecuter), por exemplo, um quadro empresarial dos mercados financeiros afetou o destino de um infeliz, que morre de fome numa área empobrecida (2004, pp. 58-62). Por mais que a emoção possa prevalecer, esse comportamento de denúncia crítica, para que possa ser um discurso aceitável, não deve permanecer exclusivamente assente no emocional, mas sim no aspeto factual do mundo externo “to the world of objects in order to base the accusation in equality” (2004, p. 65).

Como esperado, existem possíveis críticas ao tópico da denúncia que se consideram inevitáveis. Acima de todas, a crítica à falta de ação que pode ser percebida na denúncia como um ato apenas de fala, o qual representa um “commitment... not genuine”. É por isso que a denúncia, como aludido, deve ter os seus objetivos factuais e instalar-se no domínio público, para que a palavra se torne efetiva. Tão importante mostra ser outro aspeto: O denunciante, ao não compartilhar do mesmo sofrimento real que o infeliz (que vive e sente na pele), pode ver o compromisso (de ação) que assume com a denúncia, ser taxado de falso, pois ele “has nothing in common with those he seeks to defend...”, podendo ser considerado que “his simulated concern is motivated solely by the desire for social esteem” (2004, pp. 70-71). Podemos pensar este “tópico de sofrimento” proposto por Luc Boltanski como compaginável com o terceiro e quinto pisos da categoria ontológica do “mimo”, enunciada por Peter Sloterdijk, e acima referida. Respetivamente os pisos da “imunidade” ao sofrimento e o respeitante aos “pódios sociais”.

Emerge, em segundo lugar, o “tópico do sentimento”, que se compõe de outros procedimentos e está sujeito a outras possibilidades críticas. Neste novo tópico, o espectador ao simpatizar com o sofrimento observado propõe-se associar-se a uma “política da piedade”, mas não na busca de um “culpado” e respetivo nexos causal. Em vez de assumir a forma “indignação”, a ação “especifica-se” (Boltanski) como emoção a partilhar e difundir. Centra-se na figura não do “culpado” a procurar, mas do “benfeitor” a enaltecer. Chama-lhe, Boltanski uma forma de ternura (“tender-heartedness”)⁹.

Mostra-se particularmente favorável, na medida em que a expressão do espectador é naturalmente interior na manifestação de uma preocupação, e, especialmente, não é dado ênfase na procura acusatória a terceiros. Assim, as atenções centram-se antes de tudo o mais, na sentimentalidade suscitada pelo espetáculo do sofrimento (Boltanski, 2004, p. 79)¹⁰.

⁹ “Attendrissement”, no original, algo que poderíamos significar como um misto entre enternecimento e compaixão

¹⁰ Luc Boltanski discute com detalhe as questões associadas ao “sentimento”, ao “sentimentalismo” e à “sensibilidade”. Por razões de espaço e propósito, omite-se aqui esse debate.

A crítica ao tópico do sentimento não provém do debate acerca de eventuais culpas individuais ou coletivas e da demonstração racional da cadeia causal, mas sim, à autenticidade do espectador sentimentalmente motivado (cf. Boltanski, 2004, pp. 99-100).

O tópico do sentimento não é produto da racionalização de um problema. A sua primeira categoria é, aliás, a da “urgência”, como indica Luc Boltanski e o seu repertório pode ser encarado como uma encenação. É interessante que Boltanski recupera para discutir estes aspetos, a crítica tradicional ao teatro como simulacro das emoções, sugerindo a possibilidade de homologia entre esta e a crítica ao tópico do sentimento.

Em comum com a crítica ao “tópico do sentimento”, a emergência do tópico “estético” pode ser vista como uma subtração a uma “politização do sofrimento”. De modos diferentes, mas em ambos os casos, tanto no tópico do sentimento quanto no estético, o espectador recua diante da crítica sistémica. É essa particular individualidade e a “sublimação” estética do horror que simultaneamente motivam a opção estética e a sua criticabilidade.

“Indignation is only a veiled persecution; tenderheartedness is no more than selfish enjoyment unaware of itself [...]. This time he is not inclined to sympathise with the resentment of the suffering person and so follow him in accusation. He therefore checks that initial movement within himself which could have made him indignant. In effect, he has learned the lesson of the criticisms levelled at a topic of denunciation: in sympathizing with the resentment of the unfortunate and in accusing a third person, the spectator actually does no more than quench his own desire to persecute in revenge, to satisfy his envy, his taste for violence and destruction or, to take up Sade’s terms again, to give vent to his natural propensity for crime. But neither is the spectator inclined to sympathise with the unfortunate’s gratitude to a benefactor and to follow him by shedding tender-hearted tears. He has listened to the criticisms which question the authenticity of a topic of sentiment: in hypocritical tender-heartedness the benefactor actually seeks only to gain the kind of pleasure that the spectacle of suffering alone can give him” (Boltanski, 2004, p. 115).

Tudo o que agora o espectador vê e se deixa dominar, é o horror nu no seu estado sublime, em que “dares to cast his eyes on the unfortunate and look evil in the face without immediately turning away towards imaginary benefactors or persecutors”. O único sentimento talvez surgido seja a simpatia para com o agente que transmite o sofrimento, a hipótese que Boltanski equipara à posição do pintor face ao objeto representado, salientando, sem omissões, a assimetria das suas posições. A centragem faz-se no pintor, sobre cuja relação com o seu objeto pode suscitar as palavras e os comentários. Outro tanto não podendo, porém, assinalar-se à relação inversa, do objeto com o seu “representante”, acerca da qual “pouco haverá a dizer”. No limite, a representação estética pura consistiria em

conferir ao objeto representado “the only form of dignity to which it can lay claim...” (cf. Boltanski, 2004 p. 116).

Conforme Boltanski indica, o observador neste novo tópico “does nothing” (como um puro observador). E, por isso, “is at the cost of doing nothing that his contemplation of the horrific can be total” (2004, p. 117).

Então, precisamente pelo “the aesthetic topic has nothing to do with the persecutor and even less with the benefactor” e “rejects both denunciation and sentiment and, appealing to the control of any emotion other than aesthetic, refuses to be either indignant or tender-hearted” (2004, p. 132), que pode dar a ideia de estarmos perante um espectador vegetal.

Apesar de este ter como especial vantagem a plena atenção dada ao sofrimento mostrado e, por isso, envolver-se por inteiro o que podemos dizer na questão essencial de como esse espectador, no seu conforto, pode amenizar tal sofrimento?

Se este tópico, que parece renunciar a mínima ação, inspira “a purely individual relationship” (2004, p. 131) e “the spectacle of suffering is therefore the test individuals must face in order to prove their humanity” (2004, p. 99), nada nos impede que este tipo de posição nos continue a remeter para o puro egoísmo e, mais do que isso, para a cabal impossibilidade de um “Nós”. Mesmo que tentemos individualizar-nos em todos os sentidos, o Eu só existe porque nasceu de um Nós, foi nutrido em um Nós e se culturalizou em Nós. A única experiência que pode de facto ser individual é a morte. É o único momento em que não existe um Nós, apenas o Eu.

Estamos assim numa cegueira moral, numa total insensibilidade para com o outro. A individualidade está acima de tudo. Os laços que podiam ser novamente estabelecidos pelos diferentes horrores que afetam o outro, num conceito de empatia, romperam-se sem possível restauro. Tudo o que resta é um olhar vazio, atraído por um prazer visual, sem qualquer sentimento.

3.2. A perda moral da humanidade (A “Cegueira moral”)

Dois exemplos podem ser ilustrativos.

Numa das passagens de Saramago por Padim da Graça, “subitamente uma casa à beira da estrada lhe entra pelos olhos dentro e o obriga a parar adiante”. Foi ver o homem de “barba

crescida, chapéu velho e sujo” e ainda “os olhos mais tristes que pode haver no mundo”, que o fez parar. Ao fazer “perguntas tolas”, o viajante “aflige-se... e quer retirar-se”, mas acaba por entrar em casa do infeliz, onde se depara com um ambiente ainda mais triste, “negras as paredes, negro o chão...”. É ao ver o sofrimento na primeira pessoa e o horror a cru que “o viajante mastigou três palavras e fugiu”. Minimamente consciente admite: “diante destas aventuras, padece de cobardia”. “Não há mais fáceis filosofias que estas, e de nenhum risco: comparar os esplendores da natureza, mormente passeando o viajante no Minho, e a miséria a que podem chegar homens, ficando nela a vida inteira e nela morrendo” (2016, pp. 122-123).

Outro exemplo ilustrativo mostra ser a crítica da viagem à Coreia do Norte de José Luís Peixoto. Esta é talvez diferente da anterior, na medida em que o autor parece compadecer-se com o sofrimento que paira sobre o país, enquanto o “viajante” de Saramago pelo menos admite a sua cobardia quando diante do infeliz. A crítica parte do autor Sérgio Sousa (2013, pp. 103-104), que sublinha o país em questão, centrando-se nos tempos de horrores dos massacres vividos nos campos de concentrações. Baseia-se especialmente no problema do “olhar incrédulo” do turista, sobre o real artificial em que o país está mergulhado, que “não suscitou... o repúdio que seria de esperar”, ou seja, “o escritor vê, e dá a ver, mas não olha”. Na viagem, José Peixoto que “se esforça por descrever a par e passo o que vê ao arpejo do que essa visão das coisas em boa verdade significa”, perde a oportunidade de “ênfatar um estado de coisas inaceitáveis”.

Por meio desta plena visita turística (e nada mais) à Coreia do Norte, o que é criticado é o relato de José Peixoto sobre o “programa de propaganda” montado pelo regime para os turistas verem. É “como se na câmara das torturas, José Luís Peixoto fosse o encarregado de descrever o ambiente geral, mas sem torturadores nem torturados”. Por excertos que possam evidenciar tais infelicidades, como por exemplo: “há grandes extensões de território acerca das quais se sabe muito pouco...aponta-se essas... como a localização... de campos de prisioneiros..., segundo aqueles que conseguiram fugir... referem...crueldade e violência...”, tudo o resto parece ser mais vivido, “ostentando uma certa indiferença”. Ainda que sem acesso direto às atrocidades, o esperado denunciador dá lugar a um revisor “delico-doce”, “sob a égide de um distanciamento difícil de perceber” (2013, pp. 105;109-110). De aceitar a crítica de Sérgio Sousa, talvez pudessemos estar, neste caso, perante um exemplo do “tópico estético”, de que fala Luc Boltanski. Num duplo sentido. Pelo que lhe aponta o crítico, acerca do seu olhar sobre os campos de concentração, sem associar qualquer sentimento e muito menos, denunciar os aspetos trágicos de um país manchado de sangue. Mas, também pela

singular individualidade do ponto de vista estético, tanto mais que José Luís Peixoto é um escritor profissional, por sinal um dos mais destacados da atualidade na literatura portuguesa.

Deixando o caso específico da viagem de Peixoto pela Coreia do Norte e centrando-nos na figura média do novo e do novíssimo viajante, cabe dizer que são assim as figuras de “vagabundo e o turista” da contemporaneidade, que vagueiam por todo e ao mesmo tempo por nenhum lado, isentos de “incómoda, incapacitante, esmagadora e insone responsabilidade moral”, onde:

“os prazeres do spa não incluem pensamentos sombrios como, por exemplo, acerca de crianças que são vendidas para a prostituição; este é um estranho hábito que os nativos adquiriram e não é responsabilidade nem culpa do excursionista, não foi por ele causada, nem há nada que ele possa fazer a esse respeito (Bauman, 2009 [1993], p. 282) (Apud Pereira, 2018, p. 62).

O sofrimento tornou-se mais um produto vendido e consumido “tal como as vítimas e as suas histórias- tudo o que seja intenso, que possa ser apaixonadamente vivido a uma distância segura ou por meio de uma relação de poder vigilante e amorosa”. Uma das causas, para tal comercialização, adveio da “banalização” (Bauman & Donskis, 2016, pp. 137).

Com efeito, se por um lado, Luc Boltanski assinala não se dever imputar à nova difusão mediática as problemáticas da indiferença,

“(This is not a new problem. In fact the hypothesis of this book is that the spectacle of suffering, incongruous when viewed at a *distance* by people who do not suffer, and the unease that this spectacle infallibly provokes – so evident today when eating our evening meal we see famished or massacred bodies paraded before our eyes in our home – is not a technical consequence of modern means of communication even if the power and expansion of the media have brought misery into the intimacy of fortunate households with unprecedented efficiency.)” (Boltanski, 2004, p. 12)

parece insensato não considerar o papel da sua eficácia “sem precedentes” enquanto factor contributivo para a “banalização” destes males. É, assim de admitir, que a constante penetração social (através dos media) dos mais variados sofrimentos e sofredores, contribui com que os observadores/espectadores percam espaço de atenção e consideração para o espetáculo aberto diante dos seus olhos quotidianamente.

As atenções vagueiam de assunto em assunto, eventualmente, até, de tragédia em tragédia, reduzindo progressivamente a sensibilidade do espectador. A própria figuração do trágico na ficção televisiva, cinematográfica, etc., contribui para que comecemos a encarar todo esse material humano como “ficções”, abalando o sentimento de surpresa ou repulsa.

“Para que uma coisa agite a sociedade, deve ser realmente inesperada ou brutal” (Bauman & Donskis, 2016, pp. 52-54).

Apenas quem possui alguma notoriedade e é vítima de algum sofrimento é que obtém “mais atenção e publicidade”. Cenas rotineiras já não deslumbram ninguém. “Somente uma celebridade ou uma vítima famosa pode esperar ser notada por uma sociedade cheia de informações sensacionais, mas sem importância, em especial num ambiente que só reconhece a força e a violência” (Bauman & Donskis, 2016, pp. 154;53).

De certo modo, para que o sofrimento venha a ter sucesso e reconhecimento nesta era, não no “triunfo da humanidade e da sensibilidade” mas na questão do “martírio e a vitimização- assim como a competição económica ou as lutas de poder”, tem de veicular uma “experiência de vitimização positiva e convincente e uma narrativa de sofrimento persuasiva” (Bauman & Donskis, 2016, p. 137).

Nesta atualidade monótona, onde a novidade se vê paradoxalmente impedida de entrar pelo grande teto de cristal, deixou apenas espaço para uma inevitável “adiaforização”. Para Bauman esse termo significa:

“Os estratagemas para colocar, intencionalmente ou não, certos atos e/ou a omissão deles em relação a certas categorias de seres humanos fora do eixo moral-imoral- ou seja, fora do “universo das obrigações morais” e do reino dos fenómenos sujeitos à avaliação moral; estratagemas para declarar tais ações ou inações, de maneira implícita ou explícita, “moralmente neutras” e impedir que as escolhas entre elas sejam submetidas a um julgamento ético- o que significa anular antecipadamente o opróbrio moral” (Bauman & Donskis, 2016, pp. 55-56).

Em vez de associar ao termo o significado grego de “algo não importante”, Bauman absorve-o no seu aspeto mais vincado ao associar-lhe o “irrelevante” ou, melhor ainda, “indiferente” ou “equânime” (Bauman & Donskis, 2016, pp. 51;56).

Retiramo-nos da nossa própria zona de sensibilidade, auto capacitamo-nos para não reagir, como se tudo fossem meros objetos físicos ou coisas e não seres humanos. Acontece ao outro. É algo exterior ao Eu, não é algo que esteja diretamente ligado a mim, quanto muito a algum familiar. Daí talvez se entenda a grande junção de indivíduos na praça pública, quando se realizavam execuções públicas “frequentadas e encaradas como espetáculos agradáveis” (Bauman & Donskis, 2016, pp. 51-52).

A nação outrora lembrada enquanto modernidade sólida, “como comunidade de memória, sentimento coletivo e opção moral” (Bauman & Donskis, 2016, p. 74), vê-se hoje remetida para uma “Modernidade Líquida” onde meios e recursos como o *Facebook*, se

constituem e amplificam espaços de indiferenciação e de indiferença que são cenários de ligações e desligações relacionais não mais que efémeras.

Estamos desligados conceptualmente mas não na prática. Como alude Pereira (2018, p. 67), a indiferença, “só não gera emancipação”. Gera, em contrapartida, “desligações”, de onde resulta que “um dos grandes paradoxos em que parecemos mergulhados, parece assim consistir em que, na contemporaneidade, a ligação é a desligação”.

A destruição do “milagre de moral e do vínculo ético” (Bauman & Donskis, 2016, p. 11) tem assim as suas bases na indiferença, numa perda de sensibilidade humana e de uma sentimentalidade relacional praticamente inexistente.

A banalização do mal, para glosar uma expressão de Hannah Arendt, encontra-se hoje diretamente relacionada com o “poder financeiro”, exprime-se pela surda manifestação da “insensibilidade ao sofrimento humano” e materializa-se ainda no “desejo de colonizar a privacidade eliminando o segredo de uma pessoa” (Bauman & Donskis, 2016, p. 16).

Se esperarmos que o mal tenha uma forma específica e notifique antes de chegar podemos estar a iludir-nos. O mal deixou de ter uma forma exata. Pior, ele emerge em todos os lados. Com o seu formato invisível na “Modernidade Líquida”, o novo mal “não está confinado à guerra ou a ideologias totalitárias. Hoje ele revela-se com mais frequência quando deixamos de reagir ao sofrimento de outra pessoa... nos recusamos a compreender os outros, quando somos insensíveis e evitamos o olhar ético silencioso”. Agora o inferno é o que cada ser humano, “normal e aparentemente bondoso, bom vizinho e homem de família” (ainda mais perigoso do que os ditos “demónios e espíritos malignos”) criam para o Outro (Bauman & Donskis, 2016, pp. 18-20).

Bauman assume o conceito de “insensibilidade” como metáfora para “denotar um tipo de comportamento empedernido, desumano e implacável, ou... uma postura imperturbável e indiferente” em relação aos outros. Ele ainda menciona que o seu significado está intimamente ligado à “disfunção de alguns órgãos dos sentidos, ótica, auditiva, olfativa ou tátil, resultando na incapacidade de perceber estímulos que em condições “normais” evocariam imagens, sons ou outras impressões”. O desejo e a “autoadministração” de “analgésicos”, como medida preventiva de possíveis dores morais, por parte das mais diversificadas “ofertas consumistas”, mostra ser uma ajuda e consequência para tal comportamento frio. E isso foi uma “tentação” a que “poucas pessoas conseguiram resistir”. A “cultura consumista” transformou as lojas e agências de serviços numa “farmácia fornecedora de tranquilizantes” que libertam e ajudam a amenizar a dor moral (Bauman, 2016, pp. 23;26).

Deteta-se assim uma perda da sensibilidade das pessoas, que se torna uma “segunda natureza” (Bauman, 2016, p. 188), dessensibilizada relativamente a tudo o que está à sua volta, tendo a visão voltada para o consumo e para o mais racional (uma lógica individualista e mercadológica).

O respeito, entendido como a “consideração séria de algo, de mim ou de outrem” (Pereira, 2018, p. 68) foi quebrado.

A sociedade está voltada para a construção de identidades privadas (um individualismo exagerado) e não para os pedidos coletivos. A isso, Bauman (2016, p. 24) descreve como “relações puras”, “no sentido de “sem compromisso””. É um mero afastamento das pessoas e das regras morais da sociedade. “Nada de pessoal, são apenas negócios” (Bauman & Donskis, 2016, p. 19).

Se como afirma Bauman, “sem humildade e coragem não há amor” (2003, p.24) então a transformação da empatia em individualização extrema e indiferentismo viciado em analgésicos, bem pode constituir-se como demonstração de uma crise do próprio amor.

Os indivíduos da ausência de vinculação são como *Dom Juan*, colecionadores de amores de curta duração, predadores da conquista que possa garantir-lhes a satisfação egóica (Bauman & Donskis, 2016, pp. 262;266). Associados a autênticos indivíduos insensíveis, consumidores compulsivos com mentes e vidas ocupadas limitamo-nos a nós próprios.

Assim é produzida e reproduzida “a cegueira moral- voluntariamente escolhida, imposta ou aceite com resignação...” (Bauman & Donskis, 2016, p. 20).

3.3. Primeiro lugar eu, segundo eu e em terceiro eu- O amor Próprio: Uma visão oposta

Também aqui, porventura, nada exista de novo. Os conflitos éticos fazem parte da história da filosofia e dos próprios homens. Em oposição à ética baumaniana, vinda de expor, encontram-se as estruturas de legitimação moral do existente, em pensamentos como o do chamado “egoísmo ético”, de Ayn Rand (cf. 1991). Se Bauman e Donskis vituperam o comportamento insensível e indiferente dos indivíduos modernos no relacionamento com o outro, Rand, opostamente, legitima-o.

A ideia basilar de Ayn Rand é de que o egoísmo é uma dádiva. O Eu enquanto ser individual, irrepitível e dotado de uma vida única, deve valorizar-se acima de tudo e de todos.

Cabe, de resto, matizar o sentido propriamente ético do “egoísmo” randiano (diferente do “egoísmo psicológico, tal como é comumente entendida a expressão” egoísmo).

Provém do uso vulgar, popular, que associa “egoísmo” a “maldade” ou à imagem negativa de alguém que espezinha ou outros para “alcançar o seu próprio objetivo”. Ora, para Ayn Rand o “egoísmo ético” nada mais é do que a “preocupação com nossos próprios interesses” (1991, p. 14).

A obra da autora estabelece uma vincada oposição à ética do altruísmo, na medida em que este adjudicou teor depreciativo, ao criar a “imagem do brutamontes” para “os homens aceitarem dois princípios desumanos”. O primeiro é “que qualquer preocupação com nossos próprios interesses é nociva...” e o segundo, “que as atividades do brutamontes são, na verdade, a favor dos nossos próprios interesses (que o altruísmo impõe ao homem renunciar pelo bem de seus vizinhos)”. O altruísmo, que visa sobretudo o “benefício dos outros” e em que toda a ação praticada em benefício próprio é considerada “má” ou “nociva” (ou seja, uma escala prioritária de em primeiro o Outro, e só em segundo lugar o Eu), significa para Rand uma ideia extremista: “o desejo de viver do homem é nocivo” (1991, pp. 15-16).

Como a própria o diz:

“Se for verdade que o que quero dizer com “egoísmo” não é o que significa convencionalmente...: significa que o altruísmo não permite conceito algum sobre um homem que se auto-respeita e é independente economicamente- um homem que sustenta sua vida através de seu próprio esforço e nem se sacrifica pelos outros nem sacrifica os outros por si. Isto significa que o altruísmo não permite outra visão dos homens, que não seja a de animais para sacrifício e beneficiários-do-sacrifício alheio, como vítimas e parasitas.” (1991, pp. 16-17)

No entanto, Rand adverte para um aspeto. A moral racional (ou seja, os “valores morais na vida humana”) deve ter de facto incidência na questão da ação como meio para um benefício próprio. A verdade é que nem todos os atos são considerados bons e aceitáveis. Apesar de ser uma visão que possibilita aos seus seguidores a realização de ações para a sua autossatisfação e valorização, não é de todo uma “licença “para fazer o que lhe agrada”” (1991, pp. 17-18).

É nesse sentido necessário reconhecer a “existência moral racional” como um direito do homem no centro da “preocupação por seus próprios interesses”, onde os “princípios racionais” e a ética objetivista têm especial incidência e utilizam “este conceito no seu sentido mais puro e exato” (1991, pp. 17-18).

As suas ideias teóricas partem do facto de que só é real aquilo que acontece com o Eu. O que ocorre diretamente e que pode ser provado pela pessoa.

Por mais que seja o ensejo uma ação deve ter em vista uma ética e essa uma objetividade moral. A esse aspeto a autora define “Ética Objetivista” como “uma moralidade de autointeresse racional”, ou melhor, um “egoísmo racional”, de onde resulta um “código de valores que orienta as escolhas e as ações do homem”. Segundo Rand, “valor” está intimamente ligado a objetivos, na relação de que um “valor é tudo aquilo pelo qual alguém age para conseguir e/ou manter”, pressupondo a pergunta “para quem e para o quê?”. É apenas para o “organismo vivo” que o conceito de vida, enquanto uma ação “autogerada e autossustentada”, possibilita o conceito de valor, na medida que “as coisas podem ser boas ou más” (1991, pp. 18;20;23).

Rand ainda salienta que o homem enquanto o único ser superior à face da Terra “não pode suprir suas necessidades físicas mais simples sem um processo de pensamento”. A consciência é o seu centro de sobrevivência pois é a única que lhe permite reformular a satisfação das suas necessidades, como por exemplo, a fome. Enquanto é-lhe recetáculo do potencial (“sua consciência”) e do material (“todo o universo”), o pensamento do homem não é assim, infalível, automático ou instintivo tornando-se-lhe imprescindível fazer uso de um pensamento do cálculo, associado à lógica, único que lhe permite vir a “assumir responsabilidade por seus resultados” (1991, p. 30).

A ética objetivista é, neste sentido, “uma necessidade objetiva e metafísica da sobrevivência do homem”, mediante a qual ele “deve escolher seus atos, valores e objetivos, pelo critério daquilo que é adequado ao homem- a fim de alcançar, manter, preencher e gozar este valor último, este fim em si mesmo, que é sua própria vida” (Rand, 1991, pp. 32;34-35).

De acordo com Rand o princípio social desta “ética objetivista” consiste no seguinte: “assim como a vida é um fim em si mesma, assim também todo o ser humano é um fim em si mesmo, não o meio para os fins ou o bem-estar dos outros”. Ao contrário do princípio seu oposto, olhado como um absoluto “canibalismo moral de todas as doutrinas hedonistas e altruístas consiste na premissa de que a felicidade de um homem implica prejuízo de outro”, Rand defende, orgulhosamente, o “egoísmo racional” como fundamento dos “valores exigidos pela sobrevivência” (1991, pp. 37;41-42). Para si não é a, pelo altruísmo, alegada imoralidade a “responsável pelo colapso que agora ameaça destruir o mundo civilizado” mas sim a moralidade que o mundo tem sido incentivado a praticar e a louvar (1991, pp. 46-47). Neste sentido, só através desta visão de “egoísmo racional”, é que “os homens podem ajustar-se para viver juntos”, numa (nova) sociedade “livre, pacífica, próspera, benevolente e racional”

e, assim, aproveitar “dois grandes valores a serem ganhos com a existência social” o “conhecimento e comércio” (1991, p. 43).

A autora apresenta, portanto, uma visão assente no conceito apresentado como louvável da valorização pessoal. Contudo, ter uma “certa vida em sociedade”, como refere, para obter ganhos a nível de “conhecimento e comércio” (1991, p. 43), parece caber perguntar se através desta visão global acantonada sob o termo “Egoísmo Racional” não se acoberta antes um cru egoísmo psicológico egocêntrico, apesar de operado racionalmente.

Quanto à questão do sacrifício pelo outro, Rand adverte para a ideia negativa, proposta pela ética do altruísmo, segundo a qual o importante é o outro, sem que nada deva visar o Eu. Para a autora, o princípio correto deve ser: “age de acordo com a hierarquia dos seus valores, e nunca sacrifica um valor maior a um menor (ou carente de valor)” (1991, pp. 58-59). Para si o sacrifício apenas pode ser considerado quando o dito benfeitor opta por cumprir uma ação em detrimento de uma outra que considera mais importante para si (exemplo, salvar a vida de dez mulheres desconhecidas em vez de salvar a vida da esposa). O ato a ser instalado na ética objetivista seria a virtude da “integridade”, que é “a lealdade para com as convicções e valores que se tem” (1991, p. 61).

O amor e a amizade são considerados valores pessoais e egoístas para uma felicidade própria e neste caso o risco a correr é maior e se necessário “pronto a dar a própria vida para salvá-lo(a) -pela razão egoísta de que a vida sem a pessoa... poderia ser insuportável”. Em oposição à ideia de heroísmo referido por Boltanski (e da obrigação moral esperada por todos no sacrifício (2004, p. 13;15)), só uma pessoa imoral ou com uma extrema “falta de autoestima” pode “permitir que alguém não valorize mais a sua vida do que a de um estranho qualquer”. Apenas é “moralmente adequado salvá-la... quando o perigo para a sua própria vida é mínimo”. Para com “estranhos” deve-se assim, atribuir nomeadamente o “respeito generalizado e a boa vontade” e apenas em situações de “emergência[s]” tais como eventos inesperados “terremoto, incêndio, naufrágio”. Para condições “normais” e a construção ética de Ayn Rand nelas inclui circunstâncias como a “pobreza, ignorância, doença”, preconiza-se que os afetados por essas condições, devem “manter a sua vida pelo seu próprio esforço”. Boltanski refere-se a este tipo teórico de espectadores do sofrimento como cúmplices (2004:17)). Por isso, devem ser os próprios a lutar, a conquistá-los “pelo seu próprio pensamento e trabalho” e não esperar por almas caridosas (Rand, 1991, pp. 59-64).

“O propósito moral da vida de um homem é a conquista de sua própria felicidade. Isto não significa que ele seja indiferente a todos, que a vida

humana não tenha nenhum valor para ele e que não tenha motivo para ajudar outros em uma emergência. Mas significa, isto sim, que não subordina a sua vida ao bem-estar de outros; não se sacrifica pelas necessidades deles; que o alívio do sofrimento deles não é sua preocupação prioritária; que qualquer ajuda que ele dê é uma exceção, não uma regra, um ato de generosidade, não de obrigação moral” (Rand, 1991, pp. 64-65).

Em modo conclusivo, esta será talvez a realidade com que nos confrontamos e que tanto Bauman e Donskis criticam, chamando-lhe “Cegueira Moral”.

Apesar de visões totalmente opostas, ambas as opções contêm argumentos cuja veracidade e relevância são inegáveis. Refletindo, de resto, a complexidade intrínseca ao ser humano.

PARTE IV:

**ESTUDO DE CASO: ANÁLISE DO GRUPO DE
FACEBOOK “AMANTES DE VIAGENS”**

4.1. Problemática e objetivo de estudo

O crescente uso das novas tecnologias digitais de comunicação tem formado novos espaços de construção e partilha de informação, facilitando as trocas de opiniões e outros conteúdos.

O principal problema desta investigação tenta compreender o que os indivíduos associados em rede e a um grupo específico sobre viagens, relatam e procuram sobre esse tema.

À luz dos conceitos abordados pelos mais distintos autores, este trabalho procura recensear e analisar a página de grupo *Facebook* “Amantes de Viagens”, dedicado às viagens.

Assim, indaga-se pelo prisma da forma e dos seus conteúdos este material, procurando detetar para onde se dirige a atenção e a reflexão destes viajantes quando viajam e aquando dos relatos de *Facebook* que decidem produzir e/ou comentar. A investigação procura aferir, em particular, o tipo de relações que esse olhar estabelece ou não, com as situações locais dos destinos de viagem, nomeadamente com os problemas de índole social, económica ou política que integram nas existências dos que neles habitam.

Nós, autodesignados "ocidentais", formamos uma pequena parte do mundo, o mundo dito rico, o mundo que faz excursões ao mundo dito pobre, o Terceiro Mundo. Os paraísos para onde rumamos são muitas vezes infernos para os que os habitam ou que deles procuram escapar, fugir. Que vêm e relatam os turistas destas excursões? Levanta-se assim um conjunto de questões intimamente relacionadas com a questão base referida. O que partilham tais indivíduos? Existem alusões aos problemas locais e a acontecimentos dessas paragens que tenham ocorrido e ganhado expressão mediática internacional ou que estejam a suceder nesse mesmo momento, enquanto se está lá de férias?

Desta forma o objetivo principal deste estudo é a recolha de dados, de modo qualitativo e quantitativo, que permitam conhecer e analisar o grupo de *Facebook* “Amantes de Viagens”, pelas interações entre os seus membros e as populações, e problemáticas dos seus locais de destino, isto é, de certo modo, testar a classe de olhar que os primeiros (turistas) votam às segundas (populações locais).

4.2. Hipóteses

Com tais propósitos definidos para o estudo são desenvolvidas hipóteses a testar.

A formulação deste tipo de questões mostra ser um aspeto imprescindível numa investigação, na medida em que “constitui a melhor forma de a conduzir com ordem e rigor”. No entanto, mais importante, como afirmam Quivy & Chapenhoudt “um trabalho não pode ser considerado uma verdadeira investigação se não se estrutura em torno de uma ou de várias hipóteses” (1998, p. 119).

As hipóteses estabelecem “o critério para seleccionar, de entre a infinidade de dados que um investigador pode, em princípio, recolher sobre um determinado assunto, os dados ditos “pertinentes”” (1998, p. 120). Os autores ainda acrescentam que:

“O trabalho empírico não se limita, portanto, a constituir uma análise do real a partir de um modelo de análise; fornece ao mesmo tempo o meio de o corrigir, de o matizar e de decidir, por fim, se convém aprofundá-lo no futuro, ou se, pelo contrário, vale mais renunciar a ele” (1998, p. 120).

H1) Predominantemente, o olhar e a comunicação estabelecidos a partir do grupo do *Facebook* é um olhar indiferente às situações locais;

H2) Os viajantes deslocam-se hedonisticamente a paraísos de lazer situados, em muitos casos, bem no centro de infernos existenciais para os quais não olham, sendo as narrativas eletrónicas que produzem total ou pelo menos maioritariamente indiferentes a esses aspetos;

H3) O "*Palácio de Cristal*" (Peter Sloterdijk) em que vive uma pequena minoria de seres humanos (da qual emergem estes viajantes) tende a ser reproduzido em instalações de lazer, fazendo-se hoje a viagem de estufa de "cristal" em estufa de "cristal", ao invés da viagem aventureira, científica ou mercantil de outrora;

H4) O "sofrimento à distância" (Luc Boltanski) que espelha este indiferentismo permanece igualmente distante mesmo quando a viagem aproxima estes viajantes daquele sofrimento;

H5) Este material será representativo do "indiferentismo" e "atomização" que percorre a existência dos habitantes do "*Palácio de Cristal*";

H6) As relações estabelecidas entre os viajantes e os ditos nativos mostram-se representativas em número de casos;

H7) O material “unidades com relevância específica para a análise” expressa predominantemente que a experiência ou relação com o Outro é centrada no viajante e não no nativo ou autóctone;

H8) A nuvem de palavras constitui um aferidor adicional dos marcadores de atenção/desatenção do visitante à circunstância do lugar visitado, designadamente representando um marcador de consciência dos males a que se permanece indiferente;

4.3. Métodos de investigação

Quando ocorre a ideia de uma investigação, é muito provável que o conhecimento do investigador sobre o assunto metodológico se mostre insuficiente. Por isso, é necessário que tenhamos em consideração autores relevantes nessa área.

Quivy & Chapenhoudt (1998, p. 15) sugerem uma analogia interessante entre uma investigação e um pesquisador de petróleo, designadamente ao referirem que “o sucesso de um programa de pesquisa petrolífera depende do procedimento seguido” pois não é por perfurar ao acaso, sem um estudo preliminar, que “este encontrará o que procura”. Comparavelmente, numa investigação social, “importa, acima de tudo, que o investigador seja capaz de conceber e de pôr em prática um dispositivo para a elucidação do real, isto é, no seu sentido mais lato, um método de trabalho”.

O primeiro passo para a delineação de um processo metodológico ou para a recolha de informações acerca do objetivo da investigação ou ainda das técnicas de recolha de dados e posterior tratamento, passa pela escolha da metodologia de investigação a utilizar.

Tendo em conta o objetivo de compreender o que é postado pelos indivíduos na página de grupo *Facebook*, o estudo segue as indicações metodológicas de Quivy & Chapenhoudt.

O método escolhido para a recolha dos dados consiste na Observação direta, “em que o próprio investigador procede directamente à recolha das informações”, sem necessidade de se dirigir “aos sujeitos”. O traço característico deste instrumento encontra-se, de facto, num tipo de observação em que “os sujeitos observados não intervêm na produção da informação

procurada”. Conforme apontam estes metodólogos, “proceder-se-á por observação directa quando a informação procurada estiver directamente disponível” (1998, pp. 164;183), o que é o caso, neste estudo.

Quanto ao método de análise de informações, optamos pela genericamente designada “Análise de conteúdo”. Devido à sua vasta aplicação, segundo Quivy & Chapenhoudt (1998, pp. 226-227), a Análise de Conteúdo tem vindo a ganhar um destaque crescente “porque oferece a possibilidade de tratar de forma metódica informações e testemunhos que apresentam um certo grau de profundidade e de complexidade”. Com manifesta preferência, “a escolha dos termos utilizados pelo locutor, a sua frequência e o seu modo de disposição, a construção do “discurso” e o seu desenvolvimento são fontes de informações a partir das quais o investigador tenta construir um conhecimento”. Por isso, “permite, quando incide sobre um material rico e penetrante, satisfazer harmoniosamente as exigências do rigor metodológico e da profundidade inventiva...”.

Uma das principais vantagens dos procedimentos metodológicos, genericamente designados por Análise de Conteúdo, é a elasticidade no estabelecimento de uma relação entre os aspetos quantitativos e qualitativos de uma investigação pois,

“Os primeiros seriam extensivos (análise de um grande número de informações sumárias) e teriam como informação de base a frequência do aparecimento de certas características de conteúdo ou de correlação entre elas. Os segundos seriam intensivos (análise de um pequeno número de informações complexas e pormenorizadas) e teriam como informação de base a presença ou a ausência de uma característica ou o modo segundo o qual os elementos do “discurso” estão articulados uns com os outros”. (Quivy & Chapenhoudt (1998, p. 227).

O estudo específico abrange primeiramente uma metodologia de carácter quantitativo, através de uma variante de análise temática a que Quivy & Chapenhoudt designam por “análise categorial”. Esta análise “consiste em calcular e comparar as frequências de certas características... previamente agrupadas em categorias significativas. Baseia-se na hipótese segundo a qual uma característica é tanto mais frequentemente citada quanto mais importante é para o locutor” (1998, p. 228). Esta análise de categorias realizou-se de forma manual.

Por outro lado, também se utilizou o programa Excel com o intuito de calcular e identificar os dados quantitativos recolhidos nas publicações (comentários e “gostos”/“reações”).

Com maior destaque apresentam-se as metodologias de carácter qualitativo pois consideramos que são as que auxiliam com maior sucesso as intenções de compreender

discursos e posições subjetivas, na análise das publicações, inclusive os comentários realizados pelos membros do grupo.

4.3.1. Análise Crítica do Discurso

Complementando as estratégias investigativas mencionadas por Quivy & Chapenhoudt, outro feixe teórico-metodológico a que este estudo recorre é o representado pela Análise Crítica do Discurso (ACD), do investigador holandês Teun Van Dijk.

Qualquer mensagem é ambígua, na medida em que o que parece simples se pode demonstrar mais complexo. É preciso uma interpretação aprofundada. As palavras nem sempre são o que parecem e a análise deve fazer emergir o que não é explícito. Neste sentido, manifesta-se a preocupação pela linguagem, pelo valor da palavra, pelo discurso ou por ações ou práticas discursivas, que tem vindo a dar corpo a diferentes desenvolvimentos e visões.

Teun Van Dijk compreende que a intitulada Análise Crítica do Discurso, ou apenas ACD, é:

“Um tipo de investigação de análise do discurso que estuda, em primeiro lugar, o modo como o abuso do poder social, a dominância e a desigualdade são postos em prática, e igualmente o modo como são reproduzidos e o modo como se lhes resiste, pelo texto e pela fala, no contexto social e político. Com esta investigação dissidente, os analistas críticos do discurso tomam uma posição explícita e querem desta forma compreender, expor e, em última análise, resistir à desigualdade social” (Van Dijk, 2005, p. 19).

A ACD possui o seu objetivo claramente declarado, não visando instituir uma “escola” com os seus seguidores acríticos. Ela constitui “sim a adopção de uma perspectiva- crítica- na produção do saber científico: é, por assim dizer, a análise de discurso “com uma atitude”” (2005, pp. 35-36).

Como não deixa de realçar, a ACD e a análise do discurso em geral não é, de todo, um método a ser aplicado isoladamente mas sim um complemento a “outras subdisciplinas e áreas”, em que “para cada estudo é necessário efectuar uma análise teórica exaustiva de um assunto social” (2005, p. 38).

De acordo com o autor, a “formação teórica, a descrição”, a própria formulação da problemática e as “aplicações” mostram-se estreitamente relacionáveis e “são mutuamente

inspiradoras”. Por esse caminho, as teorias e as análises na ACD “devem não só ser elegantes e sofisticadas, como também devem ser empiricamente baseadas” (2005, p. 36).

Acerca desta, o autor declara que:

“Centra-se em problemas sociais, e especialmente no papel do discurso na produção e reprodução do abuso de poder ou da dominação. Sempre que possível, fá-lo partindo de uma perspectiva que é consistente com os melhores interesses dos **grupos dominados**. Valoriza as experiências e opiniões dos membros desses grupos e apoia a sua luta contra a desigualdade. Isto é, a investigação na ACD combina o que de alguma forma se costumava chamar pomposamente de “**solidariedade com os oprimidos**”, com uma atitude de oposição e dissidência contra os que abusam do texto e da fala para estabelecer, confirmar ou legitimar o seu abuso de poder” (2005, p. 36).

Por referência a Fairclough e Wodak (1997, pp. 271;80), Van Dijk (2005, p. 20) indica os “postulados principais da ACD”

- “A ACD dedica-se a problemas sociais;
- as relações de poder são discursivas;
- o discurso constitui a sociedade e a cultura;
- o discurso tem um funcionamento ideológico;
- o elo de ligação entre texto e sociedade é mediado;
- a análise do discurso é interpretativa e explicativa;
- o discurso é uma forma de ação social.”

Um aspeto que deve ser refletido no estudo da ACD é a problemática da ideologia. Esta é definida como conjunto de “sistemas básicos de cognições sociais fundamentais e de princípios organizadores das atitudes e das representações sociais comuns a membros de grupos particulares” (Van Dijk, 2005, p. 135). Segundo Van Dijk as ideologias são difundidas no “discurso e na comunicação, incluindo mensagens semióticas não verbais” e estão articuladas numa relação triangular de “sociedade, discurso e cognição social” (2005, p. 117).

Ao realçar que as ideologias são adquiridas de forma gradual por uma cultura ou grupo, a ACD procura salientar como elas contribuem para, “através das mentes dos membros, a reprodução social” (2005, p. 118). Deste modo, “as ideologias de grupos dominantes controlam o desenvolvimento das representações sociais, ... a produção da acção e o discurso dos membros dos grupos de tal forma que o grupo [dominante] manterá o poder e reproduzirá a sua hegemonia relativamente a grupos dominados” (2005, p. 113).

“Os racistas brancos, por exemplo, representam a sociedade basicamente em termos de um conflito entre brancos e não brancos, em que identidade,

finalidades, valores, posições e recursos dos brancos são vistos como estando “ameaçados” pelos Outros. Assim representam as relações entre eles e os Outros essencialmente em termos de *nós versus eles*, sendo que *nós* somos associados a características positivas e *eles* a características negativas” (Van Dijk, 2005, p. 118).

A ACD constitui-se, assim, como um estudo das formas convencionais de produção de sentido, sublinhando como, por vezes, uma aparentemente simples palavra (ou texto) expressa posições ideológicas, ou seja, procura desvendar os mecanismos de dominação que se escondem sob a linguagem, onde o discurso é visto como parte de um processo e como uma prática social.

Um dos grandes enfoques e pelo inegavelmente crescente poder que tem vindo a assumir é o que incide sobre a análise dos media. Apesar do seu estudo crítico prevalecer direcionado para o discurso noticioso da imprensa e TV, muito se pode relacionar com a *Internet* e em especial as redes sociais, na medida em que são meios e recursos comunicacionais que crescentemente se assumem como referenciais na produção e troca de informação e conhecimentos. Como diz Teun Van Dijk, “o discurso através do qual nós adquirimos a maior parte do que sabemos sobre o mundo para além das nossas experiências pessoais, e através do qual muitas das nossas opiniões sociais e atitudes são formadas” (2005, p. 14).

Exemplifica ainda nessa perspetiva (e vale realçar que “quer façam parte de uma conversação quer façam parte de um relato noticioso ou de outros géneros e contextos” (2005, p. 21)) que:

“O que a maioria das pessoas sabe sobre imigrantes e imigração deriva em grande parte dos *media*, é óbvio que também as suas opiniões, e logo também os seus estereótipos e preconceitos, devem basear-se no que lêem no jornal ou vêem na televisão. Um estudo detalhado sobre a forma como os *media* relatam a imigração ou as minorias étnicas dá-nos um conhecimento fundamental sobre muitos aspectos da sociedade, instituições, relações de poder, elites e processos sociais” (2005, p. 14).

Fundamenta-se teoricamente deste modo a opção tomada neste estudo de recorrer à Análise de Conteúdo e, em particular, à Análise Crítica do Discurso para tentar interpretar as configurações predominantes dos nossos viajantes “de *Palácio de Cristal*” acerca dos outros, daqueles que, nos seus países, onde se instalam as extensões-estufa turísticas, vivem os seus dramas e crises quotidianas.

4.4. Amostra

O corpus de análise deste estudo é constituído por uma página de grupo na rede social *Facebook* que engloba 319.000 membros (número correspondente a 10 de dezembro de 2018).

Contudo, como Quivy & Chapenhoudt advertem acerca da totalidade, “nem sempre é possível, ou sequer útil, reunir informações sobre cada uma das unidades que a compõem” (1998, p. 159). Dada a impossibilidade de estudar todo o universo de membros por motivos de tempo e recursos humanos, limitou-se a estudar apenas uma parte dessa “população”.

Nesse sentido, a intenção que se impõe, “quando a população é muito volumosa e é preciso recolher muitos dados para cada indivíduo ou unidade”, é uma amostra representativa da população (1998, p. 161). Para esse efeito, efetuou-se uma amostragem aleatória de segmentos temporais de materiais do grupo “Amantes de Viagens”, ou seja, uma amostra probabilística, onde toda a população tem a mesma oportunidade de ser selecionada na amostra. O material constituído por publicações e respetivos comentários pela ferramenta *Print Screen*, agrupou-se durante três períodos. O primeiro período consiste numa Manhã (dia 30 de julho de 2018); o segundo período refere-se à Tarde (31 de agosto de 2018); e finalmente Noite (30 de setembro de 2018).

A amostra foi reunida numa duração de 4 a 5 horas em cada período.

Vale realçar que a amostra recolhida será trabalhada de um modo quantitativo, primeiramente na sua totalidade, e posteriormente apenas nos segmentos que tenham uma relação direta com a problemática em questão (relação com o Outro).

Por outro lado, também se reuniu uma nova amostra aleatória do mesmo grupo, “Amantes de Viagens”, construída com base num universo definido aprioristicamente, englobando os seguintes termos, que se consideraram palavras-chave de um discurso eventualmente atento às realidades críticas dos lugares visitados pelos turistas que a eles se dirigiram, dessas viagens fornecendo os respetivos relatos no grupo.

As palavras definidas foram: “Pobreza; Miséria; Necessitados; Tristeza; Horror; Sofrimento; Inocentes”. Por isso, esta segunda amostra é composta por unidades resultantes dessas palavras.

4.4.1. Caraterização do Grupo “Amantes de Viagens”

Criada a 6 de abril de 2016, a página do grupo “Amantes de Viagens” pode ser acedida por qualquer utilizador digital. É um grupo público que qualquer indivíduo pode encontrar, ver os membros associados e aceder aos conteúdos publicados. Contudo, só quem adere (membro) pode publicar e comentar.

Pontua-se o facto de que, para além de estar presente na maior rede social *Facebook* (através de uma página oficial e de um grupo), esta “empresa” também possui um *website* com informação “mais profissional”, por exemplo, diversas informações sobre distintos lugares. Também está presente noutras plataformas, como o *Youtube*, *Instagram*, *Pinterest*, entre outros. Assim, este grupo é, de certo modo, um complemento à página principal alojada no próprio *Facebook* e do *website*, funcionando ainda como um espaço de eleição para a discussão e partilha de conhecimento.

Este grupo, como o próprio nome sugere, reflete sobre o tema de Viagens, possuindo como descrição inicial “se adoras viajar, então partilha connosco esses momentos! Deixa as tuas fotos e sugestões para destinos a não perder!” (Amantes de viagens, 2018).

O objetivo principal, indo ao encontro dos ideais do *Facebook*, consiste na partilha de experiências pessoais (quer seja conteúdos através de fotos, vídeos ou texto) mas também a criação de conhecimento e/ou informações de locais.

O grupo é administrado pelo fundador João Almeida, que reside em Sintra e se identifica como um “amante de viagens”, para quem viajar é uma “paixão que existe faz longos anos” (Amantesdeviagens, 2016).

Com presença participativa na televisão portuguesa (programa Você na TV, na *TVI*), o fundador, para além de gestor nacional no ramo das Tecnologias de Gestão da Água, faz do nome “Amantes de Viagens” o seu negócio, com a missão de “ajudá-lo [ao leitor/participante] a realizar o seu próximo destino” (amantesdeviagens, 2016).

Através de uma primeira observação da página, deparamo-nos com um grupo bastante ativo. É também constituído por elementos que se mostram em constante conexão e interação nas diversas publicações, quer seja na solicitação de informações sobre algum tópico relacionado com viagens, recomendações de lugares, publicações de viagens realizadas, entre outras.

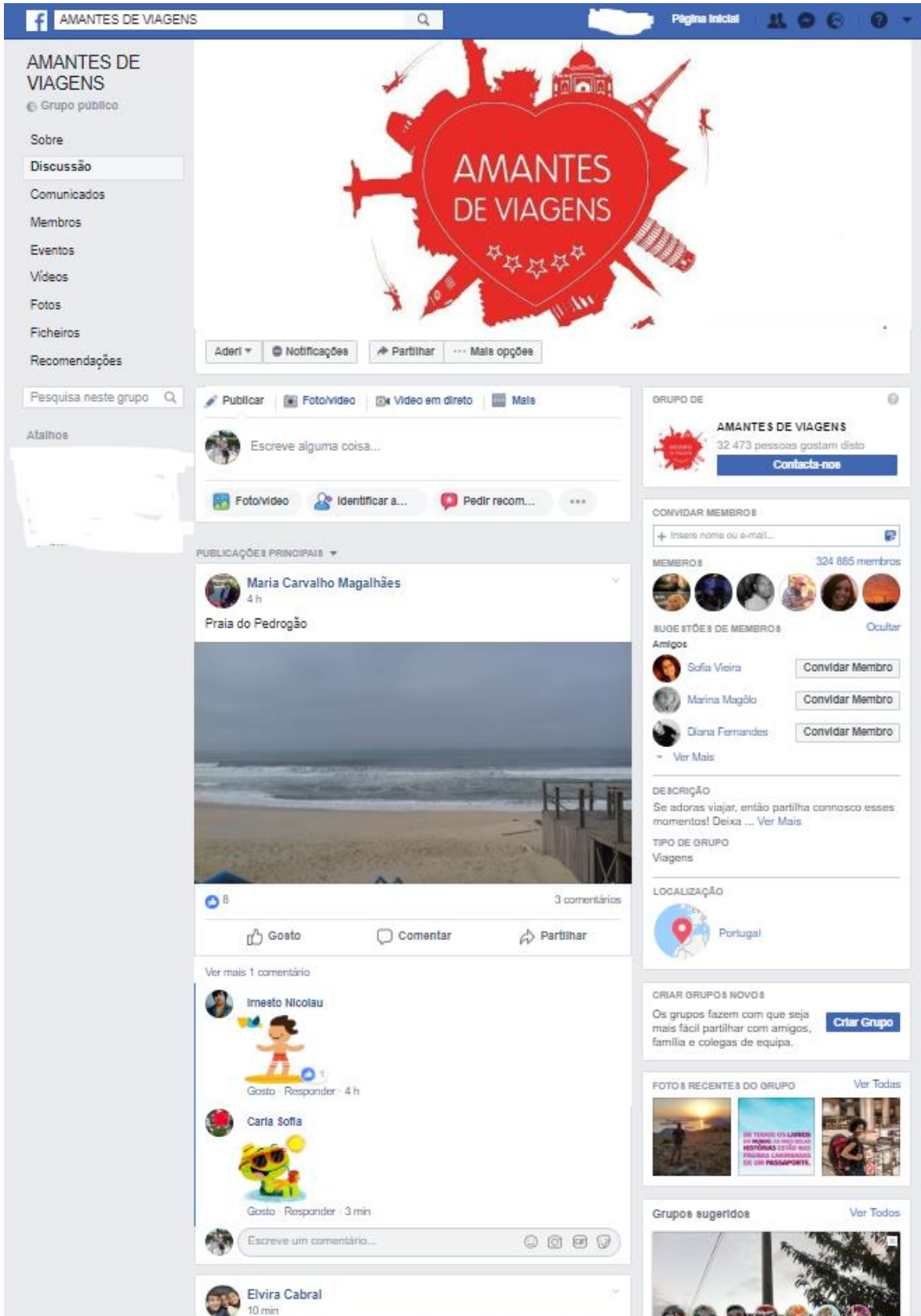


Figura 1. Print-screen da principal vista do grupo FB "Amantes de Viagens"

4.5. Análise e discussão dos resultados

4.5.1. Amostra: Manhã-Tarde-Noite

O material que constitui a amostra para esta investigação é composto por 176 unidades de publicações do grupo *Facebook* “Amantes de Viagens” (extensão das unidades obtidas equivale a um total de 366 páginas (Anexo A)).

Primeiramente, foram analisadas as estatísticas descritivas da amostra, de modo a resumir e descrever os atributos mais visíveis dos dados.

Como é possível certificar pela tabela 1, a amostra é constituída por um total de 6.124 comentários, o que equivale a uma média de aproximadamente 35 comentários.

| Média de comentários | |
|-----------------------------|----------|
| Soma de comentários | 6 124 |
| Quantidade de unidades | 176 |
| Média | 34,79545 |

Tabela 1. Média de comentários

Relativamente ao total de “gostos” ou “reações” é contabilizado extraordinariamente mais de 46.500, em apenas 176 unidades, perfazendo uma média de 264 (Tabela 2).

| Média de Gostos (reações) | |
|----------------------------------|----------|
| Soma dos Gostos | 46 512 |
| Quantidade de unidades | 176 |
| Média | 264,2727 |

Tabela 2. Média de “Gostos” (“reações”)

De modo a extrair mais dados descritivos, realizou-se uma primeira leitura meramente indicativa para identificar os assuntos abordados nesses conteúdos.

Desta leitura resultou a possibilidade de construção de categorias. Estas categorias têm como principal objetivo qualificar, pelos respetivos assuntos abordados, as mais diversas unidades, tendo em conta primeiramente o assunto na publicação “base”, mas também os respetivos comentários (pois através destes, outros assuntos podem emergir).

Deste modo foi possível distinguir seis categorias de diferentes tópicos:

- **CAT: I – Relação com o outro- Unidades com relevância específica para a análise (UREA):** Esta categoria contabiliza as unidades que impliquem e/ou explicitem qualquer menção ao dito “nativo” do lugar visitado, ou seja, de onde possa inferir-se uma relação do “viajante” com o Outro. Este grupo categorial específico é de especial importância para a posterior análise qualitativa na compreensão discursiva. Nesse momento, a caracterização do discurso irá ser segmentada em duas subcategorias. 1º A experiência centrada no viajante (visitante); 2º A experiência centrada no nativo (visitado);
- **CAT: II - Solicitação de recomendações e/ou dúvidas de lugares-estadias a escolher para viajar:** Neste grupo, como pode ser inferido pelo nome atribuído, compreendem-se os conteúdos onde se solicitam ajudas de terceiros no aconselhamento de possíveis locais e/ou alojamentos para uma viagem mas também o pedido de opiniões sobre possíveis lugares e/ou alojamentos a escolher, em comparação com outras possíveis opções, ou seja, enquanto a primeira parte implica que terceiros indiquem lugares, a segunda implica uma escolha opinativa de lugares já em vista;
- **CAT: III – “Dicas”/Indicações utilitárias de dúvidas para viagem:** Em oposição à anterior, estas “dicas” e indicações não são dirigidas para os locais ou hotéis, mas sim, sobre outros aspetos que se associam com as viagens, por exemplo, o transporte a utilizar para se movimentar no destino, a melhor rota para chegar a um local, reembolso de uma viagem, opiniões sobre agências de viagens, obtenção de cartão de segurança para viagem, entre outros exemplos;
- **CAT: IV - Descrições comentadas e observações de lugares e estadias:** Nesta categoria inserem-se as unidades que apresentam análises/avaliações de viagens. Inclui os locais visitados, avaliações do hotel hospedado. Importante salientar que estas são na sua grande maioria complementadas com imagens do pitoresco local e da extravagância dos lugares visitados;

- **CAT: V - Partilha de informações externas:** Constatou-se na amostra que, para além de publicações criadas pelos mais variados membros, também se recorria, no grupo, à inclusão de publicações de partilhas externas. Estas partilhas referem-se na maior parte a imagens de lugares atrativos com vista a promover a sua visita. A categoria abrange também a inclusão de páginas ou blogs pessoais sobre locais (análises/avaliações);
- **CAT: VI - Publicações de imagens auto identificativas em viagem:** Esta última categoria dá conta das imagens pessoais. Nesse sentido, esta categoria limita-se às unidades de amostras que apresentem imagens que incluam o próprio indivíduo. Vale realçar que apenas foram notadas as que apresentem tais imagens como fotografia principal (não foram analisadas as fotografias implícitas no “+”).

Relativamente ao apuramento de cada unidade pelas categorias anteriormente mencionadas, as 176 amostras distribuem-se da seguinte forma:

| Categorias | Nº Unidades |
|-------------------|--------------------|
| CAT: I | 11 |
| CAT: II | 60 |
| CAT: III | 31 |
| CAT: IV | 43 |
| CAT: V | 24 |
| CAT: VI | 7 |
| | =176 |

Tabela 3. Distribuição das unidades por categorias

Através da tabela 3 é possível notar uma categoria que se destaca consideravelmente, nomeadamente a CAT: II. Com 1/3 de unidades a envolver solicitações de recomendações e/ou dúvidas de lugares ou hotéis, prova um forte indicador de que as opiniões de terceiros possuem uma elevada influência na possível escolha da viagem a realizar por cada um dos interessados (consultantes). Por outro lado, a densidade de unidades nesta categoria corrobora o dado intuitivo de que a recomendação de terceiros é um fator de concentração (no sentido de não diversificação) de destinos turísticos que por essa via se vão tornando convencionais ou reforçando o seu carácter de convenção.

Podemos também inferir desta categoria e pelas unidades recenseadas, o aspeto de conforto abordado na parte teórica. Talvez mais associado às estadias do que propriamente aos locais a visitar, tais recomendações pressupõem que quem responda tenha tido uma experiência e opinião positivas, pois certamente, tais indivíduos não irão recomendar locais e hotéis de experiências menos positivas. Este elemento é indicativo de uma busca de “segurança” na viagem e no destino, sobre a eventual vontade de “aventura” no momento de escolher que viagem fazer. Trata-se de uma agregação de conforto, eliminando ainda antes da partida quaisquer preocupações ou riscos resultantes de uma escolha exclusivamente “por conta própria”. Viajar afigura-se, deste modo, uma sorte de viajar sem viajar, de sair sem sair, de ir lá fora continuando cá dentro, no interior do “*Palácio de Cristal*”.

Neste sentido, é possível confirmar a hipótese H3) “O “*Palácio de Cristal*” (Peter Sloterdijk) em que vive uma pequena minoria de seres humanos (da qual emergem estes viajantes) tende a ser reproduzido em instalações de lazer, fazendo-se hoje a viagem de estufa de “cristal” em estufa de “cristal”, ao invés da viagem aventureira, científica ou mercantil de outrora”. Os indivíduos deixam assim de possuir um espírito aventureiro, característico da época histórica, constituindo-se como simples turistas, pessoas em movimento, que associam às viagens o conforto a que estão habituados na sua vida ocidental, que Peter Sloterdijk associa ao “*Palácio de Cristal*”. O grupo do *Facebook* “Amantes de Viagens” é, deste modo, um grupo composto por “turistas” no sentido Baumaniano do termo, ou seja, são totalmente o oposto ao que Saramago entende ser o carácter normativo do que um verdadeiro viajante verdadeiramente é.

De seguida, com um número ainda elevado posicionam-se, quantitativamente, os elementos que integram a CAT: IV, com mais de 40 unidades. Isso vem a corroborar a ideia tida para o conceito sobre *Facebook* e, especialmente, para um grupo nessa rede social. As pessoas vêm e usam a rede como uma ferramenta de produção de informação e partilha de conhecimento enquanto se movimentam (reafirmando o conceito de mobilidade).

Este resultado parece sugerir, por outro lado, uma nova dimensão para esta categoria. Mais do que uma produção e partilha de conhecimento, o comportamento dos viajantes ao publicarem este tipo de conteúdo parece deixar inferir, mesmo que de um modo não intencional, uma ideia de topos “viajado”, uma certa exibição de si.

Intimamente relacionada com a Categoria VI, a conjugação dos resultados quantitativos de ambas parece conduzir-nos para uma ideia, simultaneamente, de auto-

congratulação, nem sempre isenta de alguma dose de “ostentação”. Enquanto a quarta categoria inclui esse aspeto de um modo implícito, pois tais descrições associam a uma exposição de movimento e posição para terceiros, a sexta categoria, por outro lado, demonstra tal aspeto numa mais consumada plenitude, ao oferecer-se graficamente, disponibilizada numa observação fotográfica.

Ainda no top 3 encontra-se a CAT: III, que engloba as publicações relacionadas a questões de auxílio e entreaajuda para e sobre viagens. Tal amostra de unidades, que em grande parte incide sobre viagens a realizar, reflete que os indivíduos se previnem, com o intuito de viajar em segurança e em conforto, eliminando qualquer circunstância do imprevisto que caracterizava tradicionalmente o espírito da viagem.

Coerentemente com os resultados até aqui obtidos, mostra-se o resultado referente à CAT: I a hipótese H6) **As relações estabelecidas entre os viajantes e os ditos nativos demonstram-se representativas em número de casos** é quase absolutamente negativa. Como facilmente se identifica na tabela 3, entre um total de 176 unidades de amostras, apenas 11 refletem o estabelecimento de algum tipo de relação com o dito nativo.

Através de correlações dos dados das unidades e das categorias foram possíveis algumas conclusões adicionais.

| Soma de Gostos (reações) por categoria | |
|---|---------------|
| I | 12 629 |
| II | 1 048 |
| III | 360 |
| IV | 14 336 |
| V | 13 552 |
| VI | 4 587 |

Tabela 4. Total de “Gostos” (“reações”) por categorias

| Soma de comentários por categoria | |
|--|--------------|
| I | 878 |
| II | 2 344 |
| III | 795 |
| IV | 1 088 |
| V | 685 |
| VI | 334 |

Tabela 5. Total de comentários por categorias

Na tabela 4 é possível verificar a distribuição de “gostos”/“reações” pelas diferentes categorias. Destacam-se neste resultado as categorias IV, V e I.

Quanto à categoria IV, ao reunir cerca de 14.000 reações, demonstra que os indivíduos gostam, tanto no sentido da palavra como no das suas práticas (*click*), de visualizar viagens realizadas por outros membros.

A categoria V surpreende por incluir publicações constituídas por conteúdo de origem externa (apesar de serem colocadas por membros do grupo), pois nesse sentido seria de esperar que tal conteúdo não chamasse tanto à atenção. Mas, por outro lado, tal situação pode ser compreensível pois ao ser conteúdo externo associa-se um conceito de impessoalidade, a algum tipo de distanciamento e objetivação (ao contrário de uma publicação de conteúdo próprio) nas quais o impulso dos restantes membros é maior para reagir com “gosto”/“reação”. Como observado na tabela 5, o número de comentários (685) mostra-se muito inferior, em comparação com o número de “gostos”. Outra consequência que explica a afluência de “gostos” deve-se na grande maioria ao conteúdo pois são publicações de lugares atrativos com vista a impulsionar a viagem e a curiosidade.

A categoria I, com apenas 11 unidades, surpreende pelo total das suas 12.629 “reações”. Vale realçar que uma dessas unidades absorve admiravelmente cerca de 10.000 das “reações” da categoria I. Por contraste, o total de comentários não reflete o que seria de esperar, com base no número de reações que obteve. Com um número tão elevado, o número de comentários fica aquém (878). Esta ferramenta de “reação” reflete, de certo modo, um distanciamento relacional com o conteúdo em causa pois pode refletir apenas um “OK”, “vi e li”. Não é muito compreensível a sua dimensão em termos de conteúdo. Ao contrário da função comentário, que constitui um conteúdo mais pessoal e explícito por meio do qual o comentador decide dar-se ao trabalho de escrever, de acrescentar algo seu. Neste sentido, um número elevado de “reações”/“gostos” para um número de comentários tão baixo pode indiciar uma certa impessoalidade. Este é, contudo, um aspeto que só um tipo qualitativo de análise permitirá estabelecer com maior rigor.

A categoria II, no que toca ao número de reações (1.048) ficou muito aquém do que se poderia esperar, visto ser a categoria que possui a maior concentração de unidades.

Contudo, no respeitante a comentários (tabela 5), torna-se proporcionalmente mais pródiga, autorizando a conclusão de que os membros do grupo optam por responder a solicitações e questões, fazendo jus ao objetivo geral do grupo e demonstrando uma solidariedade recíproca que, se nem sempre for eficaz, parece sempre e pelo menos bem-intencionada. Os saltadores de estufa-em-estufa ajudam-se entre si.

A CAT: III reflete a mesma conclusão que a categoria II, na qual a um baixo número de “gostos” corresponde um total superior de comentários.

| Publicações c/ comentários (≥90) | Unidade | Total |
|--|---------|-------|
| I: Relação com o outro... viajante na rua em peregrina | 008 | |
| III: Duvida-recomendação sobre assunto | 011 | |
| IV: imagens de viagem | 012 | |
| III: indicação ou duvida sobre cartão | 014 | |
| II: Recomendações para viagem de lugares | 028 | |
| VI: Selfies | 034 | |
| II: Recomendações para viagem de lugares | 037 | |
| IV: imagens de viagem | 042 | |
| IV: imagem de lugar | 073 | I=3 |
| I: Relação com o outro... mas o lugar e o hotel | 074 | II=7 |
| II: Recomendações para viagem de lugares | 075 | III=2 |
| VI: Selfies | 083 | IV=4 |
| II: Recomendações para viagem de lugares | 093 | V=1 |
| I: povo não simpático | 096 | VI=2 |
| IV: Falta de segurança no país | 124 | |
| II: Recomendações para viagem de lugares | 147 | |
| II: Recomendações para viagem de lugares | 156 | |
| II: Recomendações para viagem de lugares | 169 | |
| V: Partilha externa acerca sobre o acto de viajar | 172 | |

Tabela 6. Unidades com comentários >=90

A tabela 6, que mostra as unidades que possuem comentários ≥ 90 (número apurado aproximadamente ao calcular $176:2$), possibilita corroborar e clarificar que a categoria II é de facto aquela que concentra mais comentários (ver tabela 5) e de maior extensão (tabela 6), com 7 ocorrências. Segue-se a categoria IV, com 4 unidades e logo a categoria I com 3. Através da tabela 6, onde apenas figuram 19 unidades, extrai-se a indicação de que a grande parte da amostra é formada por publicações com um número máximo menor ou igual a 89 comentários.

| Categorias c/ Gostos (reações) (≥90) | Total |
|--------------------------------------|-------|
| I | 7 |
| II | 3 |
| III | 1 |
| IV | 23 |
| V | 18 |
| VI | 6 |

Tabela 7. Unidades com "Gostos" ("reações") >=90

Através da unidade de medição/avaliação mas referente às reações (tabela 7) destacam-se a CAT: IV com 23 unidades e a CAT: V, com 18 publicações e, por fim, com 7 a CAT: I.

Curiosamente, a ordem das categorias que obtêm publicações com ≥ 90 reações (IV; V; I – tabela 7) são exatamente as mesmas que obtiveram maior somatório de “gostos” (IV; V; I – tabela 4).

| Unidade | CAT | Publicações c/ Gostos (reações) (≥ 1000) | Total |
|---------|-----|---|--------------|
| 008 | I | 10 000 | I=(1)=10.000 |
| 034 | VI | 1 300 | IV=(2)=5.100 |
| 048 | V | 1 100 | V=(4)=6.200 |
| 073 | IV | 1 700 | VI=(2)=2.700 |
| 083 | VI | 1 400 | |
| 124 | IV | 3 400 | |
| 140 | V | 1 000 | |
| 143 | V | 1 800 | |
| 172 | V | 2 300 | |

Tabela 8. Categorias com “Gostos” (“reações”) ≥ 1.000

Observada a tabela 8, que mostra as publicações e categorias com “gostos” igual ou superior a 1.000 “reações”, deteta-se que apenas nove unidades atingiram esse pico, o que indica uma meta incomum de ser atingida. Pois, de facto, publicações com “reações” na casa dos milhares não são muito comuns, mesmo que um simples clique seja um gesto fácil de executar. Com maior destaque, com um total de quatro (4) publicações aparece a CAT: V, que mais uma vez reforça a proposta da relação causal entre comentários e “reações”. Respetivamente, com duas unidades encontram-se as categorias IV e VI e, por fim, a CAT: I, com apenas uma publicação.

Esta tabela não pode ser reproduzida para a amostra de comentários, pois o número máximo de comentários nas unidades é apenas de 558 (093- CAT: II), o que mostra a facilidade e sucesso do instrumento de “reação”.

Avaliadas as principais conclusões referentes às estatísticas descritivas torna-se o momento de analisar qualitativamente Unidades com Relevância Específica para a Análise (UREA), ou seja, aquelas unidades seleccionadas por serem reveladoras de uma qualquer relação estabelecida pelo visitante com os habitantes dos locais visitados.

Como referido na tabela 3 são 11 unidades (publicações com respetivos comentários) que formam a Categoria I e a amostra para análise qualitativa (Anexo A1). Tanto estas como as restantes unidades da amostra podem ser consultadas em anexos.

A primeira unidade desta categoria é a publicação nº 002 que, aparentando consistir num simples pedido de indicação acerca de um lugar onde se possa realizar uma tatuagem

durante uma viagem à Tailândia, traduz todo um problema: “tatuar-se com segurança e higiene” num estabelecimento vernáculo, autêntico.

Emerge desde logo a ideia de que nesse país “segurança” e “higiene” são dois aspetos em falta ou ainda em desenvolvimento. Há sem dúvida implicitamente o plano de se precaver contra o que possa esperar o viajante num destino onde “segurança” e “higiene” podem estar muito aquém do habituado no seu quotidiano.

Quanto aos comentários sobre a publicação base, encontram-se abordagens mais relacionadas com os ditos nativos. Principalmente escritos por outros viajantes que também presenciaram a realidade ao realizar as tatuagens tradicionais. O discurso é, aqui, centrado na experiência no nativo, com diversos comentários alusivos ao visitado e às realizações destas incidindo, nomeadamente, sobre a história ou revelando interrogações sobre os modos genuínos da vida desse povo. Um deles diz: “eles não falam muito inglês, só o básico...perguntei como se processava a coisa...Fiquei descansada”. Outro comentário que chama a atenção para tal relação é uma fotografia de um indivíduo ao lado do monge que executou as mencionadas “tatuagens”. Através dessa menção relacional aparecem subentendidamente dois sentidos: - Primeiramente, ao referirem que realizam um trabalho profissional, apesar das suas limitações tradicionais (em comparação com as tatuagens de máquina), sendo porém o valor sentimental algo de acrescido, por ser uma experiência única, destacando-se ainda o facto de os autores dessas tatuagens se esforçarem por fazer-se entender, através do inglês, para melhor comunicarem com o viajante; -Em segundo lugar, chama a atenção o comentário que inclui a fotografia de um desses monges, na qual o próprio viajante se faz retratar, sentado, ao seu lado. Tanto num como noutro caso, ambas as inscrições conduzem as atenções ao mesmo centro: o visitante, os seus desejos ou necessidades, as garantias de que precisa e as formas pelos quais os visitados as podem realizar e concretizar. Tanto num como noutro caso o visitado é um elemento periférico, cuja utilidade passa pelo serviço que possa prestar ou pela ornamentação que possa fornecer. Contudo, esta deve, ainda assim ser classificada como uma publicação razoavelmente marcante de relação no nativo.

Outra publicação de relevância específica para a análise é a nº 008. Esta é a unidade que reuniu a extraordinária quantidade de 10.000 “reações”. Na sua essência, com inserção de imagem, o texto descreve a observação de um indivíduo ao deslocar-se de uma superfície comercial com destino (talvez) a casa, se depara com um viajante (e respetivo animal de estimação “Kiko”) que tem percorrido a Europa a caminhar. Contudo, não é um simples viajante a percorrer o seu caminho. Ele “erguia um cartaz a pedir alimentos e água”. No seu

confortável automóvel continuou viagem mas “a minha consciência não me largou... voltei a traz... peguei no saco com pão que tinha acabado de comprar e sai do carro... dei-lhe o pão”. Foi através desta ação, que neste caso o nativo (no seu conforto) é que presta auxílio a um viajante acerca do qual, por meio de uma conversa que entabula, recolhe informações sobre ele. A intenção com esta publicação é de dar a conhecer o caso deste viajante, de modo a que outros possam ter conhecimento e assim ajudá-lo a continuar a sua jornada. Por isso pede: “partilhem e se alguém encontrar o Teo e o Kiko ajudem... ele é um viajante solitário”. Ainda acrescenta em letras maiúsculas com objetivo de destacar: “O QUE MAIS REVOLTOU FOI A QUANTIDADE DE PESSOAS QUE PASSARAM MESMO ANTES DE EU PARAR E NINGUÉM SE DIGNOU A PARAR E AJUDAR... É O SER HUMANO DO SÉCULO XXI”.

Se pensarmos sobre o estudo de Boltanski, nomeadamente os tópicos aludidos ao sofrimento, nesta situação teríamos em ocorrência o tópico do sentimento. O espectador simpatiza com o “sofrimento” observado, ao qual manifesta uma preocupação naturalmente interior, numa associação do que aí se designa por uma política de ternura (“tender-heartedness”). Tenha-se em vista que, neste caso, não há lugar à busca de culpados ou de nexos causais, uma vez que a viagem daquele viajante resultou de uma opção pessoal e não de uma necessidade social, económica ou política resultante de uma política de injustiça.

Os comentários que se seguem sobre tal publicação e observação organizam-se, em grande parte, ao redor da congratulação do indivíduo pela ajuda prestada ao necessitado. Como afirma um dos comentadores “São atitudes como estas que nos marcam a nós humanos pela diferença”. Tais comentários são prova viva da presente indiferença mesmo quando o sofrimento está perante os nossos olhos. A situação passa ao lado. Porque aquilo que é mais comentado acaba por ser a ação realizada (por exemplo, “parabéns pelo seu gesto”; “gesto muito nobre”) do que a própria situação e problema em causa, que é o viajante e a sua situação de precariedade (apesar de a ter escolhido).

Contudo, como é que este suposto pedido de “partilha” pode ser visto e considerado como uma ação? Se refletirmos ainda sobre o estudo do autor mencionado, Luc Boltanski, perante a situação do viajante necessitado, dificilmente a partilha eletrónica pode constituir-se, para ele, como um benefício direto, ilustrando-se, deste modo, um problema clássico sobre os efeitos práticos da mobilização eletrónica ou sobre a sua falta. Provavelmente, esta “partilha” pode bem melhor ler-se como forma de inação do que enquanto gesto de ação.

Um comentário destaca-se, vindo ao encontro desta ideia de inação: “Como não consigo ajudar de outra forma, partilhei”. Sim, de facto não pode ajudar de outra forma (de modo imediato). Porém, com certeza, não será através de uma simples “partilha” virtual de

tal situação que muda a situação atual do “infeliz”. E muito menos terá sucesso a ideia de que, ao “partilhar”, a informação chegará a outras pessoas que o poderão ajudar. Neste caso, qual a certeza que essas pessoas de facto ajudarão tal “infeliz” mesmo com o conhecimento dessa informação e até mesmo diante de tal “infeliz”? Possivelmente, apesar de haver uma boa intenção dos envolvidos, o sucesso da causa ou a validação dessa intenção nunca poderá ser medida. Restará somente o esquecimento.

Por outro lado, alguns comentários divergem desta ideia de solidariedade para com o infeliz, o que estabelece como ideia o tema do egoísmo ético, que Ayn Rand refere como uma virtude.

Segundo os pressupostos dessa autora, os comentários poderiam inscrever-se numa lógica do tipo “admiro o gesto, mas as opções de vida de cada um trazem as necessárias consequências. Ele tomou uma e viverá da misericórdia alheia. É bonito, mas não dou para esse peditório...” ou ainda “...não me peçam para ajudar quem decidiu tirar umas férias infinitas “à custa de outrem”! É a minha opinião...” ou até mesmo as pessoas que passaram e não pararam, em nada podem ser condenados. Pelo contrário, tal posição sobre o assunto é considerada como a mais digna ou consciente, visto que o observado (pelo que é mencionado) encontra-se assim por sua própria escolha. Por isso deve manter a vida que escolheu, pelo seu próprio esforço e não esperar por almas caridosas. Se escolheu essa vida, deve sustentá-la ou acarretar com as devidas consequências.

Todo o conteúdo nesta fértil unidade 008 é, sem sombras de dúvidas, acerca da ação solidária do indivíduo para com o eventual sofrimento do seu semelhante. Contudo, para a divisão pré-estabelecida da caracterização do discurso (1º- experiência centrada no viajante; 2º- experiência centrada no nativo), o que distingue uma da outra é a centragem da experiência num (o nativo ou o eventual necessitado) ou no outro (o viajante, eventualmente em condições de tomar de alguma forma em linha de conta a situação do Outro). O que se constata, pois, à análise desta UREA 008 é a centragem neste polo e não no primeiro. Sugere-se, até, pelo conteúdo da unidade, um tipo de inversão que transforma o nativo do “*Palácio de Cristal*”, que passa de automóvel, em viajante e o viajante que atravessa o “*Palácio de Cristal*” em viagem penosa, o visitado.

A unidade nº 038 difere das publicações atrás analisadas, na medida em que esta deriva de uma partilha externa de um vídeo intitulado “Aventuras no Nepal”. Assim, os comentários refletem maioritariamente relatos de experiências de viagens que foram realizadas. Sendo o Nepal um país com graves problemas sociais, nomeadamente a pobreza, os comentários refletem esse problema, sublinhando-se, apesar disso, como os nativos são pessoas “simples”

e “felizes”. Associa-se um conceito de emoção a esses mesmos comentários e experiências positivas quanto à visita. Por isso, muitos deles mencionam que a viagem pode ser repetida. Isto reflete que, apesar de ser um país com graves problemas de pobreza também é um país atrativo para se viajar. Poderá esta opinião estar assente e ver-se recoberta por um impenetrável, sendo por isso positiva e repetível?

Contudo, os comentários não possuem uma profundidade descritiva, capaz de clarificar a relação edificada com o outro enquanto habitantes nem a situação espacial. Refletem comentários superficiais sobre a relação com o Outro. À exceção de um, que é mais explanativo do espaço: “Kathmandu está com um filtro daqueles que embelezam. É fantástica, mas de mochila às costas a realidade daquela cidade dá-te um murro no estômago”. Através deste comentário, percebe-se perfeitamente que o indivíduo está a citar implicitamente a pobreza e a dura realidade que é observada. No entanto, o mais importante é que refere um aspeto relevante “filtro...dos que... embelezam”. Aqui podemos associar o conceito aludido ao “*Palácio de Cristal*”, nomeadamente o conforto nele vivido e dele expandido. Este indivíduo parece que saiu do trilho marcado pelo conforto e reparou na verdadeira realidade (“murro no estômago”).

Todavia, apesar de referirem existências precárias dos habitantes, os comentários, mais do que reportarem essas situações, são relatos das emoções do viajante, principalmente as suas incomodidades e sensações (“dá-te um murro no estômago”; “andei a maior parte do tempo muito emocionada” etc.).

A próxima publicação em observação é a nº 074. O conteúdo que dessa ressalta está intimamente ligado à opinião insatisfeita da viagem realizada a Menorca, especialmente à situação em que a praia se encontrava (contaminada). Muitos dos comentários eram, por seu lado, réplicas congratuladas pela satisfação de, aquando das respetivas visitas, a praia se encontrar em boas condições.

Por complemento, outros indivíduos não possuem a mesma opinião positiva sobre o hotel mencionado. Em causa, e em importância para o nosso caso de relação com o outro, encontram-se comentários sobre o hotel.

Ao referir que “...o hotel deixou muito a desejar. Loiça suja... O buffet é muito fraquinho...”, pode estar a identificar já alguns problemas que possam ser característicos desse país-local. Assim, esta unidade é uma experiência centrada no viajante devido à insatisfação da praia e do alojamento.

A UREA seguinte é a nº 077, sobre uma viagem realizada a Havana, a publicação base, como os respetivos comentários de outros membros, salientam características desse povo que,

apesar dos problemas sociais (pobreza) os nativos surgem caracterizados como hospitaleiros, confiáveis e “acessíveis”. A hospitalidade é a característica mais aludida pelos viajantes nos respetivos comentários e na publicação mencionando como durante a visita se sentiram bem acolhidos e até convidados para o interior das habitações locais. Exemplo, “...pernoitar em casa de cubanos...”; “...até nos convidou a casa dele...”. No entanto, quando presenciam de perto a pobreza (“...têm tão pouco”) o sentimento que desperta no viajante é o de choque “fiquei chocada com a caderneta da ração e os supermercados/mercados onde eles podem ir buscar”.

É de enaltecer tal comportamento desses nativos que, pelos vistos, apesar do pouco que têm, partilham com outros, mesmo quando não e/ou pouco os conhecem. Por outro lado, é relevante mencionar que Cuba é um caso excecional na política internacional do século XX, entrando pelo século XXI. Cuba esteve durante mais de meio século submetida a um bloqueio económico total por parte das potências ocidentais. Com a queda da União Soviética a situação humanitária e social na ilha agravou-se, uma vez que o bloqueio norte-americano/ocidental se manteve. Contudo, este aspeto é completamente negligenciado, sem qualquer menção nos comentários dos viajantes. Deste modo, mais uma vez, a experiência é centrada no viajante pois raramente são abordadas as circunstâncias existências, omitindo qualquer alusão à problemática situação humanitária do país.

Referente à unidade nº 079, o que caracteriza a relação com o outro é a superficialidade. Cabe dizer, mesmo sem que se proceda aqui, a uma teorização do estereótipo e do preconceito que Henri Tajfel desenvolveu ao longo dos anos 1960 e 1970, o conceito de “categorização” estereotipada e preconceituosa, entendendo-o como uma “base das perceções de identidade e de alteridade entre grupos” (cf. Amâncio, 2010, p. 393) e considerando-o um “poderoso organizador e simplificador da realidade social, tanto mais forte quanto estão associadas dimensões avaliativas às categorias sociais” estabelecidas, seja “ao nível dos critérios classificatórios, seja ao nível dos conteúdos descritivos”.

Em primeiro lugar são observações absolutamente banais e vulgares (“...pessoal seja um pouco frio”; “...são pouco amigos de cumprir horários”; “...são uns doces”). São observações que nada dizem sobre os observados mas dizem muito sobre as observações que acerca deles se fazem. Baseiam-se assim em generalizações sobre os nativos numa plena ausência de qualquer vínculo que não o do “turista” e “vagabundo” caracterizado por Bauman. Expressa experiências centradas no viajante.

Na UREA nº 096, dos sete comentários que apontam alguma relação com o nativo, seis constituem observações banais e vulgares sobre o povo e respetivos aspetos culturais,

nomeadamente a alimentação. Contudo, um comentário em particular põe em evidência aspetos mais concretos e mais significantes. Mais uma vez, um dos aspetos é o relevo dado à pobreza e, nomeadamente como é assimilada pelos turistas (“...é avassaladora...algo chocante...”). É certamente um contraste que tais turistas presenciaram, comparando o seu estilo de vida e conforto a que estão habituados com as realidades externas que outros indivíduos periféricos que vivem no exterior do modelo ocidental de abundância.

A réplica proposta neste comentário assenta, de novo e duplamente, na perspectiva das experiências centradas no visitante (“...voltava sem pestanejar...”) e, em particular, numa visão caritativo-assistencialista distante e ‘barata’, que recomenda a outros visitantes: “...sejam generosos nas gorjetas (para nós não é nada e acredito que faça muita diferença)”.

Quanto à publicação nº 116 é relevante uma vez mais pela banalidade das suas observações, em especial relativas à simpatia e profissionalismo dos guias locais e ainda o hotel. Como na UREA anterior, é possível verificar igualmente o mesmo apelo à contribuição aos necessitados que podem ser encontrados durante a visita pela ilha do Sal em Cabo Verde (“...e aí parte-nos o coração se não tivermos nada...”). Apesar de esse apelo surgir comentado na abertura, os restantes comentários em nada refletem qualquer associação a ele. Assim é o indiferentismo em pleno. As experiências são centradas no visitante, pela maior abundância de abordagens relativamente à viagem.

A unidade nº 125 possui como publicação base a dúvida de lugares a escolher entre Bali ou São Tomé. Daí derivam comentários e opiniões sobre tais locais e escolhas. Contudo, os de relevância específica para análise são constituídos pela omissão dos nativos destes lugares, quer pela parte dos que os visitaram, quer pela parte dos que consideraram visitá-los. Materializam-se em observações pouquíssimo profundas sobre o povo desses dois destinos. A experiência é centrada no viajante, o que é compreensível, visto que é pedido o aconselhamento de um dos locais, logo os comentários retratam as experiências que obtiveram na viagem que realizaram.

Relativamente à nº 141, assemelha-se à anterior, também ela composta por observações banais sobre os nativos (“...gostei... dos seus habitantes”; “...catalães hospitaleiros”; “...muito... simpáticos”). Uma vez mais a experiência aparece centrada no viajante.

A última unidade para análise é a nº 162, incidindo sobre uma viagem à Índia. Um dos países com maior índice populacional a nível mundial levanta os inerentes problemas. Para além de possuir uma das culturas mais ricas e diversificadas, negativamente a pobreza-miséria é um dos principais problemas.

As observações realçam esse problema nos comentários sobre o país. No entanto, mais pertinente é o facto de se deterem, explicitamente, sobre os contrastes que percecionam entre as condições de vida na Índia e os padrões ocidentais de que provêm os visitantes. Aqui a experiência centrada no visitado representa um abalo para estes viajantes.

O último comentário “A pobreza impera...chega a ser triste”, pode ser percebido segundo a grelha Boltanskiana pelo tópico do sentimentalismo, sugerindo um olhar mais que compadecido, piedoso, relativamente ao sofrimento dos que sofrem. Por outro lado, é um comentário que pode suscitar no leitor uma sensação de tom áspero, uma certa frieza ou até uma crítica à tal situação.

Estas observações, tal como as mencionadas nos anteriores comentários-publicações sobre a realidade do visitado e os atributos de forte conotação que os visitantes atribuem a tais situações, parece erigir, simultaneamente, a percepção de um incómodo mas também a situação de uma hierarquia, de um olhar lançado de cima para baixo que, ao mesmo tempo que identifica e se condói pela posição dos mais desvalidos, não reflete causal ou politicamente sobre a mesma. A situação de espetador do naufrágio continua aqui e sempre, inalteravelmente, como na sugestão de Hans Blumenberg, a condição de quem não está a naufragar. Num patamar inferior estão, pois, esses pobres e coitados nativos, condição de que se dissociam os turistas e viajantes, que ainda que compungidamente deles se demarcam, entre incomodado, o horrorizado e o gratificado por estarem de passagem. Regressam ao seu quotidiano ocidental, aos cristais do seu palácio, trazendo uma mescla de boas sensações pontilhadas aqui e acolá por alguma recordação menos positiva, relacionada com a vida dos autóctones, relativamente à qual nada mais há a fazer senão dar conta de uma relativa sensação de piedade pelo “sofrimento à distância”.

Deste modo é possível verificar que:

H1) Predominantemente, o olhar e a comunicação estabelecidos a partir do grupo do *Facebook* é um olhar indiferente às situações locais;

A hipótese é confirmada. Como podemos notar na distribuição das unidades pelas diferentes categorias (tabela 3) mas também através da breve análise realizada às unidades e pela análise qualitativa particular de cada UREA, constatou-se que as publicações e respetivos comentários possuem como núcleo central as experiências que obtiveram pela viagem e os diversos locais visitados. Se isto nada tem de surpreendente, é o tema da viagem pessoal/familiar o tópico naturalmente predominante, já o olhar sobre os locais de destino e

as suas gentes -em muito casos regiões altamente carenciadas do planeta- que se reflete nas enunciações é profundamente indiferente a essas situações.

H2) Os viajantes deslocam-se hedonisticamente a paraísos de lazer situados, em muitos casos, bem no centro de infernos existenciais para os quais não olham, sendo as narrativas eletrónicas que produzem total ou pelo menos maioritariamente indiferentes a esses aspetos;

A hipótese é também confirmada. Na sequência da conclusão sobre a hipótese 1, observa-se também que as narrativas que os membros do grupo produzem espelham sensações, impressões, apreciações, sentimentos e avaliações estritamente confinados à correspondência (ou não) dos lugares de destino com as expectativas de partida. Estas relacionam-se com a transposição dos traços de conforto e abundância (“*Palácio de Cristal*”) usufruídos no lugar de partida para o de chegada. O facto de estes poderem constituir insólitos lugares paradisíacos erigidos em rotura com os infernos que os rodeiam é objeto de escassas referências.

Outro motivo que leva a esta confirmação é o elevado número de unidades referentes a pedidos de recomendações de estadias ou locais a visitar e resolução de dúvidas para viagens a realizar, o que permite a estes turistas deslocarem-se com todo o prazer e num trilho seguro pré estudado. Estas informações levam a que as viagens sejam direcionadas a locais concretos, os ditos paraísos de lazer, onde negligenciam por completo as periferias, onde os problemas existem em abundância. Logo esses infernos (o verdadeiro inferno) nem chegam a ser observados, quanto muito apenas em algumas situações. E mesmo em publicações específicas que se relacionam com as realidades locais, esses discursos ficam aquém do esperado a nível qualitativo como quantitativo. São estas unidades discursivas concertas produções da autoria de figuras como as do “turista” e do “vagabundo” de que Bauman nos fala.

H4) O "sofrimento à distância" (Luc Boltanski) que espelha este indiferentismo permanece igualmente distante mesmo quando a viagem aproxima esses viajantes daquele sofrimento;

A hipótese é parcialmente confirmada. Apesar de alguns olhares e respetivos comentários serem constituídos por discursos mais profundos e relacionados com as realidades, esses ainda assim, não possuem um conteúdo que permita conferir um contraste claro. Por isso mesmo, quando as viagens são particularmente próximas do sofrimento, esses olhares são maioritariamente indiferentes, superficiais, breves e mais pessoais do que concretamente relacionais a esses aspetos. Quer isto dizer que quando há alusões a esse

sofrimento, esses viajantes destacam mais o que esse sofrimento causa neles próprios do que nos indivíduos que sofrem de facto todos os dias.

H5) Este material será representativo do "indiferentismo" e "atomização" que percorre a existência dos habitantes do “Palácio de Cristal”;

A hipótese é confirmada. Estas características fundadas no “Palácio de Cristal” e aceites pelos seus habitantes são transmitidas pelo material recolhido. Tal pode ser confirmado pelo contraste absurdo do total de “reações”/“gostos” com o total de comentários (ferramenta de “reação” é vista como algo impessoal (apenas um número), enquanto que o comentário é algo como mais particular (mais relacional)).

Todo este material mostra viajantes transportando consigo para os seus destinos os traços e hábitos dos lugares de onde partem, sem qualquer relação com o exterior envolvente. Mais do que permanecerem no interior das suas “bolhas” reproduzidas até nos confins mais longínquos do planeta, são eles próprios átomos, bolhas individuais/familiares indiferentes a tudo o que lhes seja exterior. Curiosamente, a era digital, e essa é uma pista nova que este estudo levanta, não parece aumentar a intercomunicação entre as duas realidades separadas por esta atomização e indiferentismo.

H7) O material “unidades com relevância específica para a análise” expressa predominantemente que a experiência ou relação com o Outro é centrada no viajante e não no nativo ou autóctone;

Também esta hipótese é confirmada. Através da análise de conteúdo das unidades de relevância específica constituintes na CAT: I constatou-se que esse material é reflexo de experiências centradas no viajante e não no nativo. Um total de nove unidades centradas no visitante versus duas centradas no visitado. Verifica-se que na generalidade dos casos, as unidades que aludem a qualquer tipo de relação com as dinâmicas envolventes, fazem-no mediante discursos não hétero mas autocentrados. Tais problemas são referidos (através de breves e pequenas observações), mais pela incomodidade de sensações que provocam no viajante que os testemunha do que pelos seus conteúdos e efeitos em quem os sofre.

Tal constatação resulta de exemplos como “andei a maior parte do tempo muito emocionada”; “fiquei...nesse hotel que realmente deixa a desejar” (038); “...fiquei chocada com...” (077); “...boa parte dos percursos feitos são algo chocantes” (096); “...para quem quer voltar com outra perspetiva da vida, recomendo...” (125). Assim, reconhece-se que é feita alusão ao outro e a possíveis problemas sociais que enfrentam mas talvez por ser redigido

pelo viajante, o discurso recai especialmente sobre a pessoa do que visita do que sobre aquela do lugar visitado.

4.5.2. Amostra: Palavras-chave

A amostra formada por publicações, resultante da pesquisa por palavras-chave “Pobreza; Miséria; Necessitados; Tristeza; Horror; Sofrimento; Inocentes” é constituída por 40 unidades num total de 156 páginas, respetivamente distribuídas em 15; 10; 1; 1; 7; 5; 1 (Anexo B: P.C.01 a P.C.40).

Através da mesma ferramenta de recolha utilizada anteriormente “*Print Screen*”, esta amostra foi recolhida paralelamente no período da amostra manhã-tarde-noite, durante um só dia. Efetuou-se essa pesquisa complementar com o pressuposto de que a primeira amostra recolhida (três períodos) não teria um número de UREA relativamente grande, pressuposto constatado num estudo preliminar do conteúdo partilhado nesse grupo. Esse resultado confirmou-se, conforme sistematizado na tabela 3, anteriormente apresentada. Por isso, realizou-se uma pesquisa estratégica, ao inserir palavras relacionadas com os problemas dos nativos (e observados pelos viajantes) no campo “lupa” “pesquisa neste grupo”. Isto resultou num conjunto de unidades em que as palavras pesquisadas aparecem pelo menos uma vez.

Não é o intuito de realizar uma análise discursiva como anteriormente ou pelo menos não da mesma forma. O propósito da recolha destas unidades por palavras-chave, como já referido, consiste em obter um complemento de controlo através da criação de uma nuvem de palavras constatadas e ocorridas pela leitura-análise das publicações e comentários.

O resultado final é o seguinte:

| Palavras// VISITADOS | | | Palavras// VIAJANTES | |
|----------------------|-----|--|----------------------|-----|
| Pobre | 126 | | Satisfação | 357 |
| População | 94 | | Aconselha | 214 |
| Triste | 66 | | Impactante | 173 |
| Riqueza | 63 | | Exequível | 131 |
| Degradante | 60 | | Repetível | 112 |
| Desumano | 48 | | Compaixão | 51 |
| Feliz | 44 | | Boa experiência | 46 |
| Inesquecível | 43 | | Respeito | 37 |
| Horror | 27 | | Irrealizável | 34 |
| Contribuição | 21 | | Saudade | 32 |
| Reprimido | 20 | | Precaver | 30 |
| Sufrimento | 12 | | Insatisfação | 28 |
| Desrespeito | 9 | | Emoção | 26 |
| Inocentes | 7 | | Inatrativo | 24 |
| Inação | 6 | | Desagradável | 23 |
| Dificuldades | 6 | | Incomodativo | 22 |
| Infeliz | 5 | | Atrativo | 22 |
| Interesseiros | 4 | | Hospitalidade | 16 |
| Submissos | 4 | | Irrepetível | 13 |
| Culpabilidade | 3 | | Covardia | 12 |
| Inaceitável | 3 | | Insatisfação | 6 |
| Genuínos | 2 | | Inesquecível | 6 |
| Irreflexão | 2 | | Indesfrutável | 5 |
| Injustiça | 2 | | Cansativo | 4 |
| Inferno | 1 | | Impotente | 4 |
| Carência | 1 | | Insegurança | 3 |
| Implorar | 1 | | Conhecimento | 2 |
| Antipáticos | 1 | | Reticente | 1 |
| Segurança | 1 | | Inexplicável | 1 |
| Questionável | 1 | | Imaginável | 1 |
| Angústia | 1 | | | |
| Vítimas | 1 | | | |

Tabela 9. Palavras (e número de ocorrências) centradas nos visitados e viajantes

Quanto à palavra “Aconselha”, como a própria palavra denota, os visitantes aconselham a viagem realizada, o que vem a relacionar-se com a supramencionada satisfação. É, neste aspeto, um destino a não perder.

Relativamente a “Impactante”, esta estabelece uma conseqüente relação direta com o local visitado e com o locus (lugar e circunstâncias) do próprio nativo, ou seja, o que esses dois aspetos despertaram no visitante provocou impacto, talvez por ser algo forte e importante, ou apenas por estarem tão conformados com o conforto, que o contacto com outras realidades, e quiçá problemas sociais, se torne de facto numa observação impactante.

Ainda em destaque relativo ao viajante é a palavra “Exequível”, que se diferencia na medida em que se relaciona com possíveis visitantes, ou seja, membros leitores que visualizam as publicações dos viajantes. Estes, ao “verem” os destinos e o que é dito por outros, equacionam a possibilidade de realizarem, eles próprios, uma viagem idêntica à recomendada pelos outros.

Em seguida, sobressai a palavra “Pobre”, que diz respeito à situação vivida pelos nativos. Sendo um dos problemas mais “comuns” a nível mundial, esse problema social é visível ou apenas mencionado pelos viajantes sobre um destino. Talvez esta pobreza presente no destino e visualizada pelos chegados faça com que essa situação seja impactante para eles, que ao chegarem das suas ilhas de conforto e “cristal” se deparem com realidades completamente diferentes e difíceis. Em alguns países com maior incidência do que noutros, a pobreza existe em todo lado. No entanto, sendo este aspeto o mais citado e aludido sobre os visitados, supõe de facto a confirmação do “*Palácio de Cristal*”, onde a grande abundância e excesso se encontram entranhados e contidos pelas paredes separadoras do “cristal”.

Mais uma vez referente aos visitantes emerge em seguida a palavra “Repetível”, que traduz o prazer da viagem realizada que se torna, assim, uma experiência a repetir.

O top 7 é completado pela palavra “população” que, centrada no visitado, dispensa a palavra “povo”. Através da análise constata-se que o substantivo “povo” tende a aparecer, quando adjetivado positivamente, um “povo maravilhoso” ou atributos da mesma índole. Contudo, esta característica e referência particular dá força ao que foi concluído e perceptível na análise das UREA, que as observações são superficiais, vulgares e isentas de qualquer vínculo.

Neste sentido é possível confirmar a hipótese H8) **A nuvem de palavras constitui um aferidor adicional dos marcadores de atenção/desatenção do visitante à circunstância do lugar visitado,**

designadamente representando um marcador de consciência dos males a que se permanece indiferente.

Através da visualização da nuvem de palavras é possível verificar que as palavras que se destacam dizem respeito ao mundo dos viajantes, nomeadamente o que essas deslocações despertam neles extinguindo a alusão ao visitado. É o individualismo na sua plenitude. Palavras que poderiam espelhar qualquer tipo de preocupação com os problemas dos visitados destacam-se principalmente os prazeres e desprazes dos viajantes. Isto é comprovado com maior exatidão na tabela 9, onde a ocorrência das palavras referentes aos visitados é muito mais baixa em comparação com as palavras dos viajantes (a primeira palavra dos visitados ocorre apenas 126 vezes, enquanto a dos visitados 357 vezes).

Mais uma vez é provado a falta de verdadeiros viajantes, esses que outrora aproveitavam as viagens como verdadeiras experiências e absorções ou explorações minuciosas dos países visitados. Agora, as movimentações são fugazes e consumistas. E isso é possível compreender pelas palavras reunidas que se relacionam com os viajantes e algo visível até pelas observações acerca dos visitados, as quais muito pouco dizem e, quando o dizem, consistem em observações banais e superficiais (e observações praticamente centradas em si próprios).

A nuvem de palavras vem, assim, confirmar e reforçar os resultados anteriormente obtidos, sugerindo a presença de viajantes em visita, numa expressão menos ortodoxa, aos seus próprios umbigos.

CONCLUSÃO

Atualmente, os novos laços ou relações sociais encontram, numa medida crescente, o seu suporte em dados e conteúdos de utilizadores digitais.

As tecnologias de informação estão presentes por todo o mundo, mas, mais do que isso, é o próprio mundo que se encontra, também, dentro desse meio digital (um mundo dentro de outro mundo). A evolução constante dos serviços sociais na *Internet*, especialmente as redes sociais, tem proporcionado uma mudança notória nos paradigmas comunicacionais e relacionais da sociedade.

Hoje, através das várias ferramentas e potencialidades tecnológicas reportadas pela chamada *web 2.0*, emerge uma nova forma de estabelecer conexões como é o caso do *Facebook*. Este, por sua vez, permite aos utilizadores comunicar através de diferentes formas, partilhar e construir informações, constituindo os seus utilizadores nessa nova figura comunicacional e da cultura a que se atribuiu a designação de “*prosumers*”.

Como nos dizem, cada um de sua maneira, Bauman ou Sloterdijk, para referir dois dos autores nucleares para este trabalho de mestrado, as sociedades vêm evidenciando mutações notórias. Conceitos multifacetados como o da “modernidade líquida” de Bauman, encontram-se com novas categorias que rasgam a ontologia social. O “mimo”, na designação do filósofo alemão, é uma delas. A sua relação com um mundo portátil, misto de estufa e escudo de imunização, plasma-se nas novas dimensões da arquitetura ideológica do “Palácio de Cristal”, sloterdijkiano.

Não é só o estar dos indivíduos que se molda a condições técnicas novas e inimaginadas, mas também o seu ser e o seu andar. A brevidade das relações, o movimento “de casa às costas” (ou antes, no ventre dos seus palácios de cristal) reconfigurou a noção de viagem. O turismo, ponto alto da viagem de massas, assemelha-se, hoje, a uma estranha espécie de sair sem sair, de andar sem andar. Nesta nova viagem no interior da bolha, a metáfora do cristal pode entender-se como espelho e refração, como reflexo e projeção de reflexos sobre mundos desiguais.

O que caracterizava os viajantes por excelência, em nada se compara aos turistas. A exploração “cega” originou um acautelamento de uma pesquisa hiper informativa. E se tudo já está mais que exaustivamente explorado (verdadeiros viajantes), o que de facto ainda haverá para desvendar (turistas)? Realmente nada. Por isso existe uma linha que separa os diferentes conceitos: Viajantes e Turistas.

O mundo global é um mundo desigual. Com o objetivo de examinar para além do aspeto do indivíduo versus rede e ainda de o indivíduo versus as suas movimentações, um dos conceitos com maior impacto a que este estudo obedeceu foi a relação com o Outro, insistentemente marcada pelas problemáticas da indiferença e do indiferentismo. A obra de Luc Boltanski (originalmente publicada em 1993 e aqui seguida) debruça-se sobre as figuras nodais da desigualdade de mundos, aqueles que sofrem e, principalmente, os que sofrem “escandalosamente”, inevitavelmente. Aí se problematizam as modalidades do espetador e da sua (não)intervenção no que Arendt chamou uma “política da piedade”, projetada em cenários de indiferença e de impotência. Numa glosa do título de Hans Blumenberg, “Naufrágio com Espetador”, este está por definição separado do que naufraga. É no cruzamento deste conjunto de linhas de reflexão que se tentou, ao longo deste trabalho, examinar o olhar de um conjunto de turistas, procurando -espetador de espetadores- olhar para onde dirigem eles as suas atenções, reflexões, comunicações, os seus olhares. Analisou-se, assim, uma amostra de relatos no grupo da rede social *Facebook*, “Amantes de Viagens”.

A extensão de unidades obtidas para o estudo equivale, no seu total a cerca de 500 páginas impressas (a primeira amostra é composta por 366 páginas, e a segunda por 156 páginas).

A amostra recolhida (n=176), permite inferir que o conteúdo gerado e partilhado, relacionado com as viagens, espelha uma relação fundamental de indiferença entre visitantes e visitados. Indica-o o elevado número de publicações concentradas na categoria referente a recomendações e indicações para viagens (CAT: II através do qual se percebe a preocupação fundamental de garantir que a viagem se processará dentro de quadros de reprodução do “*Palácio de Cristal*” que envolve o ponto de partida dos viajantes).

Tal resultado ainda foi confirmado, através da análise discursiva do conteúdo das unidades de relação específica com o outro (=11 UREA). Essa análise demonstrou que essa relação é composta por um conteúdo representativo de observações superficiais e banais dos visitados, nativos, eventualmente dos sofreadores de que fala a obra de Boltanski. Todas as observações aí recenseadas denotam uma incapacidade de filiação em qualquer dos esquemas boltanskianos apontados nos três tópicos do sofrimento: denúncia-ação; sentimento-benfeitoria; estético-sублиmação. Quanto muito, as alusões encontradas centram-se num sentimentalismo que tem como cerne e centro, o próprio viajante e as suas interioridades, nestes casos bem fugazes. Pode, todavia e para além disso, concluir-se que o material examinado, mesmo tomando-se em conta que a posição destes espectadores é a de “turistas”, não reflete mais do que uma quase total inconsciência e desligação relativamente aos

universos de destino e aos que neles habitam e, com frequência, aí sofrem. Esse material é, no âmbito deste trabalho, olhado não tanto pelo ângulo dos que sofrem, mas pelo prisma dos viajantes que olham sem simplesmente ver.

De modo a complementar os resultados obtidos pelas unidades analisadas, ainda se verificou, numa espécie de prova dos nove, uma amostra composta por 40 unidades resultante da pesquisa por palavras-chave. Sendo esperado que esse conteúdo por palavras específicas espelhasse qualquer tipo de preocupação com os visitados, isso não é visível na realização da nuvem de palavras. O que essa nuvem veio a afirmar foi de facto, uma vez mais, o indiferentismo e o individualismo.

De modo conclusivo temos os seguintes resultados para cada uma das hipóteses:

H1) Predominantemente, o olhar e a comunicação estabelecidos a partir do grupo do FB é um olhar indiferente às situações locais– Confirmada;

H2) Os viajantes deslocam-se hedonisticamente a paraísos de lazer situados, em muitos casos, bem no centro de infernos existenciais para que não olham, sendo as narrativas eletrónicas que produzem total ou pelo menos maioritariamente indiferentes a esses aspetos– Confirmada;

H3) O "*Palácio de Cristal*" (Peter Sloterdijk) em que vive uma pequena minoria de seres humanos (da qual emergem estes viajantes) tende a ser reproduzido em instalações de lazer, fazendo-se hoje a viagem de estufa de "cristal" em estufa de "cristal", ao invés da viagem aventureira, científica ou mercantil de outrora – Confirmada;

H4) O "sofrimento à distância" (Luc Boltanski) que espelha este indiferentismo permanece igualmente distante, mesmo quando a viagem aproxima esses viajantes daquele sofrimento – Parcialmente Confirmada;

H5) Este material será representativo do "indiferentismo" e "atomização" que percorre a existência dos habitantes do "*Palácio de Cristal*"– Confirmada;

H6) As relações estabelecidas entre os viajantes e os ditos nativos mostram-se representativas e significativas em número de ocorrências (casos)– Quase absolutamente Negativa;

H7) O material “unidades com relevância específica para a análise” expressa predominantemente que a experiência ou relação com o Outro é centrada no viajante e não no nativo ou autóctone – Confirmada;

H8) A nuvem de palavras constitui um aferidor adicional dos marcadores de atenção/desatenção do visitante à circunstância do lugar visitado, designadamente representando um marcador de consciência dos males a que se permanece indiferente– Confirmada;

BIBLIOGRAFIA

- Abreu, Patrícia (2018, 4 de julho). “Portugueses poupam mais para viagens do que para a reforma”. *Jornal de negócios*. Consultado a 30 de outubro de 2018. Retirado de: <https://www.jornaldenegocios.pt/mercados/detalhe/portugueses-poupam-mais-para-viagens-do-que-para-a-reforma>
- Almarcegui, Patricia (2008). “Viaje y literatura: elaboración y problemática de un género”. *Letras*, nº 57-58, pp. 25-29. Retirado de: <http://bibliotecadigital.uca.edu.ar/greenstone/cgi-bin/library.cgi?a=d&c=Revistas&d=viaje-literatura-elaboracion-problematika-genero>
- Amâncio, Lígia (2010). “Identidade social e relações intergrupais”. In Jorge VALA, Maria Benedicta MONTEIRO (2010), *Psicologia Social*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- Amantes de viagens (2018). [Página de grupo Facebook]. Retirado de: <https://www.facebook.com/groups/111200582241227/>
- Amantesdeviagens (2016). [Website]. Retirado de: <http://amantesdeviagens.com/>
- Amaral, Inês & Sousa, Helena (2010). “Redes Sociais no Twitter”. *CECS – Comunicações*, pp. 1-16. Retirado de: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/29865>
- Amaral, Inês (2012). “Participação em rede: do utilizador ao “consumidor 2.0” e ao “prosumer””. *Revista Comunicação e Sociedade*, nº 22, pp. 131-147. Retirado de: <http://revistacomsoc.pt/index.php/comsoc/article/view/1278>
- Amaral, Inês (2016). “Redes sociais na internet: sociabilidades emergentes” [e-book- PDF]. Retirado de: <http://www.labcom-ifp.ubi.pt/book/286>
- Ambrósio, Vitor & Santos, Carlos (2010). “Turismo religioso- Turistas ou peregrinos”. In Cristóvão, Fernando (2010), *Literatura de viagens - da tradicional à nova e novíssima* (pp. 291-324). Coimbra: Almedina
- Andrew Niccol (Director). (2018). “Anon” [filme]. Alemanha-USA: Netflix
- Assunção, Paulo (2010). “A cidade de São Paulo nos relatos de viagem: “E o tempo apressado, tudo mudou””. In Cristóvão, Fernando (2010), *Literatura de viagens - da tradicional à nova e novíssima* (pp. 57-83). Coimbra: Almedina

- Bauman, Zygmunt & Donskis, Leonidas (2016). “Cegueira Moral- A perda da sensibilidade na Modernidade líquida”. Lisboa: Relógio D’Água
- Bauman, Zygmunt (2003). “Amor líquido”. Lisboa: Relógio D’Água.
- Benedito, Joviana. (2010). “A novíssima literatura de viagens/ Ciberliteratura de viagens a modo de introdução: ver, ouvir, pensar e sentir”. In Cristóvão, Fernando (2010), *Literatura de viagens - da tradicional à nova e novíssima* (pp. 375-403). Coimbra: Almedina
- Boetsch, Pablo (2006). “La literatura de viajes y la mirada antropológica”, *Boletín de literatura comparada, Año 2003-2005* (pp. 49-62). Retirado de: <http://bdigital.uncu.edu.ar/5094>
- Boltanski, Luc (2004). “Distant Suffering- Morality, media and politics” [e-book- PDF]. Retirado de: https://monoskop.org/images/2/2a/Boltanski_Luc_Distant_Suffering_Morality_Media_and_Politics.pdf
- Buonocore, Jackson (s.d). “Era do exibicionismo: A necessidade de aparecer”. Retirado de: <https://www.psicologiasdobrasil.com.br/era-exibicionismo-necessidade-de-aparecer/>
- Cadilhe, Gonçalo (2015). “O mundo é fácil”. Lisboa: Clube do autor
- Cadilhe, Gonçalo (2016). “Um lugar dentro de nós”. Lisboa: Clube do autor
- Canas, António (2002). “Cartografia náutica medieval. // Cartografia náutica portuguesa”. *Instituto da cooperação e da Língua* (s.p.). Retirado de: <http://cvc.instituto-camoes.pt/conhecer/bases-tematicas/navegacoes-portuguesas.html>
- Castells, Manuel (1999). “Sociedade em rede: Economia, sociedade e cultura” [e-book- PDF]. Retirado de: https://perguntasapo.files.wordpress.com/2011/02/castells_1999_parte1_cap1.pdf
- Castro, Soledad (1995). “Concepto y actualización de la literatura de viajeros en España en el siglo XIX”. *Castilla: Estudios de literatura*, nº20, pp. 181-188. Retirado de: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=136208>
- Coelho, Márcio (2015). “Traços de personalidade dominantes dos utilizadores portugueses do Facebook”. Tese de mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde. Universidade Lusófona do Porto. Porto. Retirado de: <http://hdl.handle.net/10437/6932>

- Conde, Idalina (2001). “Duplo écran na condição artística”. In Buescu, Helena & Duarte, João (2001), *Narrativas da Modernidade: a Construção do Outro* (pp. 9-32). Lisboa: Edições Colibri
- Craveiro, Maria (2010). “O canto de um solitário no longe e na distância”. In Cristóvão, Fernando (2010), *Literatura de viagens - da tradicional à nova e novíssima* (pp. 193-222). Coimbra: Almedina
- Cristóvão, Fernando (2010). “Introdução: Literatura de viagens: da tradicional à nova e à novíssima”. In Cristóvão, Fernando (2010), *Literatura de viagens - da tradicional à nova e novíssima* (pp. 7-18). Coimbra: Almedina
- Crytal Cruises (2018). [Website]. Disponível em: <http://www.crystalcruises.com/>
- Dias, Miguel (2018, 20 de março). “Facebook: A mais recente polémica revela o que já todos sabíamos”. *Techaominuto*. Consultado a 27 de setembro de 2018. Retirado de: https://www.noticiasominuto.com/tech/977081/facebook-a-mais-recente-polemica-revela-o-que-ja-todos-sabiamos?utm_medium=email&utm_source=gekko&utm_campaign=afternoon
- Dijck, José (2013). “The culture of connectivity- A critical history of social media”. New York: Oxford
- Domingues, Francisco (2002-2005). “Boa Esperança, passagem do cabo da”. *Instituto da cooperação e da Língua* (s.p.). Retirado de: <http://cvc.instituto-camoes.pt/conhecer/bases-tematicas/navegacoes-portuguesas.html>
- Domingues, Francisco (2002-2007). “Bojador, passagem do cabo”. *Instituto da cooperação e da Língua* (s.p.). Retirado de: <http://cvc.instituto-camoes.pt/conhecer/bases-tematicas/navegacoes-portuguesas.html>
- Domingues, Francisco (2003). “Alenquer, Pero de”. *Instituto da cooperação e da Língua* (s.p.). Retirado de: <http://cvc.instituto-camoes.pt/conhecer/bases-tematicas/navegacoes-portuguesas.html>
- Fonseca, Marcelo; Gonçalves, Manuela; Oliveira, Marta & Tinoco, Maria (2008). “Tendências sobre as comunidades virtuais da perspectiva dos prosumers”. *RAE- Eletrônica*, v.7 (n.2), art.24, s.p. Retirado de:

https://www.researchgate.net/publication/38111802_Tendencias_sobre_as_comunidades_virtuais_da_perspectiva_dos_prosumers

Goffman, Erving (1993). “A representação do eu na vida de todos os dias”. Lisboa: Relógio D’Água

Instituto de Camões (2001). “Literatura de Viagens”. Retirado de: <http://cvc.instituto-camoes.pt/literatura/litviagens.htm>

James Ponsoldt (Director). (2017). “*The circle*” [filme]. USA: STX Films & Europa Corp.

Joly, Martine (1994). Introdução à análise da imagem [e-book- PDF]. Retirado de: <https://flankus.files.wordpress.com/2009/12/introducao-a-analise-da-imagem-martine-joly.pdf>

Jorge, Vítor. (2008). “A imagem”. *A página da educação*, n. 176, pp. 29-45. Retirado de: <https://www.apagina.pt/?aba=7&cat=176&mid=2>

Lévy, Pierre (1997). “Cibercultura”. Lisboa: Instituto Piaget

Loureiro, Luís (2011). “O ecrã da identificação”. Tese de Doutoramento em Ciências da comunicação. Universidade Minho. Braga. Retirado de: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/20462>

Machado, João (2015). “Caracterização dos hábitos de e-commerce”. Tese de Mestrado em Modelação Estatística e Análise de Dados. Universidade de Évora. Évora. Retirado de: <https://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/16679>

Machado, Manuel (2018, 7 de maio). “Há seis milhões de portugueses no Facebook. Smartphones dominam acessos”. *Observador*. Consultado a 24 de setembro 2018. Retirado de: <https://observador.pt/2018/05/07/ha-seis-milhoes-de-portugueses-no-facebook-smartphones-dominam-acessos/>

Marques, Maria (2010). “A natureza adversa: Tormentas e tormentos nas relações de viagens”. In Cristóvão, Fernando (2010), *Literatura de viagens - da tradicional à nova e novíssima* (pp. 85-126). Coimbra: Almedina

Marques, Vasco (2016). “Redes sociais 360- Como comunicar online”. Lisboa: Actual Editora

- Matias, Margarida (2012). “A rede social Facebook ao serviço do marketing: O caso da Fnac Portugal”. Tese de mestrado em Gestão de Marketing. IPAM. Aveiro. Retirado de: <https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/7808>
- Matos, Luís (2002-2006). “Roteiros”. *Instituto da cooperação e da Língua* (s.p.). Retirado de: <http://cvc.instituto-camoes.pt/conhecer/bases-tematicas/navegacoes-portuguesas.html>
- Matos, Mário (2013). “Perpetuum Mobile: algumas considerações sobre narrativas de viagem”. In Álvares, Maria, Curado, Ana & Sousa, Sérgio (2013), *O imaginário das viagens* (pp. 17-34). Retirado de: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/35198>
- Mendes, Maria (2013). “Da Grécia para Portugal: A cidade de Ulisses de Teolinda Gersão”. In Álvares, Maria, Curado, Ana & Sousa, Sérgio (2013), *O imaginário das viagens* (pp. 79-91). Retirado de: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/35198>
- Nery, Isabel (2010). “O inferno aqui tão perto- Literatura de viagens e reportagem de guerra”. In Cristóvão, Fernando (2010), *Literatura de viagens - da tradicional à nova e novíssima* (pp. 127-154). Coimbra: Almedina
- Neves, Bruno (2002). “Literatura de viagens”. *Instituto da cooperação e da Língua*. Retirado de: <http://cvc.instituto-camoes.pt/conhecer/bases-tematicas/navegacoes-portuguesas.html>
- Oliveira, Fernanda (Produtor). (20 de março, 2018). Fórum TSF (“O Facebook é uma ameaça à democracia?”). [Áudio Podcast]. Retirado de: <https://www.tsf.pt/forum-tsf/interior/forum-tsf-o-facebook-e-uma-ameaca-a-democracia-9200091.html>
- Pereira, Rui (2018). “Pensar em Tempos de Não-Pensamento. Notas para uma Análítica do Brutal na Contemporaneidade”. Gondomar: Câmara Municipal de Gondomar (prelo)
- Pinheiro, Júlio (2010). “O lugar doméstico como termo de comparação para outros lugares encontrados ou descobertos nas viagens”. In Cristóvão, Fernando. (2010), *Literatura de viagens - da tradicional à nova e novíssima* (pp. 257-290). Coimbra: Almedina
- Quivy, Raymond & Campenhoudt, Luc (1998). “Manual de investigação em ciências sociais”. Lisboa: Grávida
- Rand, Ayn. (1991). “A virtude do egoísmo” [e-book- PDF]. Retirado de: <https://pt.scribd.com/document/126471214/Ayn-Rand-A-Virtude-do-Egoismo-pdf>

- Recuero, Raquel (2009). “Redes sociais na internet” [e-book- PDF]. Retirado de: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:h7xAZWKRXvkJ:www.ichca.ufal.br/graduacao/biblioteconomia/v1/wp-content/uploads/redessociaisnainternetrecuero.pdf+&cd=1&hl=pt-PT&ct=clnk&gl=pt>
- Rocha, Duarte (2002-2004). “Cabral, Pedro Álvares”. *Instituto da cooperação e da Língua* (s.p.). Retirado de: <http://cvc.instituto-camoes.pt/conhecer/bases-tematicas/navegacoes-portuguesas.html>
- Roque, Rui (2006). “Vida a bordo”. *Instituto da cooperação e da Língua* (s.p.). Retirado de: <http://cvc.instituto-camoes.pt/conhecer/bases-tematicas/navegacoes-portuguesas.html>
- Rovira, Jose & Arquero, Pablo (2009). “Breve aproximación al concepto de literatura de viajes como género literário”. *Tonos*, nº17, julho 2009, s.p. Retirado de: <https://www.um.es/tonosdigital/znum17/secciones/estudios-20-litviajesgeneroliterario.htm>
- Saramago, José (2016). “Viagem a Portugal”. Porto: Porto Editora
- Schmidt, Eric & Cohen, Jared (2013). “A nova era digital- Reformulando o futuro das pessoas, das nações e da economia”. Lisboa: Dom Quixote
- Sic Notícias (2018, 11 de julho). “Porque o mundo se preocupou mais com 12 rapazes tailandeses que com milhões de outras crianças em crise?” *Sic Notícias*. Consultado a 8 de novembro de 2018. Retirado de: <https://sicnoticias.sapo.pt/mundo/2018-07-11-Porque-o-mundo-se-preocupou-mais-com-12-rapazes-tailandeses-que-com-milhoes-de-outras-criancas-em-crise->
- Sloterdijk, Peter (2008). “Palácio de cristal - Para uma teoria filosófica da globalização”. Lisboa: Relógio d’Água
- Sousa, Sérgio. (2013). “O segredo, sobre a viagem de José Luís Peixoto à Correia do Norte”. In Álvares, Maria, Curado, Ana & Sousa, Sérgio (2013), *O imaginário das viagens* (pp. 103-120). Retirado de: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/35198>
- Sousa, Susana (2014). “REDES SOCIAIS: Uma abordagem sobre as PME’S do distrito de Viseu”. Tese de Mestrado em Comunicação e Marketing. Instituto Politécnico de Viseu. Viseu. Retirado de: <http://repositorio.ipv.pt/handle/10400.19/2322>

- Tércio, Daniel (2013). “Da Grécia para Portugal: Da possibilidade da representação da viagem nas artes performativas”. In Álvares, Maria, Curado, Ana & Sousa, Sérgio (2013), *O imaginário das viagens* (pp. 235-244). Retirado de: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/35198>
- Valentim, Carlos (2002). “Pereira, Duarte Pacheco”. *Instituto da cooperação e da Língua* (s.p.). Retirado de: <http://cvc.instituto-camoes.pt/conhecer/bases-tematicas/navegacoes-portuguesas.html>
- Van Dijk, Teun (2005). “Discurso, Notícia e ideologia- Estudos na análise crítica do discurso” [e-book- PDF]. Consultado a: 6 de dezembro de 2018. Retirado de: http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/cecs_ebooks/article/view/2319
- Viking Cruises (2018). [Website]. Disponível em: <https://www.vikingcruises.co.uk/>
- WordArt (2019). [Website]. Acedido a: 1 de janeiro de 2019. Disponível em: <https://wordart.com/>

ÍNDICE DE ANEXOS

| | |
|--|-------------------|
| Anexo A- Amostra: manhã-tarde-noite..... | A- 1 // A- 366 |
| Anexo A1- Amostra: UREA..... | A1- 141 // A1-197 |
| Anexo B- Amostra: palavras-chave..... | B- 1 // B- 156 |

Amostras de UREA

Tipo de ferramenta: *Print screen*

002 CAT: I (UNIDADE COM RELEVÂNCIA ESPECÍFICA PARA A ANÁLISE)

Tiago Jorge 13 h

Boa tarde,
 Quem já fez tatuagem na Tailândia algum sítio que recomende? Procuo um local em que consiga tatuar com segurança e higiene. Vou estar em Bangkok, Chiang Mai e Krabi.
 Gostava de fazer com um monge ou ajarn uma tatuagem sagrada....
 Ver Mais

17 48 comentários

Gosto Comentar Partilhar

Rui Bento Fiz uma Sak Yant no Camboja, mas na Tailândia também vi que faziam. A "segurança" e "higiene" é relativa... os que vi, a agulha era - no mínimo - queimada para esterilizar e usavam luvas e afins... já ouvi relatos de monges a cobrar uma ninharia, mas a usar a mesma agulha em toda a gente... o meu conselho, uma vez que estive nesses 3 locais, é fazeres em Bangkok. Em Khao San Rd. pareceram-me os mais profissionais.

Ana Paula Lourenço Matilde Carreira

Renato Paulo Ferreira Monte Tenho uma de ajarn. Feita com cana de bambu. Sem problema. Top.

Escreve uma resposta...

André Fontes



Gosto Responder 13 h

Rui Bento (e já levei bepanthene plus a contar!) 😊

Rute Santinho Eu fiz em bangkok.. mesmo junto ao hotel em q fiquei, rambuttri village!! 5 ⭐

Flávio Santos Já estive na Tailândia 3 vezes e há realmente bons artistas por toda a parte, acho que pelo preço e pelo facto de se precisares de retocar ou uma segunda sessão não aconselho, além disso não podes apanhar sol e ir a água, vale sim fazeres as tradicionais com cana de bambu, são típicas do país e acho que podes ir a água visto que fere menos a pele.

Flávio Santos Em termos de preço é semelhante a Portugal.

Nuno Carvalho Oh Meu Deus...
 Porque não vais buscar o desenho à tua Tailândia e trazes para Portugal a imagem é fazes para Portugal onde mais gostas??... Ver mais

Tiago Jorge Caro Nuno ... a pergunta é explícita ... se não tem nada para acrescentar com saber de causa ... limite se a usar o seu "encéfalo"! E remeta se ao silêncio Grato 🙏

Flávio Santos Fazer com a técnica tradicional com cana de bambu só na Ásia mesmo e as tattoos devem ter uma história, há pouco não respondi bem a questão colocada, aonde vires muita gente a tatuar e os tatuadores a usar luvas e a trocar de agulhas é tão seguro como cá. Não é barato como o resto das coisas naquele belo país, aproveita.

Tiago Jorge Obg Flávio. Vou pesquisar.

Escreve uma resposta...

Nuno M Tavares Eu fiz nas ilhas phi phi. Agulha de bamboo para cada pessoa.

Tiago Jorge Qto custou Nuno +-? Como funciona em termos de cicatrização?

Flávio Santos Pois nas phi phi há lá muitos sítios e dá logo para ver as que mais trabalham principalmente à noite.

Nuno M Tavares Tiago. Não faz sangue. Ao fim de 3 dias está ótimo. Não dói quase nada em comparação com a máquina. Acho que foram 4000 Baht (+/- 100€)

Nuno M Tavares Tiago. Semi-feita



Tânia Silva eu fiz a minha no camboja, mas quando andava a pesquisar recomendaram-me muito a bangkok ink, mas é caro

Rita Fragoso Eu fiz uma Sak Yant em Chiang Mai num templo budista... Fez-me um monge, com bambu. Com ritual deles... A higiene é relativa... O monge pediu a um ajudante para ir buscar uns piquinhos de uma planta e ajustou o pingo ao bambu... E pagas o que quiseres a... Ver mais



Escreve uma resposta...



Gosto · Responder · 11 h · Editado

Tiago Jorge Obg Rita. Não teve receio pela questão da higiene?

Gosto · Responder · 11 h

Rita Fragoso Tiago Jorge eles não falam muito inglês, só o básico... Mas antes dele fazer eu perguntei como se processava a coisa e ele mostrou me os materiais... Fiquei descansada quando o vi a pôr o tal pito da planta... para o meu namorado usou outro!!! E não demora muito tempo a fazer, ele não pára até acabar... Demorou cerca de 15 minutos!!! E são piquinhos que ficam tatuados, não é um traço contínuo...

Gosto · Responder · 11 h

Rita Fragoso Ficou assim 😊



Gosto · Responder · 11 h

Escreve uma resposta...

Guilherme Eisfeld Você quer fazer a sak yant ou não? Fiz a minha em Bangkok, no estúdio <https://www.bkkinktattoo.com/> Segue foto dela



Rita Fragoso Sak Yant são tatuagens sagradas feitas em templos por monges budistas... Uma coisa é fazerem em bambu... Outra é Sak Yant, que só os monges a fazem! Atenção a isso, que as pessoas são induzidas em erro por isso mesmo

Gosto · Responder · 11 h

Guilherme Eisfeld Desculpa. Ficou confuso mesmo. Quando me refiro a fazer a minha, estava falando da tatuagem. Não fiz sak yant,

Gosto · Responder · 11 h

Tiago Jorge Eu gostava de fazer uma tradiciona .

Gosto · Responder · 11 h

Rui Bento Sak Yant feita no Camboja.



Gosto · Responder · 11 h

Escreve uma resposta...

Melissa Pinto Eu tb fiz em Bangkok, junto ao Rambuttri Village, Khao San Road. Recomendado 🍌

Gosto · Responder · 10 h

Tiago Jorge É loja de tatoos?

Gosto · Responder · 10 h

Melissa Pinto É sim

Gosto · Responder · 10 h

Tiago Jorge Qto pagou Melissa?

Gosto · Responder · 10 h

Melissa Pinto Os preços das tattoos lá são idênticos aos nossos... Fiz uma pequena tatuagem sagrada no antebraço por €40

Tiago Jorge ok obg 🙏 1

Gosto · Responder · 10 h

Escreve uma resposta...

Paulo Silva A maior questão é o tempo que se deve ter com a tatuagem a seguir a ser feita. Há alguns cuidados a ter, nomeadamente com a água. E estar na Tailândia e não aproveitar o mar por causa da tatuagem... depende sempre do tempo que temos para lá estar. Ou se é feita nos últimos dias 😊

Gosto · Responder · 10 h

Melissa Pinto Eu fiz antes de ir para o aeroporto 😊

Gosto · Responder · 10 h

Nuno M Tavares Eu fiz no ultimo dia 🙏 1

Gosto · Responder · 9 h

Escreve uma resposta...

Luís Rocha Bem, como tatuador que sou, recomendo sempre para os últimos dias das férias. Embora não sejam tao intensas na pele, a verdade é que fica se sempre sujeito a infeções... as aguas sao limpidas e transparentes, mas as bactérias e fungos sao invisiveis e... Ver mais

Gosto · Responder · 7 h

Tiago Jorge Obg pela resposta Luís. Qual é a grande diferença entre as tatuagens de bamboo e as máquinas? A probabilidade de ter que fazer retoques mais tarde e maior por fazer de bamboo?

Gosto · Responder · 7 h

Luís Rocha Tiago Jorge com bamboo é mais artesanal.... o grau de perfeição estetico fica aquém.... mas tem um valor sentimental mais profundo.... estive na tailandia á pouco mais de um ano e so nao fiz porque nao cheguei a ir as zonas remotas onde seriam monjes a... Ver mais


Gosto · Responder · 7 h · Editado


Tiago Jorge Luís Rocha Obg 🙏 1


Gosto · Responder · 7 h

Rui Bento Verdade. Por achar a coisa um bocado comercial é que acabei por fazer no Camboja, com rezas e afins no final... uma experiencia única que jamais vou esquecer. Se quiserem saber mais sobre Sak Yant e o local, foi aqui: <https://www.facebook.com/SakyantTraditional/>





 **Cristina Melo** Fiz uma tatuagem e pus 2 piercings, mas foi em Phuket... 😊
Gosto · Responder · 1 h

 **Vanessa Abrantes** Fizemos nas Phi Phi , com Bamboo! A vantagem é que em poucos dias já está bom e pudemos ir na mesma ao banho no dia a seguir 😊 éramos três pessoas, fizemos duas cada uma e não me lembro bem do preço mas menos de 100€ por pessoa. Usavam luvas e uma "agulha" por pessoa . Mas se quer perfeição não aconselho , mas eu estou super satisfeita e tem outro valor !:)




Gosto · Responder · 1 h


 **Vanessa Abrantes** Aqui :







Gosto · Responder · 1 h

 **Rui Bento** Em Phi Phi é o descalabro!!! Cada rua tem 10 lojas de tatuagens!!! 😂😂😂😂

Gosto · Responder · 44 min

 **Vanessa Abrantes** Rui Bento ahahh sim , mas nem todas são boas!! Nós tínhamos tempo então demos uma primeira volta para ver e analisar o trabalho ahah e depois falámos directamente c os proprietários e tatuadores para nos decidirmos 😊

Gosto · Responder · 26 min  2

-  **Rui Bento** Eu nunca tinha visto tanta loja de tatuagem por metro quadrado! Como já tinha marcação no Camboja para tatuar, não me preocupei na Tailândia com tatuagens, mas achei piada a tanta oferta!
- Gosto · Responder · 19 min
-  **Tiago Jorge** Bombeia Vanessa, recorda onde fizeram ?
- Gosto · Responder · 11 min
-  **Tiago Jorge** Vanessa Abrantes é preciso marcação prévia ou basta aparecer?
- Gosto · Responder · 10 min

008 CAT: I (UNIDADE COM RELEVÂNCIA ESPECÍFICA PARA A ANÁLISE)

Maria Pechirra Oliveira
28 de Julho de 2016

Prometido é devido...

Ontem quando saía de um hipermercado em Ponte de sôr cruzei-me com um senhor que erguia um cartaz a pedir alimentos e água.....continuei... mas a minha consciência não me largou... porque não estava a pedir dinheiro mas sim comida e água. E isso não se nega a ninguém. Voltei a traz. peguei no saco com pão que tinha acabado de comprar e sai do carro... perguntei se precisava de ajuda, percebi logo que só dizia 2 ou 3 palavras em português..... disse que sim que se tivesse algo para lhe dar ficava agradecido. de-lhe o pão e não aceitou a fruta nem as bolachas por ser alergico...explicou. Perguntei de onde era, Holanda e à 4 anos que saiu de lá e anda a caminhar pela europa com o seu fiel amigo. Trabalhou o que tinha de trabalhar e resolveu por-se a caminho desta aventura. Perguntei onde dormia disse que dormia na natureza onde calhava. Resolvi voltar ao hipermercado. comprei água e comida para o kito (cão). Voltei. No desenrolar da conversa perguntei se tinha familia....sim uma irmã na Austrália e familia afastada na nova Zelândia. Foi uma opção de vida... mas claro que o dinheiro não chega para tudo e por onde passa pede alimento e água. Disse-me que não precisava de roupas novas nem nada que se parecesse... simplesmente ajuda alimentar para seguir a sua jornada. O que nem sempre tem sido fácil porque as pessoas são desconfiadas e nem sempre ajudam. Perguntei se lhe podia tirar uma foto para colocar na internet para divulgar a sua caminhada e para quem o encontra-se o ajuda-se... perguntou se eu era italiana ... não respondi..... "sabe... é que Itália foi o único pais onde várias vezes tiraram foto com o mesmo intuito, em mais pais nenhum tiveram essa atitude" 😊 tirei a foto e prometi divulgar e pedir para que todos a partilhem. Mostrou-me o mapa e disse que ia sair de Ponte sôr em direção ao Gavião e seguir para norte. A agradeceu a ajuda com um grande sorriso e só isso enche a nossa alma... pelo menos a minha ficou mais feliz por ter ajudado alguém....

Peço que partilhem e se alguém encontrar o Teo e o Kito ajudem.... ele é um viajante solitário.... 😊

O QUE MAIS REVOLTOU FOI A QUANTIDADE DE PESSOAS QUE PASSARAM MESMO ANTES DE EU PARAR E NINGUÉM SE DIGNOU A PARAR E AJUDAR.... É O SER HUMANO DO SÉCULO XXI. Eu não teria conseguido vir para casa como se nada fosse



10 mil 249 comentários 342 partilhas

Gosto Comentar Partilhar

- Antonieta Pires** Muito bom !!!
Gosto Responder · 2 ano(s)
- Antonio Manuel Sousa Fernandes** Bonita e nobre atitude. Se o vir para as bandas de Lisboa, o que não deve acontecer pois foi para norte , ajudá-lo-ei sem dúvida alguma.
Gosto Responder · 2 ano(s)
- Bela Lima** Partilhado,passando por Coimbra teria todo o gosto em ajudar.
Gosto Responder · 2 ano(s)

- Inês Santos**
Gosto Responder · 2 ano(s)
- Vanda Maio** Tive de partilhar para que mais possam ter o mesmo gesto 😊
Gosto Responder · 2 ano(s)
- Angela Campos** A singularidade de um ser humano, merece o nosso respeito.
Gosto Responder · 2 ano(s)
- Ana Cláudia Rodrigues** Infelizmente nos dias que correm as pessoas são cada vez mais desconfiadas, mas comida e agua não se nega a niguém. Nobre atitude. Já partilhei com a minha rede de contactos. 😊
Gosto Responder · 2 ano(s)
- Catia Pombo Mendes** Partilhado!
Gosto Responder · 2 ano(s)
- Ana Luis** Partilhado
Gosto Responder · 2 ano(s)
- Elisabete Santos** Partilhado!!!
Gosto Responder · 2 ano(s)
- Vivi Benvinda** Bravo Maria? Vou partilhar. 🙌
Gosto Responder · 2 ano(s)
- Joana Silva** Fez muito bem em ajudar e partilhar **Maria Pechirra Oliveira**, se mais humanos tivessem mais atitudes destas o mundo seria bem mais agradável! 😊 Partilhado e se o caminhante passar por Faro, no que depender de mim também não passará fome! 😊
Gosto Responder · 2 ano(s)
- Maria Pechirra Oliveira** Foi para norte 😊
Gosto Responder · 2 ano(s)
- Escreve uma resposta...
- Luisa Lázaro** "(...) ele não é um mendigo (embora pareça) é um viajante solitário..." Esta afirmação estragou tudo.
Gosto Responder · 2 ano(s)
- Maria Pechirra Oliveira** foram palavras do Teo **Luisa Lázaro**. ele diz que ao ter aquele aspecto é mais difícil as pessoas ajudarem. simplesmente é um viajante.....

- Luisa Lázaro** viajante mendigo porque se pede comida e água faz o mesmo que os mendigos fazem, não vejo diferença e a frase parece menosprezar os mendigos.
Gosto · Responder · 2 ano(s) 2
- Maria Pechirra Oliveira** não é essa a intenção 1
Gosto · Responder · 2 ano(s)
- Luisa Lázaro** Também me pareceu 😊 foi só para esclarecer
Gosto · Responder · 2 ano(s)
- Maria Pechirra Oliveira** simplesmente tentei fazer com que as pessoas vejam como ele se sente... por as pessoas não ajudarem devido ao aspecto. embora ele próprio diga que não precisa de roupas novas ... não é isso que o faz ser melhor ou pior....
Gosto · Responder · 2 ano(s) · Editado 3
- Maria Pechirra Oliveira** as pessoas de hoje em dia julgam muitos os outros pelo aspecto 😞
Gosto · Responder · 2 ano(s) 6
- Silva PA** A senhora é que estragou tudo com o seu comentário triste e despropositado. "Foi só para esclarecer", deve ser para rir... não tinha mais nada para dizer?? Ficasse calada
Gosto · Responder · 2 ano(s) 8
- Silva PA** Parabens pela sua atitude **Maria Pechirra Oliveira**. Eu teria feito o mesmo, Vou partilhar 😊
Gosto · Responder · 2 ano(s) 3
- Escreve uma resposta... 😊 📷 GIF 🗨️
- Tânia Miguel** Se passar pela minha zona também terei todo o gosto em ajudar.. 😊
Gosto · Responder · 2 ano(s) 1
- Maria Raquel André** Partilhado! 😊
Gosto · Responder · 2 ano(s)
- Daniela Augusto** com o facil que é ajudar os outros I beijos e parabens pela nobreza de atitude . O mundo precisa de pessoas assim . Vou partilhar e na certeza que se o encontrar também vou encher a minha alma . Bj
Gosto · Responder · 2 ano(s) 3

- Luis Silva** partilhado ...
Gosto · Responder · 2 ano(s)
- Rosa Miranda** partilhado...pode ser que pare em Leiria!
Gosto · Responder · 2 ano(s)
- Barbara André** grande atitude humana k deus abençoe seu gesto
Gosto · Responder · 2 ano(s) 1
- Carla Sofia** Como não consigo ajudar de outra forma, partilhei 😊
Gosto · Responder · 2 ano(s)
- Joao Luis** Foi vc que ficou mais rica,ou seja,foi ele que a ajudou e não o contrário. Parabéns.
Gosto · Responder · 2 ano(s) 8
- Jose Filipe** Obrigado pela ajuda que deu e pela partilha, muito obrigado!
Gosto · Responder · 2 ano(s) 1
- Leonor Duarte Pereira** Que opção de vida tão rara e tão interessante!!...
Gosto · Responder · 2 ano(s) 2
- Astrid Liane Dias** Uau!
Gosto · Responder · 2 ano(s)
- Aurelio Silva Carvalho** Não se esqueçam que o homem começou assim(nómada).É nestas pequenas(GRANDES) coisas que se vê o carater do HOMEM
Gosto · Responder · 2 ano(s) 4
- Anabela Andrade** Se o vir sem dúvida que ajudou! Grande e nobre atitude a sua! E bom saber que ainda ha boas pessoas.
Gosto · Responder · 2 ano(s) 2
- Catarina Pardal** Mesmo que fosse um mendigo, era um ser humano e não se nega água e comida a ninguém. Partilhado
Gosto · Responder · 2 ano(s) · Editado 6
- Lourdes Pitorro** Sempre que a baixa pombalina encontro mendigos com ou sem cães, nunca dou dinheiro, entro numa pastelaria e compro uma sandes, mas vejo muita gente que olha para com repudio.
Gosto · Responder · 2 ano(s) 1
- Joao Luis** Essas pessoas que olham com repúdio são mais pobres e INFELIZES do que o mendigo.
Gosto · Responder · 2 ano(s) 5

- Maria Pechirra Oliveira** essas pessoas não tem alma e um coração de pedra
Gosto · Responder · 2 ano(s) 1
- Escreve uma resposta... 😊 📷 GIF 🗨️
- Ana Rosa** Grande coragem! Grande atitude! Partilhado!
Gosto · Responder · 2 ano(s) 1
- Sónia Esteves** São atitudes como estas que nos marcam a nós humanos pela diferença.
Gosto · Responder · 2 ano(s) 4
- Maria Saúde** Partilhado...
Gosto · Responder · 2 ano(s)
- Nascimento Maria** Li com atenção e acho muito bem que não se negue a água e alimentos a estes dois seres que viajam pelo mundo e é assim que se conhece o ser Umano e as Boas e más atitudes de cada país por isso pesso a todos os portugueses que possam ajudar ajudem o Teu e o kico
Gosto · Responder · 2 ano(s) 3
- Fernanda Alves** Bonita atitude a sua, um exemplo. Vou partilhar
Gosto · Responder · 2 ano(s) 2
- Ana Paula Vieira** **Maria Pechirra Oliveira**, a sua partilha pode ajudar e a abrir mentes...se me cruzar com com estes dois seres pela cidade onde vivo-Esposende, a minha ajuda terão com certeza com alimentos e até a pernoitar em minha casa, e as minhas cadellitas iriam gostar de fazer um novo amigo assim como eu...
Gosto · Responder · 2 ano(s) 8
- Dolores Diogo** Partilhado!
Gosto · Responder · 2 ano(s)
- Sandra Gomes** Parabéns pelo seu gesto ... vou partilhar
Gosto · Responder · 2 ano(s)
- Alexandre Pãul** Partilhado 😊 1
Gosto · Responder · 2 ano(s)
- Mimi Vidinha** Gesto muito nobre 2 ...
Gosto · Responder · 2 ano(s)
- Sandra Fialho** Ainda bem que ainda existem pessoas com alma...
Gosto · Responder · 2 ano(s) 2

- Manuela Alves** O gesto muito bonito
-  3
Gosto · Responder · 2 ano(s)
- Eduardo Jose**
-  3
Gosto · Responder · 2 ano(s)
- Helena Oliveira** São atitudes como esta que marcam a diferença! Obrigado! Partilhado
- Gosto · Responder · 2 ano(s) 2
- Cindy Pereira** Partilhado
- Gosto · Responder · 2 ano(s)
- Maria Dulce Silva** Que belo gestoisto é amor !
- Gosto · Responder · 2 ano(s)
- Helena Santos P** Bonito gesto já partilhei pode ser que seja visto ao longo do caminho e mais alguém possa ajudar
- Gosto · Responder · 2 ano(s) 1
- Maria Pechirra Oliveira** é essa a intenção da partilha Helena Santos P..... obrigada
- Gosto · Responder · 2 ano(s) 3
- Lena Catarino**
-  1
Gosto · Responder · 2 ano(s)
- Vera Rodrigues** bonito gesto! ainda há pessoas com bom coração!! bem haja!! vou partilhar também!!!
- Gosto · Responder · 2 ano(s) 1
- 📍 Domingos Teodoro
- 

- Cristina Mascarenhas Graça**
-  2
Gosto · Responder · 2 ano(s)
- Carmen Rosa** É mais interessante colocar no face a comida k comem nos restaurantes para os vizinhos verem.Em casa passam fomeca. SEX 21
- Gosto · Responder · 2 ano(s) 17
- Hermínia Cabaço** Partilhado. TB já fiz o mm em Sintra
- Gosto · Responder · 2 ano(s)
- Valdemar Lamúria** Parabéns. Um acto louvável.
- Gosto · Responder · 2 ano(s) 2
- Gorett Simoes** lindo
- Gosto · Responder · 2 ano(s)
- Margarida Freitas** Bless you!!! 2
- Gosto · Responder · Ver Tradução · 2 ano(s)
- Jose Silveira** Parabéns.
- Gosto · Responder · 2 ano(s)
- Sonia Cunha** Partilhado
- Gosto · Responder · 2 ano(s)
- Edite Vinagre** Fizeste o que me daria imenso prazer fazer também , o que se dá não faz falta a ninguém! E ajudar desinteressadamente um ser humano com necessidades é muito reconfortante! Oxalá vá encontrando pessoas de boa vontade!
- Gosto · Responder · 2 ano(s) 17
- Neuza Joana Mariano** ❤️
- Gosto · Responder · 2 ano(s)
- João Rosa** Maria muitos parabéns! Adorei! Infelizmente há muita gente indiferente, mas também há muita gente Boa! ... Ver mais
- Gosto · Responder · 2 ano(s) · Editado 27
- João Rosa** Aconcelho-vos a ler Bruce Chatwin. Maravilhem-se.

- Estrela Soares** Partilhado! 1
- Gosto · Responder · 2 ano(s)
- Ricardo Miguel** Felizmente ainda há boas pessoas num mundo tão egoísta e podre.
- Gosto · Responder · 2 ano(s) 8
- Luis Alves** Parabéns e partilhei tambem ! 1
- Gosto · Responder · 2 ano(s)
- Nelson Sousa Nobre** 😊 1
- Gosto · Responder · 2 ano(s)
- Hazina Martinez** coitado do cao,la anda aturar o louco do homem
- Gosto · Responder · 2 ano(s) 4
- Luisa Pinto** coitado do cão ???... o louco do homem ???.... loucos somos nós "agarradinhos"
- Gosto · Responder · 2 ano(s) 19
- Luisa Pinto** coitado do cão ???... o louco do homem ???.... loucos somos nós "agarradinhos"
- Gosto · Responder · 2 ano(s) 19
- ↳ Ver mais respostas
- Escreve uma resposta... 🗨️ 📷 📄 🗑️
- Manuela Alves**
-  2
Gosto · Responder · 2 ano(s)
- Maria Joao Santos Santos**
-  2
Gosto · Responder · 2 ano(s)
- Marta Teles** És uma querida vizinha 😊👉👈 2
- Gosto · Responder · 2 ano(s)
- Graça Olival** Partilhado. lindo ...
- Gosto · Responder · 2 ano(s)

- Rute Paulino** Partilhado 😊😊👍 1
Gosto · Responder · 2 ano(s)
- Leonor Rita** Maria Pechirra Oliveira, muitos parabéns pelo gesto solidário e pelo emocionante texto! Está partilhado! Bem-haja!
Gosto · Responder · 2 ano(s) 9
- Teresa Fernandes** Parabéns pelo gesto e atitude. Viu de seguida partilhar. O meu bem haja para si.
Gosto · Responder · 2 ano(s) 4
- Ana Capinha** É uma pena que se estejam a perder certos valores. Enfim é a sociedade de hoje.
Gosto · Responder · 2 ano(s) 4
- Isabel Cassiano** Obrigada pela a partilha... partilhei também
Gosto · Responder · 2 ano(s) 1
- Dina Gusmao** Partilhado na minha pág. em versão menor mas com créditos para todos... Abraço e Bem haja quem pare e escute e facilite!
Gosto · Responder · 2 ano(s) · Editado 3
- Maria Pechirra Oliveira** Só um apontamento acho que ele não deixou o emprego fiquei a perceber que se reformou. Mas sobre isso a conversa foi curta e não fiquei com 100por cento certeza.
Gosto · Responder · 2 ano(s) 2
- Escreve uma resposta...
- Fernanda Marialva** Muito obrigada pelo seu gesto, se todos fossem assim o mundo seria bem melhor, que Deus ajude a quem bem faz,
Gosto · Responder · 2 ano(s) 5
- Eva Mó Gonçalves** Parabéns Maria! Pela atitude tão nobre. São essas que fazem a triagem entre pessoas normais e as extraordinárias e humanas. Atitudes como a da Maria fazem com que ainda tenhamos fé e esperança na humanidade.
Gosto · Responder · 2 ano(s) 6
- Tucha Campos** Partilhado. 👍 2
Gosto · Responder · 2 ano(s)
- Ana Alves** Partilhado e obrigada
Gosto · Responder · 2 ano(s)
- Helder Cruz** Um gesto muito Louvável, partilhado
Gosto · Responder · 2 ano(s) 1

- Maria Paz** Já está. 👍 3
Gosto · Responder · 2 ano(s)
- Paulaccampos Fastagio** Partilhei. Bons companheiros de viagem e de Vida!
Gosto · Responder · 2 ano(s) 3
- Claudia Ferro** Vale o seu objetivo sincero e digno.. Simples 😊 1
Gosto · Responder · 2 ano(s)
- Helena Del-Negro Correia** Parabens 👍 1
Gosto · Responder · 1 ano(s) · Editado
- Dilia Monteiro** Partilhado. Parabéns! 👍 2
Gosto · Responder · 2 ano(s)
- Ana Paula Cartaxo** Partilhado e parabéns pelo lindo gesto
Gosto · Responder · 2 ano(s) 2
- Claudia Bomfim** Partilhado. Parabéns!
Gosto · Responder · 2 ano(s)
- Fernanda Neto** Parabéns pelo gesto e também partilhei bem haja
Gosto · Responder · 2 ano(s) 4
- Elisa Branco** Gostei do gesto e do texto. Fiz a partilha.
Gosto · Responder · 2 ano(s) 3
- Helena Almeida** José Robalo divulga por aí sff 😊 1
Gosto · Responder · 2 ano(s)
- Salomé Matos** Seria capaz de fazer o mesmo. Alimentação não se nega a ninguém. Embora seja um risco correr o mundo à conta da ajuda de terceiros, ele lá deve ter o seu motivo. Eu não seria capaz de fazer mas... O que me prendeu a atenção foi ver Ponte de Sor. A minha família é de lá. 😊 5
Gosto · Responder · 2 ano(s)
- Ana Rita Valério** Este Sr já esteve na rotunda de Palmela e fez o mesmo, pediu apenas comida. Água não precisava porque já lhe tinham dado. Fui buscar comida para ele e para o cão ... Passei por ele e não fui capaz de continuar, dei a volta e voltei para trás. Infelizmente passaram tantos carros enquanto conversávamos e realmente nenhum parou 39
Gosto · Responder · 2 ano(s)
- Maria Pechirra Oliveira** Obrigada Ana Rita Valério 😊 2
Gosto · Responder · 2 ano(s)

- Ana Taveira** A sua atitude foi de louvar Maria. Parabéns. Vou partilhar.
Gosto · Responder · 2 ano(s) 4
- Filomena Fonseca Poix** ... Quase ninguém pára ... Parabéns por ser assim!
Gosto · Responder · 2 ano(s) 2
- Silvana Chavancas** Já partilhei e espero que a sua partilha inspire os seres humanos a voltarem a ser isso mesmo humanos 11
Gosto · Responder · 2 ano(s)
- Patricia Castanheira** Teve um ação bonita 😊👍 5
Gosto · Responder · 2 ano(s)
- El Nandini** Admiro o gesto mas as opções de vida de cada trazem as necessárias consequências. Ele tomou uma e viverá da misericórdia alheia. É bonito mas não dou para esse pedtório. beijos
Gosto · Responder · 2 ano(s) 14
- Manuel Pinto** Cada um faz o que a sua consciência decide. Só de pensar nos milhares de Km que já fez e vai fazer, não é para todos... 3
Gosto · Responder · 1 ano(s)
- Escreve uma resposta...
- Lou Sericaia Lou** Subscrevo quase na totalidade o comentário atrás de El Nandini. Há uns anos, também se me deparou idêntica situação perto do Estádio do Jamor... Indiquei a Junta de Freguesia mais próxima, pois procurava um Albergue para pernoitar - trazia um tipo de mapa com várias informações. Tirei foto e acabou entrevistado para um jornal ... 11
Gosto · Responder · 1 ano(s) · Editado
- Elisabete Antunes** Bem haja!! 👍 4
Gosto · Responder · 2 ano(s)
- António Borges** Obrigado pela seu gesto. É louvável. Bem haja
Gosto · Responder · 2 ano(s) 7
- Julieta Martins Martins** Já partilhei. 👍 2
Gosto · Responder · 2 ano(s)
- Estrela Soares** Também já serve para oferecer!!!! empréstimos. 1
Gosto · Responder · 2 ano(s)
- Ana Bela Blanco** Parabéns pela atitude, vou partilhar

- Antonietta Nunes** O seu gesto foi muito bonito, pena que não hajam mais, para muitos e para os seus fieis amigos! Que Deus a abençoe.  8
Gosto · Responder · 2 ano(s)
- Irene Portugal** Partilhado  3
Gosto · Responder · 2 ano(s)
- Gina Andraz** Se passar pelo Algarve, o povo aqui é muito hospitaleiros!  11
Gosto · Responder · 2 ano(s)
- Ana Roseta da Cunha** Partilhado 😊👍👍  3
Gosto · Responder · 2 ano(s)
- João Simões** Completamente de acordo com a atitude, só não entendi a razão da viagem/destino. Mas tudo bem, comida e água nunca se negam, antes pelo contrário. E o motivo há -de ser nobre.  12
Gosto · Responder · 1 ano(s)
- Fatima Lopes** será que o cãozito também era alérgico às bolachas que lhe ofereceu ?tive de acrescentar ao comentário, para acalmar os animos: eu sempre tive cães que comiam o mesmo que eu comia, todos duraram até aos 17 e 18 anos de vida. Não tinham queda de pelo ne... [Ver mais](#)  12
Gosto · Responder · 1 ano(s) · Editado
- Emília Joaquim** Acha que o cão necessita desse tipo de comer?  5
Gosto · Responder · 1 ano(s)
- Cátia Pinto D.** Fatima Lopes animal nenhum deve ingerir açúcar são mega propensos a diabetes é regra básica para quem tem animais.  4
Gosto · Responder · 1 ano(s)
- [Ver mais respostas](#)
- Escreve uma resposta...   
- Emília Joaquim** Que Deus o ajude na sua caminhada  7
Gosto · Responder · 1 ano(s)
- Emilia Carrilho** Obrigado querida senhora pelo bem ke fez...eu também sou assim.. não consigo ser indiferente a estas situações... Bem haja gente boa.. bjs.  5
Gosto · Responder · 1 ano(s)

- Anabela Coelho** Gostei do que o li, até ao fim. Resta-me pensar, que apesar de tudo, ainda há quem ajude e quem acredite!... Ainda há seres HUMANOS! Que Deus ponha no caminho desse senhor, mais ao seu amigo fiel, tudo o que precisarem para levarem a bom porto a sua "aventura".....  9
Gosto · Responder · 1 ano(s)
- Mónica Cunha** Olá **Maria Pechirra Oliveira**, cheguei ontem da praia de Mação e vim agora colocar algumas fotos quando vejo esta foto que me despertou a atenção. Chamei o meu marido e perguntei-lhe: "Este não é o senhor que vimos na praia do Alamal (dia 29) e a caminh... [Ver mais](#)  20
Gosto · Responder · 1 ano(s)
- Maria Pechirra Oliveira** Olá Mónica obrigada pela sua partilha e por dar notícias do Téo. Ele do me disse que os de Ponte de dor para gavião e depois no sentido norte. Não sei mais 😊  3
Gosto · Responder · 1 ano(s)
- Mónica Cunha** Ok, obrigada 😊 Daqui a uns dias vou para goís pode ser que o encontre  4
Gosto · Responder · 1 ano(s)
- Escreve uma resposta...   
- Guida Amorim** Oxalá sempre o ajudem  3
Gosto · Responder · 1 ano(s)
- Maria Isabel** Obrigada pelo o seu jesto vou partilhar  1
Gosto · Responder · 1 ano(s)
- Teresa Costa** Bonito gesto sem dúvida. ...Ainda existem pessoas com o coração enorme. Vou partilhar. .bjs 😊  3
Gosto · Responder · 1 ano(s)
- Aida Marques Grades** Acho que encontrei estes personagens há cerca de dois meses em Almeirim. Estavam num jardim público, a descansar, e começaram a caminhar, sem dizer palavra.  5
Gosto · Responder · 1 ano(s)
- Vera Gonçalves** Encontrei no sábado passado em Tomar. Aceita Pão agua, atum, mas não levem fruta, pois não pode comer.  7
Gosto · Responder · 1 ano(s)
- Maria Pechirra Oliveira** Obrigada. 😊  1
Gosto · Responder · 1 ano(s)

- Rosália Barata** Boa atitude e continue assim porque quem dá mais recebe. Beijinho e vou partilhar  6
Gosto · Responder · 1 ano(s)
- Gracinda Alves** Encontrei ontem pela Sertã o Teo e o Kiko. Estão bem e graças à partilha pelo facebook têm sido ajudados por quem fica sensibilizado e tem bom coração. Disse que pretendia seguir em direção a Pedrógão Grande. Quem o avistar pode sempre parar e abordá-lo contribuir com o que possa e ajudá-lo nesta caminhada pelo mundo. 😊  53
Gosto · Responder · 1 ano(s)
- Maria Pechirra Oliveira** Obrigada Gracinda. O Teo ficou a saber da "campanha" para o ajudar??  3
Gosto · Responder · 1 ano(s) · Editado
- Gracinda Alves** Olá Maria. Disse-lhe que tinha sido publicada uma foto dele e do cão no Facebook dando a conhecer a sua história. Conversamos um pouco, de fato a sua vida não tem sido fácil mas foi uma opção de vida. Diz que é feliz assim 😊 admiro a sua coragem. Obrigado por ter tornado pública a história tenho a certeza que ajudou e encorajou à solidariedade.  3
Gosto · Responder · 1 ano(s) · Editado
- [Ver mais respostas](#)
- Escreve uma resposta...   
- Isaura Maria Silva** Subscrevo inteiramente, eu também não consigo ficar indiferente ❤️  6
Gosto · Responder · 1 ano(s)
- Guida Amorim** De novo ,??, ainda bem qye sempre existe alguém que ajuda .  3
Gosto · Responder · 1 ano(s)
- Guida Amorim** Deem notícias sempre  1
Gosto · Responder · 1 ano(s)

Guida Amorim Opção de vida difícil tem este senhor de privação.ajudem o sr .ob  4
Gosto · Responder · 1 ano(s)

Antonieta Pires Penso que temos de viver com as consequências das nossas opções... E este senhor fez esta opção...  4
Gosto · Responder · 1 ano(s)

Guida Amorim Nem todos teem sorte.Antonieta Pires
Gosto · Responder · 1 ano(s)

[Ver mais respostas](#)

Escreve uma resposta...    

Estrela Soares Outra vez, a oferecerem empréstimos, neste sitio! Empréstimos,pedem-se ,aos organismos competentes,.  3
Gosto · Responder · 1 ano(s)


Vasco Pimenta Curioso, encontrei esta dupla em Évora e a consciência também me fez regressar ao Hiper Mercado. Senhor muito simpático. Boa viagem...  5
Gosto · Responder · 1 ano(s)

Maria Pechirra Oliveira Obrigada. 😊  1
Gosto · Responder · 1 ano(s)

Escreve uma resposta...    

Maria Silva 
Gosto · Responder · 1 ano(s)


Guida Amorim 
Gosto · Responder · 1 ano(s)

Anabela Filipe Gratidão 😊  1
Gosto · Responder · 1 ano(s)


Guida Amorim Gratidão  1
Gosto · Responder · 1 ano(s)


Guida Amorim B tarde
Gosto · Responder · 1 ano(s)

Inês Santos Ana Aguiar Fonseca  1
Gosto · Responder · 1 ano(s)





Joao Mendes São pessoas assim que vale a pena. Um grande bem haja.  2
Gosto · Responder · 1 ano(s)


Ana Moura **Quelhas** Perdoem-me as palavras , li o texto e alguns comentários (não consegui ler todos confesso) , tentei passar ao lado e não comentar , mas não posso ! Como é que toda a gente se sente comovida e predisposta a ajudar uma pessoa que não trabalhar porque não quer e decidiu viajar ??? Por acaso estará esquecido aqueles que por falta de opções ficam sem casa , sem comida , sem vida ? Que querem trabalhar mas não podem ? Quem me conhece sabe que sou a primeira a disponibilizar quando é necessário e ajudar mediante as minhas possibilidades , não contribuo para nenhuma instituição porque acredito mais em dar directamente a quem precisa que a intermediários . Dou a este senhor todo o valor por se ter aventurado por esse mundo fora , por ir e porque também acredito que a vida é muito mais que casa trabalho e vice-versa . Mas não me peçam para ajudar quem decidiu tirar umas férias infinitas " á custa de outrem " ! É a minha opinião que vale tanto como todas as outras , não pretendo com isto insultar ninguém ... mas penso " o que se passa com o MUNDO ? "


Lou Sericaia **Lou** Nem mais ! 🇧🇷 E o Haiti nem teve direito a 'Je suis'...  2
Gosto · Responder · 1 ano(s)


Antonieta Pires É exatamente isso que eu disse num comentário anterior.... cada um tem que viver com as suas opções e arcar com as responsabilidades  8
Gosto · Responder · 1 ano(s)

[Ver mais respostas](#)


Escreve uma resposta...    


Rita Aleluia É a ESCOLHA do viajante e a ESCOLHA da Maria. Conheço viajantes solidários que vão fazendo trabalhos temporários para prosseguirem a sua jornada. Como em tudo na vida, são escolhas 😊  7
Gosto · Responder · 1 ano(s)

Maria Pechirra Oliveira Eu fiquei com a minha consciência tranquila e feliz... e costumo ajudar as outras pessoas, não só por serem ou não viajantes.  16
Gosto · Responder · 1 ano(s)

Patricia Alves Nem mais. Parabéns A ajuda é a nossa boa intenção sem esperar nada em troca. Parabéns  1
Gosto · Responder · 52 sem

Carla Simas Que linda Historia !  4
Gosto · Responder · 1 ano(s)

Guida Amorim Não e história ! E real  2
Gosto · Responder · 1 ano(s)

Guida Amorim Achar lindo não seinão seicada um sabe de si .Deus sabe de todos  1
Gosto · Responder · 5 sem

Escreve uma resposta... 

Guida Amorim  1
Gosto · Responder · 1 ano(s)


Guida Amorim Quem sabe ! Se e esta bem ???
Gosto · Responder · 1 ano(s)

Guida Amorim Eu viajo aqui no facebook .senão já tinha endoidecido !!  1
Gosto · Responder · 1 ano(s)

Guida Amorim Ha cada vida ! Mas se calhar esta feliz !  1
Gosto · Responder · 1 ano(s)


Guida Amorim Ola Maria Pechirra Oliveira  1
Gosto · Responder · 1 ano(s)

Dina Gusmao Tb partilhei... há um ano... segundo me recorda o FBI!  2
Gosto · Responder · 1 ano(s) · Editado


Dina Gusmao Daniel? Acho q deu ao meu comentário conotação negativa q ele nunca teve. Limitava-me a informar q a dupla resiste-entre-nós há pelo menos um ano... Prova viva de q o essencial é coisa pouca, quase nada!#  2
Gosto · Responder · 51 sem · Editado

Escreve uma resposta... 


João Rosa Onde irá o Sr a esta hora? 😊
Gosto · Responder · 1 ano(s)

Maria Pechirra Oliveira Infelizmente perdi o rasto 😞  3
Gosto · Responder · 1 ano(s)

Guida Amorim Ha dias dei aqui a um homem é um cão comida onde moro
Gosto · Responder · 5 sem

Helder Reis O importante é ajudar, seja quem for e anonimo.  1
Gosto · Responder · 5 sem

Guida Amorim Mas a senhora escreveu achei bem ! Que era para outros ajudarem se os vissem
Gosto · Responder · 5 sem

Escreve uma resposta... 

Guida Amorim Há gente boa ainda temos acreditar !
Gosto · Responder · 5 sem

038 CAT: I (UNIDADE COM RELEVÂNCIA ESPECÍFICA PARA A ANÁLISE)

Filomena Castanheira partilhou um vídeo.
28 de Julho às 13:23



Adventures in Nepal
FACEBOOK WATCH

4 810 732 visualizações

Nature Videos
27 de Julho às 23:08

Aventuras no Nepal! 😊
Ver Original · Classifica esta tradução

519 reações · 25 comentários · 86 partilhas

Gosto · Comentar · Partilhar

Maria Augusta Guerreiro Com um ar tão feliz estas crianças e com tão pouco.
Gosto · Responder · 1 dia(s)

Francisca Lampreia Não é preciso muito para ser feliz.
Gosto · Responder · 1 dia(s)

Maria Isabel Moutinho Com tão pouco e felizes 😊😊😊
Gosto · Responder · 1 dia(s)

Antonieta Pires Já lá estive e adorei...
Gosto · Responder · 1 dia(s)

Brand Ini Olá Antonieta fez trekking por lá? que recomenda? já agora fez o seguro recomendado com resgate de helicóptero incluído? Se sim, que companhia usou? Obrigada
Gosto · Responder · 4 h

Escreve uma resposta...

Luiza Mallet Gostaria muito de conhecer.
Gosto · Responder · 1 dia(s)

Hernâni Simões Pinho Vale a pena conhecer!!!
Gosto · Responder · 1 dia(s)

Natércia Pires É verdade um povo com tão pouco mas sempre felizes
Gosto · Responder · 1 dia(s)

Neide Oliveira Deve ser um lugar mágico!!!
Gosto · Responder · 1 dia(s)

Antonia Pedrosa e' mesmo, relaxante, e as pessoas são todas tão simpáticas
Gosto · Responder · 1 dia(s)

Escreve uma resposta...

Antonia Pedrosa gostei tanto do Nepal que fui duas vezes.
Gosto · Responder · 1 dia(s)

Brand Ini Olá Antonia Pedrosa, fez trekking por lá? que recomenda? já agora fez o seguro recomendado com resgate de helicóptero incluído? Se sim, que companhia usou? Obrigada
Gosto · Responder · 15 h

Escreve uma resposta...

Marta Pinto Brand Ini
Gosto · Responder · 1 dia(s)

Marta Valente Lindo! Gente simples com alma pura e muito para dar! Lição de vida! Vontade de regressar!
Gosto · Responder · 1 dia(s)

Lurdes Malafaia Santos Gente que sabe sorrir e aproveitar da vida sem precisar de internet
Gosto · Responder · 1 dia(s)

Fátima Pinheiro Gostava muito de conhecer!
Gosto · Responder · 1 dia(s)

Catarina Malveiro Nepal é isto e muito mais. Uma lição de vida. Uma experiência riquíssima. Uma viagem sem dúvida a repetir...
Gosto · Responder · 1 dia(s)

Maria Ferreira Como adoraria conhecer este fantástico País, pela cultura das pessoas e, sua beleza arquitetónica, deve ser fabuloso
Gosto · Responder · 1 dia(s)

Maria Elisa Gonçalves Foi dos sítios que mais me tocaram! Andei a maior parte do tempo muito emocionada! Quero voltar lá!
Gosto · Responder · 23 h

Sandra Fontes Uma das minhas viagens de sonho!
Gosto · Responder · 23 h

Fátima Costa Adorava conhecer...
Gosto · Responder · 22 h

Ruth Malaquias Mauro Marques
Gosto · Responder · 16 h

Mariana Pires Maria Helena Pires, las gostar!
Gosto · Responder · 11 h

Catarina Malveiro Se alguém pensar ir ao Nepal, aconselho a marcar os programas pelo Himalayan Social Journey. A minha experiência foi ótima. Muito bem organizados, staff impecável e sempre disponíveis para resolver todos os assuntos na hora. Para além de que o preço é bastante acessível se reservar-mos directamente com eles, e parte dos lucros revertem a favor da comunidade local. <https://www.hsj.com.np/>



Himalayan Social Journey Trekking operates Tour and Treks - Nepal, Tibet, Bhutan, Sikkim and Siberia, peak climbing whitewater rafting kayaking wildlife safari tour trekking information Nepal

Gosto · Responder · 4 h · Editado

Miguel Albuquerque Kathmandu está com um filtro daqueles que embelezam. É fantástica mas de mochila às costas a realidade daquela cidade dá-te um murro no estômago... as montanhas são um mundo à parte e ficam lá com um pedaço grande do nosso coração e da nossa alma.
Gosto · Responder · 4 h

074 CAT: I (UNIDADE COM RELEVÂNCIA ESPECÍFICA PARA A ANÁLISE)

Gonçalo Silva
29 de Agosto às 14:28

MENORCA... o que prometia serem umas férias fantásticas e descansadas, revelaram-se um completo pesadelo. Desde a chegada até ao dia de hoje a praia Arenal D'en Castell que tanto o Hotel Club Aguamarina elogia, transformou-se num esgoto a céu aberto, (ao que se sabe já vinha de dias anteriores e inclusivamente já tinha saído a notícia no Jornal de Menorca, mas o hotel nada comunicou aos hóspedes) sendo apenas interditada no dia 28/08/2108, ou seja desde o dia em que cheguei... Ver Mais



👍👎🗨️ 309 148 comentários 27 partilhas

Gosto Comentar Partilhar

Joana Guiomar Incredível...
Gosto · Responder · 2 dia(s)

João Pedro Daniela Oliveira 🤔

Pedro Cunha Aluga um carro e vai visitar, há praias de sonho nessa ilha!
Gosto · Responder · 2 dia(s)

Luísa Silva Isso! Não deixes que isso te afecte. As melhores praias são as que estão escondidas... Já aí estive e vale bem a pena conhecer as outras praias.
Gosto · Responder · 2 dia(s)

Escreve uma resposta...

Ticha Vaz Que pena! Essa praia era maravilhosa. Estive aí há 2 anos e adorámos. Para fazer snorkelling a volta da baía, junto as rochas era fantástico.
Gosto · Responder · 2 dia(s)

Claudia Silva 🙌 Não fiquem por aí!!! Há praias muito melhores q essa!!! Quando aí fui era de prever que isso ia acontecer! Na descida do hotel para a praia era um cheiro a fossa insuportável!!! Ainda bem que não fiquei nesse hotel!
Gosto · Responder · 2 dia(s)

Tatiana Carvalho Quando eu tive estava maravilhoso, nao senro cheiro nenhum e a agua estava limpinha. Ricos banhos...
Gosto · Responder · 2 dia(s)

Claudia Silva 🙌 Tatiana Carvalho amiga, eu só pensei ainda bem que tocou a mim o overbooking! A praia linda sim mas o resto... 😞😞😞
Gosto · Responder · 2 dia(s)

Tatiana Carvalho N gostas te do Aguamarina?
Gosto · Responder · 2 dia(s)

Claudia Silva 🙌 Detestei!! Como fizeram overbooking puseram nos no Sol Falco e deram nos 3 dias de carro e podiamos ir ao Aguamarina quando quiséssemos e usufruir do TI e das instalações... um dia fomos lá dar um mergulho, lanchar e jantar... primeiro estava mesmo mto ... Ver mais
Gosto · Responder · 2 dia(s) · Editado

Tatiana Carvalho Claudia Silva puxa realmente...nem parece o mesmo hotel. Eu gostei de tudo mesmo. Mas se la voltar quero experimentar o Globales Farragut 😊 tb n passo mto tempo no hotel...Adorei Menorca. Saudades 🥰

Claudia Silva 🙌 Tatiana Carvalho estive no Globales Farragut e tem um problema, não tem praia... mas quem foi no nosso avião q ficou lá gostaram!!! Eu não me importo voltar a Bosch que gostei mto!!! Mas Tmb de Porter, San Tomás! Son Bou foi giro mas mta gente! Aiii e ficar na Galdana!! Sem contar com todas as outras que não tem hotéis perto 😊😊😊é que está mesmo quase 96% certo q volto para o ano!
Gosto · Responder · 2 dia(s)

Tatiana Carvalho Sim mas é como te digo...n fico muito tempo no hotel e tenho clientes q disseram q mesmo a praia com pedra em frente ao hotel é maravilhosa e tem la um espaço q ate tem areia...mas eu gosto é de andar de um lado p outro 😊 tb volto...mas vou deixar passar mais um tempinho 😊
Gosto · Responder · 2 dia(s)

Escreve uma resposta...

Daniela Oliveira Carlos Meira, Anabela Páris Freitas 🤔 1
Gosto · Responder · 2 dia(s)

Carlos Meira WTF! O que vimos lá foi isto...

Gosto · Responder · 2 dia(s) · Editado

Escreve uma resposta...

Sara Gomes Jaime Santiago 🤔 1
Gosto · Responder · 2 dia(s)

Jaime Santiago Sara Gomes Estivemos lá a pouco mais de um mês e estava 5* ,estou para a minha vida 😞
Gosto · Responder · 2 dia(s)

Sara Gomes Pois...
Gosto · Responder · 2 dia(s)

Escreve uma resposta...

Mariana Magalhães Xavier Vieira 🙏👤
Gosto · Responder · 2 dia(s)

Filipe M T Moreira Aluga um carro, Menorca tem praias fabulosas... Deixo o link da Rent a Car onde aluguei carro quando aí estive.
<http://www.hiperrentacar.com/es/>

HIPERRENTACAR.COM
Página principal

Gosto · Responder · 2 dia(s) · Editado

Tiago Almeida Situação desagradável, estou na zona de Ciutadella neste momento, aproveitem para conhecer outras zonas, logo pensam na melhor maneira de reclamar! Boas férias!

Gosto · Responder · 2 dia(s)

Alda Santos Menorca é lindo, mas eu não gostei do Arenal. Alugue um carro e vá conhecer a ilha, para mim as praias mais bonitas são no norte. Não desanime e aproveite ao máximo o tempo, pois as férias passam num instante. Boas férias e boas viagens...

Gosto · Responder · 2 dia(s)

Maria Caramelo Incredível o q o homem faz à natureza 😞

Gosto · Responder · 2 dia(s)

Liliana Santos Vim de Menorca na semana passada estive um mês em menorca férias de sonho aqui tão perto um autêntico paraíso.. Fotos maravilhosa águas cristalinas... tudo maravilhoso a 100% Mas claro aluguei carro.

Gosto · Responder · 2 dia(s) · Editado

Daniela Oliveira Estou em choque com a notícia, vamos dia 20 para este hotel , nossa viagem de lua de mel que tanto esperamos e agora isto.. não posso acreditar

Gosto · Responder · 2 dia(s)

Carlos Meira Tem calma. Até lá ainda limpa... 🙄

Rute Neto Tem muitas outras opções e ainda melhores. Alugue um carro ou uma scooter e passeie pela ilha, visitando as outras praias. É magnifica para uma lua-de-mell

Gosto · Responder · 2 dia(s) · Editado

Daniela Oliveira Rute Neto , obrigada 🙏

Gosto · Responder · 2 dia(s)

Isabel Sousa Procurem outras praias! 🙌👌

Gosto · Responder · 2 dia(s)

Rui Marques E fale com o hotel, só para ver a resposta 😊

Gosto · Responder · 2 dia(s)

Alda Santos Daniela Oliveira vá de núcias e seja muito feliz. Menorca é lindo e é muito mais que o Arenal e por isso não vá a essa praia e conheça a ilha toda, que é simplesmente maravilhosa, especialmente o norte: Galdana, Porto Cristo, Alcudia, Polença, Formentor... tudo é lindo. Siga a sugestão da Rute Neto. Boa lua de mel e muitas **FELICIDADES**, quem faz a beleza somos nós...os nossos olhos e o nosso coração... 🙌

Gosto · Responder · 2 dia(s) · Editado

Raquel Duarte 🙌 Alda Santos tem razão quando menciona todos esses sítios maravilhosos, mas são em Maiorca 😊 (excepção para Cala Galdana - Menorca) Concordo inteiramente que quem faz a beleza somos nós! Boas viagens

Gosto · Responder · 2 dia(s)

Alda Santos Raquel Duarte tem razão. Desculpem mas foram viagens seguidas e baralhei... Mas até gostei mais de Menorca do que de Maiorca... boas viagens.

Gosto · Responder · 2 dia(s)

Mara Adrião Daniela Oliveira, vai no voo directo? Olha que o voo passou para 19. Também vou... E para o Aguamarina 😊

Gosto · Responder · 2 dia(s)

Daniela Oliveira Sim vamos do porto, mas ainda não fomos informados de nada.

Gosto · Responder · 2 dia(s)

Mara Adrião Daniela Oliveira esqueça.eu parto de Lisboa. Peco desculpa


Mara Adrião E boa estadia. Falei com o operador hoje e daqui até irmos vai ficar tudo bem. Beijinhos

Gosto · Responder · 2 dia(s)

Daniela Oliveira Mara Adrião , igualmente boa estadia e desejo que até lá tudo mude. Ainda nos encontramos por lá. Beijinhos

Gosto · Responder · 2 dia(s)

Sara Pereira Daniela estou neste momento em Menorca . Não desanime, Menorca é um paraíso . Nós fizemos um passeio de barco para conhecer algumas praias com difíceis acessos . Além disso alugamos carro , a ilha e pequenina , movimenta se muito bem . As praias virgens são lindíssimas . Se for ao norte da ilha também vai ver praia muito bonitas .



Gosto · Responder · 1 dia(s)

Escreve uma resposta...

Carlos Meira <https://menorca.info/.../cierran-banistas-tramo-central...>

MENORCA.INFO
Cierran a los bañistas el tramo central de la playa del Arenal d'en Castell

Gosto · Responder · 2 dia(s)

- Oscar Hilario** Uma situação desagradável e de grave negligência. Mas diz o guia do viajante que são nas adversidades que se encontram as verdadeiras almas de viajante: compre um mapa (se não tiver já idealizado uma rota), alugue um carro ou uma scooter e vá conhecer os encantos recônditos da ilha. Em Maiorca, realizei 850km em 6 dias e foi a melhor opção que tomei uma vez que, em vez de ficar limitado à geometria da piscina do meu hotel, hoje consigo ter uma opinião formada relativamente à ilha...
- Gosto · Responder · 2 dia(s) 7
- ÂngeLa Sarmento** O melhor de Menorca não são as praias de hotel... são precisamente as que nem todos lá chegam.
- Gosto · Responder · 2 dia(s) 5
- Liliana Santos** ÂngeLa Sarmento é mesmo isso. Eu aluguei um barco e fui conhecer praias calas maravilhosas que que nunca tinha visto e que outra forma não era possível. Mas há muita gente que vai de férias e não quer alugar carro. Assim não têm alternativa,, não podem reclamar das fotos REAIS que partilhamos.
- Gosto · Responder · 2 dia(s) · Editado 2
- Cláudia Saraiva Ferreira** Liliana Santos como é que fez para alugar um barco? Se me puder dar alguma info, agradeço, vou para Menorca brevemente...
- Gosto · Responder · 2 dia(s)
- ÂngeLa Sarmento** Cláudia MenorAventura. São impecáveis e não é preciso carta para o barco que alugamos. Eu fiz o mesmo e foi uma experiência única!
- Gosto · Responder · 2 dia(s) 1
- Cláudia Saraiva Ferreira** ÂngeLa Sarmento obrigada, e saiu de onde?
- Gosto · Responder · 2 dia(s)
- ÂngeLa Sarmento** Cláudia Cala Porter. 1
- Gosto · Responder · 2 dia(s)
- Cláudia Saraiva Ferreira** ÂngeLa Sarmento obrigada, estava agora a ver a página no Facebook. O aluguer é à hora, ao dia? E é muito caro? Vamos em família, três filhos, acho que iam adorar...
- Gosto · Responder · 2 dia(s)

- ÂngeLa Sarmento** Cláudia veja no site. Eles têm packs por hora. Nós alugámos 5h por 160€ acho eu, éramos 3 pessoas. Se os miúdos forem pequenos dá para os 5! O barco n é propriamente enorme...
- Gosto · Responder · 2 dia(s) · Editado 1
- Cláudia Saraiva Ferreira** ÂngeLa Sarmento obrigada, é uma excelente sugestão. Os miúdos já não são assim tão pequenos... 11,14 e 19, somos 5 ao todo! Vou estudar melhor a página deles. Obrigada pelas informações.
- Gosto · Responder · 2 dia(s) 1
- Liliana Santos** Cláudia Saraiva Ferreira Alugamos pela empresa Menorca Mar Charter, fale com Joaquim. Equipa excelente, barcos fantásticos... alguma ajuda mais, podemos falar em privado e posso dar-lhe os contactos telefónicos e morada. têm barcos sem carta mas pode tirar lá a carta são 125€. 6 Horas E os barcos em que é preciso carta são um poquinho mais estáveis e andam mais... dá para ver mais Praias num dia. 🙄🙄
- Gosto · Responder · 2 dia(s) · Editado 1
- Cláudia Saraiva Ferreira** Obrigada, Liliana, vou investigar! 1
- Gosto · Responder · 2 dia(s)
- Escreve uma resposta...
- Cindy Pereira** Estive nesse hotel na semana de 1 a 8 de agosto. Amei a praia. Água límpida, uma cor linda e temperatura da mesma como nas caraibas. O hotel deixou muito a desejar. Loiça suja. Passei o tempo a descartar pratos. O buffet é muito fraquinho com muita com... Ver mais
- Gosto · Responder · 2 dia(s) 3
- Anabela Franco** Alugue um carro e conheça outras praias: Cavaleria, Pregonda, Macarela, Turqueta, Callas Coves, Es Callo Blanc, ETC.
- Gosto · Responder · 2 dia(s) 4
- Ilda Pereira** Um grande perigo para a saúde, cuidado!!!!
- Gosto · Responder · 2 dia(s)
- Laura Gonçalves** Maria Carmo Coelho, Patricia Luis e Jorge Gonçalves... felizmente a nossa experiência foi completamente diferente e fantástica
- Gosto · Responder · 2 dia(s) 3

- Fátima Rocha** As melhores praias de Menorca são as mais isoladas, não se deixe ficar pelo Hotel, a ilha é maravilhosa.
- Gosto · Responder · 2 dia(s)
- Iza Martins** O hotel n tem de ter um sitio para reclamar pk a agua da praia esta contaminada. Aconteceu isso em albufeira ha um mes ou menos. Quanto as solucoes o hotel tb nada pode fazer, a menos k a contaminacao fosse na piscina ai teria de dar alternativas (ou nao). Menorca nao é a antartica. Tem muita coisa pa ver, basta entrar num bus ou alugar um carro e ir a praia ao lado.
- Gosto · Responder · 2 dia(s) 1
- Milene Costa** É de lamentar... Mas o melhor seria alugar um carro e ir conhecer outras praias... o que não falta em maiorca são praias maravilhosas...
- Gosto · Responder · 2 dia(s) 1
- Maria Helena** Que horror
- Gosto · Responder · 2 dia(s)
- Andreia Arnauth** Que pena primo, tiveste azar 😞
- Gosto · Responder · 2 dia(s)
- Maria Fernanda Rocha Costa** 🙄 Oxalá possa alugar um carro e sair daí... e claro, reclamar junto da agência e do hotel. Essa não é, de facto, a imagem de Menorca, que conheço tão bem e que prima pela conservação do património e da natureza. Enfim, que possa ultrapassar este incidente e aproveitar as férias.
- Gosto · Responder · 2 dia(s) · Editado 2
- Francisco Crespo** Cara amiga, com tanta praia espetacular, como por exemplo, Es grau, cala in porter, sant tomas etc teve o azar de ir para essa
- Gosto · Responder · 2 dia(s)
- Gloria Ze** Portugal tem praias espetaculares !!!! 2
- Gosto · Responder · 2 dia(s)
- Filipa FSilva** Estive duas vezes aí, águas turqueza e limpas, acredito que tenha sido um acidente que espero que seja resolvido rapidamente. Mas lá está, das duas vezes aluguei carro. Não quero julgar ninguém, obviamente, mas essas ilhas não são de ficar num local só.
- Gosto · Responder · 2 dia(s)

Gloria Ze Exemplo de paraíso 🌴



Gosto · Responder · 2 dia(s)

Paulo Azevedo Andreia Monteiro

Gosto · Responder · 2 dia(s)

Luis Lourenço A única coisa que safava o hotel era mesmo a praia, sendo assim esta complicado, em junho a agua estava espectacular fora as vezes as alforrecas 😊

Gosto · Responder · 2 dia(s)

Raquel Cordeiro para quem está prestes a embarcar é só a pior noticia que se podia ter 🙄🙄🙄

Gosto · Responder · 2 dia(s)

Raquel Cordeiro a praia está interdita atualmente?

Gosto · Responder · 2 dia(s)

Gonçalo Silva Sim está, e sem previsão de reabertura.

Gosto · Responder · 2 dia(s)

Nádia Cepeda Tem imensas praias paradisíacas em menorca. Aliás as melhores praias não são as exclusivas dos hotéis, como já foi dito.

Gosto · Responder · 2 dia(s)

Escreve uma resposta...

Soraia Oriana Joana Ferreira olha

Gosto · Responder · 2 dia(s)

Nuno Cavaleiro Que pena! Estivemos no final de julho e posso afirmar que será das melhores praias para se estar com crianças. As praias do Sul são o paraíso na terra, contudo precisa de carro e andar...



Gosto · Responder · 2 dia(s)

Hugo Silva Exacto

Gosto · Responder · 2 dia(s)

Escreve uma resposta...

Filomena Maia Portugal tem lugares lindos, que muita gente nem conhece. A ideia de que férias e no estrangeiro... Faça férias ca dentro, va a descoberta do nosso pais e maravilhe-se. Nao e por acaso que Portugal esta na moda.

Gosto · Responder · 2 dia(s)

Mizé Gouveia Infelizmente os preços praticados cá não acompanham os nossos orçamentos. Eu com 2 crianças de 4 e 8 anos faço férias bem mais baratas em ilhas espanholas, já com avião, que por cá no nosso país. É a triste realidade que temos

Gosto · Responder · 2 dia(s)

Milena Alves Mas as pessoas tb gostam de conhecer outros lugares só que por vezes é complicado

Gosto · Responder · 2 dia(s)

Ver mais respostas

Escreve uma resposta...

Maria Amélia Veloso por estar na moda fica mais barato lá fora que cá dentro 😊

Gosto · Responder · 2 dia(s)

Filomena Maia Tem razao mas ainda ha lugares mais em conta, de qualquer forma ,concordo que ha locais com preços muito altos.

Gosto · Responder · 2 dia(s)

Luis Lourenço quando fiz a minha reserva era mais barato ir a menorca do que algarve

Gosto · Responder · 2 dia(s)

Maria Amélia Veloso pois... o nosso país está para os de fora... 😊

Gosto · Responder · 2 dia(s)

Escreve uma resposta...

Joana Batista Ivo Condeça

Gosto · Responder · 2 dia(s)

Joana Ferreira Vim de menorca no sabado passado, fiquei precisamente nesse hotel que realmente deixa algo a desejar!!! Mas a praia estava em otimas condicoes...

Gosto · Responder · 2 dia(s)

Joana Ferreira



Gosto · Responder · 2 dia(s)

Rute Marques Essa parte da ilha é a pior, a zona de son bou e toda a costa junto é fantástica!

Gosto · Responder · 2 dia(s)

- Helena Castelo Soares** Toda a gente diz maravilhas de Menorca, mas eu por acaso não gostei nada!
Gosto · Responder · 2 dia(s)
- Maria Irene Soeiro** Estamos no fim de Agosto...pifou! Que lástima.
Gosto · Responder · 2 dia(s)
- Raquel Cordeiro** tive informação da agência q a praia deixou de estar interdita há cerca de 1h
Gosto · Responder · 2 dia(s)
- Gonçalo Silva** Vou confirmar...
Gosto · Responder · 2 dia(s)
- Gonçalo Silva** Realmente a praia já não está interdita, mas desde dia 22/08 já é a 2.ª vez que interditam a praia.
Gosto · Responder · 2 dia(s)
- Escreve uma resposta...
- Rúben Tiago** Então um pesadelo para si é uma praia contaminada? Com dezenas de praias magnificas que essa ilha tem?!
Gosto · Responder · 2 dia(s)
- Rute Marques Exato**
Gosto · Responder · 2 dia(s)
- Maria Irene Soeiro** Pesadelo tende a tornar-se mas é Agosto...
Gosto · Responder · 2 dia(s)
- Raquel Cordeiro** o mais chato é para quem vai com crianças q é o meu caso em q a ideia pouco seria sair do hotel...mas claro q há sempre alternativas! segundo info da minha agência o hotel está a disponibilizar autocarro é lanche gratuitos para a praia mais proxima
Gosto · Responder · 2 dia(s)
- Rute Marques** Raquel Cordeiro fui com duas crianças pela primeira vez uma com 2 anos e outra com 3, repeti dois anos mais tarde e conheço a costa quase toda! Bom a Costa Sul do lado contrário da ilha onde estive 😊 praias lindíssimas e quentes!
Gosto · Responder · 2 dia(s)

Patricia Martins aluguei um carro meti as minhas duas crianças lá dentro, umas sandes, bolachas e aguas e foi isto : sensacional! Outras praias/calas valem bem apenas! Neste caso cala "turqueta"



Gosto · Responder · 2 dia(s)

Cátia Eiras Lindíssima essa praia também tive o prazer de a conhecer 😊
Gosto · Responder · 2 dia(s)

Maria Irene Soeiro Cátia Eiras Das que conheci, ficou a minha favorita!
Gosto · Responder · 2 dia(s)

Cátia Eiras Sim é linda Maria Irene Soeiro 😊
Gosto · Responder · 2 dia(s)

Raquel Cordeiro tudo controlado. a praia não está interdita e é linda
Gosto · Responder · 1 dia(s)

Escreve uma resposta...

Arlindo Almeida Consequências de quase toda a gente querer ir de férias ao mesmo tempo (Agosto). Porque não repartem ?
Gosto · Responder · 2 dia(s)

Teresa Lopes Infelizmente mta gente nao tem escolha...e tem mesmo de ir em Agosto, para mim é o pior mês...mas mta gente tem de se sujeitar a esta altura....
Gosto · Responder · 2 dia(s)

Mário Costa Este ano enquanto estava de férias em Espanha vi uma reportagem em que falavam da falta de capacidade de tratarem as águas residuais na época alta em Menorca e Maiorca
Gosto · Responder · 2 dia(s)

Teresa Luisa Que nojo! É preciso ter azar 😞😞😞
Gosto · Responder · 2 dia(s)

Ana Saraiva Lamentável!
Gosto · Responder · 2 dia(s)

Sandra Romão
Gosto · Responder · 2 dia(s)

Benedita Correia Qdo aí estive em Menorca, nunca me deparei com essa situação, aluguei carro e corri toda a ilha e várias praias sempre água fantástica super transparente com uma temperatura excelente. Estou abismada!!!
Gosto · Responder · 2 dia(s)

Cláudia Cabaça Também eu e tive lá em Julho
Gosto · Responder · 2 dia(s)

Benedita Correia Cláudia Cabaça eu estive em 2006, nestes 12 anos podia ter mudado muita coisa
Gosto · Responder · 2 dia(s)

Escreve uma resposta...

Helena Vaz Duarte Estive em Menorca em agosto passado e felizmente nada disso aconteceu. Visite as outras calas.
Gosto · Responder · 2 dia(s)

Jennifer Diana Di Rosa Elisa Di Rosa 😊
Gosto · Responder · 2 dia(s)

Patricia Martins Realmente foi falta de sensibilidade do hotel em não avisar... já estive duas nesse mesmo hotel e tudo correu bem. A água estava como se pode ver. Foi um infortúnio. Menorca tem sítios lindíssimos e praias ainda mais bonitas que esta.



Gosto · Responder · 2 dia(s) · Editado



3

Cátia Rodrigues Ricardo Teixeira

Gosto · Responder · 2 dia(s)

Lu Monteiro Em breve será pelo mundo inteiro. 🙄🙄🙄

Gosto · Responder · 2 dia(s)

Teresa Ribeiro da Silvaxiça!.....

Gosto · Responder · 2 dia(s)

Joao Silva Realmente. Que falta de respeito e de responsabilidade pelos Residentes e Turistas. Francamente. Um atentado contra a Saúde Público e o Governo de Espanha é responsável.

Gosto · Responder · 2 dia(s)

Maria Cecilia Pereira Estive lá há 2 anos e gostei imenso da praia e do hotel...o Aguamarina! Não faço ideia o que poderá ter acontecido para esta contaminação toda!

Gosto · Responder · 2 dia(s)



1

Carla Martinho Estive no início do mes e foi a agua mais limpida que encontramos na ilha. Realmente foi azar. Se ainda ficar mais tempo aproveite para ir explorar as outras praias.

Gosto · Responder · 2 dia(s)

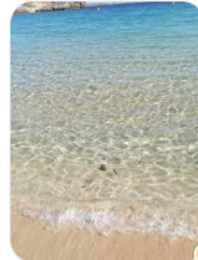
Paulo Alexandre Vitoriano Santos 🙄 Que mierda

Gosto · Responder · Ver Tradução · 2 dia(s)

Domingos Leite Fotos das minhas férias nessa praia e nesse hotel em finais de Junho de 2018



Domingos Leite



Gosto · Responder · 2 dia(s)



1

Escreve uma resposta...

Amália Rosa Quando lá estive fui de Ferry, pagava-se uma dita taxa de proteção da biosfera.

Gosto · Responder · 2 dia(s)

Eunice Marques Anabela Gonçalves 🙄

Gosto · Responder · 2 dia(s)

Inês de Sousa Nuno Nunes 🙄

Gosto · Responder · 2 dia(s)

Sónia Pinheiro Não podem dizer mal de Menorca por causa deste acidente. Menorca tem praias lindíssimas, paradisíacas. É preciso é sair das zonas urbanas, turísticas. Eu palmilhei a ilha e acordei bem cedo para conhecer a nata menorquina em questão de callas. Fui lá o ano passado, pondero voltar este ano 😊.

Gosto · Responder · 2 dia(s) · Editado



9

Gonçalo Silva Eu não digo mal de Menorca, digo sim da atitude do hotel e da praia em questão. Tb já percorri a ilha toda, é claro que tem praias lindíssimas que tb já frequentei, mas quando fazem propaganda a uma coisa, omitem a contaminação de uma praia e tentam fazer os portugueses de parvos tb é preciso dizê-lo.

Gosto · Responder · 2 dia(s) · Editado



2

Sónia Pinheiro Sim, isso tem razão!! Deviam informar e sobretudo as entidades deviam interditar a praia, como cá se faz.

Gosto · Responder · 2 dia(s) · Editado



1

Fernando Antunes O Algarve é que é mau 🙄

Gosto · Responder · 2 dia(s)

Claudia Silva 🙄 O mal do Algarve são os preços; e também as contaminações que lá vão aparecendo

Gosto · Responder · 2 dia(s)



1

Fernando Antunes Claudia Silva quais contaminações.

Gosto · Responder · 2 dia(s)

Ver mais respostas

Escreve uma resposta...



1

Maria Amélia Veloso O Algarve é m-a-r-a-v-i-lh-o-s-o ... os preços é que são assustadores comparados com outros destinos!

Gosto · Responder · 2 dia(s) · Editado



7

Alexandra Silva Pois acontece tive lá em finais julho e um paraíso teve azar mesmo 😊

Gosto · Responder · 2 dia(s)

Pollianna Machado 🙄 Andréia Peçanha Bacon le isso

Gosto · Responder · 2 dia(s)

Teresa Capela Quero ir no fim de Setembro com duas crianças bem pequenas. Quem me indica um hotel mesmo em cima da praia pq não podemos andar Muito? Já fiquei num que tinha que andar 15 minutos a pé e agora não vai dar. Muito obrigada.

Gosto · Responder · 2 dia(s)

Rute Marques Milanos pinguins 🙄

Gosto · Responder · 2 dia(s)

Rute Marques Sou sincera fiquei no primeiro ano que fui não é nada de especial, excelente são as casas com piscina e ficam bem em conta para dois casais 😊

Gosto · Responder · 2 dia(s)



1

Ana Raquel Mauricio Rute Marques casa com piscina? Onde? Em qual?

Gosto · Responder · 2 dia(s)

João Ferreira Globales Almirante Farragut

Gosto · Responder · Ver Tradução · 2 dia(s)

Gosto · Responder · Ver tradução · 2 dia(s)

Rute Marques Ana Raquel Maurício pode procurar no boking dá uma média de 700€ a cada casal por 15 dias! Pode procurar Villas Menorca Sur!

Gosto · Responder · 2 dia(s)

Andre Costa Hotel Melia ou Hotel Villas D'Aljandar em Cala Galdana

Gosto · Responder · 2 dia(s)

Ana Raquel Maurício Rute Marques e João Ferreira, obg!

Gosto · Responder · 2 dia(s)

Escreve uma resposta...

Jorge Vaz Pois, mas ir para Menorca ou qualquer outro destino de praia, principalmente na Europa, para ficar num hotel????!!!!!!..... Deixe -se ficar por Portugal... temos dos melhores resorts. Menorca é lindíssima, alugue um carro e vá à descoberta, vai encontrar lugares maravilhosos, limpos e selvagens. Sair da "caixa" é mais importante que sair do país!

Gosto · Responder · 2 dia(s)

Alexandra Silva Sem dúvida concordo perfeitamente digo sempre isso vão férias não saem do hotel depois dizem que conhecem 🙄

Gosto · Responder · 2 dia(s) · Editado

Alexandra Silva Este ano foi o segundo ano e cada vez adoro mais 😊😊

Gosto · Responder · 2 dia(s)

Ver mais respostas

Escreve uma resposta...

Genoveva Figueira 🙌 Estive em Menorca, este verão, no início de agosto e regresssei encantada com a pureza das águas cristalinas. Você teve pouca sorte. Adorei a ilha e tenciono voltar no próximo verão, pode crer.

Gosto · Responder · 2 dia(s) · Editado

Marina Magalhães Catarina Vieira

Gosto · Responder · 2 dia(s)

João Sousa Maria Formigo

Gosto · Responder · 2 dia(s)

Maria Miranda Estive nesse hotel em finais de Julho.. Felizmente correu tudo bem, nem tinha noção que isso pudesse acontecer.. 😞

Gosto · Responder · 2 dia(s)

Cristina Vilela Teve mesmo azar, estive aí e era um paraíso 🙄

Gosto · Responder · 2 dia(s)

Célia Silva Estive aí no fim de junho principio de julho com a minha filha de 22 meses uma sobrinha de 15 anos primeiro foi a minha filha com vômitos tive q ir com ela para hospital passado dois dias foi a minha sobrinha e eu que estivemos internadas a soro e medicamento para parar os vomitos O hotel já estava um caos com tanta gente doente nós desconfiavamos das piscinas mas eles nunca deram nenhuma explicação 🙄

Gosto · Responder · 2 dia(s)

Arlindo Almeida Cuidado com o turismo barato. Tudo tem que ser bem avaliado! Senão arriscamo-nos !

Gosto · Responder · 2 dia(s)


Célia Silva Sr Arlindo Almeida não fica assim tão barato o TI é uma treta eu escolhi Menorca por ter uma bebé e achei que era seguro dei me mal

Gosto · Responder · 2 dia(s)

Ver mais respostas

Escreve uma resposta...

Célia Silva



Gosto · Responder · 2 dia(s)

Tânia Soares Ana Filipa Fernandes

Gosto · Responder · 2 dia(s)

Cristina Vilela Carla Barry 🙌 Bárbara Ferreira Passos olhem o nosso paraíso 🙄

Gosto · Responder · 2 dia(s)

Maria Noronha Costa Obrigada pela partilha .

Gosto · Responder · 2 dia(s)

Rita Carvalho Que chato, Gonçalo! Deviam ter interdito logo a praia!

Gosto · Responder · 2 dia(s)

Gonçalo Silva Verdade, mas o mais grave é que o hotel saber das más condições da água e nem um aviso no hotel existe, já vai para duas semanas.

Gosto · Responder · 2 dia(s)


Rita Carvalho Pois, com crianças hospedadas e tudo! Faça reclamação.

Gosto · Responder · 2 dia(s)

Ver mais respostas

Escreve uma resposta...

Tatiana Carvalho Em Junho 2018



Gosto · Responder · 2 dia(s)

José Silva Mota Geres fica barato e agua sempre limpa, costa alentejana agua sempre ótima, portugal é um ótimo pais para ferias

Gosto · Responder · 2 dia(s)

Helena Isabel Oliveira Claro que é! Mas se uma pessoa gostaria de conhecer um pouco do Mundo, tem que ir passeando ;)ah outra coisa... não há água a quase 30 graus em Portugal.

Gosto · Responder · 2 dia(s)

Rita Carvalho Sim, José, mas a água em Portugal é gelada...e não podemos ficar só em Portugal, não é? É interessante conhecer outras coisas.

Gosto · Responder · 2 dia(s)

Helena Isabel Oliveira Rita Carvalho evoluímos e crescemos muito como pessoas, passeando pelo mundo 🤗
Gosto · Responder · 2 dia(s)

Rita Carvalho Claro que sim!
Gosto · Responder · 2 dia(s)

José Silva Mota Rita Carvalho claro rita concordo cntg ja fui para mtos sítios lindíssimos mas chego a conclusão que temos um país fantástico e as vezes pagar rios de dinheiro para ir para uma ilha e só desfrutar da piscina estar sempre no resort que se lixe isso
Gosto · Responder · 2 dia(s)

Vanda Isabel Dias Helena é isso mesmo, realmente temos um país com praias muito bonitas, mas como a Helena diz se queremos conhecer um pouco do mundo não nos podemos limitar a Portugal, tb já estive em Palma de Maiorca e este ano na Tunísia e nada se compara à temperatura de água de 28/30 graus... e tanta coisa bonita e diferente para conhecer.
Gosto · Responder · 2 dia(s) · Editado

José Silva Mota Vanda Isabel Dias olá Vanda claro que sim a sítios que vale por a experiência, apenas nao vou mto a bola de pagar 1000 ou 1500 euros e estar todo o dia enfiado num piscina e puder dizer que fui a ilha tal mas conhecer a ilha népia, gosto de ir sim mas conhecer a cultura a cidade ou país
Gosto · Responder · 2 dia(s)

Escreve uma resposta...

João Ferreira Globales Almirante Farragut
Gosto · Responder · Ver Tradução · 2 dia(s)

Maria Manuela Ribeiro Tb estive nesse hotel 🤗
Gosto · Responder · 2 dia(s)

João Ferreira Recomenda correto?
Gosto · Responder · 2 dia(s)

Escreve uma resposta...

Carlos Patricio Azar. É uma das melhores zonas do Mediterrâneo 🤗
Gosto · Responder · 2 dia(s)

Rosa Maria Correia Em Julho estava simplesmente um paraíso. De todas as que fui sem dúvida a melhor.
Gosto · Responder · 2 dia(s)

Nuno Miguel Cris Henriques Palma
Gosto · Responder · 2 dia(s)

Diego Rodrigues A região de Cabo Frio (conhecida como "Região dos Lagos", no litoral do Rio de Janeiro - Brasil) também tem muitas praias poluídas (principalmente em São Pedro da Aldeia, Iguaba Grande, Iguabinha e Araruama). Se querem uma viagem sem aborrecimentos, FUJAM DA REGIÃO DOS LAGOS. Falo isso como uma pessoa que morou seis anos nessa região.
Gosto · Responder · 2 dia(s) · Editado

Rute Pedro Menezes Incrível...ainda a semana passada um amigo meu partilhou fotos maravilhosas de Menorca.
Gosto · Responder · 2 dia(s)

Isabel Machado Va para Cala Galdana: h. Mellia fica em cima da praia. Alugue 1 carro e visite outras praias. Nao deixe de fazer 1 passeio de barco paar conhecer outras callas e praias
Gosto · Responder · 2 dia(s)

Andreia Marques Não acredito 🤗
Gosto · Responder · 2 dia(s)

Luís Marques Não podes ir para esta praia
Gosto · Responder · 2 dia(s)

Maria Irene Soeiro Se em fins de maio, o movimento era o que era, eu garantidamente nunca perei lá os pés em julho ou agosto. De resto, gostei e estive muito bem (em Cala Galdana e nos outros pontos todos que visitei).
Gosto · Responder · 2 dia(s)

Ver mais respostas

Escreve uma resposta...

Andre Costa Bruno Bruno Miguel Delgado
Gosto · Responder · 2 dia(s)

Pedro Dias Existem muitas praias em Menorca, quanto ao hotel no minimo deveria avisar e tentar minimizar o transtorno aos hóspedes, senão é gastar o menos possível no hotel...

Manu Manuela Freitas As vezes ca outras la
Gosto · Responder · 2 dia(s)

Filomena Simões Susana Cardoso
Gosto · Responder · 2 dia(s)

Elisa Cruz Patricia Rebelo
Gosto · Responder · 2 dia(s)

Cristiana Neves Helena Dantas olha isto babr 🤗
Gosto · Responder · 2 dia(s)

Helena Dantas Já vi linda.. mudamos de destino a última hora, SURPRESA 🤗
Gosto · Responder · 2 dia(s)

Escreve uma resposta...

Raquel Ferreira Que cena 🤗🤗
Gosto · Responder · 2 dia(s)

Tânia Palheiras Estive aí o mês passado e adorei todas as praias que estive
Gosto · Responder · 2 dia(s)

Marina Pimenta Xana Moreira
Gosto · Responder · 2 dia(s)

Cristina Moutinho Acabo a minha semana hoje em Cala Blanca e, tudo tranquilo. Realmente é lamentável.
Gosto · Responder · 2 dia(s)

Maria Irene Soeiro Tomei lá um bom banho, em maio.
Gosto · Responder · 2 dia(s)

Escreve uma resposta...

Marina Pimenta <https://menorca.info/.../reabren-bano-playa-arenal...>



MENORCA.INFO

Reabren al baño la playa de Arenal d'en Castell

Gosto · Responder · 2 dia(s)

Mário Filipe Gomes E os únicos culpados dos oceanos estarem assim é unicamente nossa... Estamos a destruir o nosso planeta minha gente!! Vamos começar ou continuar a por o lixo no sítio certo... (Aos fumadores, como eu, não deixem as beatas pelo chão, apaguem e depositem as beatas nos caixotes do lixo...) se todos nos contribuirmos, o mundo sera mais perfeito.... 😊

Gosto · Responder · 2 dia(s)

Mário Filipe Gomes E atenção, não estou aqui a dar lições de moral a ninguém... Eu também já dei muito lixo para o chão, mas hoje sou uma pessoa melhor e espero continuar a ser...

Gosto · Responder · 2 dia(s)

Sónia Fernandes Concordo plenamente. Cada vez mais o ser humano é cada vez mais desumano com o seu próprio e unico habitat

Gosto · Responder · 2 dia(s)

Escreve uma resposta...

Nélia Marisa Tavares Felizmente, Menorca tem muitas mais praias

Gosto · Responder · 2 dia(s)

Veronica Coelho Marina Pimenta

Gosto · Responder · 2 dia(s)

Marina Pimenta Já vi...mas já está resolvido 🙏🙏

Gosto · Responder · 2 dia(s)

Escreve uma resposta...

Ana Cunha Lamento a sua má experiência , foi o destino deste ano para as férias e não decepcionou de todo. Não deixe que um problema aparentemente local estrague a sua estadia. A ilha tem tanto por onde explorar e locais bem mais bonitos. Ir para Menorca e limitar-se a um hotel ou uma só praia é um erro. Se quer tentar remediar alugue um carro e percorra a costa desde a Ciutadella até Mahon, não se vai arrepender!

Gosto · Responder · 2 dia(s)

Cristina Cerqueira Vim da Menorca ontem, cala Galdana, e só tenho a dizer bem. Foi ótimo, tanto a nível de praias como de hotel...mal só ter de regressar....

Gosto · Responder · 2 dia(s)

Cristina Cerqueira



Gosto · Responder · 2 dia(s)

Mara Adrião Segundo sei, o hotel está a providenciar transporte gratuito para outra praia nas redondezas. Não sei se poderão confirmar se essa situação está efectivamente a acontecer ou não. Obrigada

Gosto · Responder · 2 dia(s)

Carla Mendes Rodrigues Esteve, sim. 😊

Gosto · Responder · 1 dia(s)

Gonçalo Silva Sim esteve no último dia em que a praia esteve interdita.

Gosto · Responder · 1 dia(s)

Escreve uma resposta...

Dulce Catarino Gonçalo Silva Como está a praia Arenal D'En Castell hoje? Pode indicar-me quais as Callas que me aconselha visitar? Obrigada.

Gosto · Responder · 2 dia(s)

Gonçalo Silva Hoje a praia já reabriu. <https://menorca.info/.../reabren-bano-playa-arenal...>



MENORCA.INFO
Reabren al baño la playa de Arenal d'en Castell

Gosto · Responder · 2 dia(s)

Carla Mendes Rodrigues Pregonda (prepare-se para a caminhada 😊), Cavalleria, Macarella e Macarelleta (prepare-se de novo para a caminhada, por Cala Galdana, porque não deixam usar o parque para carros), Binidali e Cala Turqueta. Mas todas, ao seu jeito são lindas!!! 😊 divirta-se!!

Gosto · Responder · 1 dia(s)

Isabel Rebelo Eu estive em Mallorca em abril estava ótimo

Gosto · Responder · 2 dia(s)

Vanda Isabel Dias Que horror!!! Lamentável e inaceitável o "comportamento" do hotel...

Gosto · Responder · 2 dia(s)

Rosa Maria Correia No início de agosto Arenal del Castel estava assim. É realmente lamentável o que está a acontecer.



Gosto · Responder · 2 dia(s)

Marcos Quintanilha Susana Ferreira

Gosto · Responder · 2 dia(s)

Vanessa Gonçalves Patrícia Varela

Gosto · Responder · 2 dia(s)

Carla Silva Nunes Cátia Moura de Sousa

Gosto · Responder · 2 dia(s)

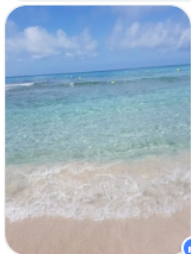
Cátia Moura de Sousa Ainda bem que não vou para essa zona. Contudo pelo que percebi já está tudo controlado 🙏🙏

Gosto · Responder · 1 dia(s)

António Gabriel Sobrecarga turística
Agosto o pior mês para férias
Gosto · Responder · 2 dia(s)

Maria Alexandra Feijó Menorca é espectacular maravilhoso mesmo. Só quando deixar de haver água e árvores é que o ser humano vai começar a pensar duas vezes. Quanto a alternativas alugue um carro e visite as restantes praias são todas muito boas e quando fui estava tudo transparente.
Gosto · Responder · 2 dia(s) · Editado

Joana Pereira Amei menorca ... alugue um carro e vai ficar admirado



Gosto · Responder · 2 dia(s) · Editado

Joana Pereira Sem filtros
Gosto · Responder · 2 dia(s)

Escreve uma resposta...

Francisco Crespo VIM DE LÁ ONTEM À NOITE, E SE PUDESSE REGRESSAVA JÁ
Gosto · Responder · 2 dia(s)

Pedro Miguel Espanha nem bons ventos nem bons casamentos !!
Gosto · Responder · 2 dia(s)

Maria Elisa Que injusto 😞 Em Espanha existem locais espectaculares!
Gosto · Responder · 1 dia(s)

Escreve uma resposta...

Miguel Talhão Ana Carina Maria
Gosto · Responder · 2 dia(s)

Romi Azevedo Menorca é espetacular. Tem praias maravilhosas. Aconselho a alugar um carro e visite outras praias. Não desperdice essa oportunidade
Gosto · Responder · 1 dia(s)

Joana Tavares Leite Olá Gonçalo. São realmente imagens que contraste muito com o que vemos habitualmente. Vou daqui a duas semanas para o mesmo hotel e já agora gostaria de saber a sua opinião sobre o hotel em si.. estadia, comida, limpeza.. obrigada 😊
Gosto · Responder · 1 dia(s)

João Pedro eu e a Daniela Oliveira vamos tb nas ultimas duas semanas de setembro!
Gosto · Responder · 1 dia(s)

Nuno Cavaleiro O hotel fica muito a desejar!!! A praia é excelente para quem tenha crianças pequenas. As praias do Sul são o paraíso na terra!!!
Gosto · Responder · 1 dia(s)

Ver mais respostas

Escreve uma resposta...

Pedro Silva Pois é verdade também lá estive até ontem e é um destino a não voltar !!!
Gosto · Responder · 1 dia(s)

João Pedro porque?
Gosto · Responder · 1 dia(s)

João Pedro isso ja eu tinha lido lol
Gosto · Responder · 1 dia(s)

Ver mais respostas

Escreve uma resposta...

Andreia Marques Contactei a agência sobre a viagem que tenho marcada para esse hotel e foi-me dito que a praia esteve interdita derivado às algas formadas pela temperatura da água estar mais quente do que o habitual, durante esse tempo o hotel disponibilizou transport... Ver mais
Gosto · Responder · 1 dia(s)

Pedro Silva Isso é mentira tanto na razão como no transporte gratuito, Terá que pagar uma taxa de 3.30 / dia lá no hotel caso não a tenham informado!!
Boas férias
Gosto · Responder · 1 dia(s) · Editado

Andreia Marques Uma taxa para quê?
Gosto · Responder · 1 dia(s)

Pedro Silva A taxa que o hotel cobra por dia para hóspedes a partir dos 16 anos ..
Gosto · Responder · 1 dia(s)

Andreia Marques Pedro Silva a sério?
Não sabia disso!
Apenas estou informada da taxa turística!... Ver mais
Gosto · Responder · 1 dia(s)

Pedro Silva Andreia Marques ! É isso mesmo !! Taxa turística !! A minha agencia não informou... apenas escrevi pois podiam ser surpreendidos também ..
Gosto · Responder · 1 dia(s) · Editado

Andreia Marques Há ok da taxa turística eu já sabia 😊
Gosto · Responder · 1 dia(s)

Maria Irene Soeiro Isso há praticamente em todo o lado...
Gosto · Responder · 1 dia(s)

Francisco Crespo Essa de a água estar mais quente que o habitual, não pega, estive. Lá esta semana, vi seis praias, e não vi isso em nenhuma
Gosto · Responder · 1 dia(s)

Gonçalo Silva O que lhe disseram é mentira. A praia em 2 semanas esteve interdita 2 vezes e reabriu 2 vezes durante o tempo em que a praia esteve contaminada e não sabiam a causa até à sua reabertura o hotel só disponibilizou transporte gratuito no último dia de interdição da praia depois de muitas reclamações e de até a polícia termos chamado.
Gosto · Responder · 1 dia(s)

Carla Mendes Rodrigues Andreia Marques esta é a taxa turística de quase todas as cidades do Mundo! Paga no Porto, paga em Lisboa... Em Menorca são 3,30/dia por pessoa. É habitual e generalizada, se pesquisar.
Gosto · Responder · 1 dia(s)

Andreia Marques Carla Mendes Rodrigues sim eu sei disso!
Gosto · Responder · 1 dia(s)

Carla Mendes Rodrigues Andreia Marques 😊 deduzi que sim, podia passar a ideia pelo comentário de um senhor acima que era algo só deste Hotel 😊 venha e divirta-se. Relaxe e conheça a ilha 😊 é maravilhosa!
Gosto · Responder · 1 dia(s)

Escreve uma resposta...

Laura Gonçalves E' de lamentar essa situação!
Gosto · Responder · 1 dia(s)

Rukssana Faruk Gadit Obrigada pelo alerta!!!
Gosto · Responder · 1 dia(s)

Anabela Brito Estive lá em meados de Junho e só posso dizer que a praia era paradisíaca, apenas teve uma manhã com milhares de alforrecas mas isso não é controlável, de resto a água estava super límpida, nada a ver como está aqui na foto.
Gosto · Responder · 1 dia(s)

Marina Real Vou domingo . E as restantes calas ? Também assim ? Obrigada .
Gosto · Responder · 1 dia(s)

Jorge Vaz Já toda a gente respondeu a isso, saia do hotel, percorra a ilha toda, tem apenas 696 km2!!!
Gosto · Responder · 1 dia(s)

Gonçalo Silva Que eu tenha conhecimento é só nesta.
Gosto · Responder · 1 dia(s)

Ver mais respostas

Escreve uma resposta...

Carla Mendes Rodrigues Estou aqui desde 25/08, fui informada a 27 (ao fim da tarde, da presença de bactérias e que aguardavam a chegada dos serviços de ambiente, que chegaram pouco depois); no dia 28 já vi no elevador informação da possibilidade de excursões. No dia 29, à no... Ver mais
Gosto · Responder · 1 dia(s) · Editado

Cristina Cabrita Alugou o carro lá?
Gosto · Responder · 1 dia(s)

Carla Mendes Rodrigues Cristina Cabrita , sim. Através da ACG Menorca. Trouxeram-no ao Hotel (eu tinha transfer) e sem franquia ou cativação no CC. Correu tudo lindamente.
Gosto · Responder · 1 dia(s)

Ver mais respostas

Escreve uma resposta...

Gonçalo Silva Sim, mas não podemos deixar de dizer que pelo menos desde dia 22/8 que a água tem essas bactérias e só ontem dia 29 é que souberam os resultados das análises à água. O hotel já sabia dessa contaminação e nada disse aos hóspedes, por isso estivemos a banhos numa água contaminada o que deu origem a vómitos, diarreia e fortes dores intestinais, a várias pessoas de diferentes idades. Isto sim é que é grave.
Gosto · Responder · 1 dia(s)

Carla Mendes Rodrigues Eu tomei lá banho durante dois dias e meio e nada me aconteceu. Ainda hoje lá estive (claro que, aparentemente, tudo tenha passado). O Hotel não é o dono da praia e não me parece que haja dolo. Até porque essa informação de que já se sabia a 22 não é o... Ver mais
Gosto · Responder · 1 dia(s)

Gonçalo Silva Felizmente não lhe aconteceu nada, mas houve outras pessoas que não tiveram a mesma sorte. A informação do dia 22 é oficial e saiu nas notícias do dia 23 por isso já é reincidente.
<https://amp.menorca.info/.../cierran-banistas-tramo...>

MENORCA.INFO
Cierran a los bañistas el tramo central de la playa del Arenal d'en Castell
Gosto · Responder · 1 dia(s)

Escreve uma resposta...

Maria Irene Soeiro A qualidade da água do mar não tem mais a ver com as autoridades do que com um ou outro hotel? Pergunto eu...
Gosto · Responder · 1 dia(s)

Gonçalo Silva Sim, tem razão... Mas como já foi dito anteriormente não culpo o hotel pela qualidade da água nem da praia, mas sim por omitir uma informação grave que era do conhecimento do mesmo. Pq assim que a praia abriu foram colocadas logo informações que a mesma já se encontrava aberta, mas pq não fizeram o mesmo enquanto a água se encontrava contaminada?????
Gosto · Responder · 1 dia(s)

Maria Irene Soeiro Mas as ditas autoridades deviam estar lá a interditar a praia. Aí, o hotel não poderia fingir que não se passava nada.
Gosto · Responder · 1 dia(s)

Escreve uma resposta...

Pedro Cunha <http://menorcaaldia.com/.../los-analisis-revelan-que-un-.../>

MENORCAALDIA.COM
Los análisis revelan que un alga ha provocado el color verde del Arenal d'en Castell y la playa reabre
Gosto · Responder · 1 dia(s)


Nuno Cavaleiro Afinal...
Gosto · Responder · 1 dia(s)

Escreve uma resposta...

Raquel Cordeiro amanhã e sábado devemos alugar carro...sugestões de locais a não perder (com crianças de 1 e 4 anos)? obrigada
Gosto · Responder · 1 dia(s) · Editado

Nuno Cavaleiro Terá que caminhar Muito nas praias do Sul 2 a 3kms para cada lado!! Mas Cala Turqueta, Cala Mitjana, Cala Galdana, Maó, Playa Binigaus... ou fazer passeio de barco








 **Raquel Cordeiro Nuno Cavaleiro** passeio de barco poderia ser uma boa ideia 😊


Gosto · Responder · 1 dia(s)



1

[Ver mais respostas](#)

 Escreve uma resposta...    

 **Cristina Moutinho** Vim de lá hoje, tanta coisa a ver. Mahon, cova d'en Xoroi,cala Macarella, Macarelheta, Galdana, Sonsaura, enfim, é tudo tão bonito.


Gosto · Responder · 1 dia(s)



3

 **Dulce Catarino** Cristina Moutinho todas essas calas são acessíveis para levar crianças ou são de difícil acesso? Obrigada.

Gosto · Responder · 1 dia(s)






 **Cristina Moutinho** Dulce Catarino algumas são fáceis, outras como Macarella e Macarelheta que são extraordinárias, são mais cansativas, cerca de 30 minutos a pé. Com crianças aconselho reservar bilhete no bus, senão ainda mais longe fica. Reservar 2 dias antes. 😊

Gosto · Responder · 1 dia(s)




1

[Ver mais respostas](#)


 Escreve uma resposta...    

 **Eugénia Louro Andreia Reis**

Gosto · Responder · 1 dia(s)

 **Ana Simões** Bom regresso a casa!!!!


Gosto · Responder · 1 dia(s)

 **Conceição Rosa** Estive em Menorca em Agosto de 2017 e correu tudo muito bem. Infelizmente cada vez mais há problemas de poluição / águas contaminadas em vários locais. A ilha de Menorca é linda, não é só praias, aproveitem para conhecer Ciutadela, Mahó e outras praias... [Ver mais](#)

Gosto · Responder · 1 dia(s)



3

 **Lu Rosa** Que horror 😱😞

Gosto · Responder · 19 h

077 CAT: I (UNIDADE COM RELEVÂNCIA ESPECÍFICA PARA A ANÁLISE)

Pedro Torres Ferreira
Tema de conversa · 25 de Julho

Podemos ir a Havana e Varadero ou, fazer um tour pela ilha de Cuba conhecendo algumas cidades e vilas míticas e alguns Cayos e assim consegue trazer consigo a essência deste país e povo 🇨🇺 foi o que 4 amigos fizeram em 2014. Sempre a pernoitar em casa de Cubanos Uma grande Aventura roadtrip numa ilha com as mais bonitas praias do mundo. Perdida no tempo mas numa magia que só visto. Visitem. Na imagem em pose Trinidad e a máquina



192 · 17 comentários · 5 part

Gosto · Comentar · Partilhar

Hortela Pimenta Que saudades me deu de Cuba, Trinidad é lindo
Gosto · Responder · 5 sem

Patricia Junça Isso sim é conhecer Cuba. Fiz o mesmo o ano passado e foi só ESPETACULAR 😊. É só por causa das coisas, conto voltar já no próximo ano 😊
Gosto · Responder · 5 sem · 6

↑ Ocultar 15 respostas

Hortela Pimenta Concordo inteiramente, por aqui foram 25 dias de road trip também em casas particulares e claro uma viagem num clássico
Gosto · Responder · 5 sem · 2

Patricia Junça Hortela Pimenta é uma experiência fantástica. Conviver com aquele povo é uma coisa do outro mundo 😊
Gosto · Responder · 5 sem · 1

- Hortela Pimenta** Patricia Junça completamente, têm tão pouco, fiquei chocada com a caderneta da ração e os supermercados/mercados onde eles podem ir buscar
Gosto · Responder · 5 sem
- Patricia Junça** Hortela Pimenta uma das coisas boas de viajar são as lições que aprendemos 😊
Gosto · Responder · 5 sem · 1
- Cristiana Vieira** É fácil alugar carro lá? 😊 Pelo que tenho lido é um pouco complicado..
Gosto · Responder · 5 sem
- Pedro Torres Ferreira** 🇨🇺 Cristiana Vieira com o contacto certo foi fácil para mim. Alugamos um antigo o da foto porque éramos 4 e foi anos atrás. Não sei agora
Gosto · Responder · 5 sem · 1
- Patricia Junça** Cristiana Vieira nos contratamos alguém que nos acompanhou lá. Os carros lá não são muito novos 😊 existe muito pouca informação na estrada e certamente que chega na mesma, mas perde muito tempo e a policia esta sempre mortinha para umas multas aos tu... Ver mais
Gosto · Responder · 5 sem
- Cristiana Vieira** Patricia Junça no meu caso somos um grupo de 8, o que se calhar ainda torna as coisas mais difíceis. Mas só contrataram o local quando lá chegaram certo? Ou marcaram tudo com antecedência?
Gosto · Responder · 5 sem · 1
- Joana Vieira** Pedro Torres Ferreira a nossa dificuldade e saber onde alugar carro e arranjar alguém de confiança. Somos um grupo de 8 pessoas.
Gosto · Responder · 5 sem
- Pedro Torres Ferreira** 🇨🇺 Joana Vieira tenho uma pessoa de confiança. Um cubano guia lá casado com um espanhol. Foi excelente e tratou de tudo para nos. Melhores casas melhor trajecto e um condutor cubano 5 estrelas que esteve sempre. Se procurar pelos blogs irá ver o nome yoander. Em MP dou lhe o contacto. Penso que ainda está por lá. No final da tour até nos convidou a casa dele. Rapaz novo muito acessível
Gosto · Responder · 5 sem · 1





- Patricia Junça** Cristiana Vieira nós eramos 6. A pessoa que nos acompanhou tem carrinha de 9 lugares. Facilitou a coisa 😊. As casas de familia ja tinhamos marcado. Quando saímos de cá já estava tudo tratado. Se necessitar de algum contacto, disponha 😊
Gosto · Responder · 5 sem
- Cristiana Vieira** Patricia Junça se puder fornecer os contactos agradeçia..arranjar uma carrinha era o ideal para nós 😊
Gosto · Responder · 5 sem
- Joana Vieira** Pedro Torres Ferreira se não for incomodo e puder fornecer o contacto ia ser uma grande ajuda.
Gosto · Responder · 5 sem · 1
- Pedro Torres Ferreira** 🇨🇺 Joana Vieira feito
Gosto · Responder · 5 sem
- Patricia Junça** Cristiana Vieira posso sim senhor. Já lhe envio mensagem 😊
Gosto · Responder · 5 sem · 1
- Escreve uma resposta... 🗨️ 📷 📄 🗑️
- Carla Sequeira** Hortela Pimenta, Patricia Junça Se fizer um road trip é fácil arranjar casas onde pernoitar?
Gosto · Responder · 5 sem · 2
- ↑ Ocultar 24 respostas
- Patricia Junça** Carla Sequeira é muito fácil. Seja como for tenho alguns contactos que lhe posso passar 😊
Gosto · Responder · 5 sem · 1
- Carla Sequeira** Patricia Junça desde já, muito obrigada pela resposta. Diga-me tirou um bilhete aterrou em Cuba e aí começou a aventura.....é simples assim 😊
Gosto · Responder · 5 sem
- Patricia Junça** Carla Sequeira simples simples 😊. Eu sou suspeita a falar que Cuba sempre foi "a minha viagem". Não me desiludiu em nada. Tivemos a sorte de conhecer lá as pessoas certas, e pronto, vim de lá com vontade de voltar 😊
Gosto · Responder · 5 sem · 1

- Carla Sequeira** Patricia Junça muito obrigada pela sua ajuda. Pode-me passar os contactos por favor (MSG privada)
Gosto · Responder · 5 sem
- Patricia Junça** Carla Sequeira passo sim senhor. Amanha lá lhe faço chegar tudo 😊
Gosto · Responder · 5 sem
- Carla Sequeira** Mil obrigada!!!! Depois dou noticias 😊
Gosto · Responder · 5 sem
- Pedro Torres Ferreira** Já vi que não precisam de mim
Gosto · Responder · 5 sem
- Pedro Torres Ferreira** 😊👍👍
Gosto · Responder · 5 sem
- Carla Sequeira** Pedro Torres Ferreira obrigada na mesma 😊
Gosto · Responder · 5 sem
- Susana Mateus** Através da plataforma AIRBNB há muitos cubanos a alugar quartos. Muitos deles têm bons comentários de outros hóspedes. É assim que pretendo fazer quando tiver datas para ir 😊
Gosto · Responder · 5 sem
- Pedro Torres Ferreira** Carla Sequeira tudo bem . Tenho um excelente contacto de la que nos tratou de tudo mas já vi que estão orientados . Boa viagem
Gosto · Responder · 5 sem
- Carla Sequeira** Susana Mateus muito obrigada 😊
Gosto · Responder · 5 sem
- Carla Sequeira** Pedro Torres Ferreira Muito obrigada.
Gosto · Responder · 5 sem
- Andreia Machado** Olá boa noite, estou a pensar ir em Novembro. Podem facultar me os contactos? Obrigada 😊
Gosto · Responder · 5 sem
- Patricia Junça** Andreia Machado faculto sim senhor 😊
Gosto · Responder · 5 sem

- Hortela Pimenta** Carla Sequeira sim, basicamente foi isso, é muito fácil arranjar casa, elas estão identificadas, mas perguntando a alguém eles indicam logo, o preço quando fui era fixo, creio que agora está mais caro, os quartos têm de ter casa de banho privativa e ar condicionado.
Gosto · Responder · 5 sem
- Hortela Pimenta** Não sei como está agora, mas a primeira vez que me pediram os passaportes e ficaram com eles uma noite assustei-me imenso, uma regra basilar de quem viaja é nunca perder o olho dos passaportes, tal como os russos, os cubanos ficam com eles para regista... Ver mais
Gosto · Responder · 5 sem
- Carla Sequeira** Hortela Pimenta Muito obrigada . bj
Gosto · Responder · 5 sem
- Fernando Antunes** Hortela Pimenta a comunicação ao SEF continua igual a diferença é que é feito numa plataforma digital chamada SIBA e sim todos os ALs são obrigados a comunicar todos os estrangeiros
Gosto · Responder · 5 sem
- Patricia Junça** Carla Sequeira e Andreia Machado já vos enviei msg. Espero que ajudem! 😊
Gosto · Responder · 5 sem
- Andreia Machado** Patricia Junça muito obrigada!
Gosto · Responder · 5 sem
- Carla Sequeira** Muito obrigada Patricia Junça...mas não recebi nada até ao momento 😊
Gosto · Responder · 5 sem
- Patricia Junça** Carla Sequeira veja mos pedidos de mensagem.
Gosto · Responder · 5 sem
- Carla Sequeira** Patricia Junça Claro que estava lá!!! 😊😊
Muito muito obrigada por toda a informação. Assim torna tudo muito mais facil 😊👍
Gosto · Responder · 5 sem · Editado
- Escreve uma resposta...
- Susana Mateus** Alugaram carro? Quais foram as condições na altura para alugar?

- Ana Lavrador** Pedro conte mais , quantos dias foram ??
Gosto · Responder · 5 sem
- Pedro Torres Ferreira** 🇨🇺 Foram 13 dias. Varadero Havana Trinidad cienfuegos vinales e cayo Santa Maria. Adoramos e por 4 vale a pena. Os Cubanos são acessíveis. Ficamos bem barato no alojamento. Bom tempo. O grupo tinha o espírito. O nosso contacto é um yoander guia colega do ... Ver mais
Gosto · Responder · 5 sem
- Hortela Pimenta** Pedro Torres Ferreira sim, é um pouco caro, nós para dois quartos ou uma casa para cinco pagávamos 50Cuc por noite, o aluguer do carro também não foi barato, as refeições não são mais baratas que 10cuc, os cocktails são quase sempre preço fixo de 4 cuc,... Ver mais
Gosto · Responder · 5 sem
- Pedro Torres Ferreira** 🇨🇺 Hortela Pimenta vivi isso tudo em 13 dias
Gosto · Responder · 5 sem
- Hortela Pimenta** Pedro Torres Ferreira para quem faz road trip vive, como 95% vai para resort não têm como comparar. A meio da viagem tive acesso a pesos cubanos, algo que não é permitido a nós, mas assim podemos ir aos mercados e lugares estatais e aí sim, as coisas são em conta, mas eles com ordenados de 7CuC e a comprar um sabonete a 2, é uma verdadeira miséria
Gosto · Responder · 5 sem
- Pedro Torres Ferreira** 🇨🇺 Hortela Pimenta também tivemos acesso ao dinheiro deles mas desistimos e preferimos a moeda cuc para os ajudar... Abraços e boas viagens. Este ano já tivemos Vietnam. Venha o Algarve e Menorca agora 🇨🇺 um Dia quero regressar a essa ilha e espero se mantenha assim
Gosto · Responder · 5 sem
- Hortela Pimenta** Pedro Torres Ferreira pelas Asias ainda não me aventurei e agora com as enchentes tenho menos vontade de ir, não gosto nada de ir em carneirada e acho que a Tailândia/Vietname anda demasiado na moda para mim. Este ano vou repetir uma rota que me diz mu... Ver mais
Gosto · Responder · 5 sem

-  **Ana Lavrador** Gostava de um dia conhecer Cuba dessa mesma forma , acho que deve ser tão mas tão mais enriquecedor e apaixonante . Acredito que seja um país maravilhoso mesmo !!
Gosto · Responder · 5 sem
-    
-  **Maria João Vigo** Adorava fazer...  1
Gosto · Responder · 5 sem
-  **Hortela Pimenta** São preços europeus, o Rum e tabaco é que é estupidamente barato, nós compramos charutos ao diretor informático da Habanos (os chefões recebem duas caixas fora o ordenado) e foram bastante em conta face ao preço europeu, esses trouxeram os selos de alfândega  1
Gosto · Responder · 5 sem
-  **Conceição Ferreira** Estamos a pensar ir para o ano a varadero e Havana mas e adorava ir para casa de cubanos para conhecer mais  2
Gosto · Responder · 5 sem
-  **Maria Rocha** Fui em 2000, tbm jantamos na casa de uma cubana. Adorei.  2
Gosto · Responder · 5 sem
-  **Tecas Becas** Também quero ir...  1
Gosto · Responder · 5 sem
-  **Cláudia Louvado** É belíssimo  1
Gosto · Responder · 5 sem
-  **Rute Correia** Maravilhoso.  1
Gosto · Responder · 5 sem
-  **Maria João Vasconcelos** Top! Amava regressar a Cuba nessas condições!  1
Gosto · Responder · 5 sem
-  **Juliana Teixeira** Que saudades. Quero muito la voltar
Gosto · Responder · 5 sem
-  **Natalia Ferreira** Já o fiz à alguns anos., já tive aí,,mágico sim,adorei
Gosto · Responder · 5 sem

-  **Misé Almeida** Estou ansiosa por essa aventura!!! Deve ser maravilhoso!!!
Gosto · Responder · 5 sem
-  **Mariana Simões** É possível facultar-me o contacto das casas locais em havana?
Gosto · Responder · 3 h
-  **Susana Mateus** Airbnb é o melhor. Seguro e com comentários de hóspedes anteriores...
Gosto · Responder · 2 h
-  **Pedro Torres Ferreira** 🇵🇹 Tive um guia que me tratou de tudo e só o vi no início e final da viagem Mariana. Ele tratou do carro. Do condutor. Do melhor percurso. E das melhores casas 🇵🇹
Gosto · Responder · 2 h

079 CAT: I (UNIDADE COM RELEVÂNCIA ESPECÍFICA PARA A ANÁLISE)

Ana Sofia Ribeiro
Ontem às 08:18

Bom dia 4 dias em Atenas, o que nao devo perder ,qual a vossa dica para uma voltinha de ferry 🤔🤔

11 reações · 21 comentários · 2 partilhas

Gosto · Comentar · Partilhar

Ana Pereira Ferreira Atenas - texto padrão
É uma cidade essencialmente para quem gosta de história e cultura.... Ver mais
Gosto · Responder · 1 dia(s) · 16 reações

Rodolfo Franco Márcia Salgueiro regista isto como ajuda no gula.
Gosto · Responder · 1 dia(s) · 2 reações

Alice Sousa Adorei o seu texto, as suas dicas...estou a pensar ir a Atenas no final do ano...acha boa ideia?
Gosto · Responder · 1 dia(s) · 1 reação

Ana Pereira Ferreira Acho ótima ideia 😊 se for em dezembro vá agasalhada...é mais frio que cá...mas a andar aquecemos...eu fui em janeiro 2017...
Gosto · Responder · 1 dia(s) · 2 reações

Ana Sofia Ribeiro muito obrigada
Gosto · Responder · 1 dia(s)

Filipa Pinto Adorei a descrição da cidade! Cheguei de lá há dias e achei uma cidade fascinante 🤩 Um destino a voltar 😊 Acresento que há praias de água límpida e cristalina a 12 km de Atenas às quais pode ir apanhado o tram em syntagma na direção de Voulas. A partir da... Ver mais
Gosto · Responder · 1 dia(s) · Editado · 6 reações

Ana Sofia Ribeiro Filipa Pinto onde apanhar esse ferry e tem algum site ??? obrigada
Gosto · Responder · 1 dia(s)

Filipa Pinto Compre os bilhetes em Piraeus. Va de metro até lá e logo à saída do metro andando em frente,do lado esquerdo encontra logo lojas de venda de bilhetes de ferry para todas as ilhas. Para Aegina é 1 h no ferry mais lento no outro seriam 45 minutos. Porém ... Ver mais
Gosto · Responder · 1 dia(s) · 1 reação

Renata Faria Barbosa Ana Pereira Ferreira você foi em janeiro e o clima tava muito frio? Será que eu consigo ir com um bebê de nove meses na altura?
Gosto · Responder · 1 dia(s)

Ana Pereira Ferreira Renata Faria Barbosa nesse inverno nevou em Atenas, algo que não acontecia ha muitos anos... as temperaturas que apanhamos rondaram os 4 a 7 graus... os sitios interiores sao todos climatizados...a rua é que é frio...claro que nós andamos e aquecemos...o bebe pode ser mais complicado...
Gosto · Responder · 1 dia(s)

Escreve uma resposta...

Tiago Alves Atenas é magnifica (embora o pessoal seja um pouco frio). Não deixar de visitar o novo museu das antiguidades pertencentes à acropole e depois subir à mesma (bilhete carito). MOUSSAKA. À noite o render da guarda no Parlamento Helénico e depois descer pela praça Sintagma, ao lado, parece-me que vai gostar. Um gelado. É muitas cores.... Ver mais
Gosto · Responder · 1 dia(s) · 4 reações

Ana Sofia Ribeiro muito obrigada
Gosto · Responder · 1 dia(s)

Escreve uma resposta...

Isabel Cristina Marinho Boas dicas ! 👍👍
Gosto · Responder · 1 dia(s)

Filipe Silva Nao perder o aviao
Gosto · Responder · 1 dia(s)

Marco Ferreira 4 dias em Atenas é muito. Basta dois. É ver o mais importante e fugir para as ilhas
Gosto · Responder · 1 dia(s) · 1 reação

^ Ocultar 14 respostas

Ana Sofia Ribeiro ok e que ferrys aconselha e qual a ilha ???
Gosto · Responder · 1 dia(s)

Filipa Pinto Eu fui na Saronic e regressei na Seaways, devido aos horários, mas penso que os preços são os mesmos
Gosto · Responder · 1 dia(s)

Filipa Pinto Fomos a Aegina por conselho de um casal de atenienses que lá conhecemos
Gosto · Responder · 1 dia(s)

Filipa Pinto O plano inicial era ir a Hydra ou Agistri
Gosto · Responder · 1 dia(s)

Rute Isabel basta ter a aplicação dos ferrys e tem os horários. pode comprar online. tb pode comprar na hora, no porto. o que não faltam são companhias.
Gosto · Responder · 1 dia(s) · 1 reação

Ana Sofia Ribeiro Rute Isabel e podes me dar o nome dessa aplicacao
Gosto · Responder · 1 dia(s)

Marco Ferreira Isso não sei. Fiz cruzeiro nas ilhas
Gosto · Responder · 1 dia(s)

Marco Ferreira Mas do vi em Atenas existe muitas agências que tratam disso tudo e com bons preços
Gosto · Responder · 1 dia(s)

Filipa Pinto Exactamente 😊 Não vale a pena comprar online .
Gosto · Responder · 1 dia(s)

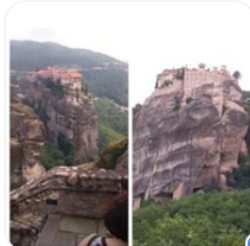
- Rute Isabel** Ana Sofia Ribeiro aFerry. mas se souberes os horários podes comprar na hora. desde que chegues com tempo. se bem que eles atrasam e bem. são pouco amigos de cumprir horários 😊
- Gosto · Responder · 1 dia(s) · Editado
- Filipa Pinto** Mesmo, não são apressados os gregos, mas são uns doces 😊
- Gosto · Responder · 1 dia(s)
- Rute Isabel** Filipa Pinto mesmo!!
- Gosto · Responder · 23 h
- Ana Sofia Ribeiro** obrigada a todos ❤️😘😘
- Gosto · Responder · 23 h
- Cristina Fonseca** Ana Sofia Ribeiro naxos
- Gosto · Responder · 22 h
- Escreve uma resposta...
- Gisela Gabriel** Alguém foi a Delfos, Micenas ou Meteora? Como?
- Gosto · Responder · 1 dia(s)
- Tiago Alves** Eu fui. Magnifico
- Gosto · Responder · 1 dia(s)
- Gisela Gabriel** Tiago Alves através de alguma empresa? Qual?obrigada
- Gosto · Responder · 1 dia(s)
- Escreve uma resposta...
- Maria Irene Soeiro** Delfos e Micenas, em excursões de um dia. Outra sugestão: o cruzeiro de um dia às "home islands" - Hydra, Aegina e Poros. Excursão de meio dia: ao Cabo Sunion, ver o templo, ao pôr-do-sol.
- Gosto · Responder · 1 dia(s)
- Ana Sofia Ribeiro** onde posso comprar essas excursões ??
- Gosto · Responder · 1 dia(s)
- Maria Irene Soeiro** Eu já fiz há bastante tempo, mas acho que comprei em agência de viagens.

- Maria Irene Soeiro** Também fui assim ao Canal de Corinto, ao teatro de Epidauró...combinando várias coisas na mesma excursão, claro.
- Gosto · Responder · 1 dia(s)
- Gisela Gabriel** Maria Irene Soeiro foi através de alguma empresa/agência?
- Gosto · Responder · 1 dia(s)
- Maria Irene Soeiro** Gisela Gabriel Estava na cidade e fui a uma agência, que certamente anunciava esses passeios.
- Gosto · Responder · 1 dia(s)
- Maria Irene Soeiro** Hoje em dia, devem vender nos hotéis...
- Gosto · Responder · 22 h
- Gisela Gabriel** Obrigada
- Gosto · Responder · 21 h
- Escreve uma resposta...
- Olga Marcia Costa Sousa** Dois dias em Atenas chega depois es olher uma ilha proxima.sao todas muito lkndas
- Gosto · Responder · 1 dia(s)
- João Paulo** <http://blogdiariodasviagens.blogspot.be/.../dois-dias-em...>
-  BLOGDIARIODASVIAGENS.BLOGSPOT.COM
.DOIS DIAS EM ATENAS (PARTE 1)
- Gosto · Responder · 1 dia(s)
- Cris Cordeiro**
- Gosto · Responder · 1 dia(s)
- Manuela Ribeiro** Atenas, dois dias é suficiente!
- Gosto · Responder · 1 dia(s)
- Jorge Caldeira** Dois dias em Atenas é suficiente. Ir a Acrópole, visitar o museu, passear na Plaka e jantar num terraço com vista para a Acrópole.

- Ana Maria Almeida** E nao esquecer o render da guardaque é um espectáculodeve ser filmado
- Gosto · Responder · 1 dia(s)
- Liliana Ribeiro** Ana Maria Almeida o render da guarda é onde? 😊
- Gosto · Responder · 22 h
- Maria Amália** Praça Syntagma! Tem estação de metro com saída directa.
- Gosto · Responder · 13 h · Editado
- Ana Maria Almeida** No palácio do presidente. Quando lá estive, para cruzeiro, fomos viajar de táxi, enquanto esperávamos pelo embarque, que nos levou a ver o render da guarda e a Acrópole que estava em obras . Mikonos foi a primeira ilha a visitar de barco, gostei, mas Santorini com o funicular e burros é um espanto
- Gosto · Responder · 13 h
- Ana Maria Almeida** Queria dizercom o funicular e os burros , Santorini é lindo
- Gosto · Responder · 13 h
- Escreve uma resposta...
- Leonor Natário Correia** Ir um dia de carro a Corinthos e Epicuros
- Gosto · Responder · 23 h · Editado
- Helena Dias** Têm um bilhete 30€ que dá acesso à acropolis, templo de Zeus, agora, kremanterio, biblioteca de Adrian, mais umas quantas coisas. Compre em algum dos outros sitios porque a fila na acropolis para comprar é gigante. Fui também ao lago vologmani é lind... Ver mais
- Gosto · Responder · 23 h
- Olimpia Mendonça** Um mini-cruzeiro de 1 dia... fazendo 3 ilhas das mais pequenas mas maravilhosas... Hydra, Poros e outra que não me ocorre o nome... A não perder, 3 dias dá para conhecer Atenas muito bem!!!!
- Gosto · Responder · 23 h
- Ana Sofia Ribeiro** onde comprou esse cruzeiro ???
- Gosto · Responder · 23 h

- Olimpia Mendonça** Ana Sofia Ribeiro no hotel em Atenas, foi uma opcional pois achei que 3 dias chegavam para ver Atenas e daí por muito bem empregue o dinheiro, tivemos almoço a bordo do barco. Boa viagem!!!
Gosto · Responder · 23 h
- Maria Irene Soeiro** Poros, Hydra e Aegina 📍 1
Gosto · Responder · 22 h
- Olimpia Mendonça** Maria Irene Soeiro exactamente Aegina... Não conseguia lembrar 😊😊😊😊
Gosto · Responder · 17 h
- Ana Sofia Ribeiro** Olimpia Mendonça que hotel recomenda
Gosto · Responder · 17 h
- Maria Irene Soeiro** Olimpia Mendonça Já fiz duas vezes esse mini-cruzeiro, uma, há muiiitos anos, com a minha irmã, outra, há menos, com marido e filha. É muito agradável.
Gosto · Responder · 4 h
- Olimpia Mendonça** Maria Irene Soeiro também achei aquelas las muito genuínas, sem o turismo exagerado das outras grandes que depois visitei... Boas Viagens!!!! ❤️❤️
Gosto · Responder · 3 h
- Escreve uma resposta... 😊 📷 GIF 🗨
- Piedade Vera** Nao esquecer de ver Acrópole e se tiver teor a Meteora
Gosto · Responder · 23 h
- Carla Landreza** Estive em Atenas recentemente, e penso que será uma boa ideia fazer o sight seeing tour. Penso que paguei 18euros (ou 15, não me recordo) por um dia, com oferta de mais um dia. Pode sair e entrar no autocarro as vezes que quiser. O autocarro passa pelo... Ver mais
Gosto · Responder · 22 h
- Maria Condinho** Eu so ficaria 2 dias. Os outros escolhia uma das belas ilhas tipo mikonos ou outra
Gosto · Responder · 20 h
- Maria Manuela Marcelino** Museu
Gosto · Responder · 17 h

Fátima Freitas Ótima caracterização... Ana Pereira Ferreira... Estive lá há umas semanas... 3 a 4 dias será o ideal. Recomento uma ida a Meteora, 5 horas de comboio valem bem a pena para um cenário único.



Gosto · Responder · 13 h

^ Ocultar 11 repostas

Maria Irene Soeiro Tenho muita pena de nunca ter ido.
Gosto · Responder · 4 h

Gisela Gabriel 📍 Fátima Freitas e foi através de que empresa/agência?
Gosto · Responder · 4 h

Fátima Freitas Gisela Gabriel refere-se à ida a Atenas ou a Meteora?
Gosto · Responder · 4 h

Gisela Gabriel 📍 Fátima Freitas a Meteora?
Gosto · Responder · 4 h

Fátima Freitas Gisela Gabriel antes de viajar pesquisamos alternativas. Havia excursão organizada mas muito caro: 90€. Acabamos por comprar bilhete de comboio, bem mais barato. E lá, aluga-se táxi q nos acompanha durante todo o percurso para visitar os mosteiros..
Gosto · Responder · 4 h

Gisela Gabriel 📍 Fátima Freitas obrigada pela informação
Gosto · Responder · 3 h

Fátima Freitas Gisela Gabriel se puder, vá... Parece que entramos num outro mundo..
Gosto · Responder · 3 h

Gisela Gabriel 📍 Fátima Freitas pois, estava a pensar ir...Conseguiu ver todos os mosteiros? Também queria ir a Micenas e Delfos, não sei se será interessante...e depois ficava apenas 2 dias em Atenas e tenho dúvidas se não será pouco tempo
Gosto · Responder · 3 h

Fátima Freitas Gisela Gabriel muitos mosteiros estão fechados. Eu consegui visitar 2. Porem , o interior dos mosteiros nao é comparável à beleza dos cenários..
Gosto · Responder · 3 h

Fátima Freitas 2 dias em Atenas é apertado... Terá de andar muito. Aproveite as free walking tours à noite.. Permitted ver muita coisa, e alguns locais de difícil acesso..
Gosto · Responder · 3 h

Gisela Gabriel 📍 Fátima Freitas obrigada pelas dicas
Gosto · Responder · 2 h

Escreve uma resposta... 😊 📷 GIF 🗨

Inês Fernandes Acropole e museu
Passear pelas ruas de Plaka com comércio e restaurantes
Gosto · Responder · 5 h

096 CAT: I (UNIDADE COM RELEVÂNCIA ESPECÍFICA PARA A ANÁLISE)

Pedro Correia
Tema de conversa · 28 de Agosto às 13:58
Djerba, Tunísia, para k ir para Punta Canas, tendo igual aqui????



486
187 comentários 11 partilha

Gosto Comentar Partilhar

Fatima Neves Bruno Marques 🍷🍷🍷
Gosto · Responder · 4 dia(s)

Carla Felizardo Neves Vamos?!.....
Gosto · Responder · 4 dia(s)

Fatima Neves Eu quero!!! 😊😊😊
Gosto · Responder · 4 dia(s)

Carla Felizardo Neves Fatima Neves eu também
Gosto · Responder · 4 dia(s)

Bruno Marques Zimbora..... 1
Gosto · Responder · 3 dia(s)

Escreve uma resposta...

Cristina Silva Já estive nos 2 sítios e não tem nada a ver... 10
Gosto · Responder · 4 dia(s)

Filipa Ferreira Liliana Fernandes 1
Gosto · Responder · 4 dia(s)

Cristina Sousa igual = algas? 😬 6
Gosto · Responder · 4 dia(s)

Maria Dulce Pires Punta Cana e muito melhor.comparar e impossível..... 7
Gosto · Responder · 4 dia(s) · Editado

Bruno Macedo Desde quando Djerba é igual a Punta Cana? Já foi aos dois?
Para que Veneza quando temos Aveiro? 😬 36
Gosto · Responder · 4 dia(s)

Aurora Vieira Em nada se compara a Punta cana, só se for a temperatura da água 😊 4
Gosto · Responder · 4 dia(s) · Editado

Cátia Perez Endoideceu 🤪🤪🤪😬 8
Gosto · Responder · 4 dia(s)

Anabela Inês Melhor que Punta Canal 4
Gosto · Responder · 4 dia(s)

Maria Alice Lopes Almeida Não tem nada a ver um com o outro... 2
Gosto · Responder · 4 dia(s)

Sandra Sousa Punta Cana da 10 a 0 na Tunisia nada a ver.... 9
Gosto · Responder · 4 dia(s)

Natália Ferreira nem mais 😬 1
Gosto · Responder · 4 dia(s)

Pedro Correia Gostos...

Elisabete Machado Pedro Correia, pediram-lhe o passaporte ou só o CC?
Gosto · Responder · 4 dia(s)

Carlinha CL Se vier com pacote turístico pode trazer so CC 1
Gosto · Responder · 4 dia(s)

Elisabete Machado Carlinha CL obrigada 😊 1
Gosto · Responder · 4 dia(s)

Ver mais respostas

Escreve uma resposta...

Tânia Graça É com cada comparação... só se for as algas 😬 5
Gosto · Responder · 4 dia(s)

Aurora Vieira Punta Cana...é quase igual 😊



Gosto · Responder · 4 dia(s)

Paula Duarte Este ano não estava nada assim! Estava péssimo cheio de algas e mar verde escuro. 😬 2
Gosto · Responder · 4 dia(s)

Aurora Vieira Paula Duarte que pena, as praias são lindíssimas.
Gosto · Responder · 4 dia(s)

Paula Duarte Aurora Vieira eu sei já lá estive há uns anos e estava bem diferente. 1
Gosto · Responder · 4 dia(s)

Isabel Botelho Paula Duarte acho que este ano o problema se estendeu a todas as praias das Caraíbas. Em Miami havia imensas algas também e também já vi posts iguais na Riviera Maya. Já estive noutras alturas nessas praias sem problemas. O ambiente está mesmo a ficar avariado!

- Lara Christel Oliveira** Não tem nada haver uma coisa com a outra! Djerba não é mau, mas Punta Cana é superio sem duvida
Gosto · Responder · 4 dia(s) 6
- Pedro Correia** 🗨️ Opiniões aqui para todos os gostos
Gosto · Responder · 3 dia(s)
- Lara Christel Oliveira** Pedro Correia sim cada um tem a sua opinião, expressei a minha como o Sr expressou a sua
Gosto · Responder · 3 dia(s) 1
- Pedro Correia** 🗨️ Lara Christel Oliveira claro sem duvida eu já estive nas duas e gostei de Punta Cana...
Gosto · Responder · 3 dia(s) 1
- Pedro Correia** 🗨️ Agora tendo aqui em Djerba praia a duas horas e pouco de Portugal com características parecidas, mas claro não iguais...
Gosto · Responder · 3 dia(s)
- Lara Christel Oliveira** Pedro Correia são opções! Também conheço os 2 sítios, se Punta Cana é o meu preferido não, se acho Djerba melhor também não! Cada um no seu estilo, culturas diferentes etc ... ambos bons para passar férias
Gosto · Responder · 3 dia(s)
- Escreve uma resposta...
- Anabela Sabino** Qual o resort aue recomendaro
Gosto · Responder · 4 dia(s) 1
- Bruno Macedo** Em pt pf
Gosto · Responder · 4 dia(s) 2
- Ana Borges** Bruno Macedo tas imparável hj
Gosto · Responder · 4 dia(s)
- Ver mais respostas
- Escreve uma resposta...
- Alexandra Coto** 🗨️ ?
Gosto · Responder · 4 dia(s)
- Chanequinha Chaneca** 🗨️ Pobres animais! Teem de sofrer para agradecer os ignorantes dos humanos!
21

- Ana Borges Verdade** 😞 1
Gosto · Responder · 4 dia(s)
- Célia Reis** Ana Borges mentira, neste caso não são explorados, são super acarinhados pelos donos e por quem passa e são uns camelos bem felizes. Acham que estariam melhor abandonados pelo deserto? Não me parece, sinceramente.
Gosto · Responder · 4 dia(s) 2
- Teresa Silva** Concordo consigo, coitados dos camelos e cavalos!!
Gosto · Responder · 4 dia(s) 1
- Ricardo SunNarayan** Célia Reis os animais nunca precisaram dos Humanos para tomarem conta deles, acha que estão melhor assim que no habitat natural??? Pelo contrário são mesmo os Humanos que estão a fazer com que os animais aos poucos vão a caminho de extinção!!!!
Gosto · Responder · 4 dia(s) 3
- Célia Reis** Ricardo SunNarayan há casos e casos. Este nao é grave, não choca ninguém e é como lhe digo, são de certeza animais bem felizes, vê-se que adoram a companhia dos humanos, principalmente das crianças. Não dramatizemos. Há situações preocupantes sim com animais, mas esta não é uma delas de certeza!
Gosto · Responder · 4 dia(s) · Editado 1
- Ricardo SunNarayan** Célia Reis me desculpe mas isso são desculpas de quem não quer saber, tenho visto por aí uns vídeos que demonstram bem o que eu quero dizer !!! Os animais são para este no habitat natural deles é não para serem fontes de receitas !!!!
Gosto · Responder · 4 dia(s) 1
- Célia Reis** Ricardo SunNarayan eu também não queria ser fonte de receita para o estado e tenho que ser 😞 Não me leve a mal. Amo animais, mais do que alguns humanos. E sei bem distinguir as coisas, Não sejamos radicais ok?
Gosto · Responder · 4 dia(s)
- Escreve uma resposta...
- Sandra Mirador** Só podem estar a brincar 😄😄
Gosto · Responder · 4 dia(s) 5

- Antonio Barradas** Sem dúvida.... Já estive nos dois e não quero estar a mentir mas agua de djerba e mais quente.... Sério
Gosto · Responder · 4 dia(s)
-  5
Gosto · Responder · 4 dia(s)
- Aurora Vieira** Nisso concordo 😊 2
Gosto · Responder · 4 dia(s)
- Antonio Barradas** E sem algas..... Eu estive lá á 15 dias
Gosto · Responder · 4 dia(s) · Editado 1
- Ver mais respostas
- Escreve uma resposta...
- Paulo Cortiço Silva** Digo mais algarve é a mesma coisa, areia e água 😊
Gosto · Responder · 4 dia(s) 4
- Antonio Barradas** Pois mas Esprimente ir para o Algarve 3 pessoas em Agosto para um hotel 5 estrelas com tudo incluído para ver quanto paga....
Gosto · Responder · 4 dia(s) 2
- Ana Borges** Bruno Macedo
Gosto · Responder · 4 dia(s)
- Ver mais respostas
- Escreve uma resposta...
- Inês Sousa** A beira da estrada e a Estrada da Beiral
Gosto · Responder · 4 dia(s) 8
- Luisa Boléo** Rato Igual? Lá não há camelos 😄😄😄
Gosto · Responder · 4 dia(s) 4

- Wassim Ama Nani** 🙌 Que lida meu país 🙄🙄🙄🙄
Gosto · Responder · 4 dia(s) 1
- Luisa Boléo Rato** Não estive em Djerba, mas estive há uns anos em Hammamet e em termos de praia, foi das melhores onde já estive.
Tenho que ir a Djerba.
Gosto · Responder · 4 dia(s) 4
- Wassim Ama Nani** 🙌 Bem vindo 1
Gosto · Responder · 4 dia(s)
- Antonio Barradas** Vá, acredite k não se vai arrepender, também já tinha estado em hamamet, mas djerba supera
Gosto · Responder · 4 dia(s) 4
- ↳ Ver mais respostas
- Escreve uma resposta...
- Isabel Godinho** E verdade Pedro Correia Djerba nao fica nada atras de Punta Cana. E muito bom e tem uma vantagem e mais perto e nao se sente o incomodo da diferenca horaria
Gosto · Responder · 4 dia(s) 2
- Sofia Sá** Comparar Tunísia com punta cana? Eu já estive na Tunísia 7 vezes e uma na república dominicana e nada se compara
Gosto · Responder · 4 dia(s) 7
- Mina Fonseca** Também gostei muito. 1
Gosto · Responder · 4 dia(s)
- Ermelinda Ferreira** Já fiz...
Gosto · Responder · 4 dia(s)
- Isabel Diaqs** 🙌 Vou em Outubro. 3
Gosto · Responder · 4 dia(s)
- Wassim Ama Nani** 🙌 Bem vindo.percisa um guia?
Gosto · Responder · 4 dia(s)
- Isabel Diaqs** 🙌 Wassim Ama Nani
Gosto · Responder · 4 dia(s)

- Teresa Silva** Desculpe mas exploração de animais... não e na praia, coitados !!! Não vi nada disto em punta cana pelo menos onde estive.. prefiro praias sem esta exploração...
Gosto · Responder · 4 dia(s) · Editado 5
- Célia Reis** Eles tratam super bem deles, e com muito carinho. Além disso eles não fazem mais do que passear principalmente crianças, parecem camelos felizes. Foi o que constatei quando lá estive. Neste caso, de facto se é exploração não me parece mesmo!
Gosto · Responder · 4 dia(s)
- Paulo Cortiço Silva** Agora vêm um animal e dizem logo que é exploração
Gosto · Responder · 4 dia(s) 4
- ↳ Ver mais respostas
- Escreve uma resposta...
- Rita Chambel** Concordo! 1
Gosto · Responder · 4 dia(s)
- Anabela Cordeiro** Vão viajar... sejam felizes ... mas gostavam que os animais andassem em cima de vocês? 🙄
Gosto · Responder · 4 dia(s) 7
- Célia Reis** Se eu pudesse com eles porque não 😊 ?
Gosto · Responder · 4 dia(s) · Editado 1
- Fernando Silva** Para os personagem que acham que os animais são explorados, sem trca de alimentos e carinho .pois em função do seu trabalho é assim que vivem, os que estão contra o abuso de animais,assim como nas touradas e afins, já olharam para o vosso prato quando estão a comer? ou será que viraram todos vegetarianos?.
Gosto · Responder · 4 dia(s) 6
- Escreve uma resposta...
- Miguel Silva** Luís Miguel Alinho
Gosto · Responder · 4 dia(s)
- Sandra Cardoso Rodrigues** As praias de Djerba são muito boas, estive lá este mês e foi muito bom. Deixo o link sobre o meu testemunho <https://ohcutxicutxi.blogspot.com/.../08/djerba-tunisia.html>

- Ana Cruz** Adorei a sua descrição da viagem! Quando viajamos devemos ir de mente aberta. Para jogar pelo seguro ficamos em casa 😊
Gosto · Responder · 3 dia(s) 1
- Sandra Cardoso Rodrigues** Ana Cruz muito obrigada
Gosto · Responder · 3 dia(s) 1
- Escreve uma resposta...
- Frederico Carvalho Gil** Em Pinta Cana há camelos?
Gosto · Responder · 4 dia(s) 4
- Paulo Cortiço Silva** ui tantos 😊
Gosto · Responder · 4 dia(s)
- Luís M'Lopes Demais**
Gosto · Responder · 3 dia(s)
- Escreve uma resposta...
- Sandra Santos** Não me parece que haja comparação, mas... Quando viajamos não conta só o hotel e a praia. A parte exterior será muito diferente e cada um com a sua beleza.
Gosto · Responder · 4 dia(s) 3
- Linda E Daniella Krystal** Igual ? Em p canta nao ah camelos... acho ate mais lindo ...
Gosto · Responder · 4 dia(s) 3
- Cristina Vilela** a bebé shakira 1
Gosto · Responder · 4 dia(s)
- Rui Farinha Pereira** Barragem de Montargil ! Igualzinho ... areia e água ... enfim.
Gosto · Responder · 4 dia(s) 7
- Elisabete Castro Fidalgo** So se estiver a referir a temperatura da agua... Porque o resto é de fugir em Djerba.. Comparar punta cana a Djerba é como comparar um rolls Royce a um Fiat...
Gosto · Responder · 4 dia(s) 16
- Pedro Correia** 🙌 Conhece Djerba???eu conheço as duas...opiniões...

Ricardo Dos Reis Monteiro Para que ir a sao francisco se temos a ponte 25 de abril... para que ir ao Brasil se temos o cristo rei em lisboa... Para que ir a italia se temos ai a pizzaria na esquina ... Ver mais
Gosto · Responder · 4 dia(s) · Editado

Ester Pascoal Adorei... que mentalidade dessa gente.
Gosto · Responder · 3 dia(s)

Ricardo Dos Reis Monteiro Ester Pascoal nao pode haver comparações. Cada pais tem o seu charme, os seus monumentos, ... clima, praia... Foi uma piadinha
Gosto · Responder · 3 dia(s)

Ver mais respostas

Escreve uma resposta...

Paula Dos Santos Marques Todos os anos vou a tunisia .adoro .hammamet djerba monastir souse tunes adoro .as pessoas sao muito hospitaleiras sao outras culturas . mas em questao de praias adoro .
Gosto · Responder · 4 dia(s)

Adriana Magalhães O post é ridículo mas as fotos são nojentas. Pobres animais!!!!
Gosto · Responder · 4 dia(s)

Paulo Garcia Tunisia é para os tesos
Gosto · Responder · 4 dia(s)

Sofia Sá Os ricos vão para Alcochete
Gosto · Responder · 4 dia(s)

Sandra Santos



Gosto · Responder · 4 dia(s)

Manuela Laranjeira Alcochete?! Jamais!!!
Gosto · Responder · 4 dia(s)

Joana De Martins Sofia Sá
Gosto · Responder · 3 dia(s)

Pedro Correia Meu caro conheço as duas, portanto em sua tese sou teso pela Tunisia e ca ão por Punta Cana ahahah
Gosto · Responder · 3 dia(s)

Escreve uma resposta...

Fernando Ribeiro Tunisia, uma vez lá, nunca mais, punta cana 3 vezes e ia já amanhã
Gosto · Responder · 4 dia(s)

Paulo Garcia quem diz uma coisa dessas é porque nunca foi a lado nenhum Tunisia melhor que as caraibas...!!!!
Gosto · Responder · 4 dia(s) · Editado

Fernando Ribeiro Paulo Garcia está é a minha opinião, Caraibas é muito mas muito melhor que a Tunisia ponto
Gosto · Responder · 4 dia(s)

Pedro Correia Fernando é um brincalhão
Gosto · Responder · 3 dia(s)

Fernando Ribeiro Por acaso até sou, mas neste ponto estou a falar a sério, RD é muito melhor que a Tunisia, em tudo!
Gosto · Responder · 3 dia(s)

Escreve uma resposta...

José Luz Hahaha comparando lixo com luxo !!!!
Gosto · Responder · 4 dia(s)

Lina Lopes Djerba e lindo,mas punta cana também não fica a traz
Gosto · Responder · 4 dia(s)

Pedro Simões Irei no próximo mês para Djerba, que conselhos pode dar?
Gosto · Responder · 4 dia(s)

Martini Pedro Tem muitas algas?
Gosto · Responder · 3 dia(s)

Antonieta Pires Igual a Punta Cana????? Nem perto.....Punta Cana é incomparavelmente melhor.....
Gosto · Responder · 3 dia(s)

Lila Baccanelli Djerba não goste ..Hammanet sim gostei.Mas a Tunisia não me atrai. Punta Cana é muito melhor!!
Gosto · Responder · 3 dia(s)

Ana Parra Fui em Junho
Gosto · Responder · 3 dia(s)

Ivo Santos Santiago Santos Carla Fernandes
Gosto · Responder · 3 dia(s)

Diogo Rafael Diogo Santos
Gosto · Responder · 3 dia(s)

Diogo Santos O camelo ja ca ta
Gosto · Responder · 3 dia(s)

Escreve uma resposta...

Jorge Silva ei nao comparem punta cana para tunisia
Gosto · Responder · 3 dia(s)

Jorge Silva caraibas são caraibas e o resto é conversa da treta
Gosto · Responder · 3 dia(s)

Carlos Ribeiro E mais nada
Gosto · Responder · 3 dia(s)

Miguel Barros Sim sim vá lá ali a umas praias da Sardenha que refria logo essas certezas Universais..
Gosto · Responder · 3 dia(s)

Escreve uma resposta...

António Sousa Prefiro Porto Santo, é em Portugal e a 1h30 de Lisboa.
Gosto · Responder · 3 dia(s)

Carlos Ribeiro La nao tem camelos
Gosto · Responder · 3 dia(s)

Cristina Maria Maneiras Wowowowowow.
Gosto · Responder · 3 dia(s)

Paulo Nunes a comparação é no mínimo estranha.....ou incomparável...melhor dizendo
Gosto · Responder · 3 dia(s) · Editado

Pedro Ventura Ana Filipa
Gosto · Responder · 3 dia(s)

Márcio Ramos 🐪 Camelos há em todo o lado, Portugal então está cheio deles (políticos maioritariamente!)
Gosto · Responder · 3 dia(s)

Artur Delgado 😂 oh simmmm.tem tudo a ver 😂😂😂😂
Gosto · Responder · 3 dia(s)

Carolina Martins Eu acho que o Pedro estava a referir-se as algas.
Gosto · Responder · 3 dia(s)

Marta Manta Tem razão. A temperatura da água é magnífica, as pessoas muito simpáticas.
Gosto · Responder · 3 dia(s)

Ana Castro Fantástico!!
Gosto · Responder · 3 dia(s)

Carlos Pavao So merda , ha muitos camelos, mais Vale portugal fora aos a tenta dos! !! Ke se esta sujeito , perigoso !!!
Gosto · Responder · 3 dia(s)

Jorge Silva prais porcas com merda de camelos
Gosto · Responder · 3 dia(s)

Paula Dos Santos Marques 🐪 Jorge Silva ? Nunca vi nada disso por acaso ja la esteve?
Gosto · Responder · 3 dia(s)

Pedro Correia 🐪 Jorge Silva não mande bocas
Gosto · Responder · 3 dia(s)

Escreve uma resposta...

Francisco Labocha Nada a ver.... 😂
Gosto · Responder · 3 dia(s)

Joana Marcelino Até pode ser bom mas igual a Punta Cana não é!
Gosto · Responder · 3 dia(s)

Lillie Pimenta Pelas fotos nada a ver com Punta Cana...
Gosto · Responder · 3 dia(s)

Juliana Peniche 🐪 Quero irrrrr e é mais perto odeio andar de avião Simao Peniche
Gosto · Responder · 3 dia(s)


Nádia Abrantes está em que hotel?
Gosto · Responder · 3 dia(s)

Pedro Correia 🐪 Djerba
Gosto · Responder · 3 dia(s)

Escreve uma resposta...

Marina Pimenta 🐪 N tem comparação...
Gosto · Responder · 3 dia(s)

Filomena Santos Santos



Gosto · Responder · 3 dia(s)

Gomes Da Costa Sandra Nada a ver, com punta cana...
Gosto · Responder · 3 dia(s)

Fatima da Silva Igual nao sei em quê
Gosto · Responder · 3 dia(s)

Paulo Rodrigues Tem mar e céu.
Gosto · Responder · 3 dia(s)

Escreve uma resposta...

Nela Mitra 🐪 Sr.Pedro já esteve em Punta cana se não não fale daquilo que não sabe
Gosto · Responder · 3 dia(s)

Pedro Correia 🐪 Lei o meu comentário
Gosto · Responder · 3 dia(s)

Nela Mitra 🐪 Li e é assim já estive na Tunísia e até gostei .A cultura deles é muito interessante as pessoas são muito simpáticas agora a água não é tão transparente como a das Caraibas a paisagem nem se compara este ano estive em bayahibe e foi maravilhoso ir há ilha saona não há igual agora Punta cana não gostei muita confusão mas gostos são gostos e não se discutem .boas férias é o que desejo seja lá onde for.
Gosto · Responder · 3 dia(s)

Escreve uma resposta...

Carlos Cavaleiro Eu já estive mais do que uma vez nas Caraibas e este ano estive na Tunísia e adorei praia fantástica! Essas fotos não descrevem verdadeiramente o que realmente é Djerba. E andei pelo centro de Djerba e fui ao deserto e achei super seguro, não senti qualquer tipo de insegurança. Quem numca lá foi não diga que é perigoso!!!
Gosto · Responder · 3 dia(s) · Editado

Fernando Antunes E aqueles que morreram há uns anos, a tiro de Kalashnikov na praia, de certeza que também achavam que era seguro
Gosto · Responder · 3 dia(s)

Maria Dulce Pires Reverse muita sorte.....pois nesmo sem sairem did resorts de luxo ha la morreram Franceses...Alemaes.....Ingleses. E ha foram no minimo 3dezenas en ataques.....
Gosto · Responder · 3 dia(s)

- Rosário Barreira** Fernando Antunes , com esse pensar não vai a vários locais... tais como Londres, Paris...etc
Gosto · Responder · 3 dia(s)
- Pedro Correia** Fernando para já aconteceu à uns anos e a partir daí os Tunesianos tomaram bastantes medidas de segurança nas zonas turísticas e só aconteceu uma vez, se fôssemos pelo seu pensamento, em Londres e Paris o turismo tinha acabado
Gosto · Responder · 3 dia(s)
- Pedro Correia** Maria Dulce não a tenho por ignorante aqui em Djerba nunca houve nada e só houve ataque UMA vez e já à uns anos
Gosto · Responder · 3 dia(s)
- Fernando Antunes** Pedro Correia só escrevi o meu comentário porque você disse que não era perigoso. Há sempre perigo
Gosto · Responder · 3 dia(s)
- Pedro Correia** Claro olhe Paris e Londres
Gosto · Responder · 3 dia(s)
- Fernando Antunes** Pedro Correia e são perigosos.
Gosto · Responder · 3 dia(s)
- Carlos Cavaleiro** Fernando Antunes a pensar assim vao todos os imigrantes fugir de França??? Quantos morreram em França nos últimos anos? Não podemos marcar um país por isso.. Hoje em dia pode acontecer em qualquer lado até em Portugal como aconteceu na Noruega também à uns anos!!
Gosto · Responder · 3 dia(s)
- Pedro Correia** Ora aí está...
Gosto · Responder · 3 dia(s)
- Escreve uma resposta...
- Mariaarmanda Vacas** Nunca fui mas as fotos não me deixam entusiasmada
Tudo isto me cheira a pouca higiene.
Gosto · Responder · 3 dia(s)
- Pedro Correia** Venha ver e depois comente
Gosto · Responder · 3 dia(s)

- Pedro Correia** Enganada, nada como ver com os seus olhos
Gosto · Responder · 3 dia(s)
- Escreve uma resposta...
- Maria Leonor Abreu** adorei punta cana ha anos mas este ano ,esta cheia de algas e lixo.
Gosto · Responder · 3 dia(s)
- Pedro Gonçalves** Tb há camelos em punta cana?!?!
Gosto · Responder · 3 dia(s)
- Maria Leonor Abreu** pois...nao vi...
Gosto · Responder · 3 dia(s)
- Escreve uma resposta...
- Pedro Correia** Quando escrevi igual a Punta Cana, para esclarecer, referia-me à temperatura da água, que hoje está a 27° e temperatura do ar que anda à volta dos 31°, conheço as praias de Punta Cana, quem quiser usufruir de praia com água com a mesma temperatura de ... Ver mais
Gosto · Responder · 3 dia(s)
- Pedro Correia** É capaz de haver, mas doutra espécie ahahah...
Gosto · Responder · 3 dia(s)
- Ricardo Sá** Comparação sem comparação!
Gosto · Responder · 3 dia(s)
- Daniela Melita Mendes** Continuam a compactuar c os maus tratos aos animais. Tristeza!
Gosto · Responder · 3 dia(s)
- Pedro Gonçalves** Coitados dos tunisinos...Se não se safam com os camelos estão desgraçados. Deixem trabalhar os camelos!
Gosto · Responder · 3 dia(s)
- Daniela Melita Mendes** Pedro Gonçalves vão plantar batatas ou assim... os animais não são para serem escravizados pelos homens
Gosto · Responder · 3 dia(s)

- Juliana Peniche** Pedro Gonçalves não concordo em nada mesmo que escravizem os camelos. Em nada mesmo. Entristece me.
Gosto · Responder · 3 dia(s)
- Pedro Gonçalves** Um camelo é bicho de trabalho há 10.000 anos...passear um bife às costas é bem melhor do que fazer o saara em caravanas de meses com toneladas às costas. Se não for isso para que serve o camelo? Bicho de estimação?!? Já agora veja um pouco sobre as tribos berberes que o usam como alimento, ornamento, carga... O ocidental é muito espirituoso no que toca a dar conselhos de vida aos outros. Take it easy.
Gosto · Responder · 3 dia(s)
- Juliana Peniche** Pedro Gonçalves volto a dizer que não concordo. É a minha opinião.
Gosto · Responder · 3 dia(s)
- Pedro Gonçalves** Faz me mais confusão ter periquitos numa gaiola ou caes num apartamento do que ver um camelo a passear.
Gosto · Responder · 3 dia(s)
- Ana Paula Pereira André** Não são camelos são dromedários. Camelos só há na Ásia!
Gosto · Responder · 3 dia(s)
- Pedro Gonçalves** Correto doc!
Gosto · Responder · 3 dia(s)
- Daniela Melita Mendes** Pedro Gonçalves não estou em nada de acordo consigo... os caes querem estar ao pé dos donos. Se for ao ar livre que seja... se for em cima de um sofá pois que seja. Respeito-o pelo motivo que o Pedro Sabe... mas não estou em nada de acordo
Gosto · Responder · 3 dia(s) · Editado
- Pedro Gonçalves** Não me diga que tb tem piriqitos?
Gosto · Responder · 3 dia(s)
- Pedro Gonçalves** Daniela, não se chateie
Gosto · Responder · 3 dia(s)

Daniela Melita Mendes Pedro Gonçalves não... Só dois cães dentro de um apartamento de 5 assoalhadas... que gostam de estar sempre ao em cima de mim... você sabe como e!

Gosto · Responder · 3 dia(s)

Pedro Gonçalves Sei bem 😊❤️ 1

Gosto · Responder · 3 dia(s)

Daniela Melita Mendes Pedro Gonçalves 🐾

Gosto · Responder · 3 dia(s)

Daniela Melita Mendes Pedro Gonçalves um beijinho ao meu/seu menino!

Gosto · Responder · 3 dia(s)

Pedro Gonçalves Entregue, está aqui armado em parvo na cozinha. 😊

Gosto · Responder · 3 dia(s)

Pedro Gonçalves



Gosto · Responder · 3 dia(s)

Daniela Melita Mendes Pedro Gonçalves Está a ver? Com o terreno que você tem ele está em cima de vocês... 😊🐾 2

Gosto · Responder · 3 dia(s)

Pedro Correia 🐾 Por acaso até estão bem tratadinhos...

Gosto · Responder · 3 dia(s)

Patricia Silva Machado Pedro Gonçalves mete-lhe confusão um cão num apartamento??

Deixe-me que lhe diga que vivo num t3 com um beagle e posso lhe garantir que é tratado como um rei, dou-lhe todo o amor possível, educação e melhor ração do mercado. Tomara muita gente ser tratada da forma como sempre tratei os meus animais.

Gosto · Responder · 3 dia(s) · Editado

Pedro Gonçalves Humm... Sem comentários, não me parece que vá discutir com os 5 milhões de portugueses que têm cães e piriquitos. É a minha posição sobre o assunto. Se tem beagles, galgos ou sao bernardos em apartamentos não me parece que o problema seja meu.

Gosto · Responder · 3 dia(s)

Pedro Gonçalves E espero bem que trate bem os seus cães, isto não tem nada a ver consigo ou com seu beagle 😊

Gosto · Responder · 3 dia(s)

Patricia Silva Machado Pedro Gonçalves dei opinião mediante o seu comentário :) por exemplo em relação aos piriquitos e coisas parecidas concordo consigo, só tenho uma opinião diferente no que toca aos cães. Para mim o importante é o amor que lhe damos, eles só querem a nossa companhia e amizade.

Gosto · Responder · 3 dia(s)

Pedro Gonçalves Claro que sim, ninguém aqui disse o contrário. Isto era sobre camelos (tecnicamente dromedários) 😊

Gosto · Responder · 3 dia(s)

Ricardo Sá Existem comentários / opiniões que não merecem quaisquer respostas. Dizer que os camelos / dromedários servem e estão melhor a transportar turistas pela praia??!!! Fazer turismo é também respeitar a natureza, os animais, as pessoas e os costumes / tradições de um povo. Estes animais não foram nunca usados para transporte de pessoas. Muito menos em passeios pelas praias!

Gosto · Responder · 2 dia(s)

Daniela Melita Mendes Ricardo Sá então? São só de decoração?

Gosto · Responder · 2 dia(s)

Ricardo Sá Daniela Melita Mendes, a sério? Estude um pouco. Viva as culturas ancestrais e se calhar poderá entender um pouco. Mas isso já depende da inteligência de cada um

Ricardo Sá Que tal agora nas praias do Algarve ou outras em Portugal começarem a aparecer burros para passeios turísticos?! Sim, por exemplo os da espécie asinina de Miranda? Aposto que muitos dos que se congratulam com os camelos em Djerba ou Agadir seriam os primeiros a criticar.

Gosto · Responder · 2 dia(s)

Daniela Melita Mendes Ricardo Sá não conheço o país em questão. Conheço Marrocos e sei porque vi que fazem passeios na praia com turistas. Acredito que na Tunísia seja igual. Mas então diga me você... servem para que? Você que é tão inteligente ao ponto de já ter estudado ou mesmo vivido sobre as culturas ancestrais...

Gosto · Responder · 2 dia(s)

Ricardo Sá Se pretender poderei levá-la a conhecer essas culturas. Mas claro que não em pacotes de viagens porque não as há. E teria de pagar bem mais e estar de mentalidade aberta. Mas não reconheço que esteja, ao ponto de escrever o que escreveu.

Gosto · Responder · 2 dia(s) · Editado

Daniela Melita Mendes Ricardo Sá não obrigada. Para ver desgraças basta me abrir o FB e ver animais mal tratados e explorados todos os dias... não preciso de ir para longe para ver o homem a sobrepor se ao animal ...

Gosto · Responder · 2 dia(s)

Pedro Correia 🐾 Vamos lá a ver Daniela, concordo com algumas coisas que diz, estou em Djerba e os dromedários e cavalos que andam pela praia, pode ter a certeza que são bem tratados, nas horas em que não estão na praia, vi lugar onde comem e bebem, ração e água não lh... Ver mais

Gosto · Responder · 2 dia(s)

Daniela Melita Mendes Pedro Correia então porque estão na praia? Desculpe a pergunta... é que não entendo.

Gosto · Responder · 2 dia(s)

Pedro Correia 🐾 E porque andam em caravanas no deserto????

Gosto · Responder · 2 dia(s)

Daniela Melita Mendes Pedro Correia no deserto a serem úteis no transporte. E na praia por amor de Deus?

Gosto · Responder · 2 dia(s)

Pedro Correia 🇵🇹 Ok podemos andar aqui todo o dia que não saímos daqui...

Gosto · Responder · 2 dia(s)

Daniela Melita Mendes Você não me responde

Gosto · Responder · 2 dia(s)

Pedro Correia 🇵🇹 Daniela Melita Mendes não vale a pena o que tenho a dizer já lhe disse acima, concordo com algumas coisas que diz, mas outras 🙄 ponto final

Gosto · Responder · 2 dia(s) · Editado

Escreve uma resposta...

Ana Luisa Anjos Sem comparação possível... 😊

Gosto · Responder · 3 dia(s)

Pedro Correia 🇵🇹 Se conhece Djerba e Punta Cana, aceito a sua opinião, se nunca esteve nos 2 sítios ou só num, nada como ver para comparar

Gosto · Responder · 3 dia(s)

Escreve uma resposta...

Filipe Martins Já estive em Djerba e em 3 destinos das Caraibas. Na minha opinião realmente Djerba não são as Caraibas mas não é de todo despropositado ser comparada. A areia é branca, a temperatura é muito boa, a água é cristalina. Só faltam as palmeiras e outra vegetação. Pelo menos não há furações, chuva ao final do dia e a viagem é curta a metade do preço.

Gosto · Responder · 3 dia(s)

Pedro Correia 🇵🇹 Ora ai está...

Gosto · Responder · 3 dia(s)

Escreve uma resposta...

Maria Eugénia Adorei a Tunísia, hammamet, os locais são super simpáticos, muitas ruínas romanas, um coliseu espetacular e a cidade de Cartago. Mar bom temperatura 27, no mar claro. Adorei. Bom preço hotéis excelentes e adoram os portugueses

Gosto · Responder · 3 dia(s)

Paula Dos Santos Marques 🇵🇹



Gosto · Responder · 3 dia(s)

Paula Dos Santos Marques 🇵🇹



Gosto · Responder · 3 dia(s)

Paula Dos Santos Marques 🇵🇹 estas sao fotos reais the monastir !

Gosto · Responder · 3 dia(s)

Deolinda Pereira Têm toda a razão Dejrba, é que é bom, sem dúvida

Gosto · Responder · 3 dia(s)

Pedro Correia 🇵🇹 Mas cuidado não quere dizer que Punta Cana não seja bom, respeito todas as opiniões, conheço os dois destinos

Gosto · Responder · 3 dia(s) · Editado

Deolinda Pereira Eu também

Gosto · Responder · 3 dia(s)

Escreve uma resposta...

Fatima Pessoa Sítios completamente diferentes

Gosto · Responder · 3 dia(s)

Pedro Correia 🇵🇹 Claro, um está em África outro nas Caraibas...

Gosto · Responder · 3 dia(s)

Manuel Amaro Não tem nada haver

Gosto · Responder · 3 dia(s)

Dani Rodrigues Nunca estive na Tunísia, mas só de ver não me parece que tenha nada a ver... 😊

Gosto · Responder · 3 dia(s)

Pedro Correia 🇵🇹 Nada como ver... 🇵🇹

Gosto · Responder · 3 dia(s)

Escreve uma resposta...

Olivia Santos Estive lá e já tenho saudades odorei

Gosto · Responder · 3 dia(s)

Jorge Pinheiro Gostei imenso

Gosto · Responder · 3 dia(s)

Jorge Pinheiro Estive aí finais de Junho

Gosto · Responder · 3 dia(s)

Jorge Pinheiro No hotel seabel rym beach

Gosto · Responder · 3 dia(s)

Isabel Araujo Cabeleiros Adorei

Gosto · Responder · 3 dia(s)

Ana Margarida Ferreira Terrível!!!

Gosto · Responder · 3 dia(s)

Deolinda Pereira Terrível? Porquê?

Gosto · Responder · 3 dia(s)

Ana Margarida Ferreira Terrível, a imagem desses pobres animais...

Gosto · Responder · 3 dia(s)

Escreve uma resposta...

Tilio Notario Boa noite ... estive na Tunísia e nunca mais lá volto ... até os policas não tem respeito pelos turistas realmente ... muito fraquinho a nível de mentalidade ... eu falo pela experiência que tive lá ... e é um país muito sujo Muit o lixo ... mas ... a quem gostou ainda bem 😊

Pedro Correia Esteve em Djerba???de facto existem sítios na Tunísia em que o lixo existe, mas se vir na República Dominicana o mar está "plastificado", quanto à segurança, pelo menos aqui nada a dizer

Gosto · Responder · 3 dia(s) · Editado

Teresa Silva Plastificado o que é isso? Desculpe não percebi. Vim de lá á dias punta cana ,plástico só as garrafas de água sim a água não é potável. É isso que se refere?

Gosto · Responder · 3 dia(s)

Teresa Silva Não vi plástico nas praias. Se é isso que se refere , pena os noticiários só mostrarem passados 3 ou 4 meses depois das tempestades.

Gosto · Responder · 3 dia(s)

Escreve uma resposta...

Célia Reis É realmente impressionante a diferença de opiniões acerca de um país. Acho que tudo depende essencialmente da expectativa e da informação que se recolhe antes de ir. O gostei ou não gostei é tão relativo. Quanto à comparação foi de facto mal feita. R... Ver mais

Gosto · Responder · 3 dia(s) · Editado

Pedro Correia Faltam as palmeiras... 😞 1

Gosto · Responder · 3 dia(s)

Célia Reis Bem pelo contrário, há lá imensas palmeiras, e produzem umas tâmaras deliciosas que comia todos os dias até cair para o lado 😊

Gosto · Responder · 3 dia(s) · Editado

Ver mais respostas

Escreve uma resposta...

Carlos Santos Gonçalves Cuidado com as Águas do mar em Djerba... Estão altamente poluídas pela indústria de adubos e pesticidas...

Gosto · Responder · 3 dia(s) · Editado

Pedro Correia ?????? Esta é nova...

Gosto · Responder · 3 dia(s)

Carlos Santos Gonçalves Pedro Correia Sabe que Djerba está encostada ao golfo de gabes, sabe onde está instalada uma das maiores fábricas do mundo produtoras de fosfato, sabe que a agricultura na ilha está quase toda contaminada pela péssima qualidade da água doce...

Gosto · Responder · 3 dia(s)

Ver mais respostas

Escreve uma resposta...

Deolinda Pereira Será? Eu estive lá no mês 6 e não tive problema nenhum

Gosto · Responder · 3 dia(s)

Pedro Correia Estou aqui e nunca ouvi falar disso, pelo contrário é um mar límpido, só se for noutra lado da ilha...

Gosto · Responder · 3 dia(s)

Escreve uma resposta...

Marlene Rodrigues Acabei de chegar esta semana... adorei...águas quentes...temperaturas altas... e nao tive qualquer problema...pelo que recomendo

Gosto · Responder · 3 dia(s)

Nádia Abrantes Ficou em que hotel?!

Gosto · Responder · 3 dia(s)

Marlene Rodrigues Nádia Abrantes El mouradi

Gosto · Responder · 3 dia(s)

Ver mais respostas

Escreve uma resposta...

Marlene Rodrigues



Gosto · Responder · 3 dia(s)

Pedro Correia Já somos dois que cá estamos a gostar...

Gosto · Responder · 3 dia(s)

Nádia Abrantes Está em que hotel?!

Gosto · Responder · 3 dia(s)

Rui Sousa Está em que hotel ?

Gosto · Responder · 3 dia(s)

Ver mais respostas

Escreve uma resposta...

Vera Amorim Não sou de acordo com exploração de animais!!!

Gosto · Responder · 3 dia(s)

Lita Tavares Gostos não se discutem, mas não comparem Punta Cana com Tunísia 😞.

Gosto · Responder · 3 dia(s)

Deolinda Pereira



Gosto · Responder · 3 dia(s)

Escreve uma resposta...

João Soares Punta Cana não tem dromedários a areia é branquinha, água mais quente, infelizmente este ano está cheia de algas.

Gosto · Responder · 3 dia(s)

Pedro Correia Ora aí está, já estive nas duas, os dromedários coitados não fazem mal a uma mosca e estão bem alimentados

Gosto · Responder · 3 dia(s)

Rô Maria Vieira da Costa Pedro Correia não fazem, até são bem temurentos, o problema são as moscas que eles atraem 😞 Assim como as fezes que ficam espalhadas no areal e que estamos sempre sujeitos a pisar 😞 os tunisinos não são nada simpáticos, gostei da temperatura da água, mas é destino a não mais voltar 😞

Gosto · Responder · 3 dia(s)

Luis Amorim Tens o mesmo ou melhor aqui
Gosto · Responder · 3 dia(s)

Fernanda Militão A sério ?!!! 😊
Gosto · Responder · 3 dia(s)

Celeste Ramalho Não deve ter visitado Punta Cana!
Gosto · Responder · 3 dia(s)

Deolinda Pereira Claro que já visitei? Não tem nada a ver
Gosto · Responder · 3 dia(s)

Escreve uma resposta...

João Belo Também é bom, mas na minha opinião incomparável com as Caraíbas e em particular com Punta Cana.
Gosto · Responder · 3 dia(s)

Custodio Neves É mesmo tudo igual, até os "camelos" na praia
Gosto · Responder · 3 dia(s)

Sónia Delfim Vamos lá ter bom senso já estive em Djerba e realmente foi fantástico e também fui a punta cana e também fanfantástico mas não podemos comparar uma coisa com outra punta cana tem outras condições
Gosto · Responder · 3 dia(s)

Pedro Correia 🇵🇹 Eu já estive também nos dois sítios, quanto a condições... bom aí cada um tem a sua opinião, a minha é diferente da sua, Punta Cana neste momento com o problema das algas, Djerba supera...
Gosto · Responder · 3 dia(s)

Orlando Fonseca Deve ter visto ambos os lados á noite e de óculos escuros ...mas desde quando pode se comparar esta Praia está cheia de merda.
Gosto · Responder · 3 dia(s) · Editado

Pedro Correia 🇵🇹 Deve ser por os meus óculos serem esverdeados.....
Gosto · Responder · 3 dia(s)

Célia Moreira Pina Vim de Djerba e já voltava... tudo fantástico... muito natural... Todos os dias cavalgava pela praia... Boa gastronomia... povo humilde e excelente... águas quentinhas e transparentes... fezes de animais na praia? Sim... mas à base de palha!! 😊
Gosto · Responder · 3 dia(s)

Pedro Correia 🇵🇹 Ahahahah boa Célia
Gosto · Responder · 3 dia(s)

Orlando Fonseca Se tiver bosta nas nossas praias vem logo para aqui reclamar...essa bosta deve ser melhor
Gosto · Responder · 3 dia(s)

Pedro Correia 🇵🇹 Caro Orlando não venha para aqui descarregar a sua ira Verde...já falta pouco para o dia 7 de Setembro, o combate final...
Gosto · Responder · 3 dia(s)

Orlando Fonseca Quero lá saber de verdes ou vermelhos...
Gosto · Responder · 3 dia(s)

Pedro Correia 🇵🇹 Ui ui
Gosto · Responder · 2 dia(s)

Escreve uma resposta...

Carlos Santos Gonçalves Amigos o problema não é a bosta, são os fosfatos. A Tunísia é o 5 maior produtor mundial e o golfo de Gabés está todo contaminado. Quer o ar quer as águas. Há gente a morrer de cancro, vilas de pescadores que desapareceram. Por a Tunísia ser um país sem controle administrativo eficaz, as etar não funcionam...é uma calamidade. Vão a banhos para o Alentejo...
Gosto · Responder · 3 dia(s)

Pedro Gonçalves Tb vi o doc na 2....que medo.
Gosto · Responder · 3 dia(s)

Escreve uma resposta...

Pedro Correia 🇵🇹 Ok é a sua opinião...aqui em Djerba não à esse problema
Gosto · Responder · 3 dia(s)

Carlos Santos Gonçalves "O maior desafio dum ser humano é educar outro" RMA
Gosto · Responder · 3 dia(s)

Luis Sousa E não tem algas 😊😊😊
Gosto · Responder · 3 dia(s)

Elisabete Gomes Igual??? Ahahaha
Gosto · Responder · 3 dia(s)

Mário Menezes Quando me meto num avião, em geral não é para ir para a praia. Procuro outro tipo de férias. Museus, cidades, monumentos, por exemplo. Praia, se vier, vem por acréscimo. Acho quem nem em Djerba, nem em Punta Cana encontro o que procuro. Não são, de momento, objetivos de viagens, em que tenha de investir tempo e dinheiro. Só por uma boa causa. Como há uns anos me levou a Tenerife.
Gosto · Responder · 3 dia(s)

Donzília Pinho Mário Menezes partilho da mesma opinião.
Gosto · Responder · 3 dia(s)

Escreve uma resposta...

Bruno Domingos igual??? nunca pode ser bom e até tenciono um dia passar aí umas férias mas punta Cana e outra sessão!
Gosto · Responder · 3 dia(s)

Vera Afonso Igual??????? Já estive na Tunísia e em Punta Cana e são bem diferentes.
Gosto · Responder · 3 dia(s)

Mário Menezes Tire aí uma selfie com um dromedário! Fiz isso com uma vaca em Goa este ano! Eu que tenho a paranóia das selfies!!!!
Gosto · Responder · 3 dia(s)



Pedro Correia 🇵🇹 Oh Mário o que eu fui publicar e dizer, vai para aqui uma "guerra" entre Punta Cana e Djerba ...ahahah
Gosto · Responder · 3 dia(s) 🤔 1

Mário Menezes Pedro Correia Guerras a discutir praias. Há uns tempos houve um viajante que não gostou que comparasse o Dubai com a Costa da Caparica. Sim, melhores praias temos nós na Costa da Caparica, mas não é "fino" 😊
Gosto · Responder · 3 dia(s) 😊 1

Ver mais respostas

Escreve uma resposta...

Pedro Correia 🇵🇹 Claro que são, uma nas Caraíbas outra em África e também já estive nas duas, tudo uma questão do gosto de cada um,
Gosto · Responder · 3 dia(s) · Editado 🇵🇹 1

Rukssana Faruk Gadit 🇵🇹 Ela...isso é sério, saúde pública em perigo!
Gosto · Responder · 3 dia(s)

Pedro Correia 🇵🇹 Mandam bocas e nunca estiveram em Djerba... ver para opinar...
Gosto · Responder · 3 dia(s)

Escreve uma resposta...

Clara Oliveira Não vi camelos em punta cana, ...
Gosto · Responder · 3 dia(s) 🤔 2

2 respostas

Ines Sousa Adorei os dois destinos. Mas primeiro de tudo VIVA AO MEXICO xD 🇮🇹🇮🇹🇮🇹
Gosto · Responder · 3 dia(s) 🇵🇹🇵🇹 5

2 respostas

Ricardo Alves Em primeiro lugar são 2 países diferentes, posso afirmar porque já visitei os dois e não existe qualquer comparação! Tunísia é um país ótimo e tem muitos locais de interesse para visita artesanato, medinas, sinagogas e comer as famosas saladas cuscuz... Ver mais
Gosto · Responder · 3 dia(s) · Editado 🇵🇹 7

Fernanda Coelho E Cunha Nada a ver.... Nada 🇵🇹 1
Gosto · Responder · 3 dia(s)

Matilde Duarte Comparar o que não é comparável...?
Gosto · Responder · 3 dia(s) 🇵🇹 1

5 respostas

Filomena Simões 🇵🇹 Foi a viagem que mais amei fazer... e a viagem pelo deserto é qualquer coisa... adorei!! mas a pobreza é avassaladora 😞 e boa parte dos percursos feitos São algo chocantes... mas volta sem pestanejar. E quem estiver a pensar ir, faça a excursão pelo deserto que é maravilhosa. E sejam generosos nas gorjetas (para nos não é nada, e acredito que faça muita diferença) 😊
Gosto · Responder · 3 dia(s) 🇵🇹🇵🇹🇵🇹 5

Susana Pereira Eu vou para a Tunizia ...algum sitio que aconselham visitar
Gosto · Responder · 3 dia(s) 🇵🇹 2

20 respostas · 4 h

Ermelinda Oliveira É que camelos há por todos os lados.
Gosto · Responder · 3 dia(s)

2 respostas

Sónia Piedade Igual!! Onde 😊😊
Gosto · Responder · 3 dia(s)

Sandra Oliveira Dó
Gosto · Responder · 3 dia(s)

Sandra Almeida ?????!!
Gosto · Responder · 3 dia(s)

Raquel Sobral Pelo que vejo neste momento deve estar igual a nível de algas ehh
Gosto · Responder · 3 dia(s)

1 resposta

Mariana Esteves 🇵🇹 Deve estar a BRINCAR?????
Gosto · Responder · 3 dia(s)

Jorge Sousa Alguém esteve recentemente no hotel Sidi Mansour Dierba?
Gosto · Responder · 3 dia(s)

Anabela Ribeiro Ainda devia ser mais caro o Algarve não se compara
Gosto · Responder · 3 dia(s)

13 respostas

Helena Gaiaz Cada um com a sua beleza mas diferentes 🇵🇹 2
Gosto · Responder · 3 dia(s)

Pedro Correia 🇵🇹 Agora se me falarem em Cuba, claro que prefiro Cuba, são mais umas horas metido na "lata", mas tal como na Tunísia tem bastante mais que ver que Punta Cana, que não passa para quem só quere apanhar praia
Gosto · Responder · 3 dia(s)

7 respostas

Isa Tasha Vim daí domingo. Adorei! 🇵🇹 1
Gosto · Responder · 3 dia(s)

Isa Tasha



Gosto · Responder · 3 dia(s) 🇵🇹 5

2 respostas

Zeka Correia Menos...muito menos
Gosto · Responder · 3 dia(s)

Isabel Assunção




- Isaura Marques** E bem diferente! Peço desculpa
Gosto · Responder · 3 dia(s)
↳ 1 resposta
- Isa Tasha** Em frente ao hotel








Gosto · Responder · 3 dia(s)
- Isa Tasha** A semana passada *37 graus
Gosto · Responder · 3 dia(s)
↳ 29 respostas
- Fátima Almeida** Falta camelos !!!!
Gosto · Responder · 3 dia(s)
↳ 1 resposta
- Pedro Dantas** Foi o único sítio, em muitos anos, que consegui entrar no mar à primeira e de mergulho. Nem no Algarve já o consigo fazer aos anos. 😞
Gosto · Responder · 3 dia(s)
- Patricia Abreu** Estou neste momento em Djerba e a adorar 🥰

Gosto · Responder · 3 dia(s)

- Ana Margarida Sousa** Tou ctg!!!! No ❤️👍🙄 3
Gosto · Responder · 3 dia(s)
- Isabel Assunção** Seja feliz 👍 1
Gosto · Responder · 3 dia(s)
- Pedro Correia** Ana Margarida Sousa eu também estou cá lberostar???
- Pedro Correia** Já somos dois, Domingo Adeus Djerba
Gosto · Responder · 3 dia(s)
- Ana Margarida Sousa** Pedro Correia a minha amiga Patricia é q está em djerba ❤️
Gosto · Responder · 3 dia(s)
- Pedro Correia** Ana Margarida Sousa 👍
Gosto · Responder · 3 dia(s)
- Escreve uma resposta...
- Pedro Correia** Já somos dois lberostar?? 1
Gosto · Responder · 3 dia(s)
- Daniel Silva** Só tenho a dizer bem de djerba e da Tunísia mas punta cana não tem nada a ver com djerba pelo menos a nível hoteleiro e na comida então ja a praia ate gostei mais em djerba isto praia de hotéis
Gosto · Responder · 2 dia(s)
- Pedro Correia** É natural que haja diferenças é um País africano árabe, mas estive em Punta Cana num dos melhores da cadeia lberostar e aqui o hotel desta cadeia,não lhe fica nada atrás...
Gosto · Responder · 2 dia(s)
- Daniel Silva** Eu em punta cana fiquei no luxury Bahia principe ambar aqui na Tunísia fiz circuito fiquei em alguns el mouradi e em ultimo no syabel aladin gostei bastante do aladin mas ate chegar as caraibas em termos de hotéis e alimentação falta muito pois também como referiu e um país com uma cultura muito diferente pelo que certos alimentos etc não são usados
Gosto · Responder · 2 dia(s)

- Pedro Correia** Daniel concordo nalgumas coisas consigo, mas os hotéis aqui em Djerba das grandes cadeias não são nada inferiores a PC e tem uma coisa mto boa, estou a 2 horas e pouco de avião de Portugal e não estou enlataado quase 9 horas para Punta Cana, como já estive, agora se me falar de Cuba outra música canta, embora também apanhe umas boas horas de voo
Gosto · Responder · 2 dia(s)
- Escreve uma resposta...
- Fernanda Coelho E Cunha** Achei as praias de RD, zona Bavaro espetaculares.... Embora não conheça Djerba.. gostei mais do que Cuba
Gosto · Responder · 2 dia(s) · Editado
↳ 1 resposta
- Paula Archer** Ainda não conheço Djerba,mas tem uma vantagem,não é preciso passaporte.
Gosto · Responder · 2 dia(s) · Editado
↳ 8 respostas
- Paula Dos Santos Marques** ?
Gosto · Responder · 2 dia(s)
↳ 2 respostas
- Paula Archer** sim,já há 3 anos que para djerba um cidadão portugues não precisa de passaporte,desde que seja viagem organizada por um operador turístico,por exemplo a Egotravel.
Gosto · Responder · 2 dia(s)
↳ 8 respostas
- Paula Archer** obrigada,mas limitei-me a copiar a descrição da brochura da Egotravel.
Gosto · Responder · 2 dia(s)
- Paula Archer** para Hammamet também não é obrigatório,desde que acompanhado de voucher de hotel.
Gosto · Responder · 2 dia(s)
- Rita Martins** Pobres camelos, escravos.. 5
Gosto · Responder · 2 dia(s)
- Pedro Correia** Olhe que não olhe que não Rita, estão mais bem tratados do que muita gente...

- Maria Leonor Leão Correia** Gostei muito da Tunísia
Gosto · Responder · 2 dia(s)  3
- Carla Lopes** Não consigo encontrar um ponto comum...e por ter mar?
Gosto · Responder · 2 dia(s)   4
- Pedro Correia** Nada como você vir conhecer Djerba
Gosto · Responder · 2 dia(s)  2
- ↳ 1 resposta
- Pepa Fernandes** Djerba é muito muito bom. Estive ai à dous anos adorei
Gosto · Responder · 2 dia(s)  3
- Gualter Cátia** Gostei muito da Tunísia, mas igual a Punta Cana?????????
Gosto · Responder · 2 dia(s)  2
- Pedro Correia** Nada é igual, tem algumas semelhanças, água a 27° hoje até estava a 29° e com temperatura do ar a 30°, as cadeias de hotéis são as mesmas que em Punta Cana com a mesma qualidade embora a comida possa divergir, mas é de boa qualidade e uma coisa mto boa, não precisa de andar quase 9 horas "enlatada", para chegar a Punta Cana, em duas horas e pouco põe-se aqui, sei do que falo, pk já estive em Punt Cana
Gosto · Responder · 2 dia(s)   5
- Fernando Ribeiro** Pedro Correia, fique lá com a sua, que eu fico com a minha...
Gosto · Responder · 2 dia(s) · Editado  2
- Pedro Correia** Nem mais meu caro
Gosto · Responder · 2 dia(s)
- Daniela Melita Mendes** Junho cabanas de Tavira...


- Yesenia Mota** Eu estive este ano em Mahdia e adorei  
Gosto · Responder · 2 dia(s)   2
- ↳ 2 respostas
- Brizida Baptista** Hum... Não me pareceram nada semelhantes. Cada uma com seu encanto, mas bem diferentes.
Gosto · Responder · 2 dia(s)  1
- Bruno da Cruz** Mas já existem camelôs em Punta Cana?? 
Gosto · Responder · 1 dia(s)  1
- ↳ 1 resposta

116 CAT: I (UNIDADE COM RELEVÂNCIA ESPECÍFICA PARA A ANÁLISE)

Vitor Henriques
29 de Setembro às 21:50

Vamos para a Ilha do Sal, Cabo Verde.
Alguém tem um contacto de um taxista que valha a pena para dar uma volta à ilha e conhecer melhor!!!
Obrigado...

38 68 comentários 2 partilhas

Gosto Comentar Partilhar

Sofia Mor Recomendo Dany Lopes. Tem um jipe e faz toda a ilha mesmo os pontos menos conhecidos!
Gosto Responder · 1 dia(s) 5

Inês Rodrigues Gaivotto Vitoooooooooooooo quero um iman 😊
Gosto Responder · 1 dia(s)

Vitor Henriques Ok
Gosto Responder · 1 dia(s)

Inês Rodrigues Gaivotto Yeaaaaaaah
Gosto Responder · 1 dia(s)

Escreve uma resposta...

Angelina Oliveira <https://www.facebook.com/Ulisses.sal/>

Ulisses Lopes Tours
5★ – Agência de turismo – Sempre ab...
Santa Maria
Gosto Responder · 1 dia(s) 2

Andreia Miguel Recomendo Dany Lopes
Gosto Responder · 1 dia(s)

Vânia Simões Andreia Miguel se não é indiscrição quanto pagou? Vou daqui a 15 dias e gostava de saber quais os valores que se praticam 😊
Gosto Responder · 1 dia(s)

Ana Caldas Rosa Vânia Simões paguei 20€ com o dany lopes. E recomendo muito
Gosto Responder · 1 dia(s) 1

Vânia Simões Ana Caldas Rosa obrigada 😊 fizeste a excursão a ilha? Dá para fazer mais excursões com ele?
Gosto Responder · 1 dia(s)

Ana Caldas Rosa Fiz a excursão à ilha, ir à buracona, ir ver os tubarões, ir as salinas. Mas ele conhece com quem possas ir ver as tartarugas desovar. Se bem que esta a passar a época do ano. Os passeios de quads, moto 4, barco quase todos os hotéis tem quem organize
Gosto Responder · 1 dia(s)

Vânia Simões Ana Caldas Rosa obrigada. 1
Gosto Responder · 1 dia(s)

Vânia Simões Ana Caldas Rosa e dinheiro dá para trocar no hotel? Ou podemos usar €? O que aconselhas?
Gosto Responder · 1 dia(s)

Ana Caldas Rosa Eu usei sempre euros. Tem hotéis que fazem o câmbio. Podes também levantar em ATM escudo cabo verdiano. Mas no hotel tinha tudo incluído. 1
Gosto Responder · 1 dia(s)

Vânia Simões Eu também vou com TI ,mas para fazer as excursões e para comprar algumas recordações pensei que fosse melhor na moeda deles...
Gosto Responder · 1 dia(s)

Ana Caldas Rosa Vânia Simões eles tem tabelas de preço em todo lado em euros. A diferença com o câmbio é pouca. E os hotéis trocam pra escudo caboverdiano, mas não te voltam a cambiar para euros 1
Gosto Responder · 1 dia(s)

Andreia Miguel Vânia Simões 20€ por pessoa
Gosto Responder · 1 dia(s)

Andreia Miguel Não aconselho a trocar vive se bem lá com os euros
Gosto Responder · 1 dia(s)

Susana Silva Ana Caldas Rosa no hotel é o dobro do preço se puder arranjar cá fora na praia melhor.
Gosto Responder · 12 h

Susana Silva Vânia Simões não precisa trocar, em todo lado apresentam o preço em €.
Gosto Responder · 12 h

Susana Silva Quando for fazer a visita pela ilha, se puder leve agua e bastante fruta pq vai encontrar algumas crianças que passam necessidades e ai parte-nos o coração se não tivermos nada. Eles tb pedem dinheiro mas não aconselham dar.
Gosto Responder · 12 h

Escreve uma resposta...

Sofia Batista Fizemos a volta a ilha noutra dia saímos a noite para ver as tartarugas 🌿 com o Caramau Tours ele é excelente acabamos por ficar amigos 🙌🙌 5 estrelas mesmo 2
Gosto Responder · 1 dia(s)

Angelina Aires Dany Lopes xegamos no dominio de cavo verde e fomos dar a volta a ilha é mais barato
Gosto Responder · 1 dia(s)

Paulo Vitor Dany Lopes é o mais recomendado, fizemos transfers, e visita a ilha com ele, compensou muito 1
Gosto Responder · 1 dia(s)

Cristina Augusto Caramau Tours!!!
Gosto Responder · 1 dia(s)

Micaela Pinto O Dany
Gosto Responder · 1 dia(s)

Ana Rita Garcia Aconselho o Dany, também.
Gosto Responder · 1 dia(s)

Cindy Pereira Estão com as carrinhas à saída da praia
Gosto Responder · 1 dia(s)

Cristiana Vieira Nós fizemos de buggy foi brutal.
Gosto Responder · 1 dia(s)

Ricardo Batista Caramau tours excelente guia, simpático e amigo
Gosto Responder · 1 dia(s)

Sara Saianda Dany Lopes 1

Catia Navalho Dany Lopes o melhor
Gosto · Responder · 1 dia(s)

Elsa Santos Dany Lopes! Faz o transfer de e para o aeroporto e combine logo o passeio à ilha...
Gosto · Responder · 1 dia(s)

Linda Costa Assis
Gosto · Responder · 1 dia(s)

Cristina Reis Sem dúvida Dany Lopes 5★★★★☆
Gosto · Responder · 1 dia(s)



Joana Batista Dany Lopes top!
Gosto · Responder · 1 dia(s)

Paula Cunha Dany Lopes
Gosto · Responder · 1 dia(s)

Nelson Teixeira Paulo Soares
Gosto · Responder · 1 dia(s)

Andreia Leal Boris Biedronka
Gosto · Responder · 1 dia(s)

Rita Matos Sim a Zilena Silva é a melhor. Adorei, recomendo vivamente!!! Super simpática e levou nos a ver sítios que a maioria não leva.
Gosto · Responder · 1 dia(s)

Gilberto Carvalho Boa tarde, que sítios esses? Obrigado.
Gosto · Responder · 21 h

Pedro Correia Cada cabeça sua sentença
Gosto · Responder · 1 dia(s)

Antonio Jose Figueiredo também vou a Ilha do Sal hotel belorizonte sré bom?
Gosto · Responder · 1 dia(s)

Susana Silva Antonio Jose Figueiredo eu estive lá adorei. Desde a recepção, aos bares, a comida mt identica a nossa ,aos animadores, etc duma simpatia 5*
Gosto · Responder · 12 h

Antonio Jose Figueiredo Susana Silva
Gosto · Responder · 9 h

Vera Moraes Dany Lopes!!! O melhor
Gosto · Responder · 1 dia(s)

Dúnia Silva Fala com o Nhozezi Bronka!!!
Gosto · Responder · 1 dia(s)

Susana Pinheiro Dani Fortes Dnd
Gosto · Responder · 1 dia(s)

Antonio Jose Figueiredo quanto se paga na volta á ilha?
1 resposta

Lourdes Fernandes Antonio Jose Figueiredo, o hotel é mto bom. Recomendo
Gosto · Responder · 1 dia(s)

Antonio Jose Figueiredo a ilha corre-se num dia? temperatura de 3 novembro a 10.
Gosto · Responder · 1 dia(s)

Luisa Luis Seja qual for a escolha será boa. Todos os que andei eram super simpáticos
Gosto · Responder · 1 dia(s)

Luisa Luis Eu fiz o passeio com a guia. Um dia foi suficiente.
Gosto · Responder · 1 dia(s)

Antonio Jose Figueiredo o cambio vale a pena fazer cá ou lá?

Francisco Gil Wan tour sal.
Gosto · Responder · 1 dia(s)

Albino Duarte Recebem euros, artigos tem os dois preços, .
Gosto · Responder · 1 dia(s)

Paula Maria Araujo Antonio Jose Figueiredo troque por escudos. Caso contrário perde 10%.
Gosto · Responder · 1 dia(s)

Luisa Luis Antonio Jose Figueiredo não é necessário fazer o câmbio porque eles tem quase todos os preços em euros. E nas lojas tem sempre de negociar o preço. E nos vendedores de rua se mostrar interesse em algum artigo eles já não nos larga é parte aborrecida
Gosto · Responder · 1 dia(s)

Antonio Jose Figueiredo O cambio vale pena fazer cá ou lá?
Gosto · Responder · 1 dia(s)

Ana Caldas Rosa Antonio Jose Figueiredo aceitam euros em todo o lado. Não perde quase nada em pagar em euros
Gosto · Responder · 1 dia(s)

Maria Alexandra Brazona Freire Usei euros tbm
Gosto · Responder · 1 dia(s)

Susana Silva Não precisa fazer cambio, o euro ate acaba por ser a moeda mais transitada lá. 1€ é igual a 110 escudos eles fazem a conta na hora à nossa frente.
Gosto · Responder · 12 h

Cathy Pdc C4 TOURS .
Gosto · Responder · Ver Tradução · 1 dia(s)

Tatiana Imperadeiro Dany Lopes
Gosto · Responder · 1 dia(s)

Maria Alexandra Brazona Freire Sem dúvida Dany Lopes leva-nos onde outros não vão e não tens pagar fotos
Gosto · Responder · 1 dia(s)

- Diana Pereira** Mónica Furtado Maria Goreti
Gosto · Responder · 1 dia(s)
- Andreia Girão** Aluga um carro é super seguro. 🍊 2
Gosto · Responder · 1 dia(s)
- Martita Almeida** Dany Lopes 🍊 1
Gosto · Responder · 1 dia(s)
- Susana Ferreira** Dany Lopes 🍊 1
Gosto · Responder · 1 dia(s)
- Liliana Dias** Qualquer que seja o guia vale a pena . 20€ e o que leva a maioria dos guias . Pode pagar diretamente ao guia . A volta a ilha normalmente começa as 9h e vai até as 16/17h vai ver vários pontos de interesse ... uns mais do seu agrado outros menos . Eu fui com o Almir Gomis e correu muito bem . Toda a gente fala sempre do mesmo guia . Não tenho nada contra mas seja qual for a escolha vai gostar certamente .
Gosto · Responder · 1 dia(s) 🍊 2
- Joana Cruz** Gonçalves regista 😊
Gosto · Responder · 1 dia(s) · Editado
- Maria José Cortez** Dany Lopes é a melhor escolha. Visita tudo. E fica mais barato.
Gosto · Responder · 1 dia(s) 🍊 1
- Ana Ferreira** Dany Lopes... aconselho 🍊 1
Gosto · Responder · 1 dia(s)
- Maria Alexandra Brazona Freire** Tbm fiz com o Dany Lopes até mergulhei na gruta do amor
Gosto · Responder · 1 dia(s) 🍊 1
- José Humberto** Chama Uber 🍊 1
Gosto · Responder · 1 dia(s)
- Mena Teixeira Chagas** Na praia do pontal encontras o Dany ..um guia ..faz te a volta a ilha a preço economico e vês o melhores locais sem stress...é de confiança
Gosto · Responder · 1 dia(s) · Editado 🍊 1
- Ana Reis** Não é taxista, é um guia top. Dany Lopes
Gosto · Responder · 1 dia(s)

- Anabela Cavalheiro** Dany Lopes sem dúvida.
Gosto · Responder · 1 dia(s)
- Maria Rosario Soares Sim,** Elton Rocha Pereira, 5☆ recomendo.
Gosto · Responder · 1 dia(s) 🍊 2
- Sandra Nunes** Sem sombra de dúvida Dany Lopes....
Gosto · Responder · 1 dia(s)
- Bruno Coutinho** Dany Lopes sem dúvida!!
Gosto · Responder · 1 dia(s)
- Ana Fernandes** Vladmir Oliveira top 🍊 1
Gosto · Responder · 23 h
- Carina Santos** Dany Lopes o melhor 🍊 😊
Gosto · Responder · 22 h
- Ângela Dias da Silva** Tem no hotel informações, nomeadamente passeios organizados com maior segurança.
Gosto · Responder · 22 h
- Valdemar Susana** Sem guias . Alugar um TT e ir. A ilha é muito pequena
Gosto · Responder · 22 h 🍊
- Cidalia Santos** Dang lopes sem duvida a melhor escolha
Gosto · Responder · 20 h
- Cidalia Santos** Dany lopes
Gosto · Responder · 20 h
- Maria Céu Pereira Castelo** É muito curioso ler as ofertas de A B C!!!!
Será que alguma vez tiveram experiência com outro/s para afirmarem que são os melhores?
Nem digo mais nada!!!!
Gosto · Responder · 20 h 🍊 🍊
- Paula Cunha** Maria Céu Pereira Castelo Não. Mas se teve experiência com outro diferente diga qual.
Gosto · Responder · 20 h

- Maria Céu Pereira Castelo** Paula Cunha claro que não vou dizer nomes.
Sou portuguesa e vivo cá acho curioso estas afirmações É O MELHOR vamos a sitio que não vamos com mais ninguém.....
É mesmo? Não não é!!!!
Uns são bons e LEGALIZADOS outros não e dizem todos que são, Isto é só um exemplo!!!!
Gosto · Responder · 20 h 🍊 🍊 2
- Lili Carvalho** É tudo "sem stress, na descontra", até a hora em q acontece um azarito ... aí vão lembrar se da agência de viagens, do operador, do assistente local q está disponível desde o primeiro dia até ao último, q vos sugere atividades SEGURAS, c parceiros credenciados e profissionais de total confiança... sejam turistas conscientes, pr vosso bem !
Gosto · Responder · 20 h 🍊 2
- Ana Fernandes** Obviamente, que as agências têm que funcionar. E garantir postos de trabalho. Por isso, as viagens serem mais caras... Eu tive as duas experiências, gostei de ambas. Mas o conforto que o nosso escolhido é maior. O preço muito mais vantajoso. A agência é mais formal.
Gosto · Responder · 19 h
- Susana Silva** Lili Carvalho " no stress" porque se acontece um azarito ja vamos com o seguro da agencia de viagens. Eu fiz esse passeio pela soltropical paguei o dobro do preço por causa do seguro. Conclusão paguei uma coisa que ja a tinha. Quando cá fora podias ter feito mais atividades a metade do preço.
Gosto · Responder · 12 h
- Escreve uma resposta... 🗨️ 📷 🎬 🗨️
- Pedro Correia** Tem toda a razão, que saiba Amantes de Viagens não é uma agencia de leilões...as pessoas repetem repetem confundindo as pessoas que querem saber uma informação...a esta hora o Dany Lopes já é vedeta...
Gosto · Responder · 20 h · Editado 🍊 1
- Adilson Nascimento Pereira** Pode entrar em contacto comigo eu e o meu imaoo trabalho nessa area aqui na ilha do sal
Gosto · Responder · 20 h
- Raquel Esteves** Dany Lopes é 🍊 dos 🍊
É só mandar uma mensagem e combinar as coisas com ele 🍊 😊
Gosto · Responder · 10 h 🍊 1

Lili Carvalho Quem paga 1000€ pr uma semana d férias, tb paga 5€ pr fazer o tour c o operador ... a lãbia da rua é encantadora, até ao dia em que a coisa não corre tão bem. Ja diz o ditado "o que é barato sai caro 😊"

Gosto · Responder · 5 h 2

Ana Caldas Rosa Lili Carvalho com o dany lopes pode confiar 😊

Gosto · Responder · 4 h

Escreve uma resposta...

Silvia Andrade Dany lopes pode confiar é o melhor, acredite. Nao vende nada, como a maior parte, so visita a ilha. Umavisita de um dia inteiro mostra tudo sem pressas. Vai a sítios que outros nao vao. Danny lopes um senhor impecavel, humilde. Acredite. Pelo menos nos gostamos e como pode comprovar tem aqui varias pessoas a sugerir-lo. Pergunte no hotel o contato senao ele costuma estar com o jipe ba beira da praia. Boa viagem.

Gosto · Responder · 4 h · Editado 1

Antonio Jose Figueiredo obrigada pela informação, foi útil.

Gosto · Responder · 2 h

Renato Junges Mas qual o contato telefonico ???

Gosto · Responder · 1 h

Paulo Santos Ninguém conduz bem em cabo verde, não há respeito pela velocidade, ninguém para nas rotundas e à noite aparecem táxis no meio das ruas que provavelmente não tem as melhores intenções. De um resort qualquer até ao Porto são (eram) 200 escudos e chamam ... Ver mais

Gosto · Responder · 1 h 1

Ana Ferreira Renato Junges pode contactar via facebook Dany Lopes

Gosto · Responder · 39 min

Cristina Reis Renato Junges



47644326&type=3&ifq=1

Renata Birrento Victor Henriques, viajo há muito para o Sal e sempre que vou o Guia escolhido é o Sr **Dany Lopes**. Aqui referenciado, nesta página por turistas portugueses e não só É natural do Sal, conhece cantos e recantos, como ninguém, devidamente autorizado e referenc... [Ver mais](#)

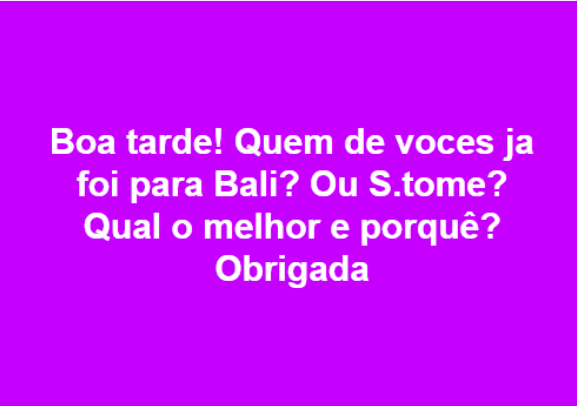
Gosto · Responder · 19 min · Editado

Fabiana Vieira Dany Lopes

Gosto · Responder · 13 min

125 CAT: I (UNIDADE COM RELEVÂNCIA ESPECÍFICA PARA A ANÁLISE)

Ana Filipe
14 de Setembro às 14:53



Boa tarde! Quem de voces ja foi para Bali? Ou S.tome? Qual o melhor e porquê? Obrigada

14 35 comentários

Gosto Comentar Partilhar

Sara Correia
Gosto · Responder · 2 sem

Celina Negrões Sao duas coisas completamente diferentes.
Gosto · Responder · 2 sem

Ana Filipe Celina Negrões sim completamente, dai a minha duvida. Gosto de praia e cultura. Em Janeiro fiz 2 semanas em Tailandia e agora tenho duvida.
Gosto · Responder · 2 sem

Escreve uma resposta...

Sofia Gomes Almeida São dois continentes diferentes... e são destinos nada comparáveis 😊
Gosto · Responder · 2 sem

Ana Filipe Sofia Gomes Almeida sim claro por isso gostava de pedir ajuda para me decidir.

Graça Pereira Araújo S. Tomé menos turístico, mais tranquilo. Mais "em bruto". Bali tem uma mística especial, mas já foi mais desbravado pelo turismo.
Gosto · Responder · 2 sem

Ana Filipe Graça Pereira Araújo obrigada 😊 ja teve em ambos?
Gosto · Responder · 2 sem

Graça Pereira Araújo Sim.
Gosto · Responder · 2 sem

Ana Filipe Graça Pereira Araújo boa 😊 fez por agencia ou contra propria? Pena é que S.tome seja combinados apenas de 7 noites. Ja em Bali consegue se mais tempo.
Gosto · Responder · 2 sem

Escreve uma resposta...

Maria Sebastiao Estou em s.tomé e estou a adorar
Gosto · Responder · 2 sem

Ana Filipe Maria Sebastiao a ideia é ir em Janeiro vai fazer ilha do princepe tbm? Em que hotel ficou?
Gosto · Responder · 2 sem

Susana Vieira Fiquei num resort.. espetacular..mas um pouco caro.. quanto aos lugares tudo vale a pena.. viagem de sonho..
Gosto · Responder · 2 sem

Maria Sebastiao Ana Filipe desta vez fico só por S.Tomé e ilheu das rolas para a proxima ilha do Principe
Gosto · Responder · 2 sem

Maria Sebastiao Ana Filipe fiquei no pestana s.tome e pestana no ilheu
Gosto · Responder · 2 sem

Ana Filipe Maria Sebastiao acabei de ver fotos e parecem lindos. Ja agora fez por agencia ou por conta propria?
Gosto · Responder · 2 sem

Maria Sebastiao Ana Filipe por agencia
Gosto · Responder · 2 sem

Ana Filipe Maria Sebastiao obrigada 😊
Gosto · Responder · 2 sem


Escreve uma resposta...

Susana Vieira Eu já fui a Bali.. adorei..
Gosto · Responder · 2 sem

Ana Filipe Susana Vieira fez apenas Bali? Algum sitio em especial ou hotel a recomendar?
Gosto · Responder · 2 sem

Escreve uma resposta...

Celina Negrões Ilheu das Rolas.



Gosto · Responder · 2 sem · Editado

Manuel Silva Celina Negrões como está o tempo por ai
Gosto · Responder · 2 sem

Maria Sebastiao Manuel Silva o tempo esta ótimo mesmo quando chove
Gosto · Responder · 2 sem

Celina Negrões Maria Sebastiao eu nao estou em S. Tome estou em Portugal.
Gosto · Responder · 2 sem

Maria Sebastiao Celina Negrões eu respondi ao Manuel silva
Gosto · Responder · 2 sem

Celina Negrões Praia Café no Ilheu das Rolas.



Gosto · Responder · 2 sem 8

Maria Sebastiao Vou para o ilheu amanha passar uma noite

Gosto · Responder · 2 sem 1

Celina Negrões Maria Sebastião esta é a Praia Café.

Gosto · Responder · 2 sem 1

Ana Filipe Maria Sebastiao pode me dar dicas, hotéis, a fim de me decidir

Gosto · Responder · 2 sem

Escreve uma resposta...

Micaela Pinto Eu gostei de S Tomé, porque gosto é de África

Gosto · Responder · 2 sem 4

João Paulo <https://blogdiariodasviagens.blogspot.com/.../roteiro...>



BLOGDIARIODASVIAGENS.BLOGSPOT.COM
ROTEIRO PARA 15 DIAS ENTRE BALI E AS ILHAS GILI - INDONÉSIA

Gosto · Responder · 2 sem 1

Ana Filipe João Paulo muito obrigado adorei a sua viagem

Gosto · Responder · 2 sem 1

Escreve uma resposta...

Idalina Cunha Cunha Como eu queria

Gosto · Responder · 2 sem

Ana Dias Não conheço São Tomé, mas estive em Ubud e Bali e é de sonho!

Gosto · Responder · 2 sem 2

Lu Rosa Ubud fica em Bali 😊👍 1

Gosto · Responder · 2 sem

Ana Dias Sim, o que me queria referir é que estive em zona de praia Nusa Dua e em Ubud. 😊

Gosto · Responder · 2 sem 2

Lu Rosa Ana Dias 🙌👍🙌❤️

Gosto · Responder · 2 sem

Escreve uma resposta...

Cardoso Mário Ana Tenho os dois na lista, mas São Tomé e Príncipe estava no meu topo. ❤️ E é para lá que vamos no inicio do ano 2019. Estou completamente ansiosa!

Gosto · Responder · 2 sem 2

João Teixeira Na minha modesta opinião, Bali mete S. tomé num bolso.

Gosto · Responder · 2 sem 3

Cardoso Mário Ana Em que aspecto? Já visitou ambos?

Gosto · Responder · 2 sem

João Teixeira Claro, se não, não me atreveria a falar do que não sei.

Gosto · Responder · 2 sem 2

Cardoso Mário Ana Espero visitar a Indonésia em breve também, ficou só por Bali?

Gosto · Responder · 2 sem

João Teixeira Só Bali, mesmo. Foi numa altura em que só queria praia e, como tinha tudo incluído, quase só vivia para comer e fazer surf.

Gosto · Responder · 2 sem 1

Escreve uma resposta...

Pedro Rovisco Fazes surf? 1

Ana Paço Já estive nos dois e para mim adorei São Tomé e Príncipe.

Gosto · Responder · 2 sem 2

Ana Filipe Ana Paço tenho pena é que os combinados que me tem proposto para S. tome seja apenas de 7 noites. Ja Bali tem mais dias. Onde ficou em S. tome, se nao se importa. Obrigada

Gosto · Responder · 2 sem

Ana Paço Em s. Tome fiquei no club Santana, e no Principe no Bom Bom. Maravilhoso

Gosto · Responder · 2 sem 1

Ana Filipe Ana Paço muito obrigada pela ajuda

Gosto · Responder · 1 sem

Escreve uma resposta...

Ana Castel-Branco Não fui a Bali mas já estive em S. Tomé e posso dizer que de todos os locais onde já estive foi o mais bonito, envolvente e paradisíaco. É maravilhoso...desde a paisagem, às gentes...tudo!

Gosto · Responder · 2 sem 2

Ana Filipe Ana Castel-Branco com tudo isso da vontade de arriscar.. se nao se importa tem algum hotel a recomendar? Obrigada

Gosto · Responder · 2 sem

Ana Castel-Branco Ficamos no Pestana S. Tomé!!! Gostamos muito. Ficamos também algumas noites no Ilheu das Rolas-Pestana Equador! Se for vai adorar. Faça excursões por toda a ilha. As excursões reservamos através do Hotel. E o ilheu conhecemos de uma ponta a outra com a ajuda de um funcionário 5 estrelas, de nome Elidio!!!

Gosto · Responder · 2 sem · Editado 2

Ana Filipe Ana Castel-Branco muito Obrigada pela ajuda e simpatia 🙌 Fez combinado de 7 noites? Acho pouco mas fizem que para S. tome é assim

Gosto · Responder · 2 sem

Ana Castel-Branco Fiz sim! Foram 4 noites no Ilhéu das Rolas e 3 em S. Tomé. Soube-nos realmente a pouco. Ficou por conhecer Príncipe. Talvez um dia... Talvez um dia também possa conhecer Bali 😊 E aí terei termo de comparação. Nós ficamos fascinados...um destino ao qual sem dúvida gostaríamos de poder voltar! Tenha uma fantástica viagem, qualquer que seja o destino!

Gosto · Responder · 2 sem

Escreve uma resposta...

Fernando Frazão Não conheço S. Tomé, mas dificilmente supera Bali, que é absolutamente fabuloso.

Gosto · Responder · 2 sem

Ana Filipe Fernando Frazão obrigada ficou onde? Recomenda algo em especial?

Gosto · Responder · 2 sem

Escreve uma resposta...

Clara Paulo Amei Bali...

Gosto · Responder · 2 sem

Ana Filipe Clara Paulo que ilhas fez? Alguns dicas de hotéis ou algo a não perder? Obrigada

Gosto · Responder · 2 sem

Clara Paulo Ana Filipe fiz Bali, Lombok e ilhas Gili. Vou enviarlhe por mensagem privada os locais por onde passei e fiquei.

Gosto · Responder · 2 sem

Ana Filipe Clara Paulo muito obrigada vou ver 😊

Gosto · Responder · 1 sem

Escreve uma resposta...

Pedro Torres Ferreira Já estive em alguns lugares da Ásia mas não em Bali... Está me a seduzir bastante o que vejo de S.Tomé

Gosto · Responder · 2 sem

Ana Filipe Pedro Torres Ferreira pois eu fiz Tailândia em Janeiro e gostei da Ásia mas, tenho visto vais publicacoes sobre S.tome e estou tentada mas indecisa..

Gosto · Responder · 2 sem

Lu Rosa Não conheço S Tomé mas pelo que vejo dificilmente supera Bali ! Estive em Abril Amei ! Mais Fotos aqui : <https://m.facebook.com/groups/117155135605213>



Gosto · Responder · 2 sem · Editado

Ana Filipe Lu Rosa linda foto.. vou ver muito obrigada

Gosto · Responder · 2 sem

Ana Filipe Lu Rosa nao estou a conseguir abrir..

Gosto · Responder · 2 sem

Lu Rosa Ana Filipe já conseguiu ?

Gosto · Responder · 2 sem

Ana Filipe Lu Rosa quando abro vai para a pagina viajantes anónimos

Gosto · Responder · 1 sem

Tiago Reis Tudo depende do tipo de férias que pretende... Eu estive na Indonésia e fiz um roteiro por vários locais (Bali, Lombok, Ubud, Gili, Komodo Island, Pink Beach, a Labuan Bajo) e amei. A cultura, a comida, o sorriso das pessoas na cara, a amabilidade connosco, o tempo, a água, tudo. Nunca estive São Tomé, mas pelo que vejo e me disseram não supera Indonésia, mas são opiniões... Para si pode ser melhor e para outro pior. Alguma dúvida disponha 😊🌍

Lu Rosa 🙏🙏🙏🙏🙏

Gosto · Responder · 2 sem

Ana Filipe Tiago Reis muito Obrigada pelo seu testemunho. Estive na Tailândia e adorei. Gosto de praia e cultura. A ideia era fazer Bali e Ubud visto que Lombok ter sido afectado..

Gosto · Responder · 2 sem

Tiago Reis Ana Filipe de nada. Eu enviei mensagem para se quiser algumas informações, sobre hotéis e assim

Gosto · Responder · 2 sem

Ana Filipe Tiago Reis muito Obrigado pela ajuda

Gosto · Responder · 2 sem

Escreve uma resposta...

André Oliveira Especialista 😊

Gosto · Responder · 2 sem

Ana Plácido Baliii é lindo 😊 tudo super barato a comida optima os batidos de fruta, as praias, os templos! Tudooo! Ubud não pode perder

Gosto · Responder · 2 sem

Ana Filipe Ana Plácido muito obrigada caso me decida por Bali a ideia era nusa dusa e ubud. Ja agora tem algum hotel a recomendar? Obrigada

Gosto · Responder · 2 sem

Ana Plácido Ana Filipe em ubud Ja nao me recordo do nome do hotel. Mas ha sitios lindos para ficar. Recebem os turistas super bem. Se por acaso ficar em Seminyak o hotel Ayana foi o melhor com um por do sol fantástico. Muito bom..

Gosto · Responder · 2 sem

Ana Filipe Ana Plácido muito obrigada

Gosto · Responder · 2 sem

Ana Plácido Ana Filipe de nada 😊

Gosto · Responder · 2 sem

Escreve uma resposta...

Carolina Saúde Bali e Sao Tome são lindos de visitar adorei os dois mas a ilha do Príncipe fiquei maravilhada.

Gosto · Responder · 2 sem


Ana Filipe Carolina Saúde muito obrigada. Algumas recomendações de hotéis? Estou indecisa..


Gosto · Responder · 2 sem






Carolina Saúde Para aonde Ana Filipe?



Gosto · Responder · 2 sem



 **Ana Filipe** Carolina Saúde para ambos, ver se me decido..
Gosto · Responder · 2 sem



 **Carolina Saúde** Ana Filipe em Bali há uma panóplia deles, eu fiquei no Grand Aston Bali. Era bom mas um pouco longe daquilo que queria ver. Em S Tome no Norte fiquei no Mucumbli (5*) a caminho do sul fiquei na Roça S João dos Angolares, foi bom mas esperava melhor. Príncipe foi no Makaira lodge adorei tudo o casal é espectacular o único problema era o pequeno almoço...era pequeno e eu gosto de tomar um BOM pequeno almoço 😊
Gosto · Responder · 2 sem



 **Ana Filipe** Carolina Saúde muito obrigada pela ajuda. Tbm gosto de um bom peq. Almoço hih com muita fruta de preferencia..
Gosto · Responder · 2 sem

 Escreve uma resposta...    



 **Ana Cristina Passos Ferreira** Bali fui São Tomé não Ao contrário de muita gente Bali não me fascinou ... Ver mais
Gosto · Responder · 2 sem  3



 **Diana Duro** Bali é maravilhosa mas o melhor de tudo é mesmo o estilo de vida deles. Para quem quer voltar com outra perspectiva da vida, recomendo sem dúvida! O meu único arrependimento foi ter ido pouco tempo e não ter levado as minhas filhas. É longe, é verdade, mas toda a gente devia poder conhecer pelo menos uma vez na vida. Mas São Tomé é a próxima na minha lista! 😊 Nós fomos em Abril e foi óptimo. Aliás, os locais não recomendam ir no nosso verão, dizem que se torna insuportável..
Gosto · Responder · 2 sem 



 **Maria Clara Santos** Bali não conheço, gostei muito de São Tomé.
Gosto · Responder · 2 sem  1


 **Sipson** Abril Venha ao paraíso são Tomé pk é mt lindo caso queira guia p tornar brilhante o seu passeio cá contacte me através do número +239 9967059 whatsapp
Gosto · Responder · 2 sem  1

 **Elisabete Santos** Adorei São Tomé... não conheço bali
Gosto · Responder · 2 sem  1

 **Cristina Povoas** São Tomé é um paraíso, Bali nem por isso.
Gosto · Responder · 2 sem  1

 **Sónia Figueiredo** Adorei Sao Tomé, dos meus sitios de eleição. Bali não me fascinou.
Gosto · Responder · 2 sem  1

 **Ana Filipe** Optei por Bali, S.Tome vai ficar para a proxima obrigada a todos voces
Gosto · Responder · 1 dia(s)  1

 **Maria de Barros** S. Tomé e uns dias no Príncipe. Tudo é bom, a água do mar e as pessoas são as coisas que me deixam mais saudades. Não perca!
Gosto · Responder · 1 h

141 CAT: I (UNIDADE COM RELEVÂNCIA ESPECÍFICA PARA A ANÁLISE)

Rui Fernando Matias Carreira
Ontem às 15:01

Amei BARCELONA em Setembro de 2018!!!

- 1- Casa Milá - La Pedrera (Gaudi);
- 2- Els 4 Gats (frequentado por Picasso. Fez aí a 1ª Exposição)
- 3- Parc e Jardins Guel (Gaudi);
- 4- La Boqueria - Mercado - Ramblas - Barcelona
- 5- Sagrada Família;
- 6- Tapas e comeres;
- 7- Miró;
- 8- Museu Erótico, Casa c/ chapéus e "Mossos de Esquadra" (Ramblas - Barcelona)



661 Gostos · 60 comentários · 43 partilhas

Maria Carminda Ramires Adorei Barcelona , lindíssima.
Gosto · Responder · 1 dia(s)

Joana Cordeiro Dias Amo BCN:)|
Gosto · Responder · 1 dia(s)

Paula Diogo Acrescentaria o Palácio da Música e o Museu Picasso. Barcelona é fantástica
Gosto · Responder · 1 dia(s)

Rui Fernando Matias Carreira De acordo. Fica para a próxima o Palácio da Música e Museu Dalí (Los Figueres - 110€...e pré comprado.
Mais 1 motivo para voltar a Barcelona.
Gosto · Responder · 1 dia(s)

Escreve uma resposta...

Cecilia Marques Cidade lindíssima
Gosto · Responder · 1 dia(s)

Deolinda Bernardo Boas fotos obrigada pela partilha
Gosto · Responder · 1 dia(s)

Helena Martins Das minhas cidades amadas
Gosto · Responder · 1 dia(s)

Neuza Gonçalves Tb adorámos nao foi meninas Cila Fragão e Susana Cunha? 😊😊
Gosto · Responder · 1 dia(s)

Paula Garcia Estive em agosto deste ano pela segunda vez é maravilhosa esta cidade. Há sempre coisas para ver. Gosto muito
Gosto · Responder · 1 dia(s) · Editado

Ricardo Rocha Barcelona, para mim, não tem rigorosamente nada de especial... a não ser os azulejos esmigalhados do Gaudí (que não tem piada alguma...)
Gosto · Responder · 1 dia(s)

Carina Alexandra Jorge Nunes Realmente Barcelona é qualquer coisa
Gosto · Responder · 1 dia(s)


Sameiro Cerqueira Tudo espectacular 🤩. já estive 2 vezes nessa cidade fabulosa e voltarei com agrado. Espanha tem muito para ver. País Basco, Astúrias, Cantábria, Galiza, Andaluzia.....um nunca mais acabar de regiões, cidades, aldeias, um país que já me conquistou.
Gosto · Responder · 1 dia(s)

Rui Fernando Matias Carreira De acordo! Subscrevo e convicto!

Sameiro Cerqueira Rui Fernando Matias Carreira não querendo parecer presunçosa posso dizer que também já conheço muito do nosso país irmão. Acabei de fazer o País Basco espanhol e francês, Andorra, Teruel e Cuenca, duas surpresas fantásticas.
Gosto · Responder · 1 dia(s)

Rui Fernando Matias Carreira Sameiro Cerqueira, não tá a ser presunçosa, penso o mesmo. Era o Império dos Habsburgos, dominavam os Países Baixos, Nápoles, etc... Eram poderosos. Na Espanha, os castelos e os monumentos são grandiosos e maravilhosos. Acho que aqui não há dúvidas...
Tá na História.
Gosto · Responder · 1 dia(s)

Sameiro Cerqueira Cuenca



Tilla Monteiro Sameiro Cerqueira Concordo. Tbm conhece algumas Cidades que as citou e adorei Boa tarde
Gosto · Responder · 1 dia(s)

Escreve uma resposta...

Connie Boa-Alma Pais Amo 😊👍👍
Gosto · Responder · 1 dia(s)

Bé Pereira Connie Boa-Alma Pais beijinho Conchita
Gosto · Responder · 1 dia(s)

Connie Boa-Alma Pais Bé Pereira beijinho Bé, vou aparecer, 😊😊
Gosto · Responder · 21 h

- Madalena Coelho Amei!!!!** 1
Gosto · Responder · 1 dia(s)
- Rui Fernando Matias Carreira** Tb eu amei e amo Barcelona!!!
É romantismo meu, ou tb acharam os Catalães hospiteiros?
Gosto · Responder · 1 dia(s) 2
- Sameiro Cerqueira** Rui Fernando Matias Carreira é verdade, eu também acho.
Gosto · Responder · 1 dia(s) 2
- Isabel LeiteNoronha CostaRamos Pacheco** Rui Fernando Matias Carreira eu também os achei muito mais simpáticos que no resto de Espanha
Gosto · Responder · 1 dia(s) 2
- Sameiro Cerqueira** Isabel LeiteNoronha CostaRamos Pacheco no País Basco também são agradáveis, outro nível, Vitória-Gasteiz, Orío, S. Sebastián, Bilbao, enfim um nunca mais acabar lugares incríveis e belos para visitar e saborear.
Gosto · Responder · 1 dia(s) 2
- Sameiro Cerqueira Vitória**
- 
- Gosto · Responder · 1 dia(s) 1
- Isabel LeiteNoronha CostaRamos Pacheco** Sameiro Cerqueira também já lá estive e gostei muito da região e dos seus habitantes
Gosto · Responder · 1 dia(s) 1
- Sameiro Cerqueira** Vitória é uma das cidades mais verdes de Espanha, até goza desse estatuto a nível nacional e europeu. Confirmando a veracidade desse estatuto. Mais que merecido.
Gosto · Responder · 1 dia(s) 1

- Maria Magalhaes** Adorei a cidade e ficou aquela vontade de voltar...surpreendida com a simpatia dos Catalães...nada a reclamar
Gosto · Responder · 1 dia(s) 2
- Sameiro Cerqueira** Maria Magalhaes Vitória é no País Basco, mas as pessoas também são muito agradáveis.
Gosto · Responder · 22 h 1
- Maria Magalhaes** Sameiro Cerqueira, sim eu sei, pois já visitei há uns anos e tb gostei e pretendo repetir. O meu comentário anterior referia-se a Barcelona, que visitei este ano.
Gosto · Responder · 22 h · Editado 2
- Escreve uma resposta...
- Susana Bento** Ida Bento saudades ❤️ Temos de voltar. Barcelona 2017
Gosto · Responder · 1 dia(s) 2
- Ida Bento** Sim temos de voltar foi muito bom 2
- Catarina Leonardo** Não conheci o segundo ponto! É já lá estive algumas vezes 😊
Gosto · Responder · 1 dia(s)
- João Chambino** Catarina Leonardo é apenas um local para passar, ver e andar. Vive muito da fama e cobra preços exorbitantes. 😊
Gosto · Responder · 1 dia(s)
- Escreve uma resposta...
- Ana Vazão Santos** Quantos dias ficou? 1
Gosto · Responder · 1 dia(s)
- Sophie Xuak** Teresa Cruz Cruz
Gosto · Responder · 1 dia(s)
- Teresa Cruz Cruz** vamos... daqui as uns meses!
Gosto · Responder · 23 h
- Sophie Xuak** Estou ansiosa...

- Sophie Xuak** Faltou uma volta de Ferrari...fica para a próxima..
Gosto · Responder · 1 dia(s) · Editado
- Rui Fernando Matias Carreira** Eu, pessoalmente prefiro. Maserati ou o Bentley, mas, é 1 questão de gosto.
Gosto · Responder · 1 dia(s) 1
- Sophie Xuak** Rui Fernando Matias Carreira penso e que um programa que tem pela cidade...uma amiga esteve por lá e falou-me nisso...mas em questões de marcas...tenho que concordar, Bentley e Bentley
Gosto · Responder · 1 dia(s)
- Rui Fernando Matias Carreira** Mas, Sophie Xuak, Depende do ponto de vista, qto a mim... Ver mais
Gosto · Responder · 1 dia(s) 1
- Sophie Xuak** Obrigado pelo Feed Black...
Gosto · Responder · 1 dia(s)
- Tilla Monteiro** Sophie Xuak No Mônaco há muita escolha. Nunca tinha visto tão bons Carros
Gosto · Responder · 1 dia(s) 2
- Escreve uma resposta...
- Jaime Branco** Que fantástica viagem, Rui! Se ainda não foste, vai a Itália... Florença !! Outro espectáculo !!
Gosto · Responder · 1 dia(s) 3
- Rui Fernando Matias Carreira** Tá nos meus planos e objetivos, Prof. Jaime Branco. Abraço
Gosto · Responder · 1 dia(s) 1
- Sameiro Cerqueira** Jaime Branco outra das minhas eleitas. Já BN visitei 3 vezes e quero voltar. Aliás Itália é um país de que já conheço bastante e volto sempre com um interesse renovado.
Gosto · Responder · 22 h 1
- Escreve uma resposta...
- Maria Fernanda Anjos** Gosto imenso de Barcelona!
Gosto · Responder · 1 dia(s) 2

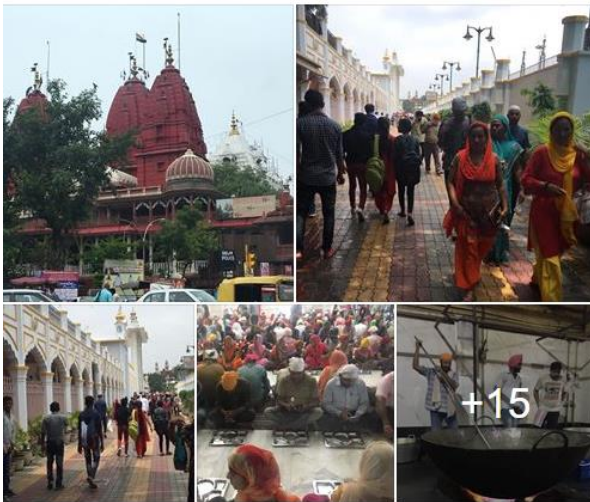
- Elisabete Proenca** Adoro essa cidade 2
Gosto · Responder · 1 dia(s)
- Joaquim Manuel Lucas Caeiro** Cidade fantástica! Como toda a Espanha. 2
Gosto · Responder · 1 dia(s)
- Carmina Figueiredo** Lindas fotos de uma cidade encantadora 2
Gosto · Responder · 1 dia(s)
- Lurdes Videira** Também gostei muito 😊 2
Gosto · Responder · 1 dia(s)
- Joana Cristina Ferreira** Marta Moura 2
Gosto · Responder · 1 dia(s)
- Flavio Pereira** Boas pessoal! Vou com a cara metade na segunda semana de outubro conhecer Barcelona 3 noites/4 dias alguma dica de onde dormir a preços acessíveis? Obrigado 1
Gosto · Responder · 1 dia(s)
- Rui Fernando Matias Carreira** Hotel Moderno, rua Hospital, perpendicular às Ramblas, c/Pequeno Almoço. Convém marcar já. Esgota facilmente. Boa relação qualidade /preço 1
Gosto · Responder · 1 dia(s)
- Rui Fernando Matias Carreira** Reservam no Hotel, entradas para a Sagrada Família, Casa Batló e Lá Pedrera, salvo erro. Aconselho o Barcelona Card, comprado na net, com transportes ilimitados (Barcelona e de/para o Aeroporto) e descontos ou entradas grátis no Picasso, Miró, etc. ... Ver mais 1
Gosto · Responder · 1 dia(s)
- Flavio Pereira** Obrigado Rui Fernando Matias Carreira mas acabei agora de ver já está esgotado para as datas de 19 a 22 de outubro! 😞 1
Gosto · Responder · 1 dia(s)
- Escreve uma resposta...
- Ana Lopes** Que bom Rui, bjs 1
Gosto · Responder · 1 dia(s)
- Rui Fernando Matias Carreira** Foi 1 sonho concretizado, Ana Lopes. Adorei e volto! Bjokas 1
Gosto · Responder · 23 h
- Escreve uma resposta...
- Lourdes Traça** Também amei 1
Gosto · Responder · 1 dia(s)
- Conceição Calca** Quero voltar para entrar onde não consegui. Uma grande cidade é tão diferente de outras cidades. 1
Gosto · Responder · 1 dia(s)
- Dália Almeida** Estive lá em Março e adorei, pretendo voltar 1
Gosto · Responder · 1 dia(s)
- Agostinha Gonçalves** Tb amei em abril de 2017 😊 1
Gosto · Responder · 1 dia(s)
- Daniel Felizardo** Saudades 1
Gosto · Responder · 1 dia(s)
- Alice Parracho** Gostei bastante. 1
Gosto · Responder · 1 dia(s)
- José Henrique Godinho** Saudades. Estive lá no ano passado. A revisitar 2
Gosto · Responder · 1 dia(s)
- Margarida Lima** Fui 4 vezes, acompanhada e sozinha 👍😎 Amo Barcelona, tem tudo o que mais gosto 🌈☀️🌊🌬️ 3
Gosto · Responder · 1 dia(s)
- Josefina Reis** Estou no Aeroporto a viajar para Lisboa. E sp um prazer vir a Barcelona ❤️ 2
Gosto · Responder · 1 dia(s)
- Paulo Tomás** Minha cidade preferida 3
Gosto · Responder · 23 h
- Rui Fernando Matias Carreira** Tb gosto e muito, de Praga, de Córdoba,... 1
Gosto · Responder · 23 h
- Eugénia Craveiro** Adorei 2
Gosto · Responder · 23 h
- Belinha Isabel P** lindíssima...tenho boas memórias ainda desse lugar visitado neste ano 3
Gosto · Responder · 22 h
- Rui Fernando Matias Carreira** Barcelona é Mágica e apaixonante. 2
Gosto · Responder · 21 h · Editado
- Escreve uma resposta...
- Mafalda Furtado** Inês Dias Mónica Lourenço Joana Neves tomem nota 🙌 2
Gosto · Responder · 21 h
- Ana Minhós** Em Barcelona, a zona mais perigosa é, sem dúvida, Parc Montjuïc! 1
Gosto · Responder · 21 h
- Duarte Martins** Muito bom amigo Rui! Hei-de ir visitar Barcelona também! Vá à Grécia (ilhas de Mykonos e Santorini) que é bastante bonito, vim de lá há dias! 😊 1
Gosto · Responder · 21 h
- Rui Fernando Matias Carreira** Olá, Duarte Martins. Tens razão, são bastante bonitas e vou voltar lá. Santorini, n1 cratera d1 Vulcão, terra do pintor El Greco... Mykonos, saindo do Porto do Pireu (Atenas), juntamente c/ outras pequenas ilhas, é LINDOOO. Tens bom gosto, Duarte Martins, tb eu amo a Grécia. Fico contente que tenhas apreciado essas maravilhas há dias! Soberbo e enriquecedor. Grande Abço 1
Gosto · Responder · 21 h
- Duarte Martins** Rui Fernando Matias Carreira é verdade! E gostei bastante de Naiplion, uma pequena cidade a sul de Atenas. Também saí do porto de Pireu. A Barcelona nunca fui mas quero muito ir! Grande abraço 😊 1
Gosto · Responder · 21 h
- Duarte Martins** *Nauplion 1
Gosto · Responder · 21 h

- Roberto Goncalves** Também eu, bela cidade embora estivesse presente no atentado em 2017,vou voltar certamente.É uma cidade Fantastica. Parabens pelas fotos, e obrigado
Gosto · Responder · 21 h
- Rui Fernando Matias Carreira Abçol**
Gosto · Responder · 21 h
- Escreve uma resposta...
- Deolinda Caldeira** Cidade feiticeira...
Gosto · Responder · 20 h
- Sara Ferreira Adriana Alves, Marisa Madeira, Sandra Brites**
Gosto · Responder · 20 h
- Marisa Madeira** Sara Ferreira Tic Tac! Quase! Temos que tirar daqui umas ideias!
Gosto · Responder · 20 h
- Escreve uma resposta...
- Lourdes Gaspar** Adoro
Gosto · Responder · 20 h
- Deolinda Flores** Toda a obra de Gaudi é linda!
Gosto · Responder · 19 h
- Ana Maria Cabreira** Barcelona é a minha cidade de eleição. Soberba.
Gosto · Responder · 19 h
- Maria Da Graça Andrade** Adorei
Gosto · Responder · 18 h
- Gina Louro** Fui em 2017 masespero voltar. Gostei muito mas ainda há muito por ver!
Gosto · Responder · 18 h
- Madalena Maria Antunes** Concordo com tudo. Cidade mágica.
Gosto · Responder · 18 h
- Fátima Moura** Também estive aqui em Agosto de 2018. Amei.

- Laura Gonçalves** Lindo!
Gosto · Responder · 9 h
- Maria Silva** Lindíssimo já visitei
Gosto · Responder · 6 h
- Ana Marcia Baeta Lopes** Obrigada por dividir tt blz. C/ sua licença mas vou roubar tilhar...
Gosto · Responder · 6 h
- Vanda Afonso** Barcelona é uma cidade linda e cheia de encantos
Gosto · Responder · 2 h
- Maria Genoveva Roque** Barcelona é linda e vale a pena visitar...diversificada e com muito para ver...
Gosto · Responder · 23 min
- 
- Maria Genoveva Roque**
Gosto · Responder · 23 min

162 CAT: I (UNIDADE COM RELEVÂNCIA ESPECÍFICA PARA A ANÁLISE)

Cristina Mendonça
Ontem às 12:20
Índia 🇮🇳 Pais de extremos! ❤️



382
20 comentários 13 partilhas
Gosto Comentar Partilhar

- Angela Oliveira** Adorei !! 1
Gosto · Responder · 1 dia(s)
- Gráçe Gonçalves Monsanto** Adorei 1
Gosto · Responder · 1 dia(s)
- Paula Pereira** Adorava conhecer! 1
Gosto · Responder · 1 dia(s)
- Paula Marques** Bem...espero lá ir para Abril e estou ansiosa sobre o que irei ver. 1
Gosto · Responder · 1 dia(s) · Editado
- Paula Machado** Gostei...mas não é para todos! 2
Gosto · Responder · 1 dia(s)

- Isabel Gualdrapa** Percebo, o que quer dizer! Acho, que é diferente, mas de contrastes e de muita pobreza, visível para onde nos viremos. Muito emotiva, tanto a certeza, que não iria gostar. Só por isso! 6 h
Gosto · Responder · 6 h
- Patricia Moreira** Fiz exatamente essa viagem este verão! Pelos mesmos locais! Sabe bem recordar 😊! Adorei, quero voltar! 😊 1
Gosto · Responder · 1 dia(s)
- Márcia Soares** Olá a todos! Índia está nos meus planos!será possível a quem já foi me enviar por mp dicas/roteiros . Obrigado a todos 2
Gosto · Responder · 1 dia(s)
- Lourdes Pitorro** Não aconselho viajar sozinha para o norte da Índia. No Sul vi raparigas sozinhas, sem problemas. 2
Gosto · Responder · 20 h
- Isa Clemente** Adorei. 1
Gosto · Responder · 1 dia(s)
- Cristina Assunção** Amei 1
Gosto · Responder · 1 dia(s)
- Marina Costa Faria** País fantástico!! Amei. Rico em cultura, cor!!! Vale muito a pena visitar 2
Gosto · Responder · 1 dia(s)
- Gi Rodrigues** Quase quase 1
Gosto · Responder · 23 h
- Marta Lourenço** Índia... A minha viagem de sonho 1
Gosto · Responder · 22 h · Editado
- Margarida Martins** Visitei em Agosto 1
Gosto · Responder · 21 h
- Lourdes Pitorro** A Índia ou se ama ou se detesta....adorei. 1
Gosto · Responder · 20 h

- Paulo Gambutas** Terça-feira lá estarei... Namastê !!
Quase a partir...
Gosto · Responder · 20 h
- Cristina Mendonça** Boa viagem! 1
Gosto · Responder · 19 h
- Paulo Gambutas** Cristina Mendonça Obrigado 😊
Gosto · Responder · 13 h
- Isabel Bandeira** Excelentes fotos. 1
Gosto · Responder · 20 h
- Lucinda Madureira** Amei mas no primeiro dia chorei.Os contrastes são enormes 3
Gosto · Responder · 19 h
- Andreia Vale** Lucinda Madureira também senti o mesmo ! É um choque cultural muito grande. Uma realidade que pelo menos eu não estava a contar. 1
Gosto · Responder · 19 h
- Isabel Gualdrapa** Entendo e precisamente por isso, tenho receio de ir. 1
Gosto · Responder · 6 h
- Maria Braga** Eu tb fiquei fascinada 1
Gosto · Responder · 7 h
- São Neves** Maravilhosa Índia! Mas de facto não é para todos . Os contrastes são enormes



Renato Junges A pobreza imperachega a ser triste

Gosto · Responder · 5 h

